

FERNANDO PESSOA

O Eu profundo e os outros Eus



15.^a EDIÇÃO



EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

W.

LIVRARIA
DAZIBAO

Visconde de Pirajá, 571
Tel. : 259-1298
Travessa do Ouvidor, 11-A
Tel. : 242-5344

COLEÇÃO POIESIS

Fernando Pessoa
O Eu Profundo e os Outros Eus
(Seleção Poética)

FICHA CATALOGRÁFICA

(Preparada pelo Centro de Catalogação-na-fonte do
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ)

Pessoa, Fernando, 1888-1935.

P567e

O Eu profundo e os outros eus: seleção poética; seleção e
nota editorial [de] Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro, N.
Fronteira, 1980.

Estudo crítico-biográfico por Maria Aliete Galhoz. Bibliografia.

1. Poesia portuguesa. I. Título. II. Série.

75-0521

CDD - 869.01
CDU - 869.0-1

FERNANDO PESSOA

O EU PROFUNDO E OS OUTROS EUS
(SELEÇÃO POÉTICA)



EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

SELEÇÃO

Afrânio Coutinho

FERNANDO PESSOA, ENCONTRO DE POESIA

FIXAÇÃO DOS TEXTOS E NOTAS

Maria Aliete Galhoz

CRONOLOGIA E BIBLIOGRAFIA

João Gaspar Simões

CAPA

Detalhe da Tela "La mémoire" (1948) de René Magritte

DIAGRAMAÇÃO

Antonio Herranz

Os textos do autor, bem como os subsídios críticos incluídos neste volume foram extraídos e fielmente reproduzidos da terceira edição do volume quinto da série portuguesa da Biblioteca Luso-Brasileira, publicado pela Editora Nova Aguilar S. A. sob o título FERNANDO PESSOA, OBRA POÉTICA e organizada totalmente por Maria Aliete Galhoz.

Copyright © 1980 by EDITORA NOVA FRONTEIRA S.A.

Direitos adquiridos para a língua portuguesa pela

EDITORA NOVA FRONTEIRA S.A.

Rua Bambina, 25 — Botafogo — CEP 22251 — Tel.: 286-7822

Endereço Telegráfico: NEOFRONT

Rio de Janeiro — RJ.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO GERAL

FERNANDO PESSOA, ENCONTRO DE POESIA (Maria Aliete Galhoz)	15
<i>Palavras de Pórtico</i>	15
Apreciação Breve de uma Obra	15
Apresentação Humana de Fernando Pessoa	21
CRONOLOGIA DA VIDA E DA OBRA DE FERNANDO PESSOA (João Gaspar Simões)	27
BIBLIOGRAFIA (Maria Aliete Galhoz)	33
I. Do Autor	33
II. Traduções para outros Idiomas	35
III. Sobre o Autor	36

SELEÇÃO POÉTICA DE FERNANDO PESSOA

FERNANDO PESSOA ELE MESMO

MENSAGEM	43
<i>Nota preliminar</i>	43
PRIMEIRA PARTE/BRASÃO	
I. Os Campos	
Primeiro/ <i>Os Castellos</i>	45
Segundo/ <i>O das Quinas</i>	45
II. Os Castellos	
Primeiro / <i>Ulysses</i>	46
Segundo/ <i>Viriato</i>	46
Terceiro/ <i>O Conde D. Henrique</i>	47
Quarto/ <i>D. Tareja</i>	47
Quinto/ <i>D. Affonso Henriques</i>	48
Sexto/ <i>D. Diniz</i>	48
Séptimo (I)/ <i>D. João, O Primeiro</i>	48
Séptimo (II)/ <i>D. Philippa de Lencastre</i>	49
III. As Quinas	
Primeira/ <i>D. Duarte, Rei de Portugal</i>	49
Segunda/ <i>D. Fernando, Infante de Portugal</i>	49

Terceira/ <i>D. Pedro, Regente de Portugal</i>	50
Quarta/ <i>D. João, Infante de Portugal</i>	50
Quinta/ <i>D. Sebastião, Rei de Portugal</i>	50
IV. A Coroa	
<i>Nunalvares Pereira</i>	51
V. O Timbre	
A Cabeça do Grypho/ <i>O Infante D. Henrique</i>	51
Uma Asa do Grypho/ <i>D. João O Segundo</i>	52
A Outra Asa do Grypho/ <i>Affonso de Albuquerque</i>	52
SEGUNDA PARTE/MAR PORTUGUEZ	
I. O Infante	53
II. Horizonte	53
III. Padrão	54
IV. O Mostrengo	54
V. Epitaphio de Bartolomeu Dias	55
VI. Os Colombos	55
VII. Ocidente	56
VIII. Fernão de Magalhães	56
IX. Ascensão de Vasco da Gama	57
X. Mar Portuguez	57
XI. A Última Nau	58
XII. Prece	59
TERCEIRA PARTE/O ENCOBERTO	
I. Os Symbolos	
Primeiro/ <i>D. Sebastião</i>	60
Segundo/ <i>O Quinto Império</i>	60
Terceiro/ <i>O Desejado</i>	61
Quarto/ <i>As Ilhas Afortunadas</i>	61
Quinto/ <i>O Encoberto</i>	62
II. Os Avisos	
Primeiro/ <i>O Bandarra</i>	62
Segundo/ <i>Antonio Vieira</i>	63
Terceiro	63
III. Os Tempos	
Primeiro/ <i>Noite</i>	64
Segundo/ <i>Tormenta</i>	65
Terceiro/ <i>Calma</i>	65
Quarto/ <i>Antemanhã</i>	66
Quinto/ <i>Nevoeiro</i>	66
QUINTO IMPÉRIO	67
CANCIONEIRO	73
<i>Nota Preliminar</i>	73
Análise	75
Impressões do Crepúsculo	75
Hora Absurda	76
Além-Deus	79
I. <i>Abismo</i>	79
II. <i>Passou</i>	79
III. <i>A Voz de Deus</i>	80

IV. <i>A Queda</i>	80
V. <i>Braço Sem Corpo Brandindo um Gládio</i>	81
<i>Chuva Oblíqua</i>	81
<i>Passos da Cruz</i>	85
<i>Episódios/A Múmia</i>	92
<i>Ficções do Interlúdio</i>	95
I. <i>Plenilúnio</i>	95
II. <i>Saudade Dada</i>	96
III. <i>Pierrot Bêbado</i>	96
IV. <i>Minuete Invisível</i>	97
V. <i>Hiemal</i>	98
[<i>Manhã dos Outros!</i>]	98
[<i>Ela Canta, Pobre Ceifeira</i>]	99
<i>O Menino da Sua Mãe</i>	99
<i>Qualquer Música</i>	100
<i>Depois da Feira</i>	101
[<i>Aqui na Orla da Praia...</i>]	101
<i>O Último Sortilégio</i>	102
<i>Autopsicografia</i>	104
<i>Isto</i>	104
POEMAS DRAMÁTICOS	105
<i>Nota Preliminar</i>	105
<i>Na Floresta do Alheamento</i>	107
<i>O Marinheiro</i>	113

FERNANDO PESSOA, O OUTRO

FICÇÕES DO INTERLÚDIO	129
<i>Nota Preliminar</i>	129
POEMAS DE ALBERTO CAEIRO	133
<i>Introdução</i>	133
<i>O Guardador de Rebanhos (1911-1912)</i>	135
<i>O Pastor Amoroso</i>	166
<i>Poemas Inconjuntos (1913-1915)</i>	169
ODES DE RICARDO REIS	183
<i>Nota Preliminar</i>	183
[<i>Coroai-me de Rosas</i>]	185
[<i>Lídia</i>]	185
[<i>Sabio É o Que se Contenta...</i>]	186
[<i>O Mar Jaz</i>]	187
[<i>Não a Ti, Cristo</i>]	187
[<i>Não a Ti, Cristo, Odeio...</i>]	188
[<i>Para Ser Grande</i>]	189
[<i>Quero dos Deuses...</i>]	190
POESIAS DE ÁLVARO DE CAMPOS	191
<i>Nota Preliminar</i>	191
Opiário	195

Ode Triunfal	200
Ode Marítima	206
Saudação a Walt Whitman	232
Passagem das Horas	238
Soneto Já Antigo	253
<i>Lisbon Revisited</i> (1923)	253
<i>Lisbon Revisited</i> (1926)	254
Tabacaria	256
Adiamento	261
Apontamento	262
Aniversário	263
Bicarbonato de Soda	264
Trapo	265
[Grandes São os Desertos...]	266
Poema em Linha Reta	268

APÊNDICE

NOTAS (Maria Alice Galhoz)	273
----------------------------------	-----

INTRODUÇÃO GERAL

FERNANDO PESSOA, ENCONTRO DE POESIA

MARIA ALIETE GALHOZ

*PALAVRAS DE PÓRTICO**

NAVEGADORES ANTIGOS *tinham uma frase gloriosa: "Navegar é preciso; viver não é preciso."*

Quero para mim o espírito [d]esta frase, transformada a forma para a casar com o que eu sou: Viver não é necessário; o que é necessário é criar.

Não conto gozar a minha vida; nem em gozá-la penso. Só quero torná-la grande, ainda que para isso tenha de ser o meu corpo e a (minha alma) a lenha desse fogo.

Só quero torná-la de toda a humanidade; ainda que para isso tenha de a perder como minha.

Cada vez mais assim penso. Cada vez mais ponho na essência anímica do meu sangue o propósito impessoal de engrandecer a pátria e contribuir para a evolução da humanidade.

É a forma que em mim tomou o misticismo da nossa Raça.

*

APRECIÇÃO BREVE DE UMA OBRA

UMA APRESENTAÇÃO da obra de Fernando Pessoa tem, logo, o apoio das generalidades que aceitamos como evidentes e seguras para falarmos dos seus dois aspectos mais imediatamente relevantes: o seu mérito e o seu caso de heteronímia. Do seu mérito já ninguém duvida — valor que não é contestado até mesmo quando é ideologicamente combatido ou esteticamente comentado com severidade negativa. O "seu caso" é, ou assim parece, o primeiro ponto de mira com que atrai curiosidade e leitura, esse desdobramento em nomes, biografias, obras e artes diferentes; e menos inédito, aliás, do que poderíamos supor, embora, fora de dúvida, apaixonante.

* Nota solta do A., não assinada.

Para além dessa sedução, a obra de Fernando Pessoa é de uma complexidade e de uma fixidez que dificultam qualquer interpretação comodamente garantida e certa. Uma complexidade que cobre de variação, mais que de mudança, uma fixidez fundamental, monotonia temática sob multiforme representação. Poder-se-ia falar aqui de “móveis”, que são em Fernando Pessoa poucos e mais intencionais que dinâmicos, e de “pretextos” que para ele mudam como imperceptível e inexoravelmente muda a sua paisagem feita do tempo e do espaço em que se sente viajando. E aqui temos, vulnerável, descarnada, essa “unidade” e essa “diversidade” com que é possível definir-se, para os seus leitores, a compreensão da obra de Fernando Pessoa. Sem que, no entanto, nós, seus leitores, sossegados com essa primeira chave necessária, sejamos dispensados de um senso crítico em que todo o comentário é já de nossa responsabilidade pessoal, por mais objetivo que se o pretenda e se o consiga, e de um esforço de juízo que não pode ser nem preconcebido nem fixo.

Em parte, a seu respeito, a profusa possibilidade de contradições, o malabarismo de se poderem provar teses várias com o apoio paradoxal dos mesmos argumentos ou das mesmas citações, tirados da sua obra, vem sobretudo das perspectivas e das intenções da nossa própria abordagem e da formulação de premissas que são as nossas e não já as suas. Transferência, inevitável mas alheia, da perturbação do mundo instante e vivo que toda a obra é para o seu autor, para a categoria já social de documento literário. E uma vez documento qualquer tende a transformar-se em grafismo de leitura, interpretável e significativo mas rigorosamente imobilizado na sua referenciação e consulta. Policiamento necessário, e útil mas onde se seca isso que foi a continuidade natural da vivência poética e o exercício vivo de a exprimir: o ato determinante e decisivo que liga o criador a sua obra e a determina, em seu morfismo, inviolável a outrem. Toda a comparticipação, comunhão ou entendimento possíveis são, depois, para terceiros, da ordem da interpretação e da fruição; intelectivas e estéticas, não ativas modificantes.

Em Fernando Pessoa a possessão de uma voz poética amassa-se-lhe da vivência íntima da poesia e da luta por uma tradução verbal dela. A vivência da poesia era-lhe um mundo inquietante, apertado estreitamente numa contenção obscura do ilimitado e do desconhecido, e que ele tenta penetrar inventando as portas rigorosamente racionais que julga a condição mais alta do seu espírito — sociologia dialética, amplidão retórica, visio-

narismo logicista, vôo do pensamento dir-se-ia que no só espaço de si-próprio.

E ao lado disto, pungente e interessada, apesar de tudo, a contemplação das raízes terrestres da vida que experimenta e dos seus breves frutos humanos de felicidade e de dor.

Fernando Pessoa é o primeiro, no seu caso, a se debater perante o fascínio e o receio de uma potência protéica, ameaçadora e excessiva, sua e ao mesmo tempo exterior, que o dilatava e o oprimia conjuntamente, e o levava, num balanço sempre recomeçado, do infinito ao nada, até ao cansaço do absurdo humano de tal vertigem. Inseguro, e um pouco lúdico, e muito inutilmente fáustico, procura impor uma disciplinação ao que não pode dominar. Interrogando em si próprio, ao nível duma simbologia poética, a mobilidade e instância de todo o mundo material e sensível, só coeso por um equilíbrio maravilhoso e pela equivalência das forças solicitantes opostas, tentou, mas para ele rigorosamente vã por sua própria maneira, a aventura dos filósofos alquímicos. Exercício de vontade, mas nele tendo só a força da imaginação como tal sentida, traçado de um sistema próprio de eixos de suporte adequados, mas nele apenas hipótese cerebral. Teorético racionalíssimo todo o seu saber; o que o impedia de ir além, fosse em que domínio fosse, da especulação inibitória, até certo ponto, do intelectual.

Em parte o *fait divers* saboroso com que construiu o lado externo da sua fábula heteronímica corresponde talvez à falência reconhecida de uma íntima tentativa — consciente ou inconsciente para lá da estética? — protéica para resolver a nebulosa em que se indefinia em mundos diferenciados e claros. Quer dizer, abstraindo da sua fábula, que corre no simples plano da ficção literária declarada, a sua tentação é exemplar: novo episódio fáustico que recomeça o erro repetido de identificar o pensamento — ainda que idealmente ilimitado de informação e de volição — ao conhecimento — intelecção e ação sobre o real se as condições de fé afetiva necessárias são também atingidas. Nesse sentido, o sucessivo adiamento de uma solução para o mito fáustico é dir-se-ia que provocado sempre pelas mesmas causas, apesar das variantes incidentais a que se identificam os humores diferentes e as novas épocas em que reaparece.

A heteronímia — é uma sistematização e uma quase superstição, frustradas, uma como que sobreposição a um Deus negado, mas criador na hipótese de o haver, uma nostalgia do verbo construtor, magicamente interrogadas na transmutação dos símbolos ocultos nos seus versos e desoladoramente inatingidas na

conclusão com que comenta inoperante o desejo inscrito na sua poesia. Mas é a heteronímia que o ajuda, talvez, a tornar possíveis as coincidências e os afastamentos simultâneos da sua vivência poética e o sossega intelectualmente com as particulares justificações exteriores em que se ocupa. Por um lado uma rotação própria que a cada heterônimo ele imprimiu, independente; e por outro as órbitas de gravitação que todas se referem a si, único seu centro uma vez que os quis e os realizou.

É pois uma fundamentação existencial, além dum jogo dialético logo evidente, que se pode dar aos símbolos em maiúsculas que desdobram os nomes em que se desdobra: Pessoa, Caeiro; Reis; Campos; Vicente Guedes-Bernardo Soares; Antônio Mora; outros ainda. Contemporâneos e próximos, afinal nas datas pessoais com que surgem para uma autoridade criadora e, até, no biografismo que Pessoa ousa para cada um deles. Perfazendo-se irremediavelmente dentro da existência do indivíduo que os foi a todos, a ilusão de uma suficiente diversificação é feita de pequenas seleções particulares mas não autônomas. Incidentes que cada um isola com um certo teor de preferência, sobre o real ou sobre o fictício; uma conformação aos momentos que cada um escolhe mais relevantes; e o ângulo de visão com que cada um comenta o mesmo olhar sobre a mesma vida. Os heterônimos são, digamos, a inclinação, sua, que momentaneamente prefere ou se força a preferir, a atenção especial que assume para dizer qualquer coisa, a tonalidade cromática ou musical com que varia ligeiramente a repetição e a novidade absolutas dos seus próprios momentos, e do travo, em si, da vida. Em harmonia com isto e mais facilmente explicáveis são uma seleção dos elementos de cultura mais apropriados a cada um, um metaforismo particular que só por lapso é confundível, e a discussão, em montagem, de suas teóricas doutrinas estéticas.

Na organização e explicação, externas, deste problema Fernando Pessoa, porque ele lhe era pessoal, foi sujeito a uma margem de erro maior do que a nossa. Poeta, ele sabia insofismavelmente que o era, mas em guarda contra a facilidade de um lirismo linear que perdia os seus créditos, supôs salvar-se dele superestimando enganadamente uma faceta sua que quase não existia: a faculdade de despersonalização do dramaturgo. Além disso, um receio, não confessado, de certas tendências de instabilidade e estranheza do seu psiquismo, junto a uma crispada violência só dialética, levam-no à tentação de experimentar em si próprio e por sua própria conta um nascente cientificismo psiquiátrico. O artificialismo do processo é em certo modo

ingênuo, se não é inocente, e mal tapa a real boa-fé com que é procurado.

O seu drama é em gente que não de gentes. Um e não múltiplos. De perspectivas e hipóteses de alma e não de almas. Os nomes próprios de que se acomoda são, repetimos, símbolos só, com uma tênue e insubsistente ilusão de figuras e um mínimo enredo de tempo. Inconscientemente talvez, a única acabada tentativa que lhe foi possível dessa criação “despegando-se de si” com o poder de despersonalização do dramaturgo, iludiu-se no artifício estático de *O Marinheiro*. A sua *Meditação de Fausto* acompanha em seus fragmentos uma alquimia para as mesmas incógnitas que sempre o obsidiam. As novelas policiárias, as únicas que lhe seriam possíveis por desdobrarem a sua aplicação a raciocínio e a charadas, interrompem-se por falta de persistência a uma extensão anedótica.

Que lhe fica então, segundo ele queria, de convincentemente exterior? Um conflito elaborado de idéias? Nem isso, que para tal faltava ao seu autor a crença na ensinança da sabedoria que iluminou o didatismo interessado nos velhos mestres antigos. Pessoa leva o exercício da ironia até ao limite da paralisação e fala dir-se-ia que para ninguém presente, negando-se assim viabilidade até para si próprio e sua dúvida.

As suas vozes decorrem a outro nível, mais poéticas afinal na sua precariedade prisioneira, entre a angústia, o delírio do sonho e o milagre recolhido do roçar da vida em suas mãos vazias. Debate agoniado que lhe estala em uma ânsia por se fixar, inteiro e estável, na vertigem e na solidão incomunicáveis do homem que sabe os céus rodarem vários sobre sua cabeça e a terra embalá-lo em abismos sob os seus pés. E que, no entanto, sabe também que o desdém de que se reveste a sua revolta é a outra face do amor lúcido.

Fernando Pessoa não se despersonalizou verdadeiramente no sentido em que afirmou tê-lo feito: “simulador” externo pela facilidade de uma argumentação que desprezava, por lhe ser desnecessário, o suporte de um real não verbo; “mentiroso” de fora por uma potência visionária que lhe permita uma pluralidade de monólogos com suficiente imagística diferenciadora. Mas o debate da mistificação de que se o responsabiliza envolve-o mais como vítima do que como desmancaramento. A própria discussão lhe tira qualquer conclusão irrefutável e certa e o próprio fato de se a equacionar em problema admite, talvez, soluções várias. Não se discute, realmente, se as palavras do rei Lear são do rei Lear e não da responsabilidade textual de

Shakespeare — para lá, claro, de Shakespeare ter criado o rei Lear! Como se discutiria, então, o que Campos diz, ou Caeiro se ilude, ou Reis abstrai, ou Pessoa murmura, na sinceridade ou não sinceridade do criador de todos, se os heterônimos tivessem uma iniludível evidência de personagens e portanto com direito a um conflito acontecido alheio e independente?

Mas não têm e com tal engano Fernando Pessoa se confundiu abrindo, talvez sem intencional ironia sua, as portas falsas para a perturbação que continua a agitar. Inútil afinal, quem sabe?, a desconfiança com que o abeiram os que querem, acima de tudo, desmontar o segredo da mágica da heteronímia. A prestidigitação do passe intrigou-o, a ele próprio, mais do que a nós — que ele podia acreditar-lhes um mistério para que nós, leitores, não fomos iniciados, daí não devendo exigir outra coisa que as evanescentes imagens que diferentes ângulos de luzes e espelhos dão de um só objeto refletido.

Fica-nos, com consentido direito a devassa pública, a sua obra em tanto que poeta e, até, em tanto que indivíduo participante, no seu momento, de uma cultura e de uma sociedade. Mas aqui, novamente, a acusação de incoerência insolucionada e as conclusões de exagero surgem, determinada a primeira pelo cotejo rigoroso de expressões que nada obrigava a que tivessem idêntico sentido e as segundas pelo otimismo de que uns sentidos fossem os só válidos e todos os outros inconseqüentes.

No fim de contas o que se traduz na vontade criadora de Fernando Pessoa não está de forma alguma, por sua própria maneira de ser, condicionado mais que incidentalmente às atitudes significantes a que ele foi levado em seu próprio comportamento social. Porque, quando Fernando Pessoa se entrega ao exercício do seu dom da literatura, o que escreve, ainda que partindo de uma ligação, sentida, com o real, realiza-se em um irrealismo potentíssimo e logo a partir de suas duas mais fundas raízes — a imagística do seu lirismo e o visionarismo mítico do seu pensamento. Na pura realização lírica, a música e o leve contorno afetivo das imagens o prendem, por uma presença de seu coração, por uma agitação dos seus sentidos, ao mundo de que se alimenta para existir. Onde voa outro, não despersonalizando-se mas sim liberto do peso da constante e mal suportada consciência de uma densidade e de um limite físicos é no que o pensamento lhe abre de ilimitado e virgem espaço a acreditar preenchível. Aí nem fronteiras nem leis, nada além do verbo, puro pelo poder de uma volição só abstrata, organizado pelo vigor de uma ciência só lógica.

Depois há ainda em Fernando Pessoa uma religiosidade não definida, e visionária, de um acontecer mítico cuja significação se inscreve fora dos próprios acontecimentos em que se exemplariza. Como, então, acusar de absurdo real um autor que não intentou nunca o realismo histórico mais que como meio de transposição figurada para planos puramente mentalizados? À sua análise dos tempos e dos acontecimentos de que testemunha impôs ele sempre a anunciação prefiguradora de uma sibilina Hora que será a imobilidade perfeita do que finalmente se cumpriu, depois da progressão sucessiva e corretiva das histórias. Para a tradução do nosso particular mito rácico, perdido o símbolo morto de um jovem príncipe seiscentista que ocuparia a missão do "Desejado", outro nexa ele traça, símbolo morto também, na "memória" de um jovem Presidente-Rei do século XX. Pelo primeiro sofreu Antônio Vieira no tribunal concreto da Inquisição, pelo segundo responde Fernando Pessoa nos tribunais inconstituídos das ideologias montadas de hoje. O messianismo ocultista e não ortodoxo de um Quinto Império em nada deslocou a sua essência, nem talvez os seus acidentes, embora sim a sua provocação ou aproveitamento. Mas tudo isso como que já lhe devia ser alheio. Porque no que escreveu e agiu, deliberadamente participantes dos sucessos do seu tempo, atento ou amargo comentador da sua possível história, é que cabe esse julgamento nosso ao indivíduo, como célula que foi de uma sociedade em seu acontecer quotidiano.

Se, veemente, ou desiludido, ou antecipado por presciência inteligente, se torna vulnerável à discussão pelo seu jeito constante de ironia e pela ilusão, dos outros, de um seu real desinteresse e desprezo, não há dúvida que ele permaneceu até ao fim inteiro e igual a si mesmo — vulnerável mas desassombrado e não rendendo nunca Césares o que é do Homem ou é dos Deuses.

Por isso a severa lucidez ou a indisciplinadora acusação das suas palavras públicas, o humanismo da sua compreensão e da sua solidariedade particulares, e a inabdicada independência e dignidade — para lá das formas, das modas, das estéticas e de seus próprios erros — da sua obra.

APRESENTAÇÃO HUMANA DE FERNANDO PESSOA

DESDE A ADOLESCÊNCIA que Fernando Pessoa dialogou, entre o orgulho e a agonia, com a sua convicção de ter sido marcado pelo gênio e quis, com determinação consciente, realizar uma obra de superior destino, que antepôs a qualquer outra satis-

fação possível. Sob uma aparência social de túbio de vontade, flutuação de comportamento e dúvida provocada por uma obsessiva e dialética discussão de tudo, uma mansa, obstinada, inquebrantável teimosia de sonhador. Isso lhe sustentou a escolha de uma existência à margem de uma sua natural classe e oposta a uma sua família — às quais, aliás, sempre permaneceu vinculado por um formalismo comedido e aristocrático que não cumpria externamente mas que lhe era intimamente conforme. Dentro desse exílio, que foi a sua vontade e a sua diferença, inclinou-se a servo e pretexto de sua oculta força, a de ser poeta, e quotidianamente a cumpriu com a exemplaridade estóica do dever e o silencioso respeito de um rito. Nele tal atitude foi, dir-se-ia, sem renúncia, alheia a deleite ou a sacrifício, instrumento fiel e lúcido que se tornou de uma vocação sentida grave e fatal.

Homem que se contentou com uma história sem brilhos e sem misérias espetaculares, e que preferiu uma vida antes secreta e sem importância, em poesia, como em vida, cumpriu, enganouse, falhou, sabendo-o sempre, com a incômoda evidência da previsão e comentário com que se julgava, e nem sequer teve ilusões satisfatórias fosse até acerca da glória que finalmente desejava para o que escrevia. Sua presença como que sempre se tornou estranha, por uma sua forma de reserva inesperada, e por uma sua brusquidão de confidências intempestivas, pudor defendido com uma aparência às avessas, e temperado com um humorismo irônico, de desencanto e defesa. Por isso foi ele próprio quem revelou, à luz desfavorável do artifício e do exagero, os seus tiques e os seus hábitos com que a censura se entretivesse no que ter que dizer dele. Seu modo, afinal, de manter intocáveis a sua intimidade e vida privadas, limpíssimas, facilitando o pitoresco e a anedota com que o desconhecem sem, contudo, o mentirem.

No entanto o cenário que convencionalmente o rodeou e a personagem em que se transformou aos poucos, com deliberação sua ou por força de não deliberadas circunstâncias, são adequadamente adaptáveis à idéia tipo que nos fazemos de uma sua existência como homem de letras, singular embora. Sem que seja preciso grande esforço ou grande imaginação, reencontramos a atmosfera dos cafés então habituais da Baixa da cidade de Lisboa, que ele freqüentava como cliente modesto entre as horas de presença dos escritórios próximos, e como intelectual às horas dos intelectuais. Aí o distinguimos verossimilmente, vestido de escuro e refugiado no gesto imóvel de cruzar os pés sob

a mesa e inclinar a cabeça para a apoiar a uma das mãos. Reconhecemos o seu ar de secreta e vaga ausência, a sua distraída contemplação, o seu lento sorriso silencioso ou o seu casquinar rápido de uma pequena gargalhada nervosa. Podemos ainda citar de cor os nomes dos companheiros que o procuravam, e comentamos sem ilusões o barulho fútil que o apontava, continuando a ignorá-lo. E com este descritivo sem surpresas, os dados autênticos de uma exata biografia e umas quantas notas eleitas entre o que ele pareceu dizer ou pareceu mentir e entre o que outros, do que ele pareceu dizer ou mentir, conseguiram decifrar, está composta a sua figura de autor da sua obra.

À imagem assim obtida nos apoiamos, nos passos repetidos e recomeçados que, a propósito de Fernando Pessoa, nos levam do autor à obra e da obra ao autor, em um vaivém de interferências que o nosso conhecimento ainda não pode alhear suficientemente. E virão a ser alguma vez suficientemente alheáveis num autor que se transformou em sua obra com uma deliberação tão única que de sua vida repele qualquer outra intenção e sacrifica qualquer outro destino? O seu metaforismo sobre fundo monocórdico, o seu oscilar entre opostos que se atraem dialeticamente, o seu jogo de conjugação de contrários, passam-lhe da mente para a obra como uma espécie de condição umbilical quase sem corte possível. Fernando Pessoa nunca tem bastante invenção nos motivos, embora tenha sempre um excesso enganador de independência na composição verbal. A sua invenção é mais uma imaginação só, alargamento obtido e sucessivo das sugestões, ou da distensão visionária, de pormenores da sua própria vivência, sensível de fato ou pensada sensível. Mas qualquer decifração que se pretenda fazer incidir sobre a personalidade humana que permitiu uma tal personalidade literária está por força presa à declarada relevância da segunda sobre a primeira. Sem dúvida que aquela é reveladora e a que mais publicamente interessa, mas como um retrato necessário que se tira em estúdio. Aí o cenário, ainda que ideal, é verossímil e não verídico, e a imagem o fruto também do artifício, em que a iluminação, o ângulo e a pose decidida, mais o imperceptível retoque do bom profissional, igualam o resultado ao modelo, mais impecavelmente que a mobilidade viva do indivíduo que o forneceu. Isto pode querer dizer que o processo da devassa literária alheará Fernando Pessoa em uma sua convenção de atitudes e aparências, deduzíveis da interpretação do seu gênio e impostas à suposição do seu destino. Antes que o

quádro o feche e imobilize em figura de história literária, relembremo-lo o transeunte humano que também foi.

A narrativa e exegese do acontecer exterior da sua existência parecem-nos amarradas à simbologia neutra das duas referências que sempre constituíram a mais certa localização de Fernando Pessoa: as mesas dos cafés, onde parava entre o trabalho ou as suas voluntárias ausências, e o apartado 147 dos Correios de Lisboa. Mundo privado de intimidade, em que surgia caracterizadamente literato nos interesses e no convívio e desconcertantemente anódino ou pitoresco como homem. Neste plano sem identificação privada situou a sua camaradagem e cooperação, as suas blagues e ironias de efeito, as suas semiconfissões controladas de embriaguez, frieza, e labirintos psíquicos. Aqui lhe vinham ter as ofertas com dedicatória dos autores mais diversos, os pedidos de colaboração e ajuda dos companheiros e de alguns admiradores, e os recados volantes de quem quer que quisesse encontrá-lo. Daqui eram datadas a sua correspondência e a impossibilidade de estar ou passar a certa hora.

Quem, dos muitos que contataram com Fernando Pessoa num plano de mútua consideração intelectual, o conheceu realmente fora desse clima? Quem, ainda desses muitos, o compreendeu fora da personalidade que ele forçava à flor de si próprio e da desadaptada estranheza e desconsolo que pareciam adivinhar-se atrás dela? Quem percebeu significativo o que ele próprio deixava entrever irrelevante, como que alheamente acontecido e com inexistente importância? E como nos será possível, a nós, abandonarmos os caminhos mais prováveis, mais abonados, e mais lógicos na consideração de Pessoa, para recomeçarmos um outro que não irá mais longe do que uma curta vereda que leve, por força, às encruzilhadas dos já sabidos? No entanto, na compreensão ou incompreensão de Pessoa falta-nos quase sempre, e dir-se-ia que por princípio, uma singeleza de interpretação que recusamos também, demasiado, a ele próprio, privando-o assim duma naturalidade que teve e, afinal, importou. Porque as maneiras como lhe entendemos a obra e comentamos, obcecados por ela, o jogo injusto e inadequado da sua vida ou condenamos, reacionários contra ela, uma revelada anedota da vida, não são mais que conclusões e evidências a que nos sentimos autorizados por conta própria.

Dissemos atrás que Fernando Pessoa era um sonhador, insistimos aqui em que era um emotivo em quem a inteligência, extremamente dialética, implicava uma também extrema secundariedade que o inibia de qualquer ação espontaneamente dinâ-

mica e o obrigava a tenso controle ou a translata despistagem da sua propensão sentimental autêntica. Aliás, se pusermos de parte os fatores individuais — e que nele, por uma certa inegável genialidade, dilataram maximamente algumas suas virtualidades —, encontraremos em Fernando Pessoa alguém daquele discreto tipo humano sobre que nos enganamos vezes demais, quando pensamos até conhecê-los muito bem. O tipo de indivíduos exteriormente frágeis, irregulares de humor sob uma máscara de impassibilidade, refratários, por desconforto próprio, à luta pelo sucesso social, incapazes de ambição realista por uma desistência deliberada e, afinal, orgulhosa, indo de encontro a fracassos evidentes e previstos, desadaptados a todo o meio onde se encontrem, e sempre ligeiramente irritantes e desconfortáveis para quem quer que seja o seu próximo, esse mais forte a que nunca se deixam assimilar. O tipo de uma quase incomportável preponderância do espírito, lúcido, imaginativo e triste, enleado de angústia e solidão, enormemente insatisfeito, e no entanto parado à tona de qualquer realização mundana satisfatória. Temperamento vulnerável e suscetível, com uma afetividade pouco expansiva, e geralmente parecendo identificar-se à aparência, que é uma atitude, de uma força egoísta e suficiente.

Mas em sua vida, como em sua obra, só a agitação de fora, a solicitação fátua e logo aborrecida do momento, a revolta contra a vacuidade e inutilidade últimas de todas as coisas, a náusea final do conhecido e do incógnito, perante seu cansaço saciado e sua fome insatisfeita, o horror de arriscar à promiscuidade da indiferença pública ou à troca ligeira de vagos conhecidos o que mais que tudo lhe importava, são causas dos seus bruscos e extremos episódios de superestimas, niilismos, petulâncias nulas. Ironia crispada até ao desafio, à temeridade e ao desespero.

Para lá disso, há um verdadeiro estoicismo no seu pensamento e uma natural ascese na sua vida. Há um silêncio cheio que lhe é próprio, há a contemplação sonhadora em que se compraz e se rememora. Proteção pedida a uma pátria interior e a uma pátria eleita pela sua vontade, e fora das quais não existe senão por estrito cumprimento de dever e, talvez, afeto. Pátria sem limites de geografia, língua, raça, anterioridade presentida, e aberta ao vôo infinito de todas as suposições e sonhos, e conformada pelos sentidos e pelo coração ao horizonte quotidiano e familiar, nunca abandonada ainda que restrita, lugares onde cumpre seu papel com uma afetiva emoção não fingida, tudo aquilo a que testemunha a confiança de suas grandezas

ideais e de suas dores que não sabe se verdadeiras no senti-las realmente. Viajar na vida sem desejo de mudança mas intensamente atento a toda a passagem. Existência onde a felicidade comum raramente foi mais que um rastro ou a hipótese de um tímido e invertido desejo, mas onde a sublimação e a ascese do casual acontecer da vida, estreita, próxima, foi impulso para a grave provação que lhe foi a poesia, ou para a transcendência e angústia do indizível.

Pela pena de Vicente Guedes-Bernardo Soares — nem sequer por ele considerado um verdadeiro heterônimo —, discreto escriba de escritórios comerciais, manteve Fernando Pessoa um quase diário por todo o tempo de sua vida. Como ele mesmo em sua identidade civil, um empregado de horas irregulares mas assíduas, familiar das ruas de trabalho da Baixa, freqüentador de restaurantes baratos, e escritor, por decisão, durante a sua solidão voluntária no pequeno quarto alugado dum bairro qualquer da cidade. Sentimentalmente absorto na contemplação evasiva do rio e da vida e sem nenhuma ambição à flor do rosto, Vicente Guedes-Bernardo Soares-Fernando Pessoa aplica-se em ser lúcido, analisa-se até à dissolução da sua consciência, comove-se quase de nada, e tem o jeito da pessoa sozinha que se diversifica para se compreender acompanhada.

As suas próprias páginas que se seguem, para dar dele um mínimo de retrato pessoal, são o que efetivamente nela lemos, disfarçado um pouco em literatura: uma irreprimida e longa confidência, um pudor de alma que oscila entre a austeridade, religiosa quase, e a agonia do desprezo próprio, o testemunho de uma vida onde nada aconteceu que não se iluminasse na substância íntima da sua palavra. Até os seus erros, o seu amor frustrado e persistente, as monótonas renúncias, os grandes pensamentos, os desencantos, o peso do trabalho e do pão, e todos os sonhos, todos os sofrimentos, todos os pequenos súbitos milagres, que lhe floriram de cada dia viajado.

Compreender-se-á a ironia, o amor, o ilusório desapego, a melancolia velada, a humana atenção, de coisas tristes e algumas alegrias silenciosas, com que esse seu longuíssimo comentário subjaz com sua verdade quotidiana e seu deliberado estilo um tudo-nada fora de moda, a toda a matéria e exercício da sua poesia? Privada deste seu suporte, a obra de Fernando Pessoa sofre de um enquadramento demasiado de perspectivas e de um desenraizamento maior ainda do que o que ele sofreu.

CRONOLOGIA DA VIDA E DA OBRA DE FERNANDO PESSOA

JOÃO GASPAR SIMÕES

1888. *13 jun.* Nasce Fernando Antônio Nogueira Pessoa, no 4.º andar, esquerdo, do Largo de São Carlos, n.º 4, às 3 horas da tarde.
1889. Data do suposto nascimento de Alberto Caeiro.
15 out. Data do suposto nascimento de Álvaro de Campos.
1893. *Jan.* Nasce Jorge, irmão de Fernando Pessoa.
13 jul. Falece Joaquim de Seabra Pessoa, pai de Fernando Pessoa, com 43 anos de idade.
15 nov. Muda-se a mãe do poeta para a Rua de S. Marçal, 104, depois de fazer leilão de grande parte dos seus haveres.
1894. *2 jan.* Falece o irmão Jorge. Conhecem-se D. Maria Madalena Pinheiro Nogueira Pessoa, mãe do poeta, e o comandante João Miguel Rosa, futuro padraсто deste. Fernando Pessoa cria o seu primeiro heterônimo — o *Chevalier de Pas*.
1895. *Jun.* João Miguel Rosa é nomeado cônsul interino em Durban (África do Sul), para onde parte no mês seguinte.
26 jul. Escreve Fernando Pessoa a sua primeira poesia, a quadra "A Minha Querida Mamã".
30 dez. Casam, por procuração, a mãe do poeta e o comandante João Miguel Rosa, na Igreja de S. Mamede. Substitui o noivo seu irmão, o general Henrique Rosa.
1896. *6 jan.* Acompanhados do Tio Cunha, partem para África D. Maria Madalena e seu filho Fernando Antônio. Fernando Antônio vai frequentar o convento de West Street, em Durban, onde aprende as primeiras noções de inglês e faz a primeira comunhão.
Falece, na Ilha Terceira, a avó do poeta, D. Madalena Xavier Pinheiro Nogueira.
1896. *27 nov.* Nasce Henriqueta Madalena, primeira filha do segundo casamento de D. Maria Madalena.
1898. *22 out.* Nasce Madalena Henriqueta, segunda filha do casal Miguel Rosa.
1899. *Abr.* Fernando Pessoa matricula-se na *High School, Form II-B*.
Jun. Passa para a *Form II-A*.
Dez. Ganha o *Form Prize* na *Form II-A*.
1900. *11 jan.* Nasce Luís Miguel, terceiro filho do casal Miguel Rosa.
Jun. Fernando Pessoa passa para a *Form III* e é premiado em francês.
Dez. Passa para a *Form IV*.
1901. O comandante João Miguel Rosa é nomeado cônsul de 1.ª classe.
Jun. O poeta faz o exame da *Cape School High Examination*.
25 jun. Falece Madalena Henriqueta. Escreve poesias em inglês.
Ago. Vem de visita a Portugal. O padraсто entra em gozo de licença de 1 ano. Acompanham-no sua mulher, o enteado, a filha Henriqueta Madalena e o filho Luís Miguel. No mesmo barco trans-

- portam o corpo da filha falecida.
1902. 17 jan. Nasce João, quarto filho do casal Miguel Rosa.
- Maio. De visita à família materna, ou para procederem à liquidação da herança da avó Madalena, encontram-se Fernando Pessoa e os seus na Ilha Terceira. Ali escreve a poesia "Quando Ela Passa".
- Set. Regressa a Durban a família do poeta.
- Fernando Pessoa matricula-se na *Commercial School*, em Durban.
1903. Dez. Faz exame de admissão à Universidade do Cabo.
1904. Fev. Volta à *High School*, e entra na *Form VI*.
- 20 fev. Data do ofício em que lhe é comunicado que ganhou o Prêmio Rainha Vitória, concedido ao seu ensaio em inglês, prova do exame de admissão à Universidade do Cabo da Boa Esperança realizado no ano anterior.
- Lê Milton, Byron, Shelley, Keats, Tennyson e Poe. Conhece Pope e a sua escola. Lê Carlyle. Escreve poesia e prosa em inglês.
1904. 16 ago. Nasce outra filha do casal Miguel Rosa, Maria Clara.
- Dez. Faz a *Intermediate Examination* em Artes, da Universidade do Cabo.
1905. Ago. Parte sozinho para Lisboa, a bordo do navio alemão *Herzog*, confiado aos cuidados de um oficial de bordo, a fim de matricular-se no Curso Superior de Letras, indo viver com a avó Dionísia e as duas tias, na Rua da Bela Vista, 17.
- Lê autores ingleses, especialmente Milton. Conhece Baudelaire, Cesário Verde e sente a influência de "subpoetas portugueses" lidos na infância. Continua a escrever poesia e prosa em inglês.
1906. Set. Partem para Portugal em gozo de férias o comandante João Miguel Rosa e a família.
- Out. Chegam a Lisboa, instalam-se na Calçada da Estrela, n.º 100, para onde o poeta se muda.
- Out. Matricula-se no Curso Superior de Letras de Lisboa.
- 11 dez. Falece, em Lisboa, Maria Clara.
1907. Maio. Tendo regressado a Durban a família de João Miguel Rosa, Fernando Pessoa volta para casa das tias, à Rua da Bela Vista, 17. É neste ano, por altura da greve dos estudantes, provocada por uma medida de João Franco, que o poeta abandona o Curso Superior de Letras.
- Agò. Vai a Portalegre comprar material para instalar em Lisboa uma tipografia.
- Monta uma tipografia na Rua da Conceição da Glória, 38-4.º, a que dá o nome de "Empresa Íbis — Tipografia Editora — Oficinas a Vapor", que mal chega a funcionar.
1908. Entra no *Comércio* como "correspondente estrangeiro".
1910. João Miguel Rosa é transferido para Pretória.
- Dez. Funda-se no Porto a revista *A Águia*, 1.ª fase.
1911. Estabelece-se em Lisboa o inglês Killoge, que organiza uma antologia de autores universais, em tradução portuguesa. Fernando Pessoa é encarregado de traduzir os poetas.
1912. jan. É fundada a *Renascença Portuguesa*, no Porto.
- Abr. Fernando Pessoa publica em *A Águia*, órgão da *Renascença Portuguesa*, o seu primeiro artigo, "A Nova Poesia Portuguesa Sociologicamente Considerada".
- Maio. Publica, na mesma revista, o seu segundo artigo, "Reincidência". Nasce Ricardo Reis na mente do poeta.
- 21 set. Carta-réplica ao Dr. Adolfo Coelho, publicada no jornal *República*.
- Nov. Publica em *A Águia*, em três fascículos seguidos, o seu estudo "A Nova Poesia Portuguesa no Seu Aspecto Psicológico".
- Depois de ter vivido algum tempo num rés-do-chão da Rua da Gló-

- ria, 4, muda-se para a Rua do Carmo, 18-1.º, e daí para a casa de sua tia, D. Ana Luísa Nogueira de Freitas, na Rua de Passos Manuel, 24-3.º Esq.
1913. *Jan.* Projeta publicar um livro de versos intitulado *Gládio*.
1 març. Fernando Pessoa publica na revista *Teatro* um artigo de crítica ao livro de Afonso Lopes Vieira *Bartolomeu Marinheiro*, intitulado "Naufrágio de Bartolomeu".
8 mar. Novo artigo na revista *Teatro* — "Cousas Estilísticas que Aconteceram".
22 mar. Anuncia a Álvaro Pinto, secretário de *A Águia*, que Boavida Portugal vai publicar o seu *Inquérito Literário*, inicialmente promovido na *República*, e que ele, Fernando Pessoa, prepara um *Panfleto* de defesa da Renascença Portuguesa.
 Pensa publicar um folheto sobre a autoria da obra de Shakespeare.
29 mar. Escreve a poesia "Pauis":
Abr. Fernando Pessoa publica, em *A Águia*, o artigo "As Caricaturas de Almada Negreiros" e trava conhecimento com o artista.
Maio. Mário de Sá-Carneiro envia a Pessoa as poesias para o livro *Dispersão*.
 — Fernando Pessoa escreve, em inglês, o poema "*Epithalamium*".
23 jun. Sá-Carneiro chega a Lisboa.
Agó. Fernando Pessoa publica, em *A Águia*, "Na Floresta do Alheamento".
11, 12 out. Escreve *O Marinheiro*, drama estático.
Out. Revê as provas da *Dispersão*, de Sá-Carneiro.
1914. *Fev.* Publica, na revista *A Renascença*, de Lisboa, número único, "Impressões do Crepúsculo" (as poesias "O Sino da Minha Aldeia" e "Pauis"). O "paulismo" está em franco desenvolvimento. Coleciona e traduz para inglês, a convite de um editor de Londres, 300 provérbios portugueses.
- 8 mar.* Surge Alberto Caeiro.
Mar. Escreve a "De Triunfal", atribuída a Álvaro de Campos, que publica como datada de junho. Em seguida escreve "Opiário", poesia, igualmente, de Álvaro de Campos.
Maio. Muda-se para a Rua Pascoal de Melo, 119-3.º, Dt.º, casa da tia Anica — D. Ana Luísa Nogueira de Freitas, com quem reside.
16 jun. Escreve a primeira poesia de Ricardo Reis.
13 jul. Em carta a Sá-Carneiro, de novo em Paris, declara ter atingido o período completo da sua maturidade literária.
Out. O grupo de que vai sair o *Orfeu* encontra-se na Cervejaria Jansen, à Rua Vitor Cordon, em Lisboa.
1915. *Jan.* A tia Anica parte para a Suíça, e Fernando Pessoa vive algum tempo na Laiteria Alentejana, à Rua Almirante Barroso, 12. Fernando Pessoa escreve, em inglês, o poema "*Antinous*".
20 fev. Deve ter entrado no prelo o primeiro número do *Orfeu*.
25 fev. Publica na *Galera*, de Coimbra, o artigo "Para a Memória de Antônio Nobre".
Abr. Sai o primeiro número do *Orfeu*.
8 abr. Aparece em *O Jornal*, gazeta de Boavida Portugal, a primeira crônica de Fernando Pessoa, "Crônica da Vida que Passa".
11 abr. 2.ª "Crônica da Vida que Passa".
18 abr. 3.ª "Crônica da Vida que Passa".
21 abr. 4.ª "Crônica da Vida que Passa".
13 maio. No panfleto *Eh Real!*, de João Camoesas, Fernando Pessoa publica o artigo "O Preconceito da Ordem".
11 jun. Escreve a "Ode a Walt Whitman".
Jul. Publica-se o 2.º número do *Orfeu*.
6 jul. Envia ao jornal *A Capital*, assinada por Álvaro de Campos.

uma carta a propósito da local publicada na mesma folha sobre um anunciado espetáculo "futurista", onde faz referências irritantes ao desastre de que fora vítima o Dr. Afonso Costa, presidente do Conselho do Ministério de então.

7 jul. Os demais colaboradores do *Orfeu* dirigem-se a *A Capital*, desaprovando a carta de Álvaro de Campos.

7 jul. Alfredo Pedro Guisado e Antônio Ferro escrevem a *O Mundo* desligando-se do *Orfeu*.

11 jul. Mário de Sá-Carneiro regressa, precipitadamente, e incógnito, a Paris.

Ago. Intensa atividade dos heterônimos.

Set. Fernando Pessoa traduz, para a Livraria Clássica, o livro *Compendio de Teosofia*, de C. W. Leadbeater, primeiro da "Coleção Teosófica e Esotérica", para a qual traduzirá diversos outros volumes.

Nov. Morte, possível de Alberto Caeiro.

Dez. Adoece, em Pretória, vítima de uma apoplexia, D. Maria Madalena, mãe do poeta.

1916. Jan. Pensa estabelecer-se, como astrólogo, em Lisboa.

Mar. Aparecem em Fernando Pessoa fenômenos de mediunidade.

5 mar. Sá-Carneiro pede a Fernando Pessoa, em carta enviada de Paris, que peça o cordão de ouro à sua ama e o vá empenhar, enviando-lhe o dinheiro.

15 mar. Fernando Pessoa remete para Paris 160 francos a Sá-Carneiro.

31 mar. Sá-Carneiro escreve a Fernando Pessoa, anunciando-lhe que vai suicidar-se.

4 abr. Em bilhete postal, declara ter suspenso o desfecho trágico.

18 abr. Última carta de Sá-Carneiro.

26 abr. Fernando Pessoa escreve a Sá-Carneiro, carta que não chega a concluir.

26 abr. Mário de Sá-Carneiro sui-

cida-se em Paris no Hotel de Nice, à Rue Victor Massé, 29.

Abr. Aparece em Lisboa a revista *Exílio*, com colaboração de Fernando Pessoa.

José de Almada Negreiros publica o *Manifesto Anti-Dantas*.

Set. Anuncia-se a saída do número 3 do *Orfeu*, que não chega a aparecer, onde Fernando Pessoa pensa publicar os seus poemas ingleses.

1917. Fernando Pessoa reside na Rua Benjamin Ribeiro, 11-1.º.

14 abr. Realiza-se no Teatro República a conferência "futurista" de José Almada Negreiros.

Publica-se o número único da revista *Portugal Futurista* que insere poesias de Fernando Pessoa e o "Ultimatum" de Álvaro de Campos.

1918. Publica, em 2 plaquettes, *Antinous e 35 Sonnets*.

19 set. O suplemento literário do *Times*, de Londres, e o *Glasgow Herald* referem-se, em notas de crítica, aos poemas ingleses de Fernando Pessoa.

1919. 12 abr. Embora tenha dado por morto Alberto Caeiro, escreve, nesta data, uma série de poemas em nome deste seu heterônimo.

Ricardo Reis parte para o Brasil. 5 out. Falece, em Pretória, o comandante João Miguel Rosa.

1920. 30 jan. O jornal inglês *The Athenaeum* publica um poema de Fernando Pessoa intitulado "Meantime".

1 mar. Fernando Pessoa escreve a sua primeira carta de amor.

25 mar. Muda-se para o primeiro andar, direito, n.º 16, da Rua Coelho da Rocha, onde vai habitar com a mãe e os irmãos.

30 mar. Chegam a Lisboa, a bordo do *Lourenço Marques*, D. Maria Madalena, mãe de Fernando Pessoa, e os seus três filhos. Chega a Lisboa o corpo do padrasto do poeta.

15 out. Doente, Fernando Pessoa pensa internar-se numa casa de saúde.

- Escreve a série de poemas ingleses que intitula "*Inscriptions*".
1921. Editado pela *Olisipo*, organização editora sua, Fernando Pessoa publica os seus *English Poems I e II e English Poems III*.
1922. Maio. Aparece o primeiro número da *Contemporânea*, dirigida por José Pacheco, que insere o "Banqueiro Anarquista", de Fernando Pessoa.
- Maio. *Olisipo* publica a 2.^a edição das *Canções*, de Antônio Boto.
- Set. No número 3 da *Contemporânea* publica "Antônio Boto É o Ideal Estético em Portugal".
- Nov. O número 4 da *Contemporânea* insere o "Mar Português", um artigo de Álvaro Maia, "Sodoma Divinizada", ataque ao artigo de Fernando Pessoa inserto no número anterior da mesma revista, e uma carta de Álvaro de Campos dirigida a José Pacheco.
- Dez. O número 6 da *Contemporânea* publica o poema de Fernando Pessoa "Natal".
1923. Jan. O número 7 da *Contemporânea* insere "*Trois Chansons Mortes*", de Fernando Pessoa.
- Fev. Raul Leal publica o seu folheto *Sodoma Divinizada*.
- 22 fev. O jornal *A Época* anuncia a formação de um grupo de estudantes que se propõe morigerar os costumes: a *Liga de Ação dos Estudantes de Lisboa*.
- Fev. O número 8 da *Contemporânea* publica a poesia de Álvaro de Campos "*Lisboa Revisited*" e "Carta ao Autor de *Sacha*", de Fernando Pessoa.
- Mar. No número 9 da mesma revista a poesia em inglês "*Spell*".
- 6 mar. A *Liga de Ação dos Estudantes de Lisboa* publica o *Manifesto dos Estudantes das Escolas Superiores de Lisboa*; ofensiva contra a chamada "literatura de Sodoma".
- Álvaro de Campos faz distribuir em Lisboa o seu *Aviso por Causa da Moral*.
- Abr. Fernando Pessoa, em defesa de Raul Leal, atacado pelos estudantes de Lisboa, que, contra ele, haviam publicado um manifesto, faz distribuir o seu *Sobre um Manifesto de Estudantes*.
- Abr. Raul Leal publica novo manifesto — *Uma Lição de Moral aos Estudantes de Lisboa e o Descaramento da Igreja Católica*.
1924. Falece o general Henrique Rosa.
- Out. Aparece o primeiro número da revista *Atena*, dirigida por Fernando Pessoa e Ruy Vaz.
- Inicia-se em França o movimento *Surréaliste*.
1925. Fev. Publica-se o número 5 da *Atena*, o último da revista.
- 17 mar. Falece, na Quinta dos Marechais, na Buraca, D. Maria Madalena, mãe de Fernando Pessoa.
1926. Ago. Fernando Pessoa requer patente de invenção de um *Anuário Indicador Sintético, por Nomes e Outras Quaisquer Classificações, Consultável em Qualquer Língua*.
- Dirige, com seu cunhado, a *Revista de Comércio e Contabilidade*.
- 17 set. Álvaro de Campos responde a um inquérito do jornal *A Informação*.
- Publica no jornal *O Sol* (número 1) um artigo sobre o Conto-do-Vigário.
- No número 1 da 3.^a série da *Contemporânea* publica a poesia "O Menino da Sua Mãe".
1927. 10 mar. Publica-se em Coimbra o 1.^o número da "folha de arte e crítica" — *Presença*.
- 8 abr. José Régio publica no número 3 da *Presença* o artigo "Da Geração Modernista", primeira referência crítica da nova geração à obra do "Mestre" Fernando Pessoa.
- 4 jun. Fernando Pessoa inicia a sua colaboração na *Presença* com a poesia "Marinha".
- 13 jun. Publica, no *Imparcial*, um artigo sobre Luís de Montalvor.
1928. Fernando Pessoa publica *O*

- Interregno*, manifesto político do Núcleo de Ação Nacional, que devia ter saído anônimo.
- Dez. Publica na *Presença* a "Tábua Bibliográfica", escrita pelo seu próprio punho.
1929. Começa a publicar, na *Solução Editora*, uma *Antologia de Poetas Portugueses Modernos*.
- Jun. Publica-se, no livro *Temas*, de João Gaspar Simões, o primeiro estudo crítico sobre a personalidade do poeta.
- 9 set. Fernando Pessoa alimenta o projeto de sair de Lisboa, fixando-se nos arredores, de preferência em Cascais, a fim de realizar a sua obra definitiva.
1930. Entra em correspondência com Aleister Crowley.
- 2 set. Chega a Lisboa, de visita a Fernando Pessoa, o mago inglês Aleister Crowley.
- 25 set. Desaparece, em circunstâncias "misteriosas", o famoso Aleister Crowley.
- 5 out. O *Notícias Ilustrado* publica o depoimento de Fernando Pessoa sobre o "misterioso" desaparecimento de Crowley.
1931. Out. Publica na *Presença* a tradução do "Hino a Pã", do mesmo Aleister Crowley.
1932. 16 set. Requer, em concurso documental, o lugar de "conservador-bibliográfico do Museu-Biblioteca do Conde de Castro Guimarães, em Cascais, no qual não é provido.
1933. Fev. Atravessa uma grave crise de neurastenia.
- 2 abr. Prepara o original dos *Índices de Ouro*, de Mário de Sá-Carneiro, que a *Presença* editará.
1934. Dez. Aparece a *Mensagem*.
- 31 dez. É-lhe atribuído, pela publicação da *Mensagem*, o prêmio da "segunda categoria" do Secretariado de Propaganda Nacional, intitulado "Antero de Quental", cujo prêmio de "primeira categoria" é atribuído ao livro *Romaria*, de Vasco Reis.
1935. 30 jan. Pensa publicar antes de outubro o seu primeiro grande livro.
- 29 nov. É internado, com uma cólica hepática, no Hospital de S. Luís.
- 30 nov. Falece no mesmo hospital.

BIBLIOGRAFIA

MARIA ALIETE GALHOZ

I. DO AUTOR

- Ultimatum*, Álvaro de Campos, sensacionista. (Separata do *Portugal Futurista*, Lisboa, Tip. Monteiro, 1917.) [Ed. de Fernando Pessoa, fora do mercado. Reedição feita por Petrus, *Documentos Literários*. Porto, Ed. Cultura, s/d.]
- 35 *Sonnets*, by Fernando Pessoa. Lisbon, Monteiro & Co., 1918. [Reeditado pela primeira vez integralmente na 2.^a edição.]
- Antinous*, A Poem by Fernando Pessoa. Lisbon, Monteiro & Co., 1918. [Reeditado, em versão definitiva, pelo próprio autor, nos *English Poems I e II*. Esta versão é republicada pela primeira vez no Apêndice da 2.^a edição.]
- English Poems I-II*, Fernando Pessoa. Lisbon, Olisipo, 1921. [Contém *Antinous*, republicado pela primeira vez na 2.^a edição, e *Inscriptions*, republicadas parcialmente por J. Sena num jornal do Porto.]
- English Poems III*, Fernando Pessoa. Lisbon, Olisipo, 1921. [Contém *Epithalamium*, reeditado pela primeira vez na 2.^a edição.]
- Aviso por Causa da Moral*, Álvaro de Campos. Lisboa, Tip. Anuário Comercial, 1923. [Folheto republicado in *Páginas de Doutrina Estética*.]
- Sobre um Manifesto de Estudantes*, Fernando Pessoa. Lisboa, Tip. Anuário Comercial, [1923]. [Folheto republicado parcialmente in *Vida e Obra de Fernando Pessoa*.]
- Interregno — Defesa e Justificação da Ditadura Militar em Portugal*, Fernando Pessoa. Lisboa, 1928. [Manifesto do Núcleo de Ação Nacional. Reeditado pelo Centro Editorial Português, Porto, s/d.]
- Mensagem*, Fernando Pessoa. Lisboa, Parceria Pereira, 1935. [Reeditada pela Agência Geral das Colônias, Lisboa, 1941, e pela Ática. *Obras Completas de Fernando Pessoa*. Vol. V. Lisboa, 1945 e v. d.]
- (*A Maçonaria*) *Associações Secretas*, Fernando Pessoa. Lisboa, 1935. [Publicado no *Diário de Lisboa*, 4 jan. 1935 e depois em folheto. Reeditado com notas de Petrus in *Jardim de Poesia*, Porto, Parnaso, s/d.]
- À Memória do Presidente-Rei Sidónio Pais*, Fernando Pessoa. (Com nota biográfica escrita pelo A. e nota explicativa de Álvaro Bordalo.) Lisboa, Inquérito, 1940. [Folheto que reedita o poema publicado por F. Pessoa in *Ação*, órgão do Núcleo de Ação Nacional, Lisboa, 1928.]
- Poesia*, Fernando Pessoa. (Antologia, seleção e introdução de Adolfo Casais Monteiro.) 2 vols. Lisboa, Confluência, 1942; 2.^a ed., 1 vol. Idem, 1945. [A introdução é um estudo crítico dos mais apreensivos da poesia de Fernando Pessoa.]
- A Nova Poesia Portuguesa*, Fernando Pessoa. (Com prefácio de Álvaro de Campos.)

- varo Ribeiro.) Lisboa, Inquérito, 1944. [Contém os artigos publicados pelo A. in rev. *A Águia*, órgão da Renascença Portuguesa, Porto, II série, n.ºs 4, 5, 9, 11 e 12; e o artigo "Uma Réplica" ao Dr. Adolfo Coelho, in *República*, Lisboa, 21 set. 1912 e republicada por Boavida Portugal in *Inquérito Literário*. Lisboa, 1915.]
- Vinte Cartas de Fernando Pessoa*. (Notas do destinatário, Álvaro Pinto.) In rev. *Ocidente*, N.º XXIV. Lisboa, 1944. [Indispensável para a história da ligação de F. Pessoa com a Renascença Portuguesa e a sua colaboração in *A Águia*.]
- Obras Completas de Fernando Pessoa*. Lisboa, Ática, "Coleção Poesia", vd. d.
- I. *Poesias*, Fernando Pessoa. (Nota explicativa de J. Gaspar Simões e Luís de Montalvor.) 1942.
- II. *Poesias*, Álvaro de Campos. (Critério de edição e notas de J. Gaspar Simões e Luís de Montalvor.) 1944.
- III. *Poemas*, Alberto Caeiro. (Nota explicativa e notas de apêndice de J. Gaspar Simões e Luís de Montalvor.) 1946.
- IV. *Odes*, Ricardo Reis. (Critério e notas de J. Gaspar Simões e Luís de Montalvor.) 1946.
- V. *Mensagem*, Fernando Pessoa. (Critério de J. Gaspar Simões e Luís de Montalvor.) 1945.
- VI. *Poemas Dramáticos*, I. (Nota explicativa, critério e notas de Eduardo Freitas da Costa.) 1952.
- VII. *Poesias Inéditas* (1930-1935), Fernando Pessoa. (Nota prévia de Vitorino Nemésio e advertência e critério de Jorge Nemésio.) 1955.
- VIII. *Poesias Inéditas* (1919-1930), Fernando Pessoa. (Nota prévia e critério de Jorge Nemésio.) 1956.
- Cartas de Fernando Pessoa e Armando Cortes Rodrigues*. (Introdução de Joel Serrão.) Lisboa, Confluência, [1945]. [Com notas biográficas do próprio A. e recolhidas por Cortes Rodrigues; a introdução é igualmente um trabalho crítico indispensável.]
- Páginas de Doutrina Estética*, Fernando Pessoa. (Seleção, prefácio, introdução e notas de Jorge Sena.) Lisboa, Inquérito, [1946]. [Contém 32 artigos de prosa dos mais representativos do A. com as fichas bibliográficas respectivas e notas referentes a artigos não incluídos; estudo de introdução indispensável para o conhecimento de F. Pessoa.]
- O Preconceito da Ordem*, Fernando Pessoa. (Nota de Álvaro Bordalo. Sob o signo de *Portucalé*, *Cadernos das Nove Musas*.) Porto 1949. [Folheto; reedita o artigo publicado pelo A. no panfleto *Eh Real* de 13 maio 1915 e depois no semanário *Portugal*, 12 dez. 1915.]
- A Nossa Crise. Seus Aspectos Político, Moral e Intelectual*, Fernando Pessoa. (Nota de Álvaro Bordalo.) Porto, Portucalé "Cadernos das Nove Musas", 1950. [Folheto, reedita a entrevista concedida por Fernando Pessoa à *Revista Portuguesa*, de Vítor Falcão, n.ºs, 23-24, 13 out. 1923.]
- O Orpheu e a Literatura Portuguesa*. Fernando Pessoa. (Apresentado e traduzido por Tomás Kim.) Lisboa, nov. 1952.
- Poemas Inéditos* destinados ao n.º 3 de *Orpheu*, Fernando Pessoa. (Prefácio de Adolfo Casais Monteiro e retrato inédito de Rodrigues Castañé.) Lisboa, Inquérito, 1953.
- Cartas de Fernando Pessoa a João Gaspar Simões*. (Introdução, apêndice e notas de João Gaspar Simões. Lisboa, Europa, América, 1957. [Indispensável para o esclarecimento de muito da sua obra e não só para a história das relações de Pessoa com a *Presença*.])
- Poesia*, Fernando Pessoa. (Antologia, prefácio, notas e apêndice de Adolfo Casais Monteiro.) Rio de Janeiro, Agir, 1957. [Embora mais reduzida, tem o mesmo valor informativo da edição Confluência, acrescida, ainda, de notas atualizadas.]

“Inscrições de Fernando Pessoa”. (Trad. e nota crítica de Jorge Sena.) In *O Comércio do Pôrto*, Pôrto, 9 set. 1958.

O Livro do Desassossêgo. (Composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa.) In *A Revista da Solução Editora*. N.ºs 2 e 4. [1929], trechos. *Presença*. N.º 27, jun-jul. 1930, trechos. *Descobrimento*. N.º de outono, [1931]. *Presença*. N.º 34, fev. 1932, trechos. *Estrada Larga*. (Antologia dos n.ºs especiais relativos a um lustro do Suplemento “Cultura e Arte” de *O Comércio do Pôrto*.) Pôrto, Ed., s/d. [Contém 13 artigos sobre Fernando Pessoa; indispensável para sua informação e crítica.]

Páginas de Estética e de Teoria e Crítica Literárias, Fernando Pessoa. Lisboa, Ática, s/d. [Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho — Tradução dos textos ingleses por Jorge Rosa.]

Quadras ao Gosto Popular, Fernando Pessoa. In *Obras Completas de Fernando Pessoa*, Vol. IX, “Coleção Poesia”. Lisboa, Ática, 1965. [Texto estabelecido e prefa-

ciado por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho.]

Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação, Fernando Pessoa. Lisboa, Ática, 1966. [Textos estabelecidos e prefaciados por Jacinto do Prado Coelho e Georg Rudolf Lind — Tradução dos textos ingleses por Jorge Rosa.]

Poesie (Cronistoria della Vita e delle Opere Versione, Bibliografia e Note a Cura di Luigi Panarese), Fernando Pessoa. Milano, Lerici Editori, 1967. [Edição bilíngüe. Contém uma bibliografia muito vasta e informada. De interesse também o valor informativo e a seriedade metodológica do prefácio.]

Textos Filosóficos, Fernando Pessoa. Vol. I. Lisboa, Ática, 1968. [Textos estabelecidos e prefaciados por Antônio de Pina Coelho — Tradução dos textos ingleses por Álvaro Soares e Manuela Nogueira.]

Textos Filosóficos, Fernando Pessoa. Lisboa, Ática, 1968. [Textos estabelecidos e prefaciados por Antônio de Pina Coelho — Tradução de Manuela Nogueira e A. de Pina Coelho.]

II. TRADUÇÕES PARA OUTROS IDIOMAS

Alguns dos “35 Sonetos” de Fernando Pessoa. (Tradução de Adolfo Casais Monteiro e Jorge de Sena, acompanhada do texto original inglês.) S. Paulo, Clube de Poesia, 1954.

Antologia (Selección, traducción y prólogo de Octavio Paz). México, Universidade Autónoma, 1962.

Bureau de Tabac. (Poème traduit par A. Casais Monteiro e P. Hourcade, suivi du texte portugais; pref. de A. Casais Monteiro; illustré par Fernando de Azevedo.) Lisboa, Inquérito, s/d.

Bureau de Tabac et Autres Poèmes, (Traduit par Armand Guibert.) Paris, Caractères, s/d.

English Poems (Herausgegeben von Georg Rudolf Lind). In Heft 2 des Zweiten Bandes von *Poetica*. München-Allach Wilhelm Fink Verlag, 1968.

Fernando Pessoa (Choix de textes, bibliographie, portraits, fac-similés, Présentation par Armand Guibert). Paris, Seghers, 1960.

Le gardeur de tropeaux et les autres poèmes d'Alberto Caeiro (Traduction et présentation de Armand Guibert). Paris, Gallimard, 1960.

Le Journal des Poètes. (Mensuel de créations et d'information poétique.) N.º 9. Bruxelles, novembre 1952. [Numéro spécial consa-

- cré à la poésie portugaise contemporaine.]
- Ode Maritime*. (Traduit du portugais par Armand Guibert.) Paris, Pierre Seghers, 1955.
- Ode triomphale et autres poèmes de Álvaro de Campos* (Présentation et traduction par Armand Guibert). Pierre Jean Oswald 1960.
- Poemas* (Traducción, edición y prefacio de Rodolfo Alonso.) Buenos Aires, Fabril, 1961.
- Poemas de A. Caeiro*. (Selección, versión y notas de Ángel Crespo.) Madrid. "Col. Adonais", Rialp, ss, 1957.
- Poesias* (selección). (Com nota preliminar de Joaquín de Entrambasaguas.) In Supl. 6.º de *Cuadernos de Literatura Contemporánea*. Madrid. Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1946.
- Poesias de Álvaro de Campos* — *Poésies d'Alvaro de Campos*. (Traduit du portugais et préfacé par Armand Guibert. *Poésie du Monde Entier*, n.r.f.) Paris, Gallimard, 1968.
- Poesie (Portugiesisch-Deutsch. Übertragung und Nachwort von Georg Rudolf Lind.) Frankfurt am Main, Suhrkampff.
- "Poetas Universitários". Essa coleção polaca dedicou o seu 3.º volume a Fernando Pessoa, precedido de um estudo de Wilez Andrea.
- Schein und Sein in Leben und Dichtung des Fernando Pessoa*. (Deutsch von Francesco Tanzer in *Dieneue Rundschau*.) Zweits / drittes Helft, Frankfurt am Main, 1956.
- 35 *Sonnets* (Texte anglais précédé d'un essai d'Armand Guibert: "Fernando Pessoa et la culture anglo-saxone"). Two Cities.

III. SOBRE O AUTOR

- Almeida, Luís Pedro Moitinho de. *Fernando Pessoa e a Magia*. (Separata do *Boletim da Academia Portuguesa de Ex-Libris*. Lisboa, 1959.)
- Antunes, Manuel. "Três Poetas do Sagrado: Pascoais, Pessoa, Régio." (in *Brotéria*. Vol. LXV, n.º 1. Lisboa, jul. 1957.)
- Berardinelli, Cleonice. *Poesia e Poética de Fernando Pessoa*. (Tese de Concurso à docência da cadeira de Literatura Portuguesa da Faculdade Nacional de Filosofia.) [Policopiado.] Rio de Janeiro, 1958.
- Bordalo, Álvaro. "Bibliografia de Fernando Pessoa." (in *Gazeta do Bibliófilo*. n.º 4, apensa aos fasc. 28-30, 2.º s., Porto, Portucale, jul-dez. 1950.)
- Carneiro, Mário de Sá. *Cartas a Fernando Pessoa*. Vol. 3 das *Obras Completas*. Lisboa, Ática, 1958.
- Castilho, Guilherme de. "Alberto Caeiro. Ensaio de Compreensão Poética" (in *Presença*, n.º 48, Coimbra, jul. 1936.)
- Coelho, Jacinto do Prado. *Universidade e Unidade in Fernando Pessoa*. Lisboa, *Rev. Ocidente*, 1949.
- Entrambasaguas, Joaquim de. "Nota preliminar a Fernando Pessoa, *Poesias* (selecciones)." (in Supl. 6.º de *Cuadernos de Literatura Contemporánea*, Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1946.) [A primeira seleção publicada em espanhol.]
- "Fernando Pessoa y su Creación Poética" (in *Revista de Literatura*. Tomo V, N.ºs 9-10, jan-jun. 1954.) [Com bibliografia.]
- Freitas, Eduardo da Costa. *Fernando Pessoa — Notas a Uma Crítica Romanceada*. Lisboa, Guimarães, 1951. [Retifica a biografia publicada por J. Gaspar Simões; indispensável.]

- Galhoz, Maria: Aliete Dorez. *O Momento Poético do Orfeu*. (Separata da reedição do primeiro número de *Orpheu*.) Lisboa, Ática, 1959.
- Galvão, José. *Fontes Impressas da Obra de Fernando Pessoa*, Lisboa, 1968.
- Gil, Ildefonso Manuel. "La Poesía de Fernando Pessoa" (in *Ensayos sobre Poesía Portuguesa*. Zaragoza, 1948.)
- Guibert, Armand. "Fernando Pessoa ou l'Homme Quadruple" (Introduction à la traduction de l'"Ode Maritime". Paris, Pierre Seghers, 1955.)
- Hourcade, Pierre. *À propos de Fernando Pessoa*. (Tirage à part du *Bulletin des Études Portugaises*. Lisboa, 1952.)
- "Chronique de Poésie" in *Bulletin des Études Portugaises et de L'Institut Français au Portugal*. Tomo XIX, 1955-1956. (Lisboa, 1957.)
- Jakobson, Roman e Stegagno Picchio, Luciana. "*Les Oxymores Dialectiques de Fernando Pessoa*." Didier/Larousse, Paris, 1968.
- Ley, Charles David. *A Inglaterra e os Escritores Portugueses*. Lisboa, 1939.
- Lind, Georg Rudolf und Suerbaum, Ulrich. "Dichten in fremden Sprachen. Zu bisher unveröffentlichten englischen Gedichten Fernando Pessos". In *Poetica*, Heft 2, Zweiten Bandes, München-Allach, Wilhelm Fink Verlag, 1968.
- Lisboa, Henriqueta. "Fernando Pessoa" (in *Convívio Poético*. Belo Horizonte, Secretaria de Educação e Cultura do Estado, 1955.)
- Meireles, Cecília. "Prefácio" (in *Poetas Novos em Portugal*. Rio de Janeiro, Dois Mundos, 1944.)
- Monteiro, Adolfo Casais. *Estudos Sobre a Poesia de Fernando Pessoa*. Rio de Janeiro, Agir, 1958. [Indispensável; escolha de artigos sobre Pessoa, feita pelo próprio A. Com bibliografia.]
- Monteiro, Maria da Encarnação. *Incidências Inglesas na Poesia de Fernando Pessoa*. Coimbra, ed. da autora, 1956. [Indispensável.]
- Nemésio, Jorge. *A Obra Poética de Fernando Pessoa*. — *Estrutura das Futuras Edições*. Bahia, Progresso, 1958. [Preciosa fonte de informação inédita, com uma extensa bibliografia; sujeito a correções como todo trabalho de pesquisa numa fase heurística do A. que trata.]
- Nunes, Benedito. "Fernando Pessoa, Poeta Metafísico" (in *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 9/16 set. 1956).
- Pereira, Maria Helena da Rocha. *Reflexos Horacianos nas Odes de Correia Garção e Fernando Pessoa (Ricardo Reis)* 2.^a ed. Porto, ed. da autora. 1958.
- Queirós, Carlos. *Homenagem a Fernando Pessoa*, Coimbra, 1936. [Com os excertos das suas cartas de amor e um retrato por Almada.]
- Régio, José. *Pequena História da Moderna Poesia Portuguesa*. Lisboa, 1941.
- "Da Geração Modernista". (in *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 7 jul. 1957.)
- Rodêti, Edouard. "The Several Names of Fernando Pessoa" (in *Poetry*, Chicago, October, 1955.)
- Sacramento, Mário. *Fernando Pessoa, Poeta da Hora Absurda*. Lisboa, Contraponto, [1959].
- Sena, Jorge. *Da Poesia Portuguesa*. Lisboa, Ática, 1959.
- Silva, Agostinho da. *Um Fernando Pessoa e Antologia de Releitura*. Lisboa, Guimarães, 1959.
- Simões, João Gaspar. *Novos Temas*. Lisboa, Inquérito, 1938. [Indispensável.]
- *Vida e Obra de Fernando Pessoa — História Duma Geração*. 2 vols. Lisboa, Bertrand, 1951.
- Spina, Segismundo. *Itinerário de Fernando Pessoa* (Comunicação apresentada ao II colóquio internacional de Estudos Luso-Brasi-

leiros. Seção de literatura. São Paulo, setembro, 1954.)
Talegre, Mar. *Três Poetas Europeus: Camões, Bocage, Fernando Pessoa* Lisboa, Sá da Costa, 1947.

Tourinho, Eduardo. *Os últimos Dias de Oscar Wilde e Outros Estudos*. Bahia, 1938.

Vernex, Jorge. *A Maçonaria e Fernando Pessoa*. Porto, Além, 1953.

SELEÇÃO POÉTICA
DE
FERNANDO PESSOA

FERNANDO PESSOA, ELE MESMO
FERNANDO PESSOA, O OUTRO

FERNANDO PESSOA
ELE MESMO

MENSAGEM
QUINTO IMPÉRIO / CANCIONEIRO
POEMAS DRAMÁTICOS

MENSAGEM *

*Benedictus Dominus Deus noster
qui dedit nobis signum.*

NOTA PRELIMINAR**

O ENTENDIMENTO dos símbolos e dos rituais (simbólicos) exige do intérprete que possua cinco qualidades ou condições, sem as quais os símbolos serão para ele mortos, e ele um morto para eles.

A primeira é a simpatia; não direi a primeira em tempo, mas a primeira conforme vou citando, e

cito por graus de simplicidade. Tem o intérprete que sentir simpatia pelo símbolo que se propõe interpretar. A atitude cauta, a irônica, a deslocada — todas elas privam o intérprete da primeira condição para poder interpretar.

A segunda é a intuição. A simpatia pode auxiliá-la, se ela já exis-

* Respeita-se neste livro a ortografia original do autor, por tratar-se do único publicado por ele, além de ter um certo valor simbólico que não parece justo suprimir.

** Apontamento solto de FP, s.d.; não assinado; publicado pela primeira vez na primeira edição da *Obra Poética* de Fernando Pessoa, RJ, Aguilar, 1960.

te, porém não criá-la. Por intuição se entende aquela espécie de entendimento com que se sente o que está além do símbolo, sem que se veja.

A terceira é a inteligência. A inteligência analisa, decompõe, reconstrói noutra nível o símbolo; tem, porém, que fazê-lo depois que, no fundo, é tudo o mesmo. Não direi erudição, como poderia no exame dos símbolos, é o de relacionar no alto o que está de acordo com a relação que está embaixo. Não poderá fazer isto se a simpatia não tiver lembrado essa relação, se a intuição a não tiver estabelecido. Então a inteligência, de discursiva que naturalmente é, se tornará analógica, e o símbolo poderá ser interpretado.

A quarta é a compreensão, entendendo por esta palavra o conhecimento de outras matérias, que

permitam o símbolo seja iluminado por várias luzes, relacionado com vários outros símbolos, pois que, no fundo, é tudo o mesmo. Não direi erudição, como poderia ter dito, pois a erudição é uma soma; nem direi cultura, pois a cultura é uma síntese; e a compreensão é uma vida. Assim certos símbolos não podem ser bem entendidos se não houver antes, ou no mesmo tempo, o entendimento de símbolos diferentes.

A quinta é menos definível. Direi talvez, falando a uns, que é a graça, falando a outros, que é a mão do Superior Incógnito, falando a terceiros, que é o Conhecimento e Conversação do Santo Anjo da Guarda, entendendo cada uma destas coisas, que são a mesma da maneira como as entendem aqueles que delas usam, falando ou escrevendo.

PRIMEIRA PARTE / BRASÃO

Bellum sine bello.

I. OS CAMPOS

PRIMEIRO / OS CASTELLOS

A EUROPA jaz, posta nos cotovellos:
De Oriente a Occidente jaz, fitando,
E toldam-lhe românticos cabellos
Olhos gregos, lembrando.

O cotovello esquerdo é recuado;
O direito é em angulo disposto.
Aquelle diz Italia onde é pousado;
Este diz Inglaterra onde, afastado,
A mão sustenta, em que se appoia o rosto.

Fita, com olhar sphyngico e fatal,
O Occidente, futuro do passado.

O rosto com que fita é Portugal.

8-12-1928

SEGUNDO / O DAS QUINAS

Os DEUSES vendem quando dão.
Compra-se a glória com desgraça.
Ai dos felizes, porque são
Só o que passa!

Baste a quem baste o que lhe basta
O bastante de lhe bastar!
A vida é breve, a alma é vasta:
Ter é tardar.

Foi com desgraça e com vileza
Que Deus ao Christo definiu:
Assim o oppoz à Natureza
E Filho o ungiu.

8-12-1928

II. OS CASTELLOS

PRIMEIRO / *ULYSSES*

O MYTHO é o nada que é tudo.
O mesmo sol que abre os céus
É um mytho brilhante e mudo —
O corpo morto de Deus,
Vivo e desnudo.

Este, que aqui aportou,
Foi por não ser existindo.
Sem existir nos bastou.
Por não ter vindo foi vindo
E nos creou.

Assim a lenda se escorre
A entrar na realidade.
E a fecundal-a decorre.
Em baixo, a vida, metade
De nada, morre.

SEGUNDO / *VIRIATO*

SE A ALMA que sente e faz conhece
Só porque lembra o que esqueceu,
Vivemos, raça, porque houvesse
Memoria em nós do instincto teu.

Nação porque reincarnaste,
Povo porque ressuscitou
Ou tu, ou o de que eras a haste —
Assim se Portugal formou.

Teu ser é como aquella fria
Luz que precede a madrugada,
E é já o ir a haver o dia
Na antemanhã, confuso nada.

22-1-1934

TERCEIRO / *O CONDE D. HENRIQUE*

TODO COMEÇO é involuntario.
Deus é o agente.
O heroe a si assiste, vario
E inconsciente.

À espada em tuas mãos achada
Teu olhar desce.
“Que farei eu com esta espada?”

Ergueste-a, e fez-se.

QUARTO / *D. TAREJA*

AS NAÇÕES todas são mysterios.
Cada uma é todo o mundo a sós.
Ô mãe de reis e avó de imperios,
Vella por nós!

Teu seio augusto amamentou
Com bruta e natural certeza
O que, imprevisto, Deus fadou.
Por elle resa!

Dê tua prece outro destino
A quem fadou o instincto teu!
O homem que foi o teu menino
Envelheceu.

Mas todo vivo é eterno infante
Onde estás e não ha o dia.
No antigo seio, vigilante,
De novo o cria!

24-9-1928

QUINTO / *D. AFFONSO HENRIQUES*

PAE, foste cavalleiro.
Hoje a vigília é nossa.
Dá-nos o exemplo inteiro
E a tua inteira força!

Dá, contra a honra em que, errada,
Novos infieis vençam,
A benção como espada,
A espada como benção!

SEXTO / *D. DINIZ*

NA NOITE escreveu um seu Cantar de Amigo
O plantador de naus a haver,
E ouve um silencio murmurou comsigo:
É o rumor dos pinhaes que, como um trigo
De Imperio, ondulam sem se poder ver.

Arroio, esse cantar, jovem e puro,
Busca o oceano por achar;
E a falla dos pinhaes, marulho obscuro,
É o som presente d'esse mar futuro,
É a voz da terra anciando pelo mar.

9-2-1934

SÉPTIMO (I) / *D. JOÃO, O PRIMEIRO*

O HOMEM e a hora são uma só
Quando Deus faz e a história é feita.
O mais é carne, cujo pó
A terra espreita.

Mestre, sem o saber, do Templo
Que Portugal foi feito ser,
Que houveste a gloria e deste o exemplo
De o defender.

Teu nome, eleito em sua fama,
É, na ara da nossa alma interna,
A que repelle, eterna chamma,
A sombra eterna.

12-2-1934

SÉPTIMO (II) / *D. PHILIPPA DE LENCASTRE*

QUE ENIGMA havia em teu seio
Que só genios concebia?
Que archanjo teus sonhos veio
Vellar, maternos, um dia?

Volve a sós teu rosto serio,
Princeza do Santo Gral,
Humano ventre do Imperio,
Madrinha de Portugal!

26-9-1928

III. AS QUINAS

PRIMEIRA / *D. DUARTE, REI DE PORTUGAL*

MEU DEVER fez-me, como Deus ao mundo.
A regra de ser Rei almou meu ser,
Em dia e letra escrupuloso e fundo.

Firme em minha tristeza, tal vivi.
Cumprí contra o Destino o meu dever.
Inutilmente? Não, porque o cumprí.

26-9-1928

SEGUNDA / *D. FERNANDO, INFANTE DE PORTUGAL*

DEU-ME DEUS o seu gladio, porque eu faça
A sua santa guerra.
Sagrou-me seu em honra e em desgraça,
Às horas em que um frio vento passa
Por sobre a fria terra.

Poz-me as mãos sobre os hombros e doirou-me
A fronte com o olhar;
E esta febre de Além, que me consome,
E este querer grandeza são seu nome
Dentro em mim a vibrar.

E eu vou, e a luz do gladio erguido dá
Em minha face calma.
Cheio de Deus, não temo o que virá,
Pois, venha o que vier, nunca será
Maior do que a minha alma.

21-7-1913

TERCEIRA / *D. PEDRO, REGENTE DE PORTUGAL*

CLARO EM PENSAR, e claro no sentir,
É claro no querer;
Indifferente ao que ha em conseguir
Que seja só obter;
Duplice dono, sem me dividir,
De dever e de ser —

Não me podia a Sorte dar guarida
Por não ser eu dos seus.
Assim vivi, assim morri, a vida,
Calmo sob mudos céus,
Fiel à palavra dada e à idéia tida.
Tudo mais é com Deus!

15-2-1934

QUARTA / *D. JOÃO, INFANTE DE PORTUGAL*

NÃO FUI alguém. Minha alma estava estreita
Entre tam grandes almas minhas pares,
Inutilmente eleita,
Virgemmente parada;

Porque é do portuguez, pae de amplos mares,
Querer, poder só isto:
O inteiro mar, ou a orla vã desfeita —
O todo, ou o seu nada.

28-3-1930

QUINTA / *D. SEBASTIÃO, REI DE PORTUGAL*

LOUCO, sim, louco, porque quiz grandeza
Qual a Sorte a não dá.
Não coube em mim minha certeza;
Porisso onde o areal está
Ficou meu ser que houve, não o que ha.

Minha loucura, outros que me a tomem
Com o que nella ia.
Sem a loucura que é o homem
Mais que a besta sadia,
Cadaver addiado que procria?

20-2-1933

IV. A COROA

NUNALVARES PEREIRA

QUE AUREOLA te cerca?
É a espada que, volteando,
Faz que o ar alto perca
Seu azul negro e brando.

Mas que espada é que, erguida,
Faz esse halo no céu?
É Excalibur, a ungida,
Que o Rei Arthur te deu.

Sperança consumada,
S. Portugal em ser,
Ergue a luz da tua espada
Para a estrada se ver!

8-12-1928

V. O TIMBRE

A CABEÇA DO GRYPHO / O INFANTE D. HENRIQUE

EM SEU THRONO entre o brilho das esferas,
Com seu manto de noite e solidão,
Tem aos pés o mar novo e as mortas eras —
O unico imperador que tem, deveras,
O globo mundo em sua mão.

26-9-1928

UMA ASA DO GRYPHO / *D. JOÃO, O SEGUNDO*

BRAÇOS CRUZADOS, fita além do mar.
Parece em promontório uma alta serra —
O limite da terra a dominar
O mar que possa haver além da terra.

Seu formidável vulto solitario
Enche de estar presente o mar e o céu,
E parece temer o mundo vario
Que elle abra os abraços e lhe rasgue o véu.

26-9-1928

A OUTRA ASA DO GRYPHO / *AFFONSO DE
ALBUQUERQUE*

DE PÉ, sobre os paizes conquistados
Desce os olhos cansados
De ver o mundo e a injustiça e a sorte.
Não pensa em vida ou morte,
Tam poderoso que não quere o quanto
Póde, que o querer tanto
Calcára mais do que o submisso mundo
Sob o seu passo fundo.
Trez imperios do chão lhe a Sorte apanha.
Creou-os como quem desdenha.

26-9-1928

SEGUNDA PARTE / MAR PORTUGUEZ

Possessio maris.

I. O INFANTE

DEUS QUERE, o homem sonha, a obra nasce.
Deus quiz que a terra fosse toda uma.
Que o mar unisse, já não separasse.
Sagrou-te, e fôste desvendando a espuma,

E a orla branca fôï de ilha em continente,
Clareou, correndo, até ao fim do mundo,
E viu-se a terra inteira, de repente,
Surgir, redonda, do azul profundo.

Quem te sagrou creou-te portuguez.
Do mar e nós em ti nos deu signal.
Cumpriu-se o Mar, e o Imperio se desfez.
Senhor, falta cumprir-se Portugal!

II. HORIZONTE

Ó MAR anterior a nós, teus medos
Tinham coral e praias e arvoredos.
Desvendadas a noite e a cerração,
As tormentas passadas e o mysterio,
Abria em flor o Longe, e o Sul siderio
Splendia sobre as naus da iniciação.

Linha severa da longinqua costa —
Quando a nau se aproxima ergue-se a encosta
Em árvores onde o Longe nada tinha;

Mais perto, abre-se a terra em sons e cores:
E, no desembarcar, ha aves, flores,
Onde era só, de longe a abstracta linha.

O sonho é ver as fórmãs invisíveis
Da distancia imprecisa, e, com sensíveis
Movimentos da esperança e da vontade,
Buscar na linha fria do horizonte
A arvore, a praia, a flor, a ave, a fonte —
Os beijos merecidos da Verdade.

III. PADRÃO

O ESFORÇO é grande e o homem é pequeno.
Eu, Diogo Cão, navegador, deixei
Este padrão ao pé do areal moreno
E para deante naveguei.

A alma é divina e a obra é imperfeita.
Este padrão signala ao vento e aos céus
Que, da obra ousada, é minha a parte feita:
O por-fazer é só com Deus.

E ao imenso e possível oceano
Ensinam estas Quinas, que aqui vês,
Que o mar com fim será grego ou romano:
O mar sem fim é portuguez.

E a cruz ao alto diz que o que me ha na alma
E faz a febre em mim de navegar
Só encontrará de Deus na eterna calma
O porto sempre por achar.

13-9-1918

IV. O MONSTRENGO

O MOSTRENGO que está no fim do mar
Na noite de breu ergueu-se a voar;
A roda da nau voou trez vezes,
Voou trez vezes a chiar,

E disse, "Quem é que ousou entrar
Nas minhas cavernas que não desvendo,
Meus tectos negros do fim do mundo?"
E o homem do leme disse, tremendo,
"El-Rei D. João Segundo!"

"De quem são as velas onde me roço?
De quem as quilhas que vejo e ouço?"
Disse o mostrengo, e rodou trez vezes,
Trez vezes rodou immundo e grosso,
"Quem vem poder o que só eu posso,
Que moro onde nunca ninguem me visse
E escorro os medos do mar sem fundo?"
E o homem do leme tremeu, e disse,
"El-Rei D. João Segundo!"

Trez vezes do leme as mãos ergueu,
Trez vezes ao leme as reprendeu,
E disse no fim de tremer trez vezes,
"Aqui ao leme sou mais do que eu:
Sou um Povo que quer o mar que é teu;
E mais que o mostrengo, que me a alma teme
E roda nas trevas do fim do mundo,
Manda a vontade, que me ata ao leme,
De El-Rei D. João Segundo!"

9-9-1918

V. EPITAPHIO DE BARTOLOMEU DIAS

JAZ AQUI, na pequena praia extrema,
O Capitão do Fim. Dobrado o Assombro,
O mar é o mesmo: já ninguem o tema!
Atlas, mostra alto o mundo no seu ombro.

VI. OS COLOMBOS

OUTROS haverão de ter
O que houvermos de perder.
Outros poderão achar

O que, no nosso encontrar,
Foi achado, ou não achado,
Segundo o destino dado.

Mas o que a elles não toca
É a Magia que evoca
O Longe e faz d'elle historia.
E porisso a sua gloria
É justa aureola dada
Por uma luz emprestada.

2-4-1934

VII. OCCIDENTE

COM DUAS mãos — o Acto e o Destino —
Desvendámos. No mesmo gesto, ao céu
Uma ergue o facho tremulo e divino
E a outra afasta o véu.

Fosse a hora que haver ou a que havia
A mão que ao Occidente o véu rasgou,
Foi alma a Sciencia e corpo a Ousadia
Da mão que desvendou.

Fosse Acaso, ou Vontade, ou Temporal
A mão que ergueu o facho que luziu,
Foi Deus a alma e o corpo Portugal
Da mão que o conduziu.

VIII. FERNÃO DE MAGALHÃES

NO VALLE clareia uma fogueira.
Uma dança sacode a terra inteira.
E sombras disformes e descompostas
Em clarões negros do valle vão
Subitamente pelas encostas,
Indo perder-se na escuridão.

De quem é a dança que a noite aterra?
São os Titans, os filhos da Terra,
Que dançam da morte do marinheiro
Que quiz cingir o materno vulto —
Cingil-o, dos homens, o primeiro —,
Na praia ao longe por fim sepulto.

Dançam, nem sabem que a alma ousada
Do morto ainda commanda a armada,
Pulso sem corpo ao leme a guiar
As naus no resto do fim do espaço:
Que até ausente soube cercar
A terra inteira com seu abraço.

Violou a Terra. Mas elles não
O sabem, e dançam na solidão;
E sombras disformes e descompostas,
Indo perder-se nos horizontes,
Galgam do valle pelas encostas
Dos mudos montes.

IX. ASCENSÃO DE VASCO DA GAMA

Os DEUSES da tormenta e os gigantes da terra
Suspendem de repente o odio da sua guerra
E pasmam. Pelo valle onde se ascende aos céus
Surge um silencio, e vae, da nevoa ondeando os véus,
Primeiro um movimento e depois um assombro.
Ladeiam-o, ao durar, os medos, hombro a hombro,
E ao longe o rastro ruge em nuvens e clarões

Em baixo, onde a terra é, o pastor gela, e a flauta
Cahe-lhe, e em extase vê, à luz de mil trovões,
O céu abrir o abysmo à alma do Argonauta.

10-1-1922

X. MAR PORTUGUEZ

Ó MAR SALGADO, quanto do teu sal
São lagrimas de Portugal!

Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão resaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abysmo deu,
Mas nelle é que espelhou o céu.

XI. A ULTIMA NAU

LEVANDO a bordo El-Rei D. Sebastião,
E erguendo, como um nome, alto o pendão
Do Império,
Foi-se a ultima nau, ao sol aziago
Erma, e entre choros de ancia e de presago
Mysterio.

Não voltou mais. A que ilha indescoberta
Aportou? Voltará da sorte incerta
Que teve?
Deus guarda o corpo e a fórma do futuro,
Mas Sua luz projecta-o, sonho escuro
E breve.

Ah, quanto mais ao povo a alma falta,
Máis a minha alma atlantica se exalta
E entorna,
E em mim, num mar que não tem tempo ou espaço,
Vejo entre a cerração teu vulto baço
Que torna.

Não sei a hora, mas sei que ha a hora,
Demore-a Deus, chame-lhe a alma embora
Mysterio.
Surges ao sol em mim, e a nevoa finda:
A mesma, e trazes o pendão ainda
Do Imperio.

XII. PRECE

SENHOR, a noite veio e a alma é vil.
Tanta foi a tormenta e a vontade!
Restam-nos hoje, no silêncio hostil,
O mar universal e a saúde.

Mas a chamma, que a vida em nós creou,
Se ainda ha vida ainda não é finda.
O frio morto em cinzas a ocultou:
A mão do vento pode erguel-a ainda.

Dá o sopro, a aragem, — ou desgraça ou ancia —,
Com que a chamma do esforço se remoça,
E outra vez conquistemos a Distância —
Do mar ou outra, mas que seja nossa!

31-12-1921 / 1-1-1922

TERCEIRA PARTE / O ENCOBERTO

Pax in Excelsis

I. OS SYMBOLOS

PRIMEIRO / D. SEBASTIÃO

SPERAE! Cahi no areal e na hora adversa
Que Deus concede aos seus
Para o intervallo em que esteja a alma immersa
Em sonhos que são Deus.

Que importa o areal e a morte e a desventura
Se com Deus me guardei?
É O que eu me sonhei que eterno dura,
É Esse que regressarei.

SEGUNDO / O QUINTO IMPÉRIO

TRISTE de quem vive em casa,
Contente com o seu lar,
Sem que um sonho, no erguer de asa
Faça até mais rubra a brasa
Da lareira a abandonar!

Triste de quem é feliz!
Vive porque a vida dura.
Nada na alma lhe diz
Mas que a lição da raiz —
Ter por vida a sepultura.

Eras sobre eras se somem
No tempo que em eras vem.
Ser descontente é ser homem.
Que as forças cegas se domem
Pela visão que a alma tem!

E assim, passados os quatro
Tempos do ser que sonhou,
A terra será teatro
Do dia claro, que no atro
Da erma noite começou.

Grecia, Roma, Cristandade,
Europa — os quatro se vão
Para onde vae toda idade.
Quem vem viver a verdade
Que morreu D. Sebastião?

21-2-1933

TERCEIRO / O DESEJADO

ONDE QUER que, entre sombras e dizeres,
Jazas, remoto, sente-te sonhado,
E ergue-te do fundo de não-seres
Para teu novo fado!

Vem, Galaaz com patria, erguer de novo,
Mas já no auge da suprema prova,
A alma penitente do teu povo
À Eucharistia Nova.

Mestre da Paz, ergue teu gladio ungado,
Excalibur do Fim, em geito tal
Que sua Luz ao mundo dividido
Revele o Santo Gral!

18-1-1934

QUARTO / AS ILHAS AFORTUNADAS

QUE VOZ VEM no som das ondas
Que não é a voz do mar?
É a voz de alguém que nos falla,
Mas que, se escutarmos, cala,
Por ter havido escutar.

E só se, meio dormindo,
Sem saber de ouvir ouvimos,
Que ella nos diz a esperança
A que, como uma criança
Dormente, a dormir sorrímos.

São ilhas afortunadas,
São terras sem ter lugar,
Onde o Rei mora esperando.
Mas, se vamos despertando,
Cala a voz, e ha só o mar.

26-3-1934

QUINTO / O ENCOBERTO

QUE SYMBOLO fecundo
Vem na aurora anciosa?
Na Cruz Morta do Mundo
A Vida, que é a Rosa.

Que symbolo divino
Traz o dia já visto?
Na Cruz, que é o Destino,
A Rosa, que é o Christo.

Que symbolo final
Mostra o sol já desperto?
Na Cruz morta e fatal
A Rosa do Encoberto.

21-2-1933/11-2-1934

II. OS AVISOS

PRIMEIRO / O BANDARRA

SONHAVA, anonymo e disperso,
O Imperio por Deus mesmo visto,
Confuso como o Universo
E plebeu como Jesus Christo

Não foi nem santo nem heroe,
Mas Deus sagrou com Seu signal
Este, cujo coração foi
Não portuguez mas Portugal.

28-3-1930

SEGUNDO / ANTONIO VIEIRA

O CÉU STRELLA o azul e tem grandeza.
Este, que teve a fama e à glória tem,
Imperador da lingua portuguesa,
Foi-nos um céu também.

No immenso espaço seu de meditar,
Constellado de fórma e de visão,
Surge, prenuncio claro do luar,
El-Rei D. Sebastião.

Mas não, não é luar: é luz e ethereo.
É um dia; e, no céu amplo de desejo,
A madrugada irreal do Quinto Imperio
Doira as margens do Tejo.

31-7-1929

TERCEIRO

SCREVO meu livro à beira-magua.
Meu coração não tem que ter.
Tenho meus olhos quentes de água.
Só tu, Senhor, me dás viver.

Só te sentir e te pensar
Meus dias vacuos enche e doura.
Mas quando quererás voltar?
Quando é o Rei? Quando é a Hora?

Quando virás a ser o Christo
De a quem morreu o falso Deus,
E a despertar do mal que existo
A Nova Terra e os Novos Céus?

Quando virás, ó Encoberto,
Sonho das eras portuguez,
Tornar-me mais que o sopro incerto
De um grande aneio que Deus fez?

Ah, quando quererás, voltando,
Fazer minha esperança amor?
Da nevoa e da saudade quando?
Quando, meu Sonho e meu Senhor?

10-12-1928

III. OS TEMPOS

PRIMEIRO / NOITE

A NAU de um d'elles tinha-se perdido
No mar indefinido.
O segundo pediu licença ao Rei
De, na fé e na lei
Da descoberta, ir em procura
Do irmão no mar sem fim e a nevoa escura.

Tempo foi. Nem primeiro nem segundo
Volveu do fim profundo
Do mar ignoto à patria por quem dera
O enigma que fizera.
Então o terceiro a El-Rei rogou
Licença de os buscar, e El-Rei negou.

*

Como a um captivo, o ouvem a passar
Os servos do solar.
E, quando o vêem, vêem a figura
Da febre e da amargura,
Com fixos olhos rasos de ancia
Fitando a prohibida azul distancia.

*

Senhor, os dois irmãos do nosso Nome
O Poder e o Renome —
Ambos se foram pelo mar da idade
À tua eternidade;
E com elles de nós se foi
O que faz a alma poder ser de heroe,
Queremos ir buscál-os, d'esta vil
Nossa prisão servil:
É a busca de quem somos, na distancia
De nós; e, em febre de ancia,
A Deus as mãos alçamos.

Mas Deus não dá licença que partamos.

SEGUNDO / *TORMENTA*

QUE JAZ no abysmo sob o mar que se ergue?
Nós, Portugal, o poder ser.
Que inquietação do fundo nos soergue?
O desejar poder querer.

Isto, e o mysterio de que a noite é o fausto...
Mas subito, onde o vento ruge,
O relâmpago, pharol de Deus, um hausto
Brilha, e o mar scuro struge.

26-2-1934

TERCEIRO / *CALMA*

QUE COSTA é que as ondas contam
E se não pode encontrar
Por mais naus que haja no mar?
O que é que as ondas encontram
E nunca se vê surgindo?
Este som de o mar praiar
Onde é que está existindo?

Ilha proxima e remota,
Que nos ouvidos persiste,
Para a vista não existe.
Que nau, que armada, que frota
Pode encontrar o caminho
À praia onde o mar insiste,
Se à vista o mar é sósinho?

Haverá rasgões no espaço
Que dêem para outro lado,
E que, um d'elles encontrado.
Aqui, onde ha só sargaço.
Surja uma ilha velada,
O paiz afortunado
Que guarda o Rei desterrado
Em sua vida encantada?

15-2-1934

QUARTO / ANTEMANHÃ

O MOSTRENGO que está no fim do mar
Veio das trevas a procurar
A madrugada do novo dia,
Do novo dia sem acabar;
E disse, "Quem é que dorme a lembrar
Que desvendou o Segundo Mundo,
Nem o Terceiro quer desvendar?"

E o som na treva de elle rodar
Faz mau o somno, triste o sonhar,
Rodou e foi-se o mostrengo servo
Que seu senhor veio aqui buscar.
Que veio aqui seu senhor chamar —
Chamar Aquele que está dormindo
E foi outrora Senhor do Mar.

8-7-1933

QUINTO / NEVOEIRO

NEM REI nem lei, nem paz nem guerra,
Define com perfil e ser
Este fulgor baço da terra
Que é Portugal a entristecer —
Brilho sem luz e sem arder,
Como o que o fogo-fatuo encerra.

Ninguém sabe que coisa quere.
Ninguém conhece que alma tem,
Nem o que é mal nem o que é bem.
(Que ancia distante perto chora?)
Tudo é incerto e derradeiro.
Tudo é disperso, nada é inteiro.
Ó Portugal, hoje és nevoeiro...

É a Hora!

10-12-1928

Valete, Fratres.

QUINTO IMPÉRIO

VIBRA, clarim, cuja voz diz.
Que outrora ergueste o grito real
Por D. João, Mestre de Aviz,
E Portugal!

Vibra, grita aquele hausto fundo
Com que impeliste, como um remo,
Em El-Rei D. João Segundo
O Império extremo!

Vibra, sem lei ou com lei,
Como aclamaste outrora em vão
O morto que hoje é vivo — El-Rei
D. Sebastião!

Vibra chamando, e aqui convoca
O inteiro exército fadado
Cujas extensões os pólos toca
Do mundo dado!

Aquele exército que é feito
Do quanto em Portugal é o mundo
E enche este mundo vasto e estreito
De ser profundo.

Para a obra que há que prometer
Ao nosso esforço alado em si,
Convoco todos sem saber
(É a Hora!) aqui!

Os que, soldados da alta glória,
Deram batalhas com um nome,
E de cuja alma a voz da história
Tem sede e fome.

E os que, pequenos e mesquinhos,
No ver e crer da externa sorte,
Convoco todos sem saber
Com vida e morte.

Sim, estes, os plebeus do Império,
Heróis sem ter para quem o ser,
Chama-os aqui, ó som etéreo
Que vibra a arder!

E, se o futuro é já presente
Na visão de quem sabe ver,
Convoca aqui eternamente
Os que hão de ser!

Todos, todos! A hora passa,
O gênio colhe-a quando vai.
Vibra! Forma outra e a mesma raça
Da que se esvai.

A todos, todos, feitos num
Que é Portugal, sem lei nem fim,
Convoca, e, erguendo-os um a um,
Vibra, clarim!

E outros, e outros, gente vária,
Oculta neste mundo misto.
Seu peito atrai, rubra e templária,
A Cruz de Cristo.

Glosam, secretos, altos motes,
Dados no idioma do Mistério —
Soldados não, mas sacerdotes,
Do Quinto Império.

Aqui! Aqui! Todos que são
O Portugal que é tudo em si,
Venham do abismo ou da ilusão,
Todos aqui!

Armada intérmina surgindo,
Sobre ondas de uma vida estranha.
Do que por haver ou do que é vindo —
É o mesmo: venha!

Vós não soubestes o que havia
No fundo incógnito da raça,
Nem como a Mão, que tudo guia,
Seus planos traça.

Mas um instinto involuntário,
Um ímpeto de Portugal,
Encheu vosso destino vário
De um dom fatal.

De um rasgo de ir além de tudo,
De passar para além de Deus,
E, abandonando o Gládio e o escudo,
Galgar os céus.

Titãs de Cristo! Cavaleiros
De uma cruzada além dos astros,
De que esses astros, aos milheiros,
São só os rastros.

Vibra, estandarte feito som,
No ar do mundo que há de ser.
Nada pequeno é justo e bom.
Vibra a vencer!

Transcende a Grécia e a sua história
Que em nosso sangue continua!
Deixa atrás Roma e a sua glória
E a Igreja sua!

Depois transcende esse furor
E a todos chama ao mundo visto.
Hereges por um Deus maior
E um novo Cristo!

Vinde aqui todos os que sois,
Sabendo-o bem, sabendo-o mal,
Poetas, ou Santos ou Heróis
De Portugal.

Não foi para servos que nascemos
De Grécia ou Roma ou de ninguém.
Tudo negamos e esquecemos:
Fomos para além.

Vibra, clarim, mais alto! Vibra!
Grita a nossa ânsia já ciente
Que o seu inteiro vôo libra
De poente a oriente.

Vibra, clarim! A todos chama!
Vibra! E tu mesmo, voz a arder,
O Portugal de Deus proclama
Com o fazer!

O Portugal feito Universo,
Que reúne, sob amplos céus,
O corpo anônimo e disperso
De Osíris, Deus.

O Portugal que se levanta
Do fundo surdo do Destino.
E, como a Grécia, obscuro canta
Baco divino.

Aquele inteiro Portugal,
Que, universal perante a Cruz,
Reza, ante a Cruz universal,
Do Deus Jesus.

1923-1935

[CANCIONEIRO]

NOTA PRELIMINAR*

1 — EM TODO o momento de atividade mental acontece em nós um duplo fenômeno de percepção: ao mesmo tempo que temos consciência dum estado de alma, temos diante de nós, impressionando-nos os sentidos que estão virados para o exterior, uma paisagem qualquer, entendendo por paisagem, para conveniência de frases, tudo o que forma o mundo exterior num deter-

minado momento da nossa percepção.

2 — Todo o estado de alma é uma paisagem. Isto é, todo o estado de alma é não só representável por uma paisagem, mas verdadeiramente uma paisagem. Há em nós um espaço interior onde a matéria da nossa vida física se agita. Assim uma tristeza é um lago morto dentro de nós, uma alegria um dia de

* Apontamento solto de Fernando Pessoa (?); s.d.; não assinado; publicado, pela primeira vez, na primeira edição da *Obra Poética* de Fernando Pessoa, RJ, Aguilar, 1960.

sol no nosso espírito. E — mesmo que se não queira admitir que todo o estado de alma é uma paisagem — pode ao menos admitir-se que todo o estado de alma se pode representar por uma paisagem. Se eu disser “Há sol nos meus pensamentos”, ninguém compreenderá que os meus pensamentos estão tristes.

3 — Assim, tendo nós, ao mesmo tempo, consciência do exterior e do nosso espírito, e sendo o nosso espírito uma paisagem, temos ao mesmo tempo consciência de duas paisagens. Ora, essas paisagens fundem-se, interpenetram-se, de modo que o nosso estado de alma, seja ele qual for, sofre um pouco da paisagem que estamos vendo — num dia de sol uma

alma triste não pode estar tão triste como num dia de chuva — e, também, a paisagem exterior sofre do nosso estado de alma — é de todos os tempos dizer-se, sobretudo em verso, coisas como que “na ausência da amada o sol não brilha”, e outras coisas assim. De maneira que a arte que queira representar bem a realidade terá de a dar através duma representação simultânea da paisagem interior e da paisagem exterior. Resulta que terá de tentar dar uma intersecção de duas paisagens. Tem de ser duas paisagens, mas pode ser — não se querendo admitir que um estado de alma é uma paisagem — que se queira simplesmente interseccionar um estado de alma (puro e simples sentimento) com a paisagem exterior. [...]

ANÁLISE

TÃO ABSTRATA é a idéia do teu ser
Que me vem de te olhar, que, ao entreter
Os meus olhos nos teus, perco-os de vista,
E nada fica em meu olhar, e dista
Teu corpo do meu ver tão longemente,
E a idéia do teu ser fica tão rente
Ao meu pensar olhar-te, e ao saber-me
Sabendo que tu és, que, só por ter-me
Consciente de ti, nem a mim sinto.
E assim, neste ignorar-me a ver-te, minto
A ilusão da sensação, e sonho,
Não te vendo, nem vendo, nem sabendo
Que te vejo, ou sequer que sou, risonho
Do interior crepúsculo tristonho
Em que sinto que sonho o que me sinto sendo.

12-1911

IMPRESSÕES DO CREPÚSCULO

PAUIS DE ROÇAREM ânsias pela minh'alma em ouro...
Dobre o longínquo de Outros Sinos... Empalidece o louro
Trigo na cinza do poente... Corre um frio carnal por minh'
alma...
Tão sempre a mesma, a Hora!... Balouçar de cimos de palma!...
Silêncio que as folhas fitam em nós... Outono delgado
Dum canto de vaga ave... Azul esquecido em estagnado...
Oh que mudo grito de ânsia põe garras na Hora!
Que pasmo de mim anseia por outra coisa que o que chora!
Estendo as mãos para além, mas ao estendê-las já vejo
Que não é aquilo que quero aquilo que desejo...
Címbalos de Imperfeição... Ó tão antigüidade

A Hora expulsa de si-Tempo! Onda de recuo que invade
O meu abandonar-me a mim próprio até desfalecer,
E recordar tanto o Eu presente que me sinto esquecer!...
Fluido de auréola, transparente de Foi, oco de ter-se...
O Mistério sabe-me a eu ser outro... Luar sobre o não conter-se...
A sentinela é hirta — a lança que finca no chão
É mais alta do que ela... Para que é tudo isto... Dia chão...
Trepadeiras de despropósito lambendo de Hora os Aléns...
Horizontes fechando os olhos ao espaço em que são elos de erro...
Fanfarras de ópios de silêncios futuros... Longes trens...
Portões vistos longe... através de árvores... tão de ferro!

29-3-1913

HORA ABSURDA

O TEU SILÊNCIO é uma nau com todas as velas pandas...
Brandas, as brisas brincam nas flâmulas, teu sorriso...
E o teu sorriso no teu silêncio é as escadas e as andas
Com que me finjo mais alto e ao pé de qualquer paraíso...

Meu coração é uma ânfora que cai e que se parte...
O teu silêncio recolhe-o e guarda-o, partido, a um canto...
Minha idéia de ti é um cadáver que o mar traz à praia..., e
entanto
Tu és a tela irreal em que erro em cor a minha arte...

Abre todas as portas e que o vento varra a idéia
Que temos de que um fumo perfuma de ócio os salões...
Minha alma é uma caverna enchida p'la maré cheia,
E a minha idéia de te sonhar uma caravana de histriões...

Chove ouro baço, mas não no lá-fora... É em mim... Sou a Hora,
E a Hora é de assombros e toda ela escombros dela...
Na minha atenção há uma viúva pobre que nunca chora...
No meu céu interior nunca houve uma única estrela...

Hoje o céu é pesado como a idéia de nunca chegar a um porto...
A chuva miúda é vazia... A Hora sabe a ter sido...
Não haver qualquer coisa como leitos para as naus!... Absorto
Em se alhear de si, teu olhar é uma praga sem sentido...

Todas as minhas horas são feitas de jaspe negro,
Minhas ânsias todas talhadas num mármore que não há,
Não é alegria nem dor esta dor com que me alegro,
E a minha bondade inversa não é nem boa nem má...

Os feixes dos lictores abriram-se à beira dos caminhos...
Os pendões das vitórias medievais nem chegaram às cruzadas...
Puseram in-fólios úteis entre as pedras das barricadas...
E a erva cresceu nas vias férreas com viços daninhos...

Ah, como esta hora é velha!... E todas as naus partiram!
Na praia só um cabo morto e uns restos de vela falam
De Longe, das horas do Sul, de onde os nossos sonhos tiram
Aquela angústia de sonhar mais que até para si calam...

O palácio está em ruínas... Dói ver no parque o abandono
Da fonte sem repuxo... Ninguém ergue o olhar da estrada
E sente saudades de si ante aquele lugar-outono...
Esta paisagem é um manuscrito com a frase mais bela cortada...

A doida partiu todos os candelabros glabros,
Sujou de humano o lago com cartas rasgadas, muitas...
E a minha alma é aquela luz que não mais haverá nos
candelabros...
E que querem ao lago aziago minhas ânsias, brisas fortuitas?...

Por que me aflijo e me enfermo?... Deitam-se nuas ao luar
Todas as ninfas... Veio o sol e já tinham partido...
O teu silêncio que me embala é a idéia de naufragar,
E a idéia de a tua voz soar a lira dum Apolo fingido...

Já não há caudas de pavões todas olhos nos jardins de outrora...
As próprias sombras estão mais tristes... Ainda
Há rastros de vestes de aias (parece) no chão, e ainda chora
Um como que eco de passos pela alameda que eis finda...

Todos os ocasos fundiram-se na minha alma...
As relvas de todos os prados foram frescas sob meus pés frios...
Secou em teu olhar a idéia de te julgares calma,
E eu ver isso em ti é um porto sem navios...

Ergueram-se a um tempo todos os remos... Pelo ouro das searas
Passou uma saudade de não serem o mar... Em frente
Ao meu trono de alheamento há gestos com pedras raras...
Minha alma é uma lâmpada que se apagou e ainda está quente...

Ah, e o teu silêncio é um perfil de píncaro ao sol!
Todas as princesas sentiram o seio oprimido...
Da última janela do castelo só um girassol
Se vê, e o sonhar que há outros põe brumas no nosso sentido...

Sermos, e não sermos mais!... Ó leões nascidos na jaula!...
Repique de sinos para além, no Outro Vale... Perto?...
Arde o colégio e uma criança ficou fechada na aula...
Por que não há de ser o Norte o Sul?... O que está descoberto?...

E eu deliro... De repente pauso no que penso... Fito-te
E o teu silêncio é uma cegueira minha... Fito-te e sonho...
Há coisas rubras e cobras no modo como medito-te,
E a tua idéia sabe à lembrança de um sabor de medonho...

Para que não ter por ti desprezo? Por que não perdê-lo?...
Ah, deixa que eu te ignore... O teu silêncio é um leque —
Um leque fechado, um leque que aberto seria tão belo, tão belo,
Mas mais belo é não o abrir, para que a Hora não peque...

Gelaram todas as mãos cruzadas sobre todos os peitos...
Murcharam mais flores do que as que havia no jardim...
O meu amar-te é uma catedral de silêncios eleitos,
E os meus sonhos uma escada sem princípio mas com fim...

Alguém vai entrar pela porta... Sente-se o ar sorrir...
Tecedeadas viúvas gozam as mortalhas de virgens que tecem...
Ah, o teu tédio é uma estátua de uma mulher que há de vir,
O perfume que os crisântemos teriam, se o tivessem...

É preciso destruir o propósito de todas as pontes,
Vestir de alheamento as paisagens de todas as terras,
Endireitar à força a curva dos horizontes,
E gemer por ter de viver, como um ruído brusco de serras...

Há tão pouca gente que ame as paisagens que não existem!...
Saber que continuará a haver o mesmo mundo amanhã — como
nos desalegra!...

Que o meu ouvir o teu silêncio não seja nuvens que atristem
O teu sorriso, anjo exilado, e o teu tédio, auréola negra...

Suave, como ter mãe e irmãs, a tarde rica desce...
Não chove já, e o vasto céu é um grande sorriso imperfeito...
A minha consciência de ter consciência de ti é uma prece,
E o meu saber-te a sorrir é uma flor murcha a meu peito...

Ah, se fôssemos duas figuras num longínquo vitral! . . .
Ah, se fôssemos as duas cores de uma bandeira de glória! . . .
Estátua acéfala posta a um canto, poeirenta pia batismal,
Pendão de vencidos tendo escrito ao centro este lema — *Vitória!*

O que é que me tortura? . . . Se até a tua face calma
Só me enche de tédios e de ópios de ócios medonhos . . .
Não sei . . . Eu sou um doido que estranha a sua própria alma . . .
Eu fui amado em efígie num país para além dos sonhos . . .

4-7-1913

ALÉM-DEUS

I / *ABISMO*

OLHO O TEJO, e de tal arte
Que me esquece olhar olhando,
E súbito isto me bate
De encontro ao devaneando —
O que é ser-rio, e correr?
O que é está-lo eu a ver?

Sinto de repente pouco,
Vácuo, o momento, o lugar.
Tudo de repente é oco —
Mesmo o meu estar a pensar.
Tudo — eu e o mundo em redor —
Fica mais que exterior.

Perde tudo o ser, ficar,
E do pensar se me some.
Fico sem poder ligar
Ser, idéia, alma de nome
A mim, à terra e aos céus . . .

E súbito encontro Deus.

II / *PASSOU*

Passou, fora de Quando,
De Porquê, e de Passando . . . ,

Turbilhão de Ignorado,
Sem ter turbilhonado...

Vasto por fora do Vasto
Sem ser, que a si se assombra...

O Universo é o seu rasto...
Deus é a sua sombra...

III / A VOZ DE DEUS

Brilha uma voz na noute...
De dentro de Fora ouvi-a...
Ó Universo, eu sou-te...
Oh, o horror da alegria
Deste pavor, do archote
Se apagar, que me guia!

Cinzas de idéia e de nome
Em mim, e a voz: *Ó mundo,*
Sermente em ti eu sou-me...
Mero eco de mim, me inundo
De ondas de negro lume
Em que para Deus me afundo.

IV / A QUEDA

Da minha idéia do mundo
Caí...

Vácuo além de profundo,
Sem ter Eu nem Ali...

Vácuo sem si-próprio, caos
De ser pensado como ser...
Escada absoluta sem degraus...
Visão que se não pode ver...

Além-Deus! Além-Deus! Negra calma...
Clarão de Desconhecido...
Tudo tem outro sentido, ó alma,
Mesmo o ter-um-sentido...

V / BRAÇO SEM CORPO BRANDINDO UM GLÁDIO

Entre a árvore e o vê-la
Onde está o sonho?
Que arco da ponte mais vela
Deus?... E eu fico tristonho
Por não saber se a curva da ponte
É a curva do horizonte...

Entre o que vive e a vida
Pra que lado corre o rio?
Árvore de folhas vestida —
Entre isso e Árvore há fio?
Pombas voando — o pombal
Está-lhes sempre à direita, ou é real?

Deus é um grande Intervalo,
Mas entre quê e quê?...
Entre o que digo e o que calo
Existo? Quem é que me vê?
Erro-me... E o pombal elevado
Está em torno na pomba, ou de lado?

[1913?]

CHUVA OBLÍQUA

I

ATRAVESSA esta paisagem o meu sonho dum porto infinito
E a cor das flores é transparente de as velas de grandes navios
Que largam do cais arrastando nas águas por sombra
Os vultos ao sol daquelas árvores antigas...

O porto que sonho é sombrio e pálido
E esta paisagem é cheia de sol deste lado...
Mas no meu espírito o sol deste dia é porto sombrio
E os navios que saem do porto são estas árvores ao sol...

Liberto em duplo, abandonei-me da paisagem abaixo...
O vulto do cais é a estrada nítida e calma
Que se levanta e se ergue como um muro,
E os navios passam por dentro dos troncos das árvores
Com uma horizontalidade vertical,
E deixam cair amarras na água pelas folhas uma a uma dentro...

Não sei quem me sonho . . .
Súbito toda a água do mar do porto é transparente
E vejo no fundo, como uma estampa enorme que lá estivesse
desdobrada,
Esta paisagem toda, renque de árvore, estrada a arder em aquele
porto,
E a sombra duma nau mais antiga que o porto que passa
Entre o meu sonho do porto e o meu ver esta paisagem
E chega ao pé de mim, e entra por mim dentro,
E passa para o outro lado da minha alma . . .

II

Ilumina-se a igreja por dentro da chuva deste dia,
E cada vela que se acende é mais chuva a bater na vidraça . . .
Alegra-me ouvir a chuva porque ela é o templo estar aceso,
E as vidraças da igreja vistas de fora são o som da chuva ouvido
por dentro . . .
O esplendor do altar-mor é o eu não poder quase ver os montes
Através da chuva que é ouro tão solene na toalha do altar . . .
Soa o canto do coro, latino e vento a sacudir-me a vidraça
E sente-se chiar a água no fato de haver coro . . .
A missa é um automóvel que passa
Através dos fiéis que se ajoelham em hoje ser um dia triste . . .
Súbito vento sacode em esplendor maior
A festa da catedral e o ruído da chuva absorve tudo
Até só se ouvir a voz do padre água perder-se ao longe
Com o som de rodas de automóvel . . .
E apagam-se as luzes da igreja
Na chuva que cessa . . .

III

A Grande Esfinge do Egito sonha por este papel dentro . . .
Escrevo — e ela aparece-me através da minha mão transparente
E ao canto do papel erguem-se as pirâmides . . .
Escrevo — perturbo-me de ver o bico da minha pena
Ser o perfil do rei Quéops . . .
De repente paro . . .
Escureceu tudo . . . Caio por um abismo feito de tempo . . .

Estou soterrado sob as pirâmides a escrever versos à luz clara
dêste candeeiro
E todo o Egito me esmaga de alto através dos traços que faço
com a pena...

Ouço a Esfinge rir por dentro
O som da minha pena a correr no papel...
Atravessa o eu não poder vê-la uma mão enorme,
Varre tudo para o canto do teto que fica por detrás de mim,
E sobre o papel onde escrevo, entre ele e a pena que escreve
Jaz o cadáver do rei Quéops, olhando-me com olhos muito
abertos,

E entre os nossos olhares que se cruzam corre o Nilo
E uma alegria de barcos embandeirados erra
Numa diagonal difusa
Entre mim e o que eu penso...

Funerais do rei Quéops em ouro velho e Mim!...

IV

Que pandeiretas o silêncio deste quarto!...
As paredes estão na Andaluzia...
Há danças sensuais no brilho fixo da luz...
De repente todo o espaço pára...,
Pára, escorrega, desembrulha-se...,
E num canto do teto, muito mais longe do que ele está,
Abrem mãos brancas janelas secretas
E há ramos de violetas caindo
De haver uma noite de Primavera lá fora
Sobre o eu estar de olhos fechados...

V

Lá fora vai um redemoinho de sol os cavalos do *carrousel*...
Árvores, pedras, montes bailam parados dentro de mim...
Noite absoluta na feira iluminada, luar no dia de sol lá fora,
E as luzes todas da feira fazem ruídos dos muros do quintal...
Ranchos de raparigas de bilha à cabeça
Que passam lá fora, cheias de estar sob o sol,
Cruzam-se com grandes grupos peganhentos de gente que anda
na feira.
Gente toda misturada com as luzes das barracas, com a noite e
com o luar,

E os dois grupos encontram-se e penetram-se
Até formarem só um que é os dois...
A feira e as luzes da feira e a gente que anda na feira,
E a noite que pega na feira e a levanta no ar,
Andam por cima das copas das árvores cheias de sol,
Andam visivelmente por baixo dos penedos que luzem ao sol,
Aparecem do outro lado das bilhas que as raparigas levam à
cabeça,
E toda esta paisagem de primavera é a lua sobre a feira,
E toda a feira com ruídos e luzes é o chão deste dia de sol...

De repente alguém sacode esta hora dupla como numa peneira
E, misturado, o pó das duas realidades cai
Sobre as minhas mãos cheias de desenhos de portos
Com grandes naus que se vão e não pensam em voltar...
Pó de oiro branco e negro sobre os meus dedos...
As minhas mãos são os passos daquela rapariga que abandona
a feira,
Sozinha e contente como o dia hoje...

VI

O maestro sacode a batuta,
A lânguida e triste a música rompe...

Lembra-me a minha infância, aquele dia
Em que eu brincava ao pé dum muro de quintal
Atirando-lhe com uma bola que tinha dum lado
O deslizar dum cão verde, e do outro lado
Um cavalo azul a correr com um *jockey* amarelo...

Prossegue a música, e eis na minha infância
De repente entre mim e o maestro, muro branco,
Vai e vem a bola, ora um cão verde,
Ora um cavalo azul com um *jockey* amarelo...

Todo o teatro é o meu quintal, a minha infância
Está em todos os lugares, e a bola vem a tocar música,
Uma música triste e vaga que passeia no meu quintal
Vestida de cão verde tornando-se *jockey* amarelo...
(Tão rápida gira a bola entre mim e os músicos...)

Atiro-a de encontro à minha infância e ela
Atravessa o teatro todo que está aos meus pés
A brincar com um *jockey* amarelo e um cão verde
E um cavalo azul que aparece por cima do muro
Do meu quintal... E a música atira com bolas
À minha infância... E o muro do quintal é feito de gestos
De batuta e rotações confusas de cães verdes
E cavalos azuis e *jockeys* amarelos...

Todo o teatro é um muro branco de música
Por onde um cão verde corre atrás de minha saudade
Da minha infância, cavalo azul com um *jockey* amarelo...

E dum lado para o outro, da direita para a esquerda,
Donde há árvores e entre os ramos ao pé da copa
Com orquestras a tocar música,
Para onde há filas de bolas na loja onde a comprei
E o homem da loja sorri entre as memórias da minha infância...

E a música cessa como um muro que desaba,
A bola rola pelo despenhadeiro dos meus sonhos interrompidos,
E do alto dum cavalo azul, o maestro, *jockey* amarelo tornando-se
preto,
Agradece, pousando a batuta em cima da fuga dum muro,
E curva-se, sorrindo, com uma bola branca em cima da cabeça,
Bola branca que lhe desaparece pelas costas abaixo...

PASSOS DA CRUZ

I

ESQUEÇO-ME das horas transviadas...
O Outono mora mágoas nos outeiros
E põe um roxo vago nos ribeiros...
Hóstia de assombro a alma, e toda estradas...

Aconteceu-me esta paisagem, fadas
De sepulcros a orgíaco... Trigueiros
Os céus da tua face, e os derradeiros
Tons do poente segredam nas arcadas...

No claustro seqüestrando a lucidez
Um espasmo apagado em ódio à ânsia
Põe dias de ilhas vistas do convés

No meu cansaço perdido entre os gelos,
E a cor do outono é um funeral de apelos
Pela estrada da minha dissonância...

II

Há um poeta em mim que Deus me disse...
A Primavera esquece nos barrancos
As grinaldas que trouxe dos arrancos
Da sua efêmera e espectral ledice...

Pelo prado orvalhado a meninice
Faz soar a alegria os seus tamancos...
Pobre de anseios teu ficar nos bancos
Olhando a hora como quem sorrisse...

Florir do dia a capitéis de Luz...
Violinos do silêncio enternecidos...
Tédio onde o só ter tédio nos seduz...

Minha alma beija o quadro que pintou...
Sento-me ao pé dos séculos perdidos
E cismo o seu perfil de inércia e vôo...

III

Adagas cujas jóias velhas galas...
Opalesci amar-me entre mãos raras,
E fluido a febres entre um lembrar de aras,
O convés sem ninguém cheio de malas...

O íntimo silêncio das opalas
Conduz orientes até jóias caras,
E o meu anseio vai nas rotas claras
De um grande sonho cheio de ócio e salas...

Passa o cortejo imperial, e ao longe
O povo só pelo cessar das lanças
Sabe que passa o seu tirano, e estruge

Sua ovação, e erguem as crianças...
Mas no teclado as tuas mãos pararam
E indefinidamente repousaram...

IV

Ó tocadora de harpa, se eu beijasse
Teu gesto, sem beijar as tuas mãos!,
E, beijando-o, descesse p'los desvãos
Do sonho, até que enfim eu o encontrasse

Tornado Puro Gesto, gesto-face
Da medalha sinistra — reis cristãos
Ajoelhando, inimigos, e irmãos,
Quando processional o andor passasse!...

Teu gesto que arrepanha e se extasia...
O teu gesto completo, lua fria
Subindo, e embaixo, negros, os juncais...

Caverna em estalactites o teu gesto...
Não poder eu prendê-lo, fazer mais
Que vê-lo, e que perdê-lo!... E o sonho é o resto...

V

Tênue, roçando sédas pelas horas,
Teu vulto ciciante passa e esquece,
E dia a dia adias para prece
O rito cujo ritmo só decoras...

Um mar longínquo e próximo umedece
Teu lábios onde, mais que em ti, descoras...
E, alada, leve, sobre a dor que choras,
Sem qu'rer saber de ti a tarde desce...

Erra no anteluar a voz dos tanques...
Na quinta imensa gorgolejam águas,
Na treva vaga ao meu ter dor estanques...

Meu império é das horas desiguais,
E dei meu gesto lasso às algas mágoas
Que há para além de sermos outonais...

VI

Venho de longe e trago no perfil,
Em forma nevoenta e afastada,
O perfil de outro ser que desagrada
Ao meu atual recorte humano e vil.

Outrora fui talvez, não Boabdil,
Mas o seu mero último olhar, da estrada
Dado ao deixado vulto de Granada,
Recorte frio sob o unido anil...

Hoje sou a saudade imperial
Do que já na distância de mim vi...
Eu próprio sou aquilo que perdi...

E nesta estrada para Desigual
Florem em esguia glória marginal
Os girassóis do império que morri...

VII

Fosse eu apenas, não sei onde ou como,
Uma coisa existente sem viver,
Noite de Vida sem amanhecer
Entre as sirtes do meu doirado assomo...

Fada maliciosa ou incerto gnomo
Fadado houvesse de não pertencer
Meu intuito gloriola com ter
A árvore do meu uso o único pomo...

Fosse eu uma metáfora somente
Escrita nalgum livro insubsistente
Dum poeta antigo, de alma em outras gamas,

Mas doente, e, num crepúsculo de espadas,
Morrendo entre bandeiras desfraldadas
Na última tarde de um império em chamas...

VIII

Ignorado ficasse o meu destino
Entre pálios (e a ponte sempre à vista),
E anel concluso a chispas de ametista
A frase falha do meu póstumo hino...

Florescesse em meu glabro desatino
O himeneu das escadas da conquista
Cuja preguiça, arrecadada, dista
Almas do meu impulso cristalino...

Meus ócios ricos assim fossem, vilas
Pelo campo romano, e a toga traça
No meu soslaio anônimas (desgraça

A vida) curvas sob mãos intranquias...
E tudo sem Cleópatra teria
Findado perto de onde raia o dia...

IX

Meu coração é um pórtico partido
Dando excessivamente sobre o mar.
Vejo em minha alma as velas vãs passar
E cada vela passa num sentido.

Um soslaio de sombras e ruído
Na transparente solidão do ar
Evoca estrelas sobre a noite estar
Em afastados céus o pórtico ido...

E em palmares de Antilhas entrevistas
Através de, com mãos eis apartados
Os sonhos, cortinados de ametistas,
Imperfeito o sabor de compensando
O grande espaço entre os troféus alçados
Ao centro do triunfo em ruído e bando...

X

Aconteceu-me do alto do infinito
Esta vida. Através de nevoeiros,
Do meu próprio ermo ser fumos primeiros,
Vim ganhando, e através estranhos ritos

De sombra e luz ocasional, e gritos
Vagos ao longe, e assomos passageiros
De saudade incógnita, luzeiros
De divino, este ser fosco e proscrito...

Caiu chuva em passados que fui eu.
Houve planícies de céu baixo e neve
Nalguma cousa de alma do que é meu.

Narrei-me à sombra e não me achei sentido
Hoje sei-me o deserto onde Deus teve
Outrora a sua capital de olvido...

XI

Não sou eu quem descrevo. Eu sou a tela
E oculta mão colora alguém em mim.
Pus a alma no nexo de perdê-la
E o meu princípio floresceu em Fim.

Que importa o tédio que dentro em mim gela,
E o leve Outono, e as galas, e o marfim,
E a congruência da alma que se vela
Como os sonhados pálios de cetim?

Disperso... E a hora como um leque fecha-se...
Minha alma é um arco tendo ao fundo o mar...
O tédio? A mágoa? A vida? O sonho? Deixa-se...

E, abrindo as asas sobre Renovar,
A erva sombra do vôo começado
Pestaneja no campo abandonado...

XII

Ela ia, tranqüila pastorinha,
Pela estrada da minha imperfeição.
Seguia-a, como um gesto de perdão,
O seu rebanho, a saudade minha...

“Em longes terras hás de ser rainha”
Um dia lhe disseram, mas em vão...
Seu vulto perde-se na escuridão...
Só sua sombra ante meus pés caminha...

Deus te dê lírios em vez desta hora,
E em terras longe do que eu hoje sinto
Serás, rainha não, mas só pastora —

Só sempre a mesma pastorinha a ir,
E eu serei teu regresso, esse indistinto
Abismo entre o meu sonho e o meu porvir...

XIII

Emissário de um rei desconhecido,
Eu cumpro informes instruções de além,
E as bruscas frases que aos meus lábios vêm
Soam-me a um outro e anômalo sentido...

Inconscientemente me divido
Entre mim e a missão que o meu ser tem,
E a glória do meu Rei dá-me o desdém
Por este humano povo entre quem lido...

Não sei se existe o Rei que me mandou.
Minha missão será eu a esquecer,
Meu orgulho o deserto em que em mim estou...

Mas há! Eu sinto-me altas tradições
De antes de tempo e espaço e vida e ser...
Já viram Deus as minhas sensações...

XIV

Como uma voz de fonte que cessasse
(E uns para os outros nossos vãos olhares
Se admiraram), p'ra além dos meus palmares
De sonho, a voz que do meu tédio nasce

Parou... Apareceu já sem disfarce
De música longínqua, asas nos ares,
O mistério silente como os mares,
Quando morreu o vento e a calma pasce...

A paisagem longínqua só existe
Para haver nela um silêncio em descida
P'ra o mistério, silêncio a que a hora assiste...

E, perto ou longe, grande lago mudo,
O mundo, o informe mundo onde há a vida...
E Deus, a Grande Ogiva ao fim de tudo...

EPISÓDIOS / A MÚMIA

I

ANDEI LÉGUAS de sombra
Dentro em meu pensamento.
Floresceu às avessas
Meu ócio com sem-nexo,
E apagaram-se as lâmpadas
Na alcova cambaleante.

Tudo prestes se volve
Um deserto macio
Visto pelo meu tato
Dos veludos da alcova,
Não pela minha vista.
Há um oásis no Incerto
E, como uma suspeita
De luz por não-há-frinchas,
Passa uma caravana.

Esquece-me de súbito
Como é o espaço, e o tempo
Em vez de horizontal
É vertical.

A alcova

Desce não sei por onde
Até não me encontrar.
Ascende um leve fumo
Das minhas sensações.
Deixo de me incluir
Dentro de mim. Não há
Cá-dentro nem lá-fora.

E o deserto está agora
Virado para baixo.

A noção de mover-me
Esqueceu-se do meu nome.

Na alma meu corpo pesa-me.
Sinto-me um reposteiro
Pendurado na sala
Onde jaz alguém morto.

Qualquer coisa caiu
E tiniu no infinito.

II

Na sombra Cleópatra jaz morta.
Chove.

Embandeiraram o barco de maneira errada.
Chove sempre.

Para que olhas tu a cidade longínqua?
Tua alma é a cidade longínqua.
Chove friamente.

E quanto à mãe que embala ao colo um filho morto —
Todos nós embalamos ao colo um filho morto.
Chove, chove.

O sorriso triste que sobra a teus lábios cansados,
Vejo-o no gesto com que os teus dedos não deixam os teus anéis.
Por que é que chove?

III

De quem é o olhar
Que espreita por meus olhos?
Quando penso que vejo,
Quem continua vendo
Enquanto estou pensando?
Por que caminhos seguem,
Não os meus tristes passos,
Mas a realidade
De eu ter passos comigo?

Às vezes, na penumbra
Do meu quarto, quando eu
Para mim próprio mesmo
Em alma mal existo,
Toma um outro sentido
Em mim o Universo —
É uma nódoa esbatida
De eu ser consciente sobre
Minha idéia das coisas.

Se acenderem as velas
E não houver apenas
A vaga luz de fora —
Não sei que candeeiro
Aceso onde na rua —
Terei foscos desejos
De nunca haver mais nada
No Universo e na Vida
De que o obscuro momento
Que é minha vida agora:

Um momento afluyente
Dum rio sempre a ir
Esquecer-se de ser,
Espaço misterioso
Entre espaços desertos
Cujo sentido é nulo
E sem ser nada a nada.
E assim a hora passa
Metafisicamente.

IV

As minhas ansiedades caem
Por uma escada abaixo.
Os meus desejos balouçam-se.
Em meio de um jardim vertical.

Na Múmia a posição é absolutamente exata

Música longínqua,
Música excessivamente longínqua,
Para que a Vida passe
E colher esqueça aos gestos.

V

Por que abrem as coisas alas para eu passar?
Tenho medo de passar entre elas, tão paradas conscientes.
Tenho medo de as deixar atrás de mim a tirarem a Máscara.

Mas há sempre coisas atrás de mim.
Sinto a sua ausência de olhos fitar-me, e estremeço.
Sem se mexerem, as paredes vibram-me sentido.
Falam comigo sem voz de dizerem-me as cadeiras.
Os desenhos do pano da mesa têm vida, cada um é um abismo.
Luze a sorrir com visíveis lábios invisíveis
A porta abrindo-se conscientemente
Sem que a mão seja mais que o caminho para abrir-se.
De onde é que estão olhando para mim?
Que coisas incapazes de olhar estão olhando para mim?
Quem espreita de tudo?

As arestas fitam-me
Sorriem realmente as paredes lisas.

Sensação de ser só a minha espinha.

As espadas.

FICÇÕES DO INTERLÚDIO

I / *PLENILÚNIO*

AS HORAS pela alameda
Arrastam vestes de seda,

Vestes de seda sonhada
Pela alameda alongada

Sob o azular do luar...
E ouve-se no ar a expirar —

A expirar mas nunca expira —
Uma flauta que delira,

Que é mais a idéia de ouvi-la
Que ouvi-la quase tranqüila

Pelo ar a ondear e a ir...
Silêncio a tremeluzir...

II / SAUDADE DADA

Em horas inda louras, lindas
Clorindas e Belindas, brandas,
Brincam no tempo das berlindas,
As vindas vendo das varandas.
De onde ouvem vir a rir as vindas
Fitam a fio as frias bandas.

Mas em torno à tarde se entorna
A atordoar o ar que arde
Que a eterna tarde já não torna!
E em tom de atoarda todo o alarde
Do adornado ardor transtorna
No ar de torpor da tarda tarde.

E há nevoentos desencantos
Dos encantos dos pensamentos
Dos santos lentos dos recantos
Dos bentos cantos dos conventos...
Prantos de intentos, lentos, tantos
Que encantam os atentos ventos.

III / PIERROT BÊBADO

Nas ruas da feira,
Da feira deserta,
Só a lua cheia
Branqueia e clareia
As ruas da feira
Na noite entreaberta.

Só a lua alva
Branqueia e clareia
A paisagem calva
De abandono e alva
Alegria alheia.

Bêbeda branqueia
Como pela areia
Nas ruas da feira,
Da feira deserta,
Na noite já cheia
De sombra entreaberta.

A lua branqueia
Nas ruas da feira
Deserta e incerta...

IV / *MINUETE INVISÍVEL*

Elas são vaporosas,
Pálidas sombras, as rosas
Nadas da hora lunar...

Vêm, aéreas, dançar
Com perfumes soltos
Entre os canteiros e os buxos...
Chora no som dos repuxos
O ritmo que há nos seus vultos...

Passam e agitam a brisa...
Pálida, a pompa indecisa
Da sua flébil demora
Paira em auréola à hora..

Passam nos ritmos da sombra...
Ora é uma folha que tomba,
Ora uma brisa que treme
Sua leveza solene...

E assim vão indo, delindo
Seu perfil único e lindo,
Seu vulto feito de todas,
Nas alamedas, em rodas,
No jardim lívido e frio...

Passam sozinhas, a fio,
Como um fumo indo, a rarear,
Pelo ar longínquo e vazio,
Sob o, disperso pelo ar,
Pálido pálio lunar...

V / HIEMAL

Baladas de uma outra terra, aliadas
Às saudades das fadas, amadas por gnomos idos,
Retinem lívidas ainda aos ouvidos
Dos luares das altas noites aladas...
Pelos canais barcas erradas
Segredam-se rumos descritos...

E tresloucadas ou casadas com o som das baladas,
As fadas são belas, e as estrelas
São delas... Ei-las alheadas...

E são fumos os rumos das barcas sonhadas,
Nos canais fatais iguais de erradas,
As barcas parcas das fadas,
Das fadas aladas e hiemais
E caladas...

Toadas afastadas, irreais, de baladas...
Ais...

[MANHÃ DOS OUTROS!]

MANHÃ DOS OUTROS! Ó sol que dás confiança
Só a quem já confia!
É só à dormente, e não à morta, 'sperança
Que acorda o teu dia.

A quem sonha de dia e sonha de noite, sabendo
Todo sonho vão,
Mas sonha sempre, só para sentir-se vivendo
E a ter coração,

A esses raios sem o dia que trazes, ou somente
Como alguém que vem
Pela rua, invisível ao nosso olhar consciente,
Por não ser-nos ninguém.

[ELA CANTA, POBRE CEIFEIRA]

ELA CANTA, pobre ceifeira,
Julgando-se feliz talvez;
Canta, e ceifa, e a sua voz, cheia
De alegre e anônima viuvez,

Ondula como um canto de ave
No ar limpo como um limiar,
E há curvas no enredo suave
Do som que ela tem a cantar.

Ouvi-la alegre e entristece,
Na sua voz há o campo e a lida,
E canta como se tivesse
Mais razões p'ra cantar que a vida.

Ah, canta, canta sem razão!
O que em mim sente 'stá pensando.
Derrama no meu coração
A tua incerta voz ondeando!

Ah, poder ser tu, sendo eu!
Ter a tua alegre inconsciência,
E a consciência disso! Ó céu!
Ó campo! Ó canção! A ciência

Pesa tanto e a vida é tão breve!
Entrai por mim dentro! Tornai
Minha alma a vossa sombra leve!
Depois, levando-me, passai!

[1914]

O MENINO DA SUA MÃE

No PLAINO abandonado
Que a morna brisa aquece,
De balas traspassado
— Duas, de lado a lado —,
Jaz morto, e arrefece.

Raia-lhe a farda o sangue.
De braços estendidos,
Alvo, louro, exangue,
Fita com olhar langue
E cego os céus perdidos.

Tão jovem! que jovem era!
(Agora que idade tem?)
Filho único, a mãe lhe dera
Um nome e o mantivera:
“O menino da sua mãe”.

Caiu-lhe da algibeira
A cigarreira breve.
Dera-lhe a mãe. Está inteira
E boa a cigarreira.
Ele é que já não serve.

De outra algibeira, alada
Ponta a roçar o solo,
A brancura embainhada
De um lenço... Deu-lho a criada
Velha que o trouxe ao colo.

Lá longe, em casa, há a prece:
“Que volte cedo, e bem!”
(Malhas que o Império tece!)
Jaz morto, e apodrece,
O menino da sua mãe.

QUALQUER MÚSICA

QUALQUER MÚSICA, ah, qualquer,
Logo que me tire da alma
Esta incerteza que quer
Qualquer impossível calma!

Qualquer música — guitarra,
Viola, harmônio, realejo...
Um canto que se desgarra...
Um sonho em que nada vejo...

Qualquer coisa que não vida!
Jota, fado, a confusão
Da última dança vivida...
Que eu não sinta o coração!

DEPOIS DA FEIRA

VÃO VAGOS pela estrada,
Cantando sem razão
A última esp'rança dada
À última ilusão.
Não significam nada.
Mimos e bobos são.

Vão juntos e diversos
Sob um luar de ver,
Em que sonhos imersos
Nem saberão dizer,
E cantam aqueles versos
Que lembram sem querer.

Pajens de um morto mito,
Tão líricos!, tão só!,
Não têm na voz um grito,
Mal têm a própria voz;
E ignora-os o infinito
Que nos ignora a nós.

[AQUI NA ORLA DA PRAIA...]

AQUI NA ORLA da praia, mudo e contente do mar,
Sem nada já que me atraia, nem nada que desejar,
Farei um sonho, terei meu dia, fecharei a vida,
E nunca terei agonia, pois dormirei de seguida.

A vida é como uma sombra que passa por sobre um rio
Ou como um passo na alfombra de um quarto que jaz vazio;
O amor é um sono que chega para o pouco ser que se é;
A glória concede e nega; não tem verdades a fé.

Por isso na orla morena da praia calada e só,
Tenho a alma feita pequena, livre de mágoa e de dó;
Sonho sem quase já ser, perco sem nunca ter tido,
E comecei a morrer muito antes de ter vivido.

Dêem-me, onde aqui jazo, só uma brisa que passe,
Não quero nada do acaso, senão a brisa na face;
Dêem-me um vago amor de quanto nunca terei,
Não quero gozo nem dor, não quero vida nem lei.

Só, no silêncio cercado pelo som brusco do mar,
Quero dormir sossegado, sem nada que desejar,
Quero dormir na distância de um ser que nunca foi seu,
Tocado do ar sem fragrância da brisa de qualquer céu.

10-8-1929

O ÚLTIMO SORTILÉGIO

“JÁ REPETI o antigo encantamento,
E a grande Deusa aos olhos se negou.
Já repeti, nas pausas do amplo vento,
As orações cuja alma é um ser fecundo.
Nada me o abismo deu ou o céu mostrou.
Só o vento volta onde estou toda e só,
E tudo dorme no confuso mundo.

“Outrora meu condão fadava as sarças
E a minha evocação do solo erguia
Presenças concentradas das que esparsas
Dormem nas formas naturais das coisas.
Outrora a minha voz acontecia.
Fadas e elfos, se eu chamasse, via,
E as folhas da floresta eram lustrosas.

“Minha varinha, com que da vontade
Falava às existências essenciais,
Já não conhece a minha realidade.
Já, se o círculo traço, não há nada.
Murmura o vento alheio extintos ais,
E ao luar que sobe além dos matagais
Não sou mais do que os bosques ou a estrada.

“Já me falece o dom com que me amavam.
Já me não torno a forma e o fim da vida
A quantos que, buscando-os, me buscavam.
Já, praia, o mar dos braços não me inunda.
Nem já me vejo ao sol saudado erguida,
Ou, em êxtase mágico perdida,
Ao luar, à boca da caverna funda.

“Já as sacras potências infernais,
Que, dormentes sem deuses nem destino,
À substância das coisas são iguais,
Não ouvem minha voz ou os nomes seus.
A música partiu-se do meu hino.
Já meu furor astral não é divino
Nem meu corpo pensado é já um deus.

“E as longínquas deidades do atro poço,
Que tantas vezes, pálida, evoquei
Com a raiva de amar em alvoroço,
Inevocadas hoje ante mim estão.
Como, sem que as amasse, eu as chamei,
Agora, que não amo, as tenho, e sei
Que meu vendido ser consumirão.

“Tu, porém, Sol, cujo ouro me foi presa,
Tu, Lua, cuja prata converti
Se já não podeis dar-me essa beleza
Que tantas vezes tive por querer,
Ao menos meu ser findo dividi —
Meu ser essencial se perca em si,
Só meu corpo sem mim fique alma e ser!

“Converta-me a minha última magia
Numa estátua de mim em corpo vivo!
Morra quem sou, mas quem me fiz e havia,
Anônima presença que se beija,
Carne do meu abstrato amor cativo,
Seja a morte de mim em que revivo;
E tal qual fui, não sendo nada, eu seja!”

AUTOPSILOGRAFIA

O POETA é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.

E os que lêem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama o coração

ISTO

DIZEM que finjo ou minto
Tudo que escrevo. Não.
Eu simplesmente sinto
Com a imaginação.
Não uso o coração.

Tudo o que sonho ou passo,
O que me falha ou finda,
É como que um terraço
Sobre outra coisa ainda.
Essa coisa é que é linda.

Por isso escrevo em meio
Do que não está ao pé,
Livre do meu enleio,
Sério do que não é.
Sentir? Sinta quem lê!

POEMAS DRAMÁTICOS

NA FLORESTA DO ALHEAMENTO O MARINHEIRO

NOTA PRELIMINAR*

A LITERATURA DRAMÁTICA é uma subespécie de literatura narrativa, e esta uma espécie do gênero literatura.

A literatura é a expressão verbal de um temperamento; a literatura narrativa a forma objetiva dessa expressão verbal; a literatura dramática a forma máximamente objetiva — ou seja, a forma sintética — dessa expressão objetiva. Um drama não é mais que um romance na sua forma máxima de síntese possível. É por atingir esta objetividade máxima que ele pode rece-

ber a aparência de vida, isto é, que ele pode ser simulado num palco por pessoas a que se chama atores.

As qualidades possíveis do drama resultam, portanto, de três origens. Há as que ele tem em comum com todas as formas literárias, visto que ele é literatura; há as que ele tem, mais particularmente, em comum com todas as narrativas literárias; e há as que lhe são próprias como forma maximamente sintética da narrativa literária.

Há três espécies de drama: o tipo sintético, que busca incluir em

* Apontamento solto; s. d.; in *Poemas Dramáticos*, I, ed. Ática.

si, equilibrando-as, as três ordens de qualidades que ao drama são possíveis; o tipo analítico, que busca apresentar só as qualidades particulares e distintivas do drama; e o tipo misto que busca reunir, conforme possa ser, as qualidades desses dois tipos.

O tipo sintético do drama atinge a sua plenitude no drama em verso. Por ser em verso atinge o máximo da expressão verbal de um temperamento, que em verso se acentua muito mais que em prosa. Por ser drama reduz essa [expressão] verbal à objetividade.

NA FLORESTA DO ALHEAMENTO

SEI QUE DESPERTEI e que ainda durmo. O meu corpo antigo, moído de eu viver, diz-me que é muito cedo ainda... Sinto-me febril de longe. Peso-me não sei por quê...

Num torpor lúcido, pesadamente incorpóreo, estagno, entre um sono e a vigília, num sonho que é uma sombra de sonhar. Minha atenção bóia entre dois mundos e vê cegamente a profundidade de um mar e a profundidade de um céu; e estas profundezas interpenetram-me, misturam-se, e eu não sei onde estou nem o que sonho.

Um vento de sombras sopra cinzas de propósitos mortos sobre o que eu sou de desperto. Cai de um firmamento desconhecido um orvalho morno de tédio. Uma grande angústia inerte manuseia-me a alma por dentro, e incerta, altera-me como a brisa aos perfis das copas.

Na alcova mórbida e morna a antemanhã de lá fora é apenas um hálito de penumbra. Sou todo confusão quieta... Para que há de um dia raiar?... Custa-me o saber que ele raiará, como se fosse um esforço meu que houvesse de o fazer aparecer.

Com uma lentidão confusa acalmo. Entorpeço-me. Bóio no ar, entre velar e dormir, e uma outra espécie de realidade surge, e eu em meio dela, não sei de que onde que não é esse...

Surge mas não apaga esta, esta alcova tépida, essa de uma floresta estranha. Coexistem na minha atenção algemada as duas realidades, como dois fumos que se misturam.

Que nítida de outra e de ela essa trêmula paisagem transparente!...

E quem é esta mulher que comigo veste de observada essa floresta alheia? Para que é que tenho um momento de mo perguntar?... Eu nem sei querê-lo saber...

A alcova vaga é um vidro escuro através do qual, consciente dele, vejo essa paisagem... e essa paisagem conheço-a há muito, e há muito que com essa mulher que desconheço erro, outra realidade, através da irreabilidade dela. Sinto em mim séculos de conhecer aquelas árvores, e aquelas flores e aquelas vias em desvios e aquele ser meu que ali vagueia, antigo e ostensivo

ao meu olhar, que o saber que estou nesta alcova veste de penumbras de ver...

De vez em quando pela floresta onde de longe me vejo e sinto, um vento lento varre um fumo, e esse fumo é a visão nítida e escura da alcova em que sou atual destes vagos móveis e reposteiros e do seu torpor de noturna. Depois esse vento passa e torna a ser toda só-ela a paisagem daquele outro mundo...

Outras vezes este quarto estreito é apenas uma cinza de bruma, no horizonte d'essa terra diversa... E há momentos em que o chão que ali pisamos é esta alcova visível...

Sonho e perco-me, duplo de ser eu e essa mulher... Um grande cansaço é um fogo negro que me consome... Uma grande ânsia passiva é a vida que me estreita...

Ó felicidade baça... O eterno estar no bifurcar dos caminhos!... Eu sonho e por detrás da minha atenção sonha comigo alguém... E talvez eu não seja senão um sonho desse Alguém que não existe...

Lá fora a antemanhã tão longínqua! a floresta tão aqui ante outros olhos meus!

E eu, que longe desta paisagem quase a esqueço, é ao tê-la que tenho saudades d'ela, e é ao percorrê-la que a choro e a ela aspiro...

As árvores! as flores! o esconder-se copado dos caminhos!...

Passeávamos às vèzes, de braço dado, sob os cedros e as olaias, nenhum de nós pensava em viver. A nossa carne era-nos um perfume vago e a nossa vida um eco de som de fonte. Dávamo-nos as mãos e os nossos olhos perguntavam-se o que seria o ser sensual e o querer realizar em carne a ilusão do amor...

No nosso jardim havia flores de todas as belezas... rosas de contornos enrolados, lírios de um branco amarelecendo-se, papoulas que seriam ocultas se o seu rubro lhes não espreitasse presença, violetas pouco na margem tufada dos canteiros miosótis mínimos, camélias estéreis de perfume... E, pasmados por cima de ervas altas, olhos, os girassóis isolados fitavam-nos grandemente.

Nós roçávamos a alma toda vista pelo frescor visível dos musgos e tínhamos, ao passar pelas palmeiras, a intuição esguia de outras terras... E subia-nos o choro à lembrança, porque nem aqui, ao sermos felizes o éramos...

Carvalhos cheios de séculos nodosos faziam tropeçar os nossos pés nos tentáculos mortos das suas raízes... Plátanos esta-

cavam... E ao longe, entre árvore e árvore de perto, pendiam no silêncio das latadas os cachos negrejantes de uvas...

O nosso sonho de viver ia adiante de nós, alado, e nós tínhamos para ele um sorriso igual e alheio, combinado nas almas sem nos olharmos, sem sabermos um do outro mais do que a presença apoiada de um braço contra a atenção entregue do outro braço que o sentia.

A nossa vida não tinha dentro. Éramos fora e outros. Desconhecíamos-nos, como se houvésssemos aparecido às nossas almas depois de uma viagem através de sonhos...

Tínhamo-nos esquecido do tempo, e o espaço imenso empunhara-se-nos na atenção. Fora daquelas árvores próximas, daquelas latadas afastadas, daqueles montes últimos no horizonte haveria alguma coisa de real, de merecedor do olhar aberto que se dá às cousas que existem?...

Na clepsidra da nossa imperfeição gotas regulares de sonho marcavam horas irreais... Nada vale a pena, ó meu amor longínquo, senão o saber como é suave saber que nada vale a pena...

O movimento parado das árvores; o sossego inquieto das fontes; o hálito indefinido do ritmo íntimo das seivas; o entardecer lento das coisas, que parece vir-lhes de dentro e dar mãos de concordância espiritual ao entristecer longínquo, e próximo à alma do alto silêncio do céu; o cair das fôlhas, compassado e inútil, pingos de alheamento, em que a paisagem se nos torna toda para os ouvidos e se entristece em nós como uma pátria recordada — tudo isto, como um cinto a desatar-se, cingia-nos, incertamente.

Ali vivemos um tempo que não sabia decorrer, um espaço para que não havia pensar em poder-se medi-lo. Um decorrer fora do tempo, uma extensão que desconhecia os hábitos da realidade no espaço... Que horas, ó companheira inútil do meu tédio, que horas de desassossego feliz se fingiram ali... Horas de cinza de espírito, dias de saudade espacial, séculos interiores de paisagem externa... E nós não nos perguntávamos para que era aquilo que não era para nada.

Nós sabíamos ali, por uma intuição que por certo não tínhamos, que este dolorido mundo onde seríamos dois, se existia, era para além da linha externa onde as montanhas são hábitos de formas, e para além dessa não havia nada. E era por causa da contradição de saber isto que a nossa hora de ali era escura como uma caverna em terra de supersticiosos, e o nosso senti-la era estranho como um perfil de cidade mourisca contra um céu de crepúsculo outonal.

Orlas de marés desconhecidas tocavam, no horizonte de ouvirmos, praias que nunca poderíamos ver, e era-nos a felicidade escutar, até vê-lo em nós, esse mar onde sem dúvida singravam caravelas com outros fins em percorrê-lo que não os fins úteis e comandados da Terra.

Reparávamos de repente, como quem repara que vive, que o ar estava cheio de cantos de ave, e que, como perfumes antigos em cetins, o marulho esfregado das folhas estava mais entranhado em nós de que a consciência de o ouvirmos.

E assim o murmúrio das aves, o sussurro dos arvoredos e o fundo monótono esquecido do mar eterno punham à nossa vida abandonada uma auréola de não a conhecermos. Dormimos ali acordados dias, contentes de não ser nada, de não ter desejos nem esperanças, de nos termos esquecido da cor dos amores e do sabor dos ódios. Julgávamo-nos imortais...

Ali vivemos horas cheias de um outro sentirmo-las, horas de uma imperfeição vazia e tão perfeitas por isso, tão diagonais à certeza retângula da vida... Horas imperiais depostas, horas vestidas de púrpura gasta, horas caídas nesse mundo de outro mundo mais cheio de orgulho de ter mais desmanteladas angústias...

E doía-nos gozar aquilo, doía-nos... Porque apesar do que tinha de exílio calmo, toda essa paisagem nos sabia a sermos deste mundo, toda ela era úmida de um vago tédio, triste e enorme e perverso como a decadência de um império ignoto...

Nas cortinas da nossa alcova a manhã é uma sombra de luz. Meus lábios, que eu sei que estão pálidos, sabem um ao outro a não quererem ter vida.

O ar do nosso quarto neutro é pesado como um reposteiro. A nossa atenção sonolente ao mistério de tudo isto é mole como uma cauda de vestido arrastada num cerimonial no crepúsculo.

Nenhuma ânsia nossa tem razão de ser. Nossa atenção é um absurdo consentido pela nossa inércia alada.

Não sei que óleos de penumbra ungem a nossa idéia do nosso corpo. O cansaço que temos é a sombra de um cansaço. Vem-nos de muito longe, como a nossa idéia de haver a nossa vida...

Nenhum de nós tem nome ou existência plausível. Se pudéssemos ser ruidosos ao ponto de nos imaginarmos rindo, riríamos sem dúvida de nos imaginarmos vivos. O frescor aquecido dos lenços acaricia-nos (a ti como a mim decerto) os pés que se sentem, um ao outro nus.

Desenganemo-nos, meu amor, da vida e dos seus modos. Fugamos a sermos nós... Não tiremos do dedo o anel mágico que chama, mexendo-se-lhe, pelas fadas do silêncio e pelos elfos da sombra e pelos gnomos do esquecimento...

E ei-la que, ao irmos a sonhar falar nela, surge ante nós, outra vez, a floresta muita, mas agora mais perturbada da nossa perturbação e mais triste da nossa tristeza. Foge diante dela, como um nevoeiro que se esfolha, a nossa idéia do mundo real, e eu possuo-me outra vez no meu sonho errante, que esta floresta misteriosa esquadra...

As flores, as flores que ali vivi! Flores que a vista traduzia para seus nomes, conhecendo-as, e cujo perfume a alma colhia, não nelas mas na melodia de seus nomes... Flores cujos nomes eram repetidos em seqüência, orquestras de perfumes sonoros. Árvores cuja volúpia verde punha sombra e frescor no como eram chamadas... Frutos cujo nome era um cravar de dentes na alma da sua polpa... Sombras que eram relíquias de outroras felizes... Clareiras, clareiras claras, que eram sorrisos mais francos da paisagem que se boceja em próxima... Ó horas multicolores!... Instantes-flores, minutos-árvores, ó tempo estagnado em espaço, tempo morto de espaço coberto de flores, e do perfume de flores, e do perfume de nomes de flores!...

Loucura de sonho naquele silêncio alheio!...

A nossa vida era toda a vida... O nosso amor era o perfume do amor... Vivíamos horas impossíveis, cheias de sermos nós... E isto porque sabíamos, com toda a carne da nossa carne, que não éramos uma realidade...

Éramos impessoais, ocos de nós, outra coisa qualquer... Éramos aquela paisagem esfumada em consciência de si própria... E assim como ela era duas — de realidade que era, é ilusão — assim éramos nós obscuramente dois, nenhum de nós sabendo bem se o outro não era ele-próprio, se o incerto outro vivera...

Quando emergimos de repente ante o estagnar dos lagos sentíamos-nos a querer soluçar... Ali aquela paisagem tinha os olhos rasos de água, olhos parados cheios de tédio inúmero de ser... Cheios, sim, do tédio de ser qualquer coisa, realidade ou ilusão — e esse tédio tinha a sua pátria e a sua voz na mudez e no exílio dos lagos... E nós, caminhando sempre e sem o saber ou querer, parecia ainda assim que nos demorávamos à beira daqueles lagos, tanto de nós com eles ficava e morava, simbolizado e absorto...

E que fresco e feliz horror o de não haver ali ninguém! Nem nós, que por ali íamos, ali estávamos. . . Porque nós não éramos ninguém. Nem mesmo éramos coisa alguma. . . Não tínhamos vida que a morte precisasse para matar. Éramos tão tênues e rasteirinhos que o vento do decorrer nos deixara inúteis e a hora passava por nós acariciando-nos como uma brisa pelo cimo de uma palmeira.

Não tínhamos época nem propósito. Toda a finalidade das coisas e dos seres ficara-nos à porta daquele paraíso de ausência. Imobilizar-se, para nos sentir senti-la, a alma rugosa dos troncos, a alma estendida das folhas, a alma núbil das flores, a alma vergada dos frutos. . .

E assim nós morremos a nossa vida, tão atentos separadamente a morrê-la que não reparamos que éramos um só, que cada um de nós era uma ilusão do outro, e cada um, dentro de si, o mero eco do seu próprio ser. . .

Zumbe uma mosca, incerta e mínima. . .

Raiam na minha atenção vagos ruídos, nítidos e dispersos, que enchem de ser já dia a minha consciência do nosso quarto. . . Nosso quarto? Nosso de que dois, se eu estou sozinho? Não sei. Tudo se funde e só fica, fingindo, uma realidade-bruma em que a minha incerteza soçobra e o meu compreender-me, embalado de ópios, adormece. . .

A manhã rompeu, como uma queda, do cimo pálido da Hora. . . Acabaram de arder, meu amor, na lareira da nossa vida, as achas dos nossos sonhos. . .

Desenganemo-nos da esperança, porque trai, do amor, porque cansa, da vida, porque farta, e não sacia, e até da morte, porque traz mais do que se quer e menos do que se espera.

Desenganemo-nos, ó Velada, do nosso próprio tédio, porque se envelhece de si próprio e não ousa ser toda a angústia que é.

Não choremos, não odiemos, não desejemos. . .

Cubramos, ó silenciosa, com um lençol de linho fino o perfil hirto da nossa Imperfeição. . .

O MARINHEIRO

A CARLOS FRANCO

Um quarto que é sem dúvida num castelo antigo. Do quarto vê-se que é circular. Ao centro ergue-se, sobre uma essa, um caixão com uma donzela, de branco. Quatro tochas aos cantos. À direita, quase em frente a quem imagina o quarto, há uma única janela, alta e estreita, dando para onde só se vê, entre dois montes longínquos, um pequeno espaço de mar.

Do lado da janela velam três donzelas. A primeira está sentada em frente à janela, de costas contra a tocha de cima da direita. As outras duas estão sentadas uma de cada lado da janela.

É noite e há como que um resto vago de luar.

PRIMEIRA VELADORA. - Ainda não deu hora nenhuma.

SEGUNDA. - Não se podia ouvir. Não há relógio aqui perto. Dentro em pouco deve ser dia.

TERCEIRA. - Não: o horizonte é negro.

PRIMEIRA. - Não desejais, minha irmã, que nos entretenhamos contando o que fomos? É belo e é sempre falso...

SEGUNDA. - Não, não falemos disso. De resto, fomos nós alguma cousa?

PRIMEIRA. - Talvez. Eu não sei. Mas, ainda assim, sempre é belo falar do passado... As horas têm caído e nós temos guardado silêncio. Por mim, tenho estado a olhar para a chama daquela vela. Às vezes treme, outras torna-se mais amarela, outras vezes empalidece. Eu não sei por que é que isso se dá. Mas sabemos nós, minhas irmãs, por que se dá qualquer cousa?...

(*uma pausa*)

A MESMA. - Falar no passado — isso deve ser belo, porque é inútil e faz tanta pena...

SEGUNDA. - Falemos, se quiserdes, de um passado que não tivéssemos tido.

TERCEIRA. - Não. Talvez o tivéssemos tido...

PRIMEIRA. - Não dizeis senão palavras. É tão triste falar! É um modo tão falso de nos esquecermos!... Se passeássemos?...

TERCEIRA. - Onde?

PRIMEIRA. - Aqui, de um lado para outro. Às vezes isso vai buscar sonhos.

TERCEIRA. - De quê?

PRIMEIRA. - Não sei. Por que o havia eu de saber?

(uma pausa)

SEGUNDA. - Todo este país é muito triste... Aquele onde eu vivi outrora era menos triste. Ao entardecer eu fiava, sentada à minha janela. A janela dava para o mar e às vezes havia uma ilha ao longe... Muitas vezes eu não fiava; olhava para o mar e esquecia-me de viver. Não sei se era feliz. Já não tornarei a ser aquilo que talvez eu nunca fosse...

PRIMEIRA. - Fora de aqui, nunca vi o mar. Ali, daquela janela, que é a única de onde o mar se vê, vê-se tão pouco!... O mar de outras terras é belo?

SEGUNDA. - Só o mar das outras terras é que é belo. Aquele que nós vemos dá-nos sempre saudades daquele que não veremos nunca...

(uma pausa)

PRIMEIRA. - Não dizíamos nós que íamos contar o nosso passado?

SEGUNDA. - Não, não dizíamos.

TERCEIRA. - Por que não haverá relógio neste quarto?

SEGUNDA. - Não sei... Mas assim, sem o relógio, tudo é mais afastado e misterioso. A noite pertence mais a si própria... Quem sabe se nós poderíamos falar assim se soubéssemos a hora que é?

PRIMEIRA. - Minha irmã, em mim tudo é triste. Passo dezembros na alma... Estou procurando não olhar para a janela... Sei que de lá se vêem, ao longe, montes... Eu fui feliz para além de montes, outrora... Eu era pequenina. Colhia flores todo o dia e antes de adormecer pedia que não mas tirassem... Não sei o que isto tem de irreparável que me dá vontade de chorar... Foi longe daqui que isto pôde ser... Quando virá o dia?...

TERCEIRA. - Que importa? Ele vem sempre da mesma maneira... sempre, sempre, sempre...

(uma pausa)

SEGUNDA. - Contemos contos umas as outras... Eu não sei contos nenhuns, mas isso não faz mal... Só viver é que faz mal... Não roçemos pela vida nem a orla das nossas vestes... Não, não vos levanteis. Isso seria um gesto, e cada gesto interrompe um sonho... Neste momento eu não tinha sonho nenhum, mas é-me suave pensar que o podia estar tendo... Mas o passado — por que não falamos nós dele?

PRIMEIRA. - Decidimos não o fazer... Breve raiará o dia e arrepender-nos-emos... Com a luz os sonhos adormecem... O passado não é senão um sonho... De resto, nem sei o que não é sonho... Se olho para o presente com muita atenção, parece-me que ele já passou... O que é qualquer cousa? Como é que ela passa? Como é por dentro o modo como ela passa?... Ah, falemos, minhas irmãs, falemos alto, falemos todas juntas... O silêncio começa a tomar corpo, começa a ser cousa... Sinto-o envolver-me como uma névoa... Ah, falai, falai!...

SEGUNDA. - Para quê?... Fito-vos a ambas e não vos vejo logo... Parece-me que entre nós se aumentaram abismos... Tenho que cansar a idéia de que vos posso ver para poder chegar a ver-vos... Este ar quente é frio por dentro, naquela parte em que toca na alma... Eu devia agora sentir mãos impossíveis passarem-me pelos cabelos — é o gesto com que falam das sereias... (*Cruza as mãos sobre os joelhos. Pausa*). Ainda há pouco, quando eu não pensava em nada, estava pensando no meu passado.

PRIMEIRA. - Eu também devia ter estado a pensar no meu...

TERCEIRA. - Eu já não sabia em que pensava... No passado dos outros talvez..., no passado de gente maravilhosa que nunca existiu... Ao pé da casa de minha mãe corria um riacho... Por que é que correria, e por que é que não correria mais longe, ou mais perto?... Há alguma razão para qualquer coisa ser o que é? Há para isso qualquer razão verdadeira e real como as minhas mãos?

SEGUNDA. - As mãos não são verdadeiras nem reais... São mistérios que habitam na nossa vida... às vezes, quando fito as minhas mãos, tenho medo de Deus... Não há vento que mova as chamas das velas, e olhai, elas movem-se... Para onde se inclinam elas?... Que pena se alguém pudesse responder!... Sinto-me desejosa de ouvir músicas bárbaras que devem agora estar tocando em palácios de outros continentes... É sempre longe da minha alma... Talvez porque, quando criança, corri

atrás das ondas à beira-mar. Levei a vida pela mão entre rochedos, maré-baixa, quando o mar parece ter cruzado as mãos sobre o peito e ter adormecido como uma estátua de anjo para que nunca mais ninguém olhasse...

TERCEIRA. - As vossas frases lembram-me a minha alma...

SEGUNDA. - É talvez por não serem verdadeiras... Mal sei que as digo... Repito-as seguindo uma voz que não ouço que mas está segredando... Mas eu devo ter vivido realmente à beira-mar... Sempre que uma cousa ondeia, eu amo-a... Há ondas na minha alma... Quando ando embalo-me... Agora eu gostaria de andar... Não o faço porque não vale nunca a pena fazer nada, sobretudo o que se quer fazer... Dos montes é que eu tenho medo... É impossível que eles sejam tão parados e grandes... Devem ter um segredo de pedra que se recusam a saber que têm... Se desta janela, debruçando-me, eu pudesse deixar de ver montes, debruçar-se-ia um momento da minha alma alguém em quem eu me sentisse feliz...

PRIMEIRA. - Por mim, amo os montes... Do lado de cá de todos os montes é que a vida é sempre feia... Do lado de lá, onde mora minha mãe, costumávamos sentarmo-nos à sombra dos tamarindos e falar de ir ver outras terras... Tudo ali era longo e feliz como o canto de duas aves, uma de cada lado do caminho... A floresta não tinha outras clareiras senão os nossos pensamentos... E os nossos sonhos eram de que as árvores projetassem no chão outra calma que não as suas sombras... Foi decerto assim que ali vivemos, eu e não sei se mais alguém... Dizei-me que isto foi verdade para que eu não tenha de chorar...

SEGUNDA. - Eu vivi entre rochedos e espreitava o mar... A orla da minha saia era fresca e salgada batendo nas minhas pernas nuas... Eu era pequena e bárbara... Hoje tenho medo de ter sido... O presente parece-me que durmo... Falai-me das fadas. Nunca ouvi falar delas a ninguém... O mar era grande demais para fazer pensar nelas... Na vida aquece ser pequeno... Éreis feliz, minha irmã?

PRIMEIRA. - Começo neste momento a tê-lo sido outrora... De resto, tudo aquilo se passou na sombra... As árvores viveram-no mais do que eu... Nunca chegou quem eu mal esperava... E vós, irmã, por que não falais?

TERCEIRA. - Tenho horror a de aqui a pouco vos ter já dito o que vos vou dizer. A minhas palavras presentes, mal eu as diga, pertencerão logo ao passado, ficarão fora de mim, não sei onde, rígidas e fatais... Falo, e penso nisto na minha garganta, e as

minhas palavras parecem-me gente... Tenho um medo maior do que eu. Sinto na minha mão, não sei como, a chave de uma porta desconhecida. E toda eu sou um amuleto ou um sacrário que estivesse com consciência de si próprio. É por isto que me apavora ir, como por uma floresta escura, através do mistério de falar... E afinal, quem sabe se eu sou assim e se é isto sem dúvida que sinto?...

PRIMEIRA. - Custa tanto saber o que se sente quando reparamos em nós!... Mesmo viver sabe a custar tanto quando se dá por isso... Falai, portanto, sem reparardes que existis... Não nos íeis dizer quem éreis?

TERCEIRA. - O que eu era outrora já não se lembra de quem sou... Pobre da feliz que eu fui!... Eu vivi entre as sombras dos ramos, e tudo na minha alma é folhas que estremecem. Quando ando ao sol a minha sombra é fresca. Passei a fuga dos meus dias ao lado de fontes, onde eu molhava, quando sonhava de viver, as pontas tranqüilas dos meus dedos... Às vezes, à beira dos lagos, debruçava-me e fitava-me... Quando eu sorria, os meus dentes eram misteriosos na água... Tinham um sorriso só deles, independente do meu... Era sempre sem razão que eu sorria... Falai-me da morte, do fim de tudo, para que eu sinta uma razão para recordar...

PRIMEIRA. - Não falemos de nada, de nada... Está mais frio, mas por que é que está mais frio? Não há razão para estar mais frio. Não é bem mais frio que está... Para que é que havemos de falar?... É melhor cantar, não sei por quê... O canto, quando a gente canta de noite, é uma pessoa alegre e sem medo que entra de repente no quarto e o aquece a consolar-nos... Eu podia cantar-vos uma canção que cantávamos em casa de meu passado. Por que é que não quereis que vo-la cante?

TERCEIRA. - Não vale a pena, minha irmã... Quando alguém canta, eu não posso estar comigo. Tenho que não poder recordar-me. E depois todo o meu passado torna-se outro e eu choro uma vida morta que trago comigo e que não vivi nunca. É sempre tarde demais para cantar, assim como é sempre tarde demais para não cantar...

(uma pausa)

PRIMEIRA. - Breve será dia... Guardemos silêncio... A vida assim o quer. Ao pé da minha casa natal havia um lago. Eu ia lá e assentava-me à beira dele, sobre um tronco de árvore que caíra quase dentro da água... Sentava-se na ponta e

molhava na água os pés, esticando para baixo os dedos. Depois olhava excessivamente para as pontas dos pés, mas não era para os ver. Não sei por quê, mas parece-me deste lago que ele nunca existiu... Lembrar-me dele é como não me poder lembrar de nada... Quem sabe por que é que eu digo isto e se fui eu que vivi o que recordo?...

SEGUNDA. - À beira-mar somos tristes quando sonhamos... Não podemos ser o que queremos ser, porque o que queremos ser queremos-lo sempre ter sido no passado... Quando a onda se espalha e a espuma chia, parece que há mil vozes mínimas a falar. A espuma só parece ser fresca a quem a julga uma... Tudo é muito e nós não sabemos nada... Quereis que vos conte o que eu sonhava à beira-mar?

PRIMEIRA. - Podeis contá-lo, minha irmã; mas nada em nós tem necessidade de que no-lo conteis... Se é belo, tenho já pena de vir a tê-lo ouvido. E se não é belo, esperai..., contai-o só depois de o alterardes...

SEGUNDA. - Vou dizer-vo-lo. Não é inteiramente falso, porque sem dúvida nada é inteiramente falso. Deve ter sido assim... Um dia que eu dei por mim recostada no cimo frio de um rochedo, e que eu tinha esquecido que tinha pai e mãe e que houvera em mim infância e outros dias — nesse dia vi ao longe, como uma coisa que eu só pensasse em ver, a passagem vaga de uma vela... Depois ela cessou... Quando reparei para mim, vi que já tinha esse meu sonho... Não sei onde ele teve princípio... E nunca tornei a ver outra vela... Nenhuma das velas dos navios que saem aqui de um porto se parece com aquela, mesmo quando é lua e os navios passam longe de vagar...

PRIMEIRA. - Vejo pela janela um navio ao longe. É talvez aquele que vistes...

SEGUNDA. - Não, minha irmã; esse que vedes busca sem dúvida um porto qualquer... Não podia ser que aquele que eu vi buscasse qualquer porto...

PRIMEIRA. - Por que é que me respondestes?... Pode ser... Eu não vi navio nenhum pela janela... Desejava ver um e falei-vos dele para não ter pena... Contai-nos agora o que foi que sonhastes à beira-mar...

SEGUNDA. - Sonhava de um marinheiro que se houvesse perdido numa ilha longínqua. Nessa ilha havia palmeiras hirtas, poucas, e aves vagas passavam por elas... Não vi se alguma vez pousavam... Desde que, naufragado, se salvara, o marinheiro vivia ali... Como ele não tinha meio de voltar à pátria, e cada

vez que se lembrava dela sofria, pôs-se a sonhar uma pátria que nunca tivesse tido; pôs-se a fazer ter sido sua uma outra pátria, uma outra espécie de país com outras espécies de paisagem, e outra gente, e outro feitio de passarem pelas ruas e de se debruçarem das janelas... Cada hora ele construía em sonho esta falsa pátria, e ele nunca deixava de sonhar, de dia à sombra curta das grandes palmeiras, que se recortava, orlada de bicos, no chão areento e quente; de noite, estendido na praia, de costas e não reparando nas estrelas.

PRIMEIRA. - Não ter havido uma árvore que mosqueasse sobre as minhas mãos estendidas a sombra de um sonho como esse!...

TERCEIRA. - Deixai-a falar... Não a interrompais... Ela conhece palavras que as sereias lhe ensinaram... Adormeço para a poder escutar... Dizei, minha irmã, dizei... Meu coração dói-me de não ter sido vós quando sonháveis à beira-mar...

SEGUNDA. - Durante anos e anos, dia a dia, o marinheiro erguia num sonho contínuo a sua nova terra natal... Todos os dias punha uma pedra de sonho nesse edifício impossível... Breve ele ia tendo um país que já tantas vezes havia percorrido. Milhares de horas lembrava-se já de ter passado ao longo de suas costas. Sabia de que cor soíam ser os crepúsculos numa baía do Norte, e como era suave entrar, noite alta, e com a alma recostada no murmúrio da água que o navio abria, num grande porto do Sul onde ele passara outrora, feliz talvez, das suas mocidades a suposta...

(*uma pausa*)

PRIMEIRA. - Minha irmã, por que é que vos calais?

SEGUNDA. - Não se deve falar demasiado... A vida espreita-nos sempre... Toda a hora é materna para os sonhos, mas é preciso não o saber... Quando falo demais começo a separar-me de mim e a ouvir-me falar. Isso faz com que me compadeça de mim própria e sinta demasiadamente o coração. Tenho então uma vontade lacrimosa de o ter nos braços para o poder embalar como a um filho... Vede: o horizonte empalideceu... O dia não pode já tardar... Será preciso que eu vos fale ainda mais do meu sonho?

PRIMEIRA. - Contai sempre, minha irmã, contai sempre... Não pareis de contar, nem repareis em que dias raiam... O dia nunca raia para quem encosta a cabeça no seio das horas sonhadas... Não torçais as mãos. Isso faz um ruído como o de

uma serpente furtiva... Falai-nos muito mais do vosso sonho. Ele é tão verdadeiro que não tem sentido nenhum. Só pensar em ouvir-vos me toca música na alma...

SEGUNDA. - Sim, falar-vos-ei mais dele. Mesmo eu preciso de vo-lo contar. À medida que o vou contando, é a mim também que o conto... São três a escutar... (*De repente, olhando para o caixão, e estremecendo.*) Três não... Não sei... Não sei quantas...

TERCEIRA. - Não faleis assim... Contai depressa, contai outra vez... Não faleis em quantos podem ouvir... Nós nunca sabemos quantas coisas realmente vivem e vêem e escutam... Voltai ao vosso sonho... O marinheiro. O que sonhava o marinheiro?...

SEGUNDA (*mais baixo, numa voz muito lenta*). - Ao princípio ele criou as paisagens; depois criou as cidades; criou depois as ruas e as travessas, uma e uma, cinzelando-as na matéria da sua alma — uma a uma as ruas, bairro a bairro, até às muralhas do cais de onde ele criou depois os portos... Uma a uma as ruas, e a gente que as percorria e que olhava sobre elas das janelas... Passou a conhecer certa gente, como quem a reconhece apenas... Ia-lhes conhecendo as vidas passadas e as conversas, e tudo isto era como quem sonha apenas paisagens e as vai vendo... Depois viajava, recordado, através do país que criara... E assim foi construindo o seu passado... Breve tinha uma outra vida anterior... Tinha já, nessa nova pátria, um lugar onde nascera, os lugares onde passara a juventude, os portos onde embarcara... Ia tendo tido os companheiros da infância e depois os amigos e inimigos da sua idade viril... Tudo era diferente de como ele o tivera — nem o país, nem a gente, nem o seu passado próprio se pareciam com o que haviam sido... Exigis que eu continue?... Causa-me tanta pena falar disto!... Agora, porque vos falo disto, aprazia-me mais estar-vos falando de outros sonhos...

TERCEIRA. - Continuai, ainda que não saibais por quê... Quanto mais vos ouço, mais me não pertenco...

PRIMEIRA. - Será bom realmente que continueis? Deve qualquer história ter fim? Em todo o caso falai... Importa tão pouco o que dizemos ou não dizemos... Velamos as horas que passam... O nosso mister é inútil como a Vida...

SEGUNDA. - Um dia, que chovera muito, e o horizonte estava mais incerto, o marinheiro cansou-se de sonhar... Quis então recordar a sua pátria verdadeira... mas viu que não se lembrava de nada, que ela não existia para ele... Meninice de que se

lembrasse, era a na sua pátria de sonho; adolescência que recorresse, era aquela que se criara... Toda a sua vida tinha sido a sua vida que sonhara... E ele viu que não podia ser que outra vida tivesse existido... Se ele nem de uma rua, nem de uma figura, nem de um gesto materno se lembrava... E da vida que lhe parecia ter sonhado, tudo era real e tinha sido... Nem sequer podia sonhar outro passado, conceber que tivesse tido outro, como todos, um momento, podem crer... Ó minhas irmãs, minhas irmãs... Há qualquer coisa, que não sei o que é, que vos não disse... qualquer coisa que explicaria isto tudo... A minha alma esfria-me... Mal sei se tenho estado a falar... Falai-me, gritai-me, para que eu acorde, para que eu saiba que estou aqui ante vós e que há coisas que são apenas sonhos...

PRIMEIRA (*numa voz muito baixa*). - Não sei que vos diga... Não ouse olhar para as cousas... Esse sonho como continua?...

SEGUNDA. - Não sei como era o resto... Mal sei como era o resto... Por que é que haverá mais?

PRIMEIRA. - E o que aconteceu depois?

SEGUNDA. - Depois? Depois de quê? Depois é alguma coisa?... Veio um dia um barco... Veio um dia um barco... — Sim, sim... só podia ter sido assim... — Veio um dia um barco, e passou por essa ilha, e não estava lá o marinheiro...

TERCEIRA. - Talvez tivesse regressado à Pátria... Mas a qual?

PRIMEIRA. - Sim, a qual? E o que teriam feito ao marinheiro? Sabê-lo-ia alguém?

SEGUNDA. - Por que é que mo perguntais? Há resposta para alguma coisa?

(*uma pausa*)

TERCEIRA. - Será absolutamente necessário, mesmo dentro do vosso sonho, que tenha havido esse marinheiro e essa ilha?

SEGUNDA. - Não, minha irmã; nada é absolutamente necessário.

PRIMEIRA. - Ao menos, como acabou o sonho?

SEGUNDA. - Não acabou... Não sei... Nenhum sonho acaba... Sei eu ao certo se o não continuo sonhando, se o não sonho sem o saber se o sonhá-lo não é esta coisa vaga a que eu chamo a minha vida?... Não me faleis mais... Principio a estar certa de qualquer coisa, que não sei o que é... Avan-

çam para mim, por uma noite que não é esta, os passos de um horror que desconheço... Quem teria eu ido despertar com o sonho meu que vos contei?... Tenho um medo disforme de que Deus tivesse proibido o meu sonho... Ele é sem dúvida mais real do que Deus permite... Não estejais silenciosas... Dizei-me ao menos que a noite vai passando, embora eu o saiba... Vede, começa a ir ser dia... Vede: vai haver o dia real... Paremos... Não pensemos mais... Não tentemos seguir nesta aventura interior... Quem sabe o que está no fim dela?... Tudo isto, minhas irmãs, passou-se na noite... Não falemos mais disto, nem a nós próprios... É humano e conveniente que tomemos, cada qual, a sua atitude de tristeza.

TERCEIRA. - Foi-me tão belo escutar-vos... Não digais que não... Bem sei que não valeu a pena... É por isso que o achei belo... Não foi por isso, mas deixai que eu o diga... De resto, a música da vossa voz, que escutei ainda mais que as vossas palavras, deixa-me, talvez só por ser música, descontente...

SEGUNDA. - Tudo deixa descontente, minha irmã... Os homens que pensam cansam-se de tudo, porque tudo muda. Os homens que passam provam-no, porque mudam com tudo... De eterno e belo há apenas o sonho... Por que estamos nós falando ainda?...

PRIMEIRA. - Não sei... (*olhando para o caixão, em voz mais baixa*) — Por que é que se morre?

SEGUNDA. - Talvez por não se sonhar bastante...

PRIMEIRA. - É possível... Não valeria então a pena fecharmo-nos no sonho e esquecer a vida, para que a morte nos esquecesse?...

SEGUNDA. - Não, minha irmã, nada vale a pena...

TERCEIRA. - Minhas irmãs, é já dia... Vede, a linha dos montes maravilha-se... Por que não choramos nós?... Aquela que finge estar ali era bela, e nova como nós, e sonhava também... Estou certa que o sonho dela era o mais belo de todos... Ela de que sonharia?...

PRIMEIRA. - Falai mais baixo. Ela escuta-nos talvez, e já sabe para que servem os sonhos...

(*uma pausa*)

SEGUNDA. - Talvez nada disto seja verdade... Todo este silêncio e esta morta, e este dia que começa não são talvez senão um sonho... Olhai bem para tudo isto... Parece-vos que pertence à vida?...

PRIMEIRA. - Não sei. Não sei como se é da vida... Ah, como vós estais parada! E os vossos olhos são tristes, parece que o estão inutilmente...

SEGUNDA. - Não vale a pena estar triste de outra maneira... Não desejais que nos calemos? É tão estranho estar a viver... Tudo o que acontece é inacreditável, tanto na ilha do marinheiro como neste mundo... Vede, o céu é já verde. O horizonte sorri ouro... Sinto que me ardem os olhos, de eu ter pensado em chorar...

PRIMEIRA. - Chorastes, com efeito, minha irmã.

SEGUNDA. - Talvez... Não importa... Que frio é isto?... Ah, é agora... é agora!... Dizei-me isto... Dizei-me uma coisa ainda... Por que não será a única coisa real nisto tudo o marinheiro, e nós e tudo isto aqui apenas um sonho dele?...

PRIMEIRA. - Não faleis mais, não faleis mais... Isso é tão estranho que deve ser verdade... Não continueis... O que íeis dizer não sei o que é, mas deve ser demais para a alma o poder ouvir... Tenho medo do que não chegastes a dizer... Vede, vede, é dia já... Vede o dia... Fazei tudo por reparardes só no dia, no dia real, ali fora... Vede-o, vede-o... Ele consola... Não penseis, não olheis para o que pensais... Vede-o a vir, o dia... Ele brilha como ouro numa terra de prata. As leves nuvens arredondam-se à medida que se coloram... Se nada existisse, minhas irmãs?... Se tudo fôsse, de qualquer modo, absolutamente coisa nenhuma?... Por que olhastes assim?...

(Não lhe respondem. E ninguém olhara de nenhuma maneira.)

A MESMA. - Que foi isso que dissestes e que me apavorou?... Senti-o tanto que mal vi o que era... Dizei-me o que foi, para que eu, ouvindo-o segunda vez, já não tenha tanto medo como dantes... Não, não... Não digais nada... Não vos pergunto isto para que me respondais, mas para falar apenas, para me não deixar pensar... Tenho medo de me poder lembrar do que foi... Mas foi qualquer coisa de grande e pavoroso como o haver Deus... Devíamos já ter acabado de falar... Há tempo já que a nossa conversa perdeu o sentido... O que é entre nós que nos faz falar prolonga-se demasiadamente... Há mais presenças aqui do que as nossas almas... O dia devia ter já raído... Deviam já ter acordado... Tarda qualquer coisa... Tarda tudo... O que é que se está dando nas coisas de acordo com o nosso horror?... Ah, não me abandoneis... Falai co-

migo, falai comigo... Falai ao mesmo tempo do que eu para não deixardes sozinha a minha voz... Tenho menos medo à minha voz do que à idéia da minha voz, dentro de mim, se for reparar que estou falando...

TERCEIRA. - Que voz é essa com que falais?... É de outra... Vem de uma espécie de longe...

PRIMEIRA. - Não sei... Não me lembreis isso... Eu devia estar falando com a voz aguda e tremida do medo... Mas já não sei como é que se fala... Entre mim e a minha voz abriu-se um abismo... Tudo isto, toda esta conversa e esta noite, e este medo — tudo isto devia ter acabado, devia ter acabado de repente, depois do horror que nos dissestes... Começo a sentir que o esqueço, a isso que dissestes, e que me fez pensar que eu devia gritar de uma maneira nova para exprimir um horror de aqueles...

TERCEIRA (*para a SEGUNDA*). - Minha irmã, não nos de-víeis ter contado esta história. Agora estranho-me viva com mais horror. Contáveis e eu tanto me distraía que ouvia o sentido das vossas palavras e o seu som separadamente. E parecia-me que vós, e a vossa voz, e o sentido do que dizíeis eram três entes diferentes, como três criaturas que falam e andam.

SEGUNDA. - São realmente três entes diferentes, com vida própria e real. Deus talvez saiba por quê... Ah, mas por que é que falamos? Quem é que nos faz continuar falando? Por que falo eu sem querer falar? Por que é que já não reparamos que é dia?...

PRIMEIRA. - Quem pudesse gritar para despertarmos! Estou a ouvir-me a gritar dentro de mim, mas já não sei o caminho da minha vontade para a minha garganta. Sinto uma necessidade feroz de ter medo de que alguém possa agora bater àquela porta. Por que não bate alguém à porta? Seria impossível e eu tenho necessidade de ter medo disso, de saber de que é que tenho medo... Que estranha que me sinto!... Parece-me já não ter a minha voz... Parte de mim adormeceu e ficou a ver... O meu pavor cresceu mas eu já não sei senti-lo... Já não sei em que parte da alma é que se sente... Puseram ao meu sentimento do corpo uma mortalha de chumbo... Para que foi que nos contastes a vossa história?

SEGUNDA. - Já não me lembro... Já mal me lembro que a contei... Parece ter sido já há tanto tempo!... Que sono, que sono absorve o meu modo de olhar para as coisas!... O que é que nós queremos fazer? o que é que nós temos idéia de fazer? — já não sei se é falar ou não falar...

PRIMEIRA. - Não falemos mais. Por mim, cansa-me o esforço que fazeis para falar... Dói-me o intervalo que há entre o que pensais e o que dizeis... A minha consciência bóia à tona da sonolência apavorada dos meus sentidos pela minha pele... Não sei o que é isto, mas é o que sinto... Preciso dizer frases confusas, um pouco longas, que custem a dizer... Não sentis tudo isto como uma aranha enorme que nos tece de alma a alma uma teia negra que nos prende?

SEGUNDA. - Não sinto nada... Sinto as minhas sensações como uma coisa que se sente... Quem é que eu estou sendo?... Quem é que está falando com a minha voz?... Ah, escutai...

PRIMEIRA e TERCEIRA. - Quem foi?

SEGUNDA. - Nada. Não ouvi nada... Quis fingir que ouvia para que vós supusésseis que ouvíeis e eu pudesse crer que havia alguma coisa a ouvir... Oh, que horror, que horror íntimo nos desata a voz da alma, e as sensações dos pensamento, e nos faz falar e sentir e pensar quando tudo em nós pede o silêncio e o dia e a inconsciência da vida... Quem é a quinta pessoa neste quarto que estende o braço e nos interrompe sempre que vamos a sentir?

PRIMEIRA. - Para que tentar apavorar-me? Não cabe mais terror dentro de mim... Peso excessivamente ao colo de me sentir. Afundei-me toda no lodo morno do que suponho que sinto. Entra-me por todos os sentidos qualquer coisa que nos pega e nos vela. Pesam-me as pálpebras a todas as minhas sensações. Prende-se a língua a todos os meus sentimentos. Um sono fundo cola uma às outras as idéias de todos os meus gestos. Por que foi que olhastes assim?...

TERCEIRA (*numa voz muito lenta e apagada*). - Ah, é agora, é agora... Sim, acordou alguém... Há gente que acorda... Quando entrar alguém tudo isto acabará... Até lá façamos por crer que todo este horror foi um longo sono que fomos dormindo... É dia já... Vai acabar tudo... E de tudo isto fica, minha irmã, que só vós sois feliz, porque acreditais no sonho...

SEGUNDA. - Por que é que mo perguntais? Por que eu o disse? não, não acredito...

Um galo canta. A luz, como que subitamente, aumenta. As três veladoras quedam-se silenciosas e sem olharem umas para as outras.

Não muito longe, por uma estrada, um vago carro geme e chia.

11/12 outubro, 1913.

FERNANDO PESSOA
O OUTRO

FICÇÕES DO INTERLÚDIO

FICÇÕES DO INTERLÚDIO

POEMAS DE ALBERTO CAEIRO
ODES DE RICARDO REIS
POEMAS DE ÁLVARO DE CAMPOS

NOTA PRELIMINAR*

UMAS FIGURAS *insiro em contos, ou em subtítulos de livros, e assino com o meu nome o que delas dizem; outras projeto em absoluto e não assino senão com o dizer que as fiz. Os tipos de figuras distinguem-se do seguinte modo: nas que destaco em absoluto, o mesmo estilo, me é alheio, e se a figura o pede, contrário, até, ao meu; nas figuras que subscrevo não há dife-*

rença do meu estilo próprio, senão nos pormenores inevitáveis, sem os quais elas se não distinguiriam entre si.

Compararei algumas destas figuras, para mostrar, pelo exemplo, em que consistem essas diferenças. O ajudante de guarda-livros Bernardo Soares e o Barão de Teive — são ambas figuras minhamente alheias — escrevem com a mes-

* Apontamentos soltos de Fernando Pessoa (?); s.d.; não assinados; publicados, pela primeira vez, na primeira edição da *Obra Poética* de Fernando Pessoa, RJ, Aguilar, 1960.

ma substância de estilo, a mesma gramática e o mesmo tipo e forma de propriedade: é que escrevem com o estilo que, bom ou mau, é o meu. Comparo as duas porque são casos de um mesmo fenômeno — a inadaptação à realidade da vida, e o que é mais, a inadaptação pelos mesmos motivos e razões. Mas, ao passo que o português é igual no Barão de Teive [e] em Bernardo Soares, o estilo difere em que o do fidalgo é intelectual, despido de imagens, um pouco como direi?, hirto e restrito; e o do burguês é fluido, participando da música e da pintura, pouco arquitetural. O fidalgo pensa claro, escreve claro, e domina as suas emoções, se bem que não os seus sentimentos; o guarda-livros nem emoções nem sentimentos domina, e quando pensa é subsidiariamente a sentir.

Há notáveis semelhanças, por outra, entre Bernardo Soares e Álvaro de Campos. Mas, desde logo, surge em Álvaro de Campos o desleixo do português, o desatado das imagens, mais íntimo e menos propositado que o de Soares.

Há acidentes do meu distinguir uns de outros que pesam como grandes fardos no meu discernimento espiritual. Distinguir tal composição musicante de Bernardo Soares de uma composição de igual teor que é a minha.

Há momentos em que o faço repentinamente, com uma perfeição de que pasmo; e pasmo sem imodéstia, porque, não crendo em nenhum fragmento de liberdade humana, pasmo do que se passa em mim como pasmaria do que se passasse em outros — em dois estranhos.

Só uma grande intuição pode ser bússola nos descampados da alma; só com um sentido que usa da inteligência, mas se não assemelha a ela, embora nisto com ela se funda, se pode distinguir estas fi-

guras de sonho na sua realidade de uma a outra.

*

Nestes desdobramentos de personalidade ou, antes, invenções de personalidades diferentes, há dois graus ou tipos, que estarão revelados ao leitor, se os seguiu, por características distintas. No primeiro grau, a personalidade distingue-se por idéias e sentimentos próprios, distintos dos meus, assim como, em mais baixo nível desse grau, se distingue por idéias, postas em raciocínio ou argumento, que não são minhas, ou, se o são, o não conheço. O Banqueiro Anarquista é um exemplo deste grau inferior; o Livro do Desassossego e a personagem Bernardo Soares são o grau superior.

Há o leitor de reparar que, embora eu publique (publicasse) o Livro do Desassossego como sendo de um tal Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa, o não incluí todavia nestas "Ficções do Interlúdio". É que Bernardo Soares, distinguindo-se de mim por suas idéias, seus sentimentos, seus modos de ver e de compreender, não se distingue de mim pelo estilo de expor. Dou a personalidade diferente através do estilo que me é natural, não havendo mais que a distinção inevitável do tom especial que a própria especialidade das emoções necessariamente projeta.

Nos autores das "Ficções do Interlúdio" não são só as idéias e os sentimentos que se distinguem dos meus: a mesma técnica de composição, o mesmo estilo, é diferente do meu. Aí cada personagem é criada integralmente diferente, e não apenas diferentemente pensada. Por isso nas "Ficções do Interlúdio" predomina o verso. Em prosa é mais difícil de se outrar.

*

Dividiu Aristóteles a poesia em lírica, elegíaca, épica e dramática. Como todas as classificações bem pensadas, é esta útil e clara; como todas as classificações, é falsa. Os gêneros não se separam com tanta facilidade íntima, e, se analisarmos bem aquilo de que se compõem, verificaremos que da poesia lírica à dramática há uma gradação contínua. Com efeito, e indo às mesmas origens da poesia dramática — Ésquilo por exemplo —, será mais certo dizer que encontramos poesia lírica posta na boca de diversos personagens.

O primeiro grau da poesia lírica é aquele em que o poeta, concentrado no seu sentimento, exprime esse sentimento. Se ele, porém, for uma criatura de sentimentos variáveis e vários, exprimirá como que uma multiplicidade de personagens, unificadas somente pelo temperamento e o estilo. Um passo mais, na escala poética, e temos o poeta que é uma criatura de sentimentos vários e fictícios, mais imaginativo do que sentimental, e vivendo cada estado de alma antes pela inteligência que pela emoção. Este poeta exprimir-se-á como uma multiplicidade de personagens, unificadas, não já pelo temperamento e o estilo, pois que o temperamento está substituído pela imaginação, e o sentimento pela inteligência, mas tão-somente pelo simples estilo. Outro passo, na mesma escala de despersonalização, ou seja, de imaginação, e temos o poeta que em cada um dos seus estados mentais vários, se integra de tal modo nele que de todo se despersonaliza, de sorte que, vivendo analiticamente esse estado da alma, faz dele como que a expressão de um outro personagem, e, sendo assim, o mesmo estilo tende a variar. Dê-se o passo final, e teremos um poeta que seja vários poetas, um poeta dramático escrevendo em poesia lírica. Cada gru-

po de estados de alma mais aproximados insensivelmente se tornará uma personagem, com estilo próprio, com sentimentos porventura diferentes, até opostos, aos típicos do poeta na sua pessoa viva. E assim se terá levado a poesia lírica — ou qualquer forma literária análoga em sua substância à poesia lírica — até à poesia dramática, sem todavia se lhe dar a forma de drama, nem explícita nem implicitamente.

Suponhamos que um supremo despersonalizado, como Shakespeare, em vez de criar o personagem de Hamlet como parte de um drama, o criava como simples personagens, sem drama. Teria escrito, por assim dizer, um drama de uma só personagem, um monólogo prolongado e analítico. Não seria legítimo ir buscar a esse personagem uma definição dos sentimentos e dos pensamentos de Shakespeare, a não ser que o personagem fosse falhado, porque o mau dramaturgo é o que se revela.

Por qualquer motivo temperamental que me não proponho analisar, nem importa que analise, construí dentro de mim várias personagens distintas entre si e de mim, personagens essas a que atribuí poemas vários que não são como eu, nos meus sentimentos e idéias, os escreveria.

Assim têm estes poemas de Caetano de Almeida, os de Ricardo Reis e os de Álvaro de Campos que ser considerados. Não há que buscar em quaisquer deles idéias ou sentimentos meus, pois muitos deles exprimem idéias que não aceito, sentimentos que nunca tive. Há simplesmente que os ler como estão, que é aliás como se deve ler.

Um exemplo: escrevi com sobressalto e repugnância o poema oitavo do "Guardador de Rebanhos", com a sua blasfêmia infantil e o seu antiespiritualismo absoluto. Na minha pessoa própria, e aparentemente real, com que vivo

social e objetivamente, nem uso da blasfêmia, nem sou antiespiritualista. Alberto Caeiro, porém, como eu o concebi é assim: assim tem pois ele que escrever, quer eu queira, quer não, quer eu pense como ele ou não. Negar-me o direito de fazer isto seria o mesmo que negar a Shakespeare o direito de dar expressão à alma de Lady Macbeth, com o fundamento de que ele, poeta, nem era mulher, nem, que se saiba, histero-epilético, ou de lhe atribuir uma tendência alu-

cinatória e uma ambição que não recua perante o crime. Se assim é das personagens fictícias de um drama, é igualmente lícito das personagens fictícias sem drama, pois que é lícito porque elas são fictícias e não porque estão num drama.

Parece escusado explicar uma coisa de si tão simples e intuitivamente compreensível. Sucede, porém, que a estupidez humana é grande, e a bondade humana não é notável.

POEMAS DE ALBERTO CAEIRO

INTRODUÇÃO*

NESTES POEMAS aparentemente tão simples, o crítico, se se dispõe a uma análise cuidada, hora a hora se encontra defronte de elementos cada vez mais inesperados, cada vez mais complexos. Tomando por axiomático aquilo que, desde logo, o impressiona, a naturalidade e espontaneidade dos poemas de Caieiro, pasma de verificar que eles são, ao mesmo tempo, rigorosamente unificados por um pensamento filosófico que não só os ordena e concatena, mas que ainda mais, prevê objeções, antevê críticas, explica defeitos por uma integração deles na substância espiritual da obra. Assim, dando-se Caieiro por um poeta objetivo, co-

mo é, nós encontramos-lo, em quatro das suas canções, exprimindo impressões inteiramente subjetivas. Mas não temos a satisfação cruel de poder supor-nos a indicar-lhe que errou. No poema que imediatamente precede essas canções, ele explica que elas foram escritas durante uma doença, e que, portanto, têm por força que ser diferentes dos seus poemas normais, por isso que a doença não é a saúde. E assim o crítico não chegue a conduzir aos lábios a taça da sua satisfação cruel. Se quiser ter a alegria, um pouco menos concreta, de apontar outros pecados contra a teoria íntima da obra toda, vê-se confrontado por poemas como ...^o

* Apontamento solto de Ricardo Reis; s.d.; publicado, pela primeira vez, na primeira edição da *Obra Poética* de Fernando Pessoa, RJ, Aguilar, 1960.

e o ...^o, onde a sua objeção já está feita, e a sua questão respondida.

Só quem pacientemente, e com o espírito pronto, ler esta obra pode avaliar o que esta previsão, esta coerência intelectual (mais ainda do que sentimental, ou emotiva) tem de desconcertante.

Tudo isto, porém, é verdadeiramente o espírito pagão. Aquela ordem e disciplina que o paganismo tinha, e o cristismo nos fez perder, aquela inteligência raciocinada das coisas, que era seu apanágio e não é nosso, está ali. Porque, se fala na forma aqui está na essência. E não é forma exterior do paganismo — repito — que Caeiro veio reconstruir; é a essência que chamou do Averno, como Orfeu a Eurídice, pela magia harmônica (melódica) da sua emoção.

Quais são, para meu critério, os defeitos desta obra? Dois só, e eles pouco empanam o seu fulgor irmão dos deuses.

Falta, nos poemas de Caeiro, aquilo que devia completá-los: a disciplina exterior, pela qual a força tomasse a coerência e a ordem que reina no íntimo da Obra. Ele escolheu, como se vê, um verso que embora fortemente pessoal — como não podia deixar de ser —, e ainda o verso livre dos modernos. Não subordinou a expressão a uma disciplina comparável àquela a que subordinou quase sempre a emoção e sempre, a idéia. Perdoa-se-lhe a falta, porque aos inovadores muito se perdoa; mas não se pode omitir que seja uma falta, e não uma distinção.

Semelhantemente, a emoção enferma ainda um pouco do meio cristão em que surgiu para este mundo a alma do poeta. A idéia, sempre essencialmente pagã, usa por vezes um traje emotivo que não lhe é adequado. Em "O Guardador de Rebanhos" há um aperfeiçoamento gradual neste sentido: os

poemas finais — e sobretudo os quatro ou cinco que precedem os dois últimos — são de uma perfeita unidade idéia-emotiva. Eu perdoaria ao poeta que ele houvesse assim permanecido ainda escravo de certos apetrechos sentimentais da mentalidade cristista, se ele nunca, até ao fim da obra, se conseguisse libertar deles. Mas se, a dada altura da sua evolução poética, ele o fez, culpo-o, e severamente o culpo (como severamente, em pessoa, o culpei) de não voltar aos seus poemas anteriores, ajustando-os à sua disciplina adquirida, e, se alguns a essa disciplina se não sujeitassem, riscando-os inteiramente. Mas a coragem de sacrificar o que se fez é a que mais escasseia ao poeta. Tão mais difícil é refazer que fazer a primeira vez. Verdadeiramente, ao invés do que diz o prólogo gálico, é o último passo o que mais custa.

Assim eu acho o...^o poema, tão irritantemente enternecedor para um cristão, absolutamente deplorável para um poeta objetivo, para um reconstrutor da essência do paganismo. Nesse poema desce-se às últimas baixezas do subjetivismo cristista, indo até àquela mistura do objetivo com o subjetivo que é o distintivo doentio dos mais doentios dos modernos (desde certos pontos da obra intolerável do infeliz chamado Victor Hugo até à quase totalidade da magma amorfa que faz às vezes de poesia entre os nossos contemporâneos místicos).

Exagero, porventura, e abuso. Tendo aproveitado a ressurreição do paganismo que Caeiro conseguiu, e tendo como todos os aproveitadores conseguido a fácil arte secundária de aperfeiçoar, é talvez ingrato que me revolte contra os defeitos inerentes à inovação com que aproveitei. Mas, se os acho defeitos, tenho, embora os desculpe, que os apelar de tais. Magis amici veritas.

O GUARDADOR DE REBANHOS

(1911-1912)

I

EU NUNCA guardei rebanhos,
Mas é como se os guardasse.
Minha alma é como um pastor,
Conhece o vento e o sol
E anda pela mão das Estações
A seguir e a olhar.
Toda a paz da Natureza sem gente
Vem sentar-se a meu lado.
Mas eu fico triste como um pôr de sol
Para a nossa imaginação,
Quando esfria no fundo da planície
E se sente a noite entrada
Como uma borboleta pela janela.

Mas a minha tristeza é sossêgo
Porque é natural e justa
E é o que deve estar na alma
Quando já pensa que existe
E as mãos colhem flores sem ela dar por isso.

Como um ruído de chocalhos
Para além da curva da estrada,
Os meus pensamentos são contentes.
Só tenho pena de saber que eles são contentes,
Porque, se o não soubesse,
Em vez de serem contentes e tristes,
Seriam alegres e contentes.

Pensar incomoda como andar à chuva
Quando o vento cresce e parece que chove mais.

Não tenho ambições nem desejos
Ser poeta não é uma ambição minha
É a minha maneira de estar sozinho.

E se desejo às vezes
Por imaginar, ser cordeirinho
(Ou ser o rebanho todo
Para andar espalhado por toda a encosta
A ser muita cousa feliz ao mesmo tempo),
É só porque sinto o que escrevo ao pôr do sol,
Ou quando uma nuvem passa a mão por cima da luz
E corre um silêncio pela erva fora.

Quando me sento a escrever versos
Ou, passeando pelos caminhos ou pelos atalhos,
Escrevo versos num papel que está no meu pensamento,
Sinto um cajado nas mãos
E vejo um recorte de mim
No cimo dum outeiro,
Olhando para o meu rebanho e vendo as minhas idéias,
Ou olhando para as minhas idéias e vendo o meu rebanho.
E sorrindo vagamente como quem não compreende o que se diz
E quer fingir que compreende.

Saúdo todos os que me lerem,
Tirando-lhes o chapéu largo
Quando me vêm à minha porta
Mal a diligência levanta no cimo do outeiro.
Saúdo-os e desejo-lhes sol,
E chuva, quando a chuva é precisa,
E que as suas casas tenham
Ao pé duma janela aberta
Uma cadeira predileta
Onde se sentem, lendo os meus versos.
E ao lerem os meus versos pensem
Que sou qualquer cousa natural —
Por exemplo, a árvore antiga
À sombra da qual quando crianças
Se sentavam com um baque, cansados de brincar,
E limpavam o suor da testa quente
Com a manga do bibe riscado.

8-3-1914

II

O MEU OLHAR é nítido como um girassol.
Tenho o costume de andar pelas estradas
Olhando para a direita e para a esquerda,
E de vez em quando olhando para trás...
E o que vejo a cada momento
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,
E eu sei dar por isso muito bem...
Sei ter o pasmo essencial
Que tem uma criança se, ao nascer,
Reparasse que nascera deveras...
Sinto-me nascido a cada momento
Para a eterna novidade do Mundo...

Creio no mundo como num malmequer,
Porque o vejo. Mas não penso nele
Porque pensar é não compreender...
O Mundo não se fez para pensarmos nele
(Pensar é estar doente dos olhos)
Mas para olharmos para ele e estarmos de acordo...

Eu não tenho filosofia: tenho sentidos...
Se falo na Natureza não é porque saiba o que ela é,
Mas porque a amo, e amo-a por isso,
Porque quem ama nunca sabe o que ama
Nem sabe por que ama, nem o que é amar...

Amar é a eterna inocência,
E a única inocência não pensar...

8-3-1914

III

AO ENTARDECER, debruçado pela janela,
E sabendo de soslaio que há campos em frente,
Leio até me arderem os olhos
O livro de Cesário Verde.

Que pena que tenho dêle! Ele era um camponês
Que andava preso em liberdade pela cidade.
Mas o modo como olhava para as casas,
E o modo como reparava nas ruas,

E a maneira como dava pelas cousas,
É o de quem olha para árvores,
E de quem desce os olhos pela estrada por onde vai andando
E anda a reparar nas flores que há pelos campos...

Por isso ele tinha aquela grande tristeza
Que ele nunca disse bem que tinha,
Mas andava na cidade como quem anda no campo
E triste como esmagar flores em livros
E pôr plantas em jarros...

IV

ESTA TARDE a trovoada caiu
Pelas encostas do céu abaixo
Como um pedregulho enorme...
Como alguém que duma janela alta
Sacode uma toalha de mesa,
E as migalhas, por caírem todas juntas,
Fazem algum barulho ao cair,
A chuva chovia do céu
E enegreceu os caminhos...

Quando os relâmpagos sacudiam o ar
E abanavam o espaço
Como uma grande cabeça que diz que não,
Não sei porquê — eu não tinha medo —
Pus-me a rezar a Santa Bárbara
Como se eu fosse a velha tia de alguém...

Ah! é que rezando a Santa Bárbara
Eu sentia-me ainda mais simples
Do que julgo que sou...
Sentia-me familiar e caseiro
E tendo passado a vida
Tranqüilamente, como o muro do quintal;
Tendo idéias e sentimentos por os ter
Como uma flor tem perfume e cor...

Sentia-me alguém que possa acreditar em Santa Bárbara...
Ah, poder crer em Santa Bárbara!

(Quem crê que há Santa Bárbara,
Julgará que ela é gente e visível
Ou que julgará dela?)

(Que artifício! Que sabem
As flores, as árvores, os rebanhos,
De Santa Bárbara? . . . Um ramo de árvore,
Se pensasse, nunca podia
Construir santos nem anjos. . .
Poderia julgar que o sol
É Deus, e que a trovoada
É uma quantidade de gente
Zangada por cima de nós. . .
Ah, como os mais simples dos homens
São doentes e confusos e estúpidos
Ao pé da clara simplicidade
E saúde em existir
Das árvores e das plantas!)

E eu, pensando em tudo isto,
Fiquei outra vez menos feliz. . .
Fiquei sombrio e adoecido e soturno
Como um dia em que todo o dia a trovoada ameaça
E nem sequer de noite chega. . .

V

HÁ METAFÍSICA bastante em não pensar em nada.

O que penso eu do mundo?
Sei lá o que penso do mundo!
Se eu adoecesse pensaria nisso.

Que idéia tenho eu das cousas?
Que opinião tenho sobre as causas e os efeitos?
Que tenho eu meditado sobre Deus e a alma
E sobre a criação do Mundo?
Não sei. Para mim pensar nisso é fechar os olhos
E não pensar. É correr as cortinas
Da minha janela (mas ela não tem cortinas).

O mistério das cousas? Sei lá o que é mistério!
O único mistério é haver quem pense no mistério.
Quem está ao sol e fecha os olhos,
Começa a não saber o que é o sol
E a pensar muitas cousas cheias de calor.

Mas abre os olhos e vê o sol,
E já não pode pensar em nada,
Porque a luz do sol vale mais que os pensamentos
De todos os filósofos e de todos os poetas.
A luz do sol não sabe o que faz
E por isso não erra e é comum e boa.

Metafísica? Que metafísica têm aquelas árvores?
A de serem verdes e copadas e de terem ramos
E a de dar fruto na sua hora, o que não nos faz pensar,
A nós, que não sabemos dar por elas.
Mas que melhor metafísica que a delas,
Que é a de não saber para que vivem
Nem saber que o não sabem?

“Constituição íntima das cousas” . . .

“Sentido íntimo do Universo” . . .

Tudo isto é falso, tudo isto não quer dizer nada.

É incrível que se possa pensar em cousas dessas.

É como pensar em razões e fins

Quando o começo da manhã está raiando, e pelos lados das
árvores

Um vago ouro lustroso vai perdendo a escuridão.

Pensar no sentido íntimo das cousas
É acrescentado, como pensar na saúde
Ou levar um copo à água das fontes.

O único sentido íntimo das cousas
É elas não terem sentido íntimo nenhum.

Não acredito em Deus porque nunca o vi.
Se ele quisesse que eu acreditasse nele,
Sem dúvida que viria falar comigo
E entraria pela minha porta dentro
Dizendo-me, *Aqui estou!*

(Isto é talvez ridículo aos ouvidos
De quem, por não saber o que é olhar para as cousas,
Não compreende quem fala delas
Com o modo de falar que reparar para elas ensina.)

Mas se Deus é as flores e as árvores
E os montes e sol e o luar,
Então acredito nele,

Então acredito nele a toda a hora,
E a minha vida é toda uma oração e uma missa,
E uma comunhão com os olhos e pelos ouvidos.

Mas se Deus é as árvores e as flores
E os montes e o luar e o sol,
Para que lhe chamo eu Deus?
Chamo-lhe flores e árvores e montes e sol e luar;
Porque, se ele se fez, para eu o ver,
Sol e luar e flores e árvores e montes,
Se ele me aparece como sendo árvores e montes
E luar e sol e flores,
É que ele quer que eu o conheça
Como árvores e montes e flores e luar e sol.

E por isso eu obedeço-lhe,
(Que mais sei eu de Deus que Deus de si próprio?).
Obedeço-lhe a viver, espontaneamente,
Como quem abre os olhos e vê,
E chamo-lhe luar e sol e flores e árvores e montes,
E amo-o sem pensar nele,
E penso-o vendo e ouvindo,
E ando com ele a toda a hora.

VI

PENSAR em Deus é desobedecer a Deus,
Porque Deus quis que o não conhecêssemos,
Por isso se nos não mostrou...

Sejamos simples e calmos,
Como os regatos e as árvores,
E Deus amar-nos-á fazendo de nós
Belos como as árvores e os regatos,
E dar-nos-á verdor na sua primavera,
E um rio aonde ir ter quando acabemos!...

VII

DA MINHA ALDEIA vejo quanto da terra se pode ver no Universo...
Por isso a minha aldeia é tão grande como outra terra qualquer
Porque eu sou do tamanho do que vejo
E não do tamanho da minha altura...

Nas cidades a vida é mais pequena
Que aqui na minha casa no cimo deste outeiro.
Na cidade as grandes casas fecham a vista à chave,
Escondem o horizonte, empurram o nosso olhar para longe de
todo o céu,
Tornam-nos pequenos porque nos tiram o que os nossos olhos
nos podem dar,
E tornam-nos pobres porque a nossa única riqueza é ver.

VIII

NUM MEIO-DIA de fim de primavera
Tive um sonho como uma fotografia.
Vi Jesus Cristo descer à terra.
Veio pela encosta de um monte
Tornado outra vez menino,
A correr e a rolar-se pela erva
E a arrancar flores para as deitar fora
E a rir de modo a ouvir-se de longe.

Tinha fugido do céu.
Era nosso demais para fingir
De segunda pessoa da Trindade.
No céu era tudo falso, tudo em desacordo
Com flores e árvores e pedras.
No céu tinha que estar sempre sério
E de vez em quando de se tornar outra vez homem
E subir para a cruz, e estar sempre a morrer
Com uma coroa toda à roda de espinhos
E os pés espetados por um prego com cabeça,
E até com um trapo à roda da cintura
Como os pretos nas ilustrações.
Nem sequer o deixavam ter pai e mãe
Como as outras crianças.
O seu pai era duas pessoas —
Um velho chamado José, que era carpinteiro,
E que não era pai dele;
E o outro pai era uma pomba estúpida,
A única pomba feia do mundo
Porque não era do mundo nem era pomba.
E a sua mãe não tinha amado antes de o ter.

Não era mulher: era uma mala
Em que ele tinha vindo do céu.
E queriam que ele, que só nascera da mãe,
E nunca tivera pai para amar com respeito,
Pregasse a bondade e a justiça!

Um dia que Deus estava a dormir
E o Espírito Santo andava a voar,
Ele foi à caixa dos milagres e roubou três.
Com o primeiro fez que ninguém soubesse que ele tinha fugido.
Com o segundo criou-se eternamente humano e menino.
Com o terceiro criou um Cristo eternamente na cruz
E deixou-o pregado na cruz que há no céu
E serve de modelo às outras.
Depois fugiu para o sol
E desceu pelo primeiro raio que apanhou.
Hoje vive na minha aldeia comigo.
É uma criança bonita de riso e natural.
Limpa o nariz ao braço direito,
Chapinha nas poças de água,
Colhe as flores e gosta delas e esquece-as.
Atira pedras aos burros,
Rouba a fruta dos pomares
E foge a chorar e a gritar dos cães.
E, porque sabe que elas não gostam
E que toda a gente acha graça,
Corre atrás das raparigas
Que vão em ranchos pelas estradas
Com as bilhas às cabeças
E levanta-lhes as saias.

A mim ensinou-me tudo.
Ensinou-me a olhar para as cousas.
Aponta-me todas as cousas que há nas flores.
Mostra-me como as pedras são engraçadas
Quando a gente as tem na mão
E olha devagar para elas.

Diz-me muito mal de Deus.
Diz que ele é um velho estúpido e doente,
Sempre a escarrar no chão
E a dizer indecências.
A Virgem Maria leva as tardes da eternidade a fazer meia.

E o Espírito Santo coça-se com o bico
E empoleira-se nas cadeiras e suja-as.
Tudo no céu é estúpido como a Igreja Católica.
Diz-me que Deus não percebe nada
Das coisas que criou —
“Se é que ele as criou, do que duvido” —
“Ele diz, por exemplo, que os seres cantam a sua glória,
Mas os seres não cantam nada.
Se cantassem seriam cantores.
Os seres existem e mais nada,
E por isso se chamam seres.”
E depois, cansado de dizer mal de Deus,
O Menino Jesus adormece nos meus braços
E eu levo-o ao colo para casa.

.....

Ele mora comigo na minha casa a meio do outeiro.
Ele é a Eterna Criança, o deus que faltava.
Ele é o humano que é natural,
Ele é o divino que sorri e que brinca.
E por isso é que eu sei com toda a certeza
Que ele é o Menino Jesus verdadeiro.

E a criança tão humana que é divina
É esta minha quotidiana vida de poeta,
E é porque ele anda sempre comigo que eu sou poeta sempre,
E que o meu mínimo olhar
Me enche de sensação,
E o mais pequeno som, seja do que for,
Parece falar comigo.

A Criança Nova que habita onde vivo
Dá-me uma mão a mim
E a outra a tudo que existe
E assim vamos os três pelo caminho que houver,
Saltando e cantando e rindo
E gozando o nosso segredo comum
Que é o de saber por toda a parte
Que não há mistério no mundo
E que tudo vale a pena.

A Criança Eterna acompanha-me sempre.
A direção de meu olhar é o seu dedo apontando.
O meu ouvido atento alegremente a todos os sons
São as cócegas que ele me faz, brincando, nas orelhas.

Damo-nos tão bem um com o outro
Na companhia de tudo
Que nunca pensamos um no outro,
Mas vivemos juntos e dois
Com um acordo íntimo
Como a mão direita e a esquerda.

Ao anoitecer brincamos as cinco pedrinhas
No degrau da porta de casa,
Graves como convém a um deus e a um poeta,
E como se cada pedra
Fosse todo um universo
E fôsse por isso um grande perigo para ela
Deixá-la cair no chão.

Depois eu conto-lhe histórias das cousas só dos homens
E ele sorri, porque tudo é incrível.
Ri dos reis e dos que não são reis,
E tem pena de ouvir falar das guerras,
E dos comércios, e dos navios
Que ficam fumo no ar dos altos-mares.
Porque ele sabe que tudo isso falta àquela verdade
Que uma flor tem ao florescer
E que anda com a luz do sol
A variar os montes e os vales
E a fazer doer aos olhos os muros caiados.

Depois ele adormece e eu deito-o.
Levo-o ao colo para dentro de casa
E deito-o, despindo-o lentamente
E como seguindo um ritual muito limpo
E todo materno até ele estar nu.

Ele dorme dentro da minha alma
E às vezes acorda de noite
E brinca com os meus sonhos.
Vira uns de pernas para o ar,
Põe uns em cima dos outros
E bate as palmas sozinho
Sorrindo para o meu sono.

.....

Quando eu morrer, filhinho,
Seja eu a criança, o mais pequeno.
Pega-me tu ao colo
E leva-me para dentro da tua casa.
Despe o meu ser cansado e humano
E deita-me na tua cama.
E conta-me histórias, caso eu acorde,
Para eu tornar a adormecer.
E dá-me sonhos teus para eu brincar
Até que nasça qualquer dia
Que tu sabes qual é.

.....

Esta é a história do meu Menino Jesus.
Por que razão que se perceba
Não há de ser ela mais verdadeira
Que tudo quando os filósofos pensam
E tudo quanto as religiões ensinam?

IX

SOU UM guardador de rebanhos.
O rebanho é os meus pensamentos
E os meus pensamentos são todos sensações.
Penso com os olhos e com os ouvidos
E com as mãos e os pés
E com o nariz e a boca.

Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la
E comer um fruto é saber-lhe o sentido.

Por isso quando num dia de calor
Me sinto triste de gozá-lo tanto.
E me deito ao comprido na erva,
E fecho os olhos quentes,
Sinto todo o meu corpo deitado na realidade,
Sei a verdade e sou feliz.

X

“OLÁ, GUARDADOR de rebanhos,
Aí à beira da estrada,
Que te diz o vento que passa?”

“Que é vento, e que passa,
E que já passou antes,
E que passará depois.
E a ti o que te diz?”

“Muita cousa mais do que isso.
Fala-me de muitas outras cousas.
De memórias e de saudades
E de cousas que nunca foram.”

“Nunca ouviste passar o vento.
O vento só fala do vento.
O que lhe ouviste foi mentira,
E a mentira está em ti.”

XI

AQUELA SENHORA tem um piano
Que é agradável mas não é o correr dos rios
Nem o murmúrio que as árvores fazem...

Para que é preciso ter piano?
O melhor é ter ouvidos
E amar a Natureza.

XII

OS PASTORES de Virgílio tocavam avenas e outras cousas
E cantavam de amor literariamente.
(Depois — eu nunca li Virgílio.
Para que o havia eu de ler?)

Mas os pastores de Virgílio, coitados, são Virgílio,
E a Natureza é bela e antiga.

XIII

LEVE, LEVE, muito leve,
Um vento muito leve passa,
E vai-se, sempre muito leve.
E eu não sei o que penso
Nem procuro sabê-lo.

XIV

NÃO ME IMPORTO com as rimas. Raras vezes
Há duas árvores iguais, uma ao lado da outra.
Penso e escrevo como as flores têm cor
Mas com menos perfeição no meu modo de exprimir-me
Porque me falta a simplicidade divina
De ser todo só o meu exterior

Olho e comovo-me,
Comovo-me como a água corre quando o chão é inclinado.
E a minha poesia é natural como o levantar-se vento...

XV

AS QUATRO canções que seguem
Separam-se de tudo o que eu penso,
Mentem a tudo o que eu sinto,
São do contrário do que eu sou...

Escrevi-as estando doente
E por isso elas são naturais
E concordam com aquilo que sinto,
Concordam com aquilo com que não concordam...
Estando doente devo pensar o contrário
Do que penso quando estou são.
(Senão não estaria doente),
Devo sentir o contrário do que sinto
Quando sou eu na saúde,
Devo mentir à minha natureza
De criatura que sente de certa maneira...
Devo ser todo doente — idéias e tudo.
Quando estou doente, não estou doente para outra coisa.

Por isso essas canções que me renegam
Não são capazes de me renegar
E são a paisagem da minha alma de noite,
A mesma ao contrário. . .

XVI

QUEM ME DERA que a minha vida fosse um carro de bois
Que vem a chiar, manhãzinha cedo, pela estrada,
E que para de onde veio volta depois
Quase à noitinha pela mesma estrada.

Eu não tinha que ter esperanças — tinha só que ter rodas. . .
A minha velhice não tinha rugas nem cabelo branco. . .
Quando eu já não servia, tiravam-me as rodas
E eu ficava virado e partido no fundo de um barranco.

XVII

NO MEU PRATO que mistura de Natureza!
As minhas irmãs as plantas,
As companheiras das fontes, as santas
A quem ninguém reza. . .

E cortam-as e vêm à nossa mesa
E nos hotéis os hóspedes ruidosos,
Que chegam com correias tendo mantas
Pedem “Salada”, descuidosos. . . ,
Sem pensar que exigem à Terra-Mãe
A sua frescura e os seus filhos primeiros,
As primeiras verdes palavras que ela tem,
As primeiras cousas vivas e irisantes
Que Noé viu
Quando as águas desceram e o cimo dos montes
Verde e alagado surgiu
E no ar por onde a pomba apareceu
O arco-íris se esbateu. . .

XVIII.

QUEM ME DERA que eu fosse o pó da estrada
E que os pés dos pobres me estivessem pisando. . .

Quem me dera que eu fosse os rios que correm
E que as lavadeiras estivessem à minha beira...

Quem me dera que eu fosse os choupos à margem do rio
E tivesse só o céu por cima e a água por baixo...

Quem me dera que eu fosse o burro do moleiro
E que ele me batesse e me estimasse...

Antes isso que ser o que atravessa a vida
Olhando para trás de si e tendo pena...

XIX

O LUAR quando bate na relva
Não sei que coisa me lembra...
Lembra-me a voz da criada velha
Contando-me contos de fadas.
E de como Nossa Senhora vestida de mendiga
Andava à noite nas estradas
Socorrendo as crianças maltratadas...

Se eu já não posso crer que isso é verdade,
Para que bate o luar na relva?

XX

O TEJO é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia,
Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha
aldeia
Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia.

O Tejo tem grandes navios
E navega nele ainda,
Para aqueles que vêm em tudo o que lá não está,
A memória das naus.

O Tejo desce de Espanha
E o Tejo entra no mar em Portugal.
Toda a gente sabe isso.
Mas poucos sabem qual é o rio da minha aldeia
E para onde ele vai
E donde ele vem.
E por isso, porque pertence a menos gente,
É mais livre e maior o rio da minha aldeia.

Pelo Tejo vai-se para o Mundo.
Para além do Tejo há a América
E a fortuna daqueles que a encontram.
Ninguém nunca pensou no que há para além
Do rio da minha aldeia.

O rio da minha aldeia não faz pensar em nada.
Quem está ao pé dele está só ao pé dele.

XXI

SE EU PUDESSE trincar a terra toda
E sentir-lhe um paladar,
Seria mais feliz um momento...
Mas eu nem sempre quero ser feliz.
É preciso ser de vez quando infeliz
Para se poder ser natural...

Nem tudo é dias de sol,
E a chuva, quando falta muito, pede-se.
Por isso tomo a infelicidade com a felicidade
Naturalmente, como quem não estranha
Que haja montanhas e planícies
E que haja rochedos e erva...

O que é preciso é ser-se natural e calmo
Na felicidade ou na infelicidade,
Sentir como quem olha,
Pensar como quem anda,
E quando se vai morrer, lembrar-se de que o dia morre,
E que o poente é belo e é bela a noite que fica...
Assim é e assim seja...

XXII

COMO QUEM num dia de Verão abre a porta de casa
E espreita para o calor dos campos com a cara toda,
Às vezes, de repente, bate-me a Natureza de chapa
Na cara dos meus sentidos,
E eu fico confuso, perturbado, querendo perceber
Não sei bem como nem o quê...

Mas quem me mandou a mim querer perceber?
Quem me disse que havia que perceber?

Quando o Verão me passa pela cara
A mão leve e quente da sua brisa,
Só tenho que sentir agrado porque é brisa
Ou que sentir desagrado porque é quente,
E de qualquer maneira que eu o sinta,
Assim, porque assim o sinto, é que é meu dever senti-lo...

XXIII

O MEU OLHAR azul como o céu
É calmo como a água ao sol.
É assim, azul e calmo,
Porque não interroga nem se espanta...

Se eu interrogasse e me espantasse
Não nasciam flôres novas nos prados
Nem mudaria qualquer coisa no sol de modo a ele ficar mais
belo...

(Mesmo se nascessem flôres novas no prado
E se o sol mudasse para mais belo,
Eu sentiria menos flôres no prado
E achava mais feio o sol...
Porque tudo é como é e assim é que é,
E eu aceito, e nem agradeço,
Para não parecer que penso nisso...)

XXIV

O QUE NÓS vemos das cousas são as cousas.
Por que veríamos nós uma coisa se houvesse outra?
Por que é que ver e ouvir seria iludirmo-nos
Se ver e ouvir são ver e ouvir?

O essencial é saber ver.
Saber ver sem estar a pensar,
Saber ver quando se vê,
E nem pensar quando se vê
Nem ver quando se pensa.

Mas isso (tristes de nós que trazemos a alma vestida!),
Isso exige um estudo profundo,
Uma aprendizagem de desaprender
E uma seqüestração na liberdade daquele convento
De que os poetas dizem que as estrelas são as freiras eternas
E as flores as penitentes convictas de um só dia,
Mas onde afinal as estrelas não são senão estrelas
Nem as flores senão flores,
Sendo por isso que lhes chamamos estrelas e flores.

XXV

AS BOLAS de sabão que esta criança
Se entretém a largar de uma palhinha
São translucidamente uma filosofia toda.
Claras, inúteis e passageiras como a Natureza,
Amigas dos olhos como as cousas,
São aquilo que são
Com uma precisão redondinha e aérea,
E ninguém, nem mesmo a criança que as deixa,
Pretende que elas são mais do que parecem ser.

Algumas mal se vêm no ar lúcido.
São como a brisa que passa e mal toca nas flores
E que só sabemos que passa
Porque qualquer cousa se aligeira em nós
E aceita tudo mais nitidamente.

13-3-1914

XXVI

ÀS VEZES, em dias de luz perfeita e exata,
Em que as cousas têm toda a realidade que podem ter,
Pergunto a mim próprio devagar
Por que sequer atribuo eu
Beleza às cousas.

Uma flor acaso tem beleza?
Tem beleza acaso um fruto?
Não: têm cor e forma
E existência apenas.

A beleza é o nome de qualquer coisa que não existe
Que eu dou às coisas em troca do agrado que me dão.
Não significa nada.
Então por que digo eu das coisas: são belas?

Sim, mesmo a mim, que vivo só de viver,
Invisíveis, vêm ter comigo as mentiras dos homens
Perante as coisas,
Perante as coisas que simplesmente existem.

Que difícil ser próprio e não ver senão o visível!

11-3-1914

XXVII

SÓ A NATUREZA é divina, e ela não é divina...

Se falo dela como de um ente
É que para falar dela preciso usar da linguagem dos homens
Que dá personalidade às coisas,
E impõe nome às coisas.

Mas as coisas não têm nome nem personalidade:
Existem, e o céu é grande e a terra larga,
E o nosso coração do tamanho de um punho fechado...

Bendito seja eu por tudo quanto sei.
Gozo tudo isso como quem sabe que há o sol.

XXVIII

LI HOJE quase duas páginas
Do livro dum poeta místico,
E ri como quem tem chorado muito.

Os poetas místicos são filósofos doentes,
E os filósofos são homens doidos.

Porque os poetas místicos dizem que as flores sentem
E dizem que as pedras têm alma
E que os rios têm êxtases ao luar.

Mas flores, se sentissem, não eram flores,
Eram gente;
E se as pedras tivessem alma, eram cousas vivas, não eram
pedras;
E se os rios tivessem êxtases ao luar,
Os rios seriam homens doentes.

É preciso não saber o que são flores e pedras e rios
Para falar dos sentimentos deles.
Falar da alma das pedras, das flores, dos rios,
É falar de si próprio e dos seus falsos pensamentos.
Graças a Deus que as pedras são só pedras.
E que os rios não são senão rios,
E que as flores são apenas flores.

Por mim, escrevo a prosa dos meus versos
E fico contente,
Porque sei que compreendo a Natureza por fora;
E não a compreendo por dentro
Porque a Natureza não tem dentro;
Senão não era a Natureza.

XXIX

NEM SEMPRE sou igual no que digo e escrevo.
Mudo, mas não mudo muito.
A cor das flores não é a mesma ao sol
De que quando uma nuvem passa
Ou quando entra a noite
E as flores são cor da sombra.

Mas quem olha bem vê que são as mesmas flores.
Por isso quando pareço não concordar comigo,
Reparem bem para mim:
Se estava virado para a direita,
Voltei-me agora para a esquerda,
Mas sou sempre eu, assente sobre os mesmos pés —
O mesmo sempre, graças ao céu e à terra
E aos meus olhos e ouvidos atentos
E à minha clara simplicidade de alma...

XXX

SE QUISEREM que eu tenha um misticismo, está bem, tenho-o.
Sou místico, mas só com o corpo.
A minha alma é simples e não pensa.

O meu misticismo é não querer saber.
É viver e não pensar nisso.

Não sei o que é a Natureza: canto-a.
Vivo no cimo dum outeiro
Numa casa caiada e sozinha,
E essa é a minha definição.

XXXI

SE ÀS VEZES digo que as flores sorriem
E se eu disser que os rios cantam,
Não é porque eu julgue que há sorrisos nas flores
E cantos no correr dos rios . . .
É porque assim faço mais sentir aos homens falsos
A existência verdadeiramente real das flores e dos rios.

Porque escrevo para eles me lerem sacrifico-me às vezes
À sua estupidez de sentidos . . .
Não concordo comigo mas absolvo-me,
Porque só sou essa coisa séria, um intérprete da Natureza,
Porque há homens que não percebem a sua linguagem,
Por ela não ser linguagem nenhuma.

XXXII

ONTEM À TARDE um homem das cidades
Falava à porta da estalagem.
Falava comigo também.
Falava da justiça e da luta para haver justiça
E dos operários que sofrem,
E do trabalho constante, e dos que têm fome,
E dos ricos, que só têm costas para isso.

E, olhando para mim, viu-me lágrimas nos olhos
E sorriu com agrado, julgando que eu sentia

O ódio que ele sentia, e a paixão
Que ele dizia que sentia.

(Mas eu mal o estava ouvindo.
Que me importam a mim os homens
E o que sofrem ou supõem que sofrem?
Sejam com eu — não sofrerão.
Todo o mal do mundo vem de nos importarmos uns com os
outros,

Quer para fazer bem, quer para fazer mal.
A nossa alma e o céu e a terra bastam-nos.
Querer mais é perder isto, e ser infeliz.)

Eu no que estava pensando
Quando o amigo de gente falava
(E isso me comoveu até às lágrimas),
Era em como o murmúrio longínquo dos chocalhos
A esse entardecer
Não parecia os sinos duma capela pequenina
A que fossem à missa as flores e os regatos
E as almas simples como a minha.

(Louvado seja Deus que não sou bom,
E tenho o egoísmo natural das flores
E dos rios que seguem o seu caminho
Preocupados sem o saber
Só com florir e ir correndo.
É essa a única missão no Mundo,
Essa — existir claramente,
E saber fazê-lo sem pensar nisso.)

E o homem calara-se, olhando o poente.
Mas que tem com o poente quem odeia e ama?

XXXIII

POBRES DAS FLORES nos canteiros dos jardins regulares.
Parecem ter medo da polícia. . .
Mas tão boas que florescem do mesmo modo
E têm o mesmo sorriso antigo
Que tiveram para o primeiro olhar do primeiro homem
Que as viu aparecidas e lhes tocou levemente
Para ver se elas falavam. . .

XXXIV

ACHO TÃO NATURAL que não se pense
Que me ponho a rir às vezes, sózinho,
Não sei bem de quê, mas é de qualquer coisa
Que tem que ver com haver gente que pensa...

Que pensará o meu muro da minha sombra?
Pergunto-me às vezes isto até dar por mim
A perguntar-me cousas...
E então desagrado-me, e incomodo-me
Como se desse por mim com um pé dormente...

Que pensará isto de aquilo?
Nada pensa nada.
Terá a terra consciência das pedras e plantas que tem?
Se ela a tiver, que a tenha...
Que me importa isso a mim?
Se eu pensasse nessas cousas,
Deixaria de ver as árvores e as plantas
E deixava de ver a Terra,
Para ver só os meus pensamentos...
Entristecia e ficava às escuras.
E assim, sem pensar tenho a Terra e o Céu.

XXXV

O LUAR através dos altos ramos,
Dizem os poetas todos que ele é mais
Que o luar através dos altos ramos.

Mas para mim, que não sei o que penso,
O que o luar através dos altos ramos
É, além de ser
O luar através dos altos ramos,
É não ser mais
Que o luar através dos altos ramos.

XXXVI

E HÁ POETAS que são artistas
E trabalham nos seus versos
Como um carpinteiro nas tábuas!...

Que triste não saber florir!
Ter que pôr verso sobre verso, como quem constrói um muro
E ver se está bem, e tirar se não está! . . .
Quando a única casa artística é a Terra toda
Que varia e está sempre bem e é sempre a mesma.

Penso nisto, não como quem pensa, mas como quem respira,
E olho para as flores e sorrio. . .
Não sei se elas me compreendem
Nem sei eu as compreendo a elas,
Mas sei que a verdade está nelas e em mim
E na nossa comum divindade
De nos deixarmos ir e viver pela Terra
E levar ao solo pelas Estações contentes
E deixar que o vento cante para adormecermos
E não termos sonhos no nosso sono.

XXXVII

COMO UM GRANDE borrão de fogo sujo
O sol pôsto demora-se nas nuvens que ficam.
Vem um silvo vago de longe na tarde muito calma.
Deve ser dum comboio longínquo.

Neste momento vem-me uma vaga saudade
E um vago desejo plácido
Que aparece e desaparece.

Também às vezes, à flor dos ribeiros,
Formam-se bólhas na água
Que nascem e se desmancham
E não têm sentido nenhum
Salvo serem bolhas de água
Que nascem e se desmancham.

XXXVIII

BENDITO SEJA o mesmo sol de outras terras
Que faz meus irmãos todos os homens
Porque todos os homens, um momento no dia, o olham como eu,
E nesse puro momento
Todo limpo e sensível

Regressam lacrimosamente
E com um suspiro que mal sentem
Ao homem verdadeiro e primitivo
Que via o Sol nascer e ainda o não adorava.
Porque isso é natural — mais natural
Que adorar o ouro e Deus
E a arte e a moral. . .

XXXIX

O MISTÉRIO das cousas, onde está ele?
Onde está ele que não aparece
Pelo menos a mostrar-nos que é mistério?
Que sabe o rio disso e que sabe a árvore?
E eu, que não sou mais do que eles, que sei disso?
Sempre que olho para as cousas e penso no que os homens
pensam delas,
Rio como um regato que soa fresco numa pedra.

Porque o único sentido oculto das cousas
É elas não terem sentido oculto nenhum,
É mais estranho do que todas as estranhezas
E do que os sonhos de todos os poetas
E os pensamentos de todos os filósofos,
Que as cousas sejam realmente o que parecem ser
E não haja nada que compreender.

Sim, eis o que os meus sentidos aprenderam sozinhos: —
As cousas não têm significação: têm existência.
As cousas são o único sentido oculto das cousas.

XL

PASSA UMA BORBOLETA por diante de mim
E pela primeira vez no Universo eu reparo
Que as borboletas não têm cor nem movimento,
Assim como as flores não têm perfume nem cor.
A cor é que tem cor nas asas da borboleta,
No movimento da borboleta o movimento é que se move,
O perfume é que tem perfume no perfume da flor.
A borboleta é apenas borboleta
E a flor é apenas flor.

7-5-1914

XXI

NO ENTARDECER dos dias de Verão, às vezes,
Ainda que não haja brisa nenhuma, parece
Que passa, um momento, uma leve brisa...
Mas as árvores permanecem imóveis
Em todas as folhas das suas folhas
E os nossos sentidos tiveram uma ilusão,
Tiveram a ilusão do que lhes agradaria...

Ah, os sentidos, os doentes que vêem e ouvem!
Fôssemos nós como devíamos ser
E não haveria em nós necessidade de ilusão...
Bastar-nos-ia sentir com clareza e vida
E nem repararmos para que há sentidos...

Mas graças a Deus que há imperfeição no Mundo
Porque a imperfeição é uma cousa,
E haver gente que erra é original,
E haver gente doente torna o Mundo engraçado.
Se não houvesse imperfeição, havia uma cousa a menos,
E deve haver muita cousa
Para termos muito que ver e ouvir...

7-5-1914

XXII

PASSOU A DILIGÊNCIA pela estrada, e foi-se;
E a estrada não ficou mais bela, nem sequer mais feia.
Assim é a ação humana pelo mundo fora.
Nada tiramos e nada pomos; passamos e esquecemos;
E o sol é sempre pontual todos os dias.

7-5-1914

XXIII

ANTES O VÔO da ave, que passa e não deixa rasto,
Que a passagem do animal, que fica lembrada no chão.
A ave passa e esquece, e assim deve ser.
O animal, onde já não está e por isso de nada serve,
Mostra que já esteve, o que não serve para nada.

A recordação é uma traição à Natureza,
Porque a Natureza de ontem não é Natureza.
O que foi não é nada, e lembrar é não ver.

Passa, ave, passa, e ensina-me a passar!

7-5-1914

XLIV

ACORDO DE NOITE subitamente,
E o meu relógio ocupa a noite tãda.
Nã sinto a Natureza lá fora.
O meu quarto é uma cousa escura com paredes vagamente
brancas.

Lá fora há um sossego como se nada existisse.
Só o relógio prossegue o seu ruído.
E esta pequena cousa de engrenagens que está em cima da minha
mesa

Abafa tãda a existênciã da terra e do céu. . .
Quase que me perco a pensar o que isto significa,
Mas estaco, e sinto-me sorrir na noite com os cantos da bõca,
Porque a única cousa que o meu relógio simboliza ou significa
Enchendo com a sua pequenez a noite enorme
É a curiosa sensaçã de encher a noite enorme
Com a sua pequenez. . .

7-5-1914

XLV

UM RENQUE de árvores lá longe, lá para a encosta.
Mas o que é um renque de árvores? Há árvores apenas.
Renque e o plural árvores nã sã cousas, sã nomes.

Tristes das almas humanas, que põem tudo em ordem,
Que traçam linhas de cousa a cousa,
Que põem letreiros com nomes nas árvores absolutamente reais,
E desenham paralelos de latitude e longitude
Sobre a própria terra inocente e mais verde e florida do que
isso!

7-5-1914

XLVI

DESTE MODO ou daquele modo,
Conforme calha ou não calha,
Podendo às vezes dizer o que penso,
E outras vezes dizendo-o mal e com misturas,
Vou escrevendo os meus versos sem querer,
Como se escrever não fosse uma coisa feita de gestos,
Como se escrever fosse uma coisa que me acontecesse
Como dar-me o sol de fora.

Procuro dizer o que sinto
Sem pensar em que o sinto.
Procuro encostar as palavras à idéia
E não precisar dum corredor
Do pensamento para as palavras
Nem sempre consigo sentir o que sei que devo sentir.
O meu pensamento só muito devagar atravessa o rio a nado
Porque lhe pesa o fato que os homens o fizeram usar.

Procuro despir-me do que aprendi,
Procuro esquecer-me do modo de lembrar que me ensinaram,
E raspar a tinta com que me pintaram os sentidos,
Desencaixotar as minhas emoções verdadeiras,
Desembrulhar-me e ser eu, não Alberto Caiero,
Mas um animal humano que a Natureza produziu.

E assim escrevo, querendo sentir a Natureza, nem sequer como
um homem,

Mas como quem sente a Natureza, e mais nada.
E assim escrevo, ora bem, ora mal,
Ora acertando com o que quero dizer, ora errando,
Caindo aqui, levantando-me acolá,
Mas indo sempre no meu caminho como um cego teimoso.

Ainda assim, sou alguém.
Sou o Descobridor da Natureza.
Sou o Argonauta das sensações verdadeiras.
Trago ao Universo um novo Universo
Porque trago ao Universo ele-próprio.

Isto sinto e isto escrevo
Perfeitamente sabedor e sem que não veja
Que são cinco horas do amanhecer

E que o sol, que ainda não mostrou a cabeça
Por cima do muro do horizonte,
Ainda assim já se lhe vêem as pontas dos dedos
Agarrando o cimo do muro
Do horizonte cheio de montes baixos.

10-5-1914

XLVII

NUM DIA excessivamente nítido,
Dia em que dava a vontade de ter trabalhado muito
Para nêle não trabalhar nada,
Entrevi, como uma estrada por entre as árvores,
O que talvez seja o Grande Segredo,
Aquele Grande Mistério de que os poetas falsos falam.

Vi que não há Natureza,
Que Natureza não existe,
Que há montes, vales, planícies,
Que há árvores, flores, ervas,
Que há rios e pedras,
Mas que não há um todo a que isso pertença,
Que um conjunto real e verdadeiro
É uma doença das nossas idéias.

A Natureza é partes sem um todo.
Isto é talvez o tal mistério de que falam.

Foi isto o que sem pensar nem parar,
Acertei que devia ser a verdade
Que todos andam a achar e que não acham,
E que só eu, porque a não fui achar, achei.

XLVIII

DA MAIS ALTA janela da minha casa
Com um lenço branco digo adeus
Aos meus versos que partem para a Humanidade.

E não estou alegre nem triste.
Esse é o destino dos versos.
Escrevi-os e devo mostrá-los a todos

Porque não posso fazer o contrário
Como a flor não pode esconder a cor,
Nem o rio esconder que corre,
Nem a árvore esconder que dá fruto.

Ei-los que vão já longe como que na diligência
E eu sem querer sinto pena
Como uma dor no corpo.

Quem sabe quem os lerá?
Quem sabe a que mãos irão?

Flor, colheu-me o meu destino para os olhos.
Árvore, arrancaram-me os frutos para as bocas.
Rio, o destino da minha água era não ficar em mim.
Submeto-me e sinto-me quase alegre,
Quase alegre como quem se cansa de estar triste.

Ide, ide de mim!
Passa a árvore e fica dispersa pela Natureza.
Murcha a flor e o seu pó dura sempre.
Corre o rio e entra no mar e a sua água é sempre a que foi sua.

Passo e fico, como o Universo.

XLIX

METO-ME para dentro, e fecho a janela.
Trazem o candeeiro e dão as boas noites,
E a minha voz contente dá as boas noites.
Oxalá a minha vida seja sempre isto:
O dia cheio de sol, ou suave de chuva,
Ou tempestuoso como se acabasse o Mundo,
A tarde suave e os ranchos que passam
Fitados com interesse da janela,
O último olhar amigo dado ao sossego das árvores,
E depois, fechada a janela, o candeeiro aceso,
Sem ler nada, nem pensar em nada, nem dormir,
Sentir a vida correr por mim como um rio por seu leito.
E lá fora um grande silêncio como um deus que dorme.

O PASTOR AMOROSO

QUANDO EU não te tinha
Amava a Natureza como um monge calmo a Cristo...
Agora amo a Natureza
Como um monge calmo à Virgem Maria,
Religiosamente, a meu modo, como dantes,
Mas de outra maneira mais comovida e próxima...
Vejo melhor os rios quando vou contigo
Pelos campos até à beira dos rios;
Sentado a teu lado reparando nas juvenis
Reparo nelas melhor —
Tu não me tiraste a Natureza...
Tu mudaste a Natureza...
Trouxeste-me a Natureza para o pé de mim,
Por tu existires vejo-a melhor, mas a mesma,
Por tu me amares, amo-a do mesmo modo, mas mais,
Por tu me escolheres para te ter e te amar,
Os meus olhos fitaram-na mais demoradamente
Sobre todas as cousas.
Não me arrependo do que fui outrora
Porque ainda o sou.

6-7-1914

VAI ALTA no céu a lua da Primavera
Penso em ti e dentro de mim estou completo.
Corre pelos vagos campos até mim uma brisa ligeira.
Penso em ti, murmuro o teu nome; e não sou eu: sou feliz.
Amanhã virás, andarás comigo a colher flores pelo campo,
E eu andarei contigo pelos campos ver-te colher flores.
Eu já te vejo amanhã a colher flores comigo pelos campos,
Pois quando vieres amanhã e andares comigo no campo a colher
flores,
Isso será uma alegria e uma verdade para mim.

6-7-1914

O AMOR é uma companhia.
Já não sei andar só pelos caminhos,
Porque já não posso andar só.
Um pensamento visível faz-me andar mais depressa
E ver menos, e ao mesmo tempo gostar bem de ir vendo tudo.
Mesmo a ausência dela é uma cousa que está comigo.
E eu gosto tanto dela que não sei como a desejar.

Se a não vejo, imagino-a e sou forte como as árvores altas.
Mas se a vejo tremo, não sei o que é feito do que sinto na
ausência dela.

Todo eu sou qualquer força que me abandona.
Toda a realidade olha para mim como um girassol com a cara
dela no meio.

10-7-1930

O PASTOR AMOROSO perdeu o cajado,
E as ovelhas tresmalharam-se pela encosta,
E, de tanto pensar, nem tocou a flauta que trouxe para tocar.
Ninguém lhe apareceu ou desapareceu. Nunca mais encontrou o
cajado.

Outros, praguejando contra ele, recolheram-lhe as ovelhas.
Ninguém o tinha amado, afinal.

Quando se ergueu da encosta e da verdade falsa, viu tudo:
Os grandes vales cheios dos mesmos verdes de sempre,
As grandes montanhas longe, mais reais que qualquer sentimento,
A realidade toda, com o céu e o ar e os campos que existem,
estão presentes.

(E de novo o ar, que lhe faltara tanto tempo, lhe entrou fresco
nos pulmões)

E sentiu que de novo o ar lhe abria, mas com dor, uma liberdade
no peito.

10-7-1930

PASSEI TODA a noite, sem dormir, vendo, sem espaço, a figura
dela,
E vendo-a sempre de maneiras diferentes do que a encontro a
ela.
Faço pensamentos com a recordação do que ela é quando me
fala,

E em cada pensamento ela varia de acôrdo com a sua semelhança.
Amar é pensár.

E eu quase que me esqueço de sentir só de pensar nela.
Não sei bem o que quero, mesmo dela, e eu não penso senão
nela.

Tenho uma grande distração animada.

Quando desejo encontrá-la

Quase que prefiro não a encontrar,

Para não ter que a deixar depois.

Não sei bem o que quero, nem quero saber o que quero. Quero só
Pensar nela.

Não peço nada a ninguém, nem a ela, senão pensar.

10-7-1930

TODOS OS DIAS agora acordo com alegria e pena.

Antigamente acordava sem sensação nenhuma; acordava.

Tenho alegria e pena porque perco o que sonho

E posso estar na realidade onde está o que sonho.

Não sei o que hei de fazer das minhas sensações.

Não sei o que hei de ser comigo sozinho.

Quero que ela me diga qualquer cousa para eu acordar de novo.

23-7-1930

POEMAS INCONJUNTOS

(1913-1915)

NÃO BASTA abrir a janela
Para ver os campos e o rio.
Não é bastante não ser cego
Para ver as árvores e as flores.
É preciso também não ter filosofia nenhuma.
Com filosofia não há árvores: há idéias apenas.
Há só cada um de nós, como uma cave.
Há só uma janela fechada, e todo o mundo lá fora;
E um sonho do que se poderia ver se a janela se abrisse,
Que nunca é o que se vê quando se abre a janela.

FALAS DE CIVILIZAÇÃO, e de não dever ser,
Ou de não dever ser assim.
Dizes que todos sofrem, ou a maioria de todos,
Com as cousas humanas postas desta maneira.
Dizes que se fossem diferentes, sofreriam menos
Dizes que se fossem como tu queres, seria melhor.
Escuto sem te ouvir.
Para que te quereria eu ouvir?
Ouvindo-te nada ficaria sabendo.
Se as cousas fossem diferentes, seriam diferentes: eis tudo.
Se as cousas fossem como tu queres, seriam só como tu queres.
Ai de ti e de todos que levam a vida
A querer inventar a máquina de fazer felicidade!

ENTRE O QUE VEJO de um campo e o que vejo de outro campo
Passa um momento uma figura de homem.
Os seus passos vão com "ele" na mesma realidade,
Mas eu reparo para ele e para eles, e são duas cousas:
O "homem" vai andando com as suas idéias falso e estrangeiro,
E os passos vão com o sistema antigo que faz pernas andar.
Olho-o de longe sem opinião nenhuma.

Que perfeito que é nele o que ele é — o seu corpo,
A sua verdadeira realidade que não tem desejos nem esperanças,
Mas músculos e a maneira certa e impessoal de os usar.

20-4-1919

CRANÇA DESCONHECIDA e suja brincando à minha porta,
Não te pergunto se me trazes um recado dos símbolos.
Acho-te graça por nunca te ter visto antes,
E naturalmente se pudesses estar limpa eras outra criança,
Nem aqui vinhas.
Brinca na poeira, brinca!
Aprecio a tua presença só com os olhos.
Vale mais a pena ver uma cousa sempre pela primeira vez que
conhecê-la,
Porque conhecer é como nunca ter visto pela primeira vez,
E nunca ter visto pela primeira vez é só ter ouvido contar.

O modo como esta criança está suja é diferente do modo como
as outras estão sujas.
Brinca! pegando numa pedra que te cabe na mão,
Sabes que te cabe na mão.
Qual é a filosofia que chega a uma certeza maior?
Nenhuma, e nenhuma pode vir brincar nunca à minha porta.

12-4-1919

VERDADE, MENTIRA, certeza, incerteza. . .
Aquele cego ali na estrada também conhece estas palavras.
Estou sentado num degrau alto e tenho as mãos apertadas
Sobre o mais alto dos joelhos cruzados.
Bem: verdade, mentira, certeza, incerteza o que são?
O cego pára na estrada,
Desliguei as mãos de cima do joelho
Verdade, mentira, certeza, incerteza são as mesmas?
Qualquer coisa mudou numa parte da realidade — os meus
joelhos e as minhas mãos.
Qual é a ciência que tem conhecimento para isto?
O cego continua o seu caminho e eu não faço mais gestos.
Já não é a mesma hora, nem a mesma gente, nem nada igual.
Ser real é isto.

12-4-1919

UMA GARGALHADA de rapariga soa do ar da estrada.
Riu do que disse quem não vejo.
Lembro-me já que ouvi.
Mas se me falarem agora de uma gargalhada de rapariga da
estrada,
Direi: não, os montes, as terras ao sol, o sol, a casa aqui,
E eu que só oiço o ruído calado do sangue que há na minha
vida dos dois lados da cabeça.

12-4-1919

NOITE DE S. JOÃO para além do muro do meu quintal.
Do lado de cá, eu sem noite de S. João.
Porque há S. João onde o festejam.
Para mim há uma sombra de luz de fogueiras na noite,
Um ruído de gargalhadas, os baques dos saltos.
E um grito casual de quem não sabe que eu existo.

12-4-1919

ONTEM O PREGADOR de verdades dele
Falou outra vez comigo.
Falou do sofrimento das classes que trabalham
(Não do das pessoas que sofrem, que é afinal quem sofre).
Falou da injustiça de uns terem dinheiro,
E de outros terem fome, que não sei se é fome de comer.
Ou se é só fome da sobremesa alheia.
Falou de tudo quanto pudesse fazê-lo zangar-se.

Que feliz deve ser quem pode pensar na infelicidade dos outros!
Que estúpido se não sabe que a infelicidade dos outros é deles,
E não se cura de fora,
Porque sofrer não é ter falta de tinta
Ou o caixote não ter aros de ferro!

Haver injustiça é como haver morte.
Eu nunca daria um passo para alterar
Aquilo a que chamam a injustiça do mundo.
Mil passos que desse para isso
Eram só mil passos.
Aceito a injustiça como aceito uma pedra não ser redonda.
E um sobreiro não ter nascido pinheiro ou carvalho.

Cortei a laranja em duas, e as duas partes não podiam ficar iguais
Para qual fui injusto — eu, que as vou comer à ambas?

TU, MÍSTICO, vês uma significação em todas as cousas.
Para ti tudo tem um sentido velado.
Há uma cousa oculta em cada cousa que vês.
O que vês, vê-lo sempre para veres outra cousa.

Para mim, graças a ter olhos só para ver,
Eu vejo ausência de significação em todas as cousas;
Vejo-o e amo-me, porque ser uma cousa é não significar nada.
Ser uma cousa é não ser susceptível de interpretação.

12-4-1919

PASTOR DO MONTE, tão longe de mim com as tuas ovelhas —
Que felicidade é essa que pareces ter — a tua ou a minha?
A paz que sinto quando te vejo, pertence-me, ou pertence-te?
Não, nem a ti nem a mim, pastor.
Pertence só à felicidade e à paz.
Nem tu a tens, porque não sabes que a tens.
Nem eu a tenho, porque sei que a tenho.
Ela é ela só, e cai sobre nós como o sol
Que te bate nas costas e te aquece, e tu pensas noutra cousa
indiferentemente,
E me bate na cara e me ofusca, e eu só penso no sol.

12-4-1919

DIZES-ME: tu és mais alguma cousa
Que uma pedra ou uma planta.
Dizes-me: sentes, pensas e sabes
Que pensas e sentes.
Então as pedras escrevem versos?
Então as plantas têm idéias sobre o mundo?

Sim: há diferença.
Mas não é a diferença que encontras;
Porque o ter consciência não me obriga a ter teorias sobre as
cousas:
Só me obriga a ser consciente.

Se sou mais que uma pedra ou uma planta? Não sei.
Sou diferente. Não sei o que é mais ou menos.

Ter consciência é mais que ter côr?
Pode ser e pode não ser.
Sei que é diferente apenas.
Ninguém pode provar que é mais que só diferente.

Sei que a pedra é a real, e que a planta existe.
Sei isto porque elas existem.
Sei isto porque os meus sentidos mo mostram.
Sei que sou real também.
Sei isto porque os meus sentidos mo mostram,
Embora com menos clareza que me mostram a pedra e a planta.
Não sei mais nada.

Sim, escrevo versos, e a pedra não escreve versos.
Sim, faço idéias sobre o mundo, e a planta nenhuma.
Mas é que as pedras não são poetas, são pedras;
E as plantas são plantas só, e não pensadores.
Tanto posso dizer que sou superior a elas por isto,
Como que sou inferior.
Mas não digo isso: digo da pedra, "é uma pedra",
Digo da planta, "é uma planta",
Digo de mim, "sou eu".
E não digo mais nada. Que mais há a dizer?

A ESPANTOSA realidade das cousas
É a minha descoberta de todos os dias.
Cada cousa é o que é,
E é difícil explicar a alguém quanto isso me alegra,
E quanto isso me basta.

Basta existir para se ser completo.

Tenho escrito bastantes poemas.
Hei de escrever muitos mais, naturalmente.
Cada poema meu diz isto,
E todos os meus poemas são diferentes,
Porque cada cousa que há é uma maneira de dizer isto.

Às vezes ponho-me a olhar para uma pedra.
Não me ponho a pensar se ela sente.
Não me perco a chamar-lhe minha irmã.
Mas gosto dela por ela ser uma pedra,
Gosto dela porque ela não sente nada.
Gosto dela porque ela não tem parentesco nenhum comigo.

Outras vezes oiço passar o vento,
E acho que só para ouvir passar o vento vale a pena ter nascido.

Eu não sei o que é que os outros pensarão lendo isto;
Mas acho que isto deve estar bem porque o penso sem estorvo,
Nem idéia de outras pessoas a ouvir-me pensar;
Porque o penso sem pensamentos
Porque o digo como as minhas palavras o dizem.

Uma vez chamaram-me poeta materialista,
E eu admirei-me, porque não julgava
Que se me pudesse chamar qualquer cousa.
Eu nem sequer sou poeta: vejo.
Se o que escrevo tem valor, não sou eu que o tenho:
O valor está ali, nos meus versos.
Tudo isso é absolutamente independente da minha vontade.

7-11-1915

QUANDO TORNAR a vir a Primavera
Talvez já não me encontre no mundo.
Gostava agora de poder julgar que a Primavera é gente
Para poder supor que ela choraria,
Vendo que perdera o seu único amigo.
Mas a Primavera nem sequer é uma cousa:
É uma maneira de dizer.
Nem mesmo as flores tornam, ou as folhas verdes.
Há novas flores, novas folhas verdes.
Há outros dias suaves.
Nada torna, nada se repete, porque tudo é real.

7-11-1915

SE EU MORRER DÕVO,
Sem poder publicar livro nenhum,
Sem ver a cara que têm os meus versos em letra impressa,

Peço que, se se quiserem ralar por minha causa,
Que não se ralem.
Se assim aconteceu, assim está certo.

Mesmo que os meus versos nunca sejam impressos,
Eles lá terão a sua beleza, se forem belos.
Mas eles não podem ser belos e ficar por imprimir,
Porque as raízes podem estar debaixo da terra
Mas as flores florescem ao ar livre e à vista.
Tem que ser assim por força. Nada o pode impedir.

Se eu morrer muito novo, oiçam isto:
Nunca fui senão uma criança que brincava.
Fui gentio como o sol e a água,
De uma religião universal que só os homens não têm.
Fui feliz porque não pedi coisa nenhuma,
Nem procurei achar nada,
Nem achei que houvesse mais explicação
Que a palavra explicação não ter sentido nenhum.

Não desejei senão estar ao sol ou à chuva —
Ao sol quando havia sol
E à chuva quando estava chovendo
(E nunca a outra coisa),
Sentir calor e frio e vento,
E não ir mais longe.

Uma vez amei, julguei que me amariam,
Mas não fui amado.
Não fui amado pela única grande razão —
Porque não tinha que ser.

Consolei-me voltando ao sol e à chuva,
E sentando-me outra vez à porta de casa.
Os campos, afinal, não são tão verdes para os que são amados
Como para os que o não são.
Sentir é estar distraído.

7-11-1915

QUANDO vier a Primavera,
Se eu já estiver morto,
As flores florirão da mesma maneira

E as árvores não serão menos verdes que na Primavera passada.
A realidade não precisa de mim.

Sinto uma alegria enorme
Ao pensar que a minha morte não tem importância nenhuma.

Se soubesse que amanhã morria
E a Primavera era depois de amanhã,
Morreria contente, porque ela era depois de amanhã.
Se esse é o seu tempo, quando havia ela de vir senão no seu
tempo?

Gosto que tudo seja real e que tudo esteja certo;
E gosto porque assim seria, mesmo que eu não gostasse.
Por isso, se morrer agora, morro contente,
Porque tudo é real e tudo está certo.

Podem rezar latim sobre o meu caixão, se quiserem.
Se quiserem, podem dançar e cantar à roda dele.
Não tenho preferências para quando já não puder ter preferências.
O que for, quando for, é que será o que é.

7-11-1915

SE DEPOIS de eu morrer, quiserem escrever a minha biografia,
Não há nada mais simples
Tem só duas datas — a da minha nascença e a da minha morte.
Entre uma e outra cousa todos os dias são meus.

Sou fácil de definir.
Vi como um danado.
Amei as cousas sem sentimentalidade nenhuma.
Nunca tive um desejo que não pudesse realizar, porque nunca
ceguei.
Mesmo ouvir nunca foi para mim senão um acompanhamento
de ver.
Compreendi que as cousas são reais e todas diferentes umas das
outras;
Compreendi isto com os olhos, nunca com o pensamento.
Compreender isto com o pensamento seria achá-las todas iguais.

Um dia deu-me o sono como a qualquer criança.
Fechei os olhos e dormi.
Além disso, fui o único poeta da Natureza.

É NOITE. A noite é muito escura. Numa casa a uma grande
distância

Brilha a luz duma janela.

Vejo-a, e sinto-me humano dos pés à cabeça.

É curioso que toda a vida do indivíduo que ali mora, e que não
sei quem é,

Atrai-me só por essa luz vista de longe.

Sem dúvida que a vida dele é real e ele tem cara, gestos, família
e profissão.

Mas agora só me importa a luz da janela dele.

Apesar de a luz estar ali por ele a ter acendido,

A luz é a realidade imediata para mim.

Eu nunca passo para além da realidade imediata.

Para além da realidade imediata não há nada.

Se eu, de onde estou, só vejo aquela luz,

Em relação à distância onde estou há só aquela luz.

O homem e a família dele são reais do lado de lá da janela.

Eu estou do lado de cá, a uma grande distância.

A luz apagou-se.

Que me importa que o homem continue a existir?

8-11-1915

NUNCA SEI como é que se pode achar um poente triste.

Só se é por um poente não ter uma madrugada.

Mas se ele é um poente, como é que ele havia de ser uma
madrugada?

8-11-1915

UM DIA DE CHUVA é tão belo como um dia de sol.

Ambos existem; cada um como é.

8-11-1915

QUANDO A ERVA crescer em cima da minha sepultura,

Seja este o sinal para me esquecerem de todo.

A Natureza nunca se recorda, e por isso é bela.

E se tiverem a necessidade doentia de "interpretar" a erva verde
sobre a minha sepultura,

Digam que eu continuo a verdecer e a ser natural.

8-11-1915

SE O HOMEM fosse, como deveria ser,
Não um animal doente, mas o mais perfeito dos animais,
Animal directo e não indirecto,
Devia ser outra a sua forma de encontrar um sentido às cousas,
Outra e verdadeira.
Devia haver adquirido um sentido do “conjunto”;
Um sentido como ver e ouvir do “total” das cousas
E não, como temos, um *pensamento* do “conjunto”;
E não, como temos, uma idéia, do “total” das cousas.
E assim — veríamos — não teríamos noção do “conjunto” ou do
“total”,
Porque o sentido do “total” ou do “conjunto” não vem de um
total ou de um conjunto
Mas da verdadeira Natureza talvez nem todo nem partes.

1-10-1917

O ÚNICO mistério do Universo é o mais e não o menos.
Percebemos demais as cousas — eis o erro, a dúvida.
O que existe transcende para mim o que julgo que existe.
A Realidade é apenas real e não pensada.

1-10-1917

O UNIVERSO não é uma idéia minha.
A minha idéia do Universo é que é uma idéia minha.
A noite não anoitece pelos meus olhos,
A minha idéia da noite é que anoitece por meus olhos.
Fora de eu pensar e de haver quaisquer pensamentos
A noite anoitece concretamente
E o fulgor das estrelas existe como se tivesse peso.

1-10-1917

ASSIM COMO falham as palavras quando querem exprimir
qualquer pensamento,
Assim falham os pensamentos quando querem exprimir qualquer
realidade.
Mas, como a realidade pensada não é a dita mas a pensada,
Assim a mesma dita realidade existe, não o ser pensada.
Assim tudo o que existe, simplesmente existe.

O resto é uma espécie de sono que temos,
Uma velhice que nos acompanha desde a infância da doença.

1-10-1917

O ESPELHO reflecte certo; não erra porque não pensa.
Pensar é essencialmente errar.
Errar é essencialmente estar cego e surdo.

1-10-1917

ESTAS verdades não são perfeitas porque são ditas,
E antes de ditas pensadas.
Mas no fundo o que está certo é elas negarem-se a si próprias
Na negação oposta de afirmarem qualquer cousa.
A única afirmação é ser.
E ser o oposto é o que não queria de mim.

1-10-1917

A CRIANÇA que pensa em fadas e acredita nas fadas
Age como um deus doente, mas como um deus.
Porque embora afirme que existe o que não existe
Sabe como é que as cousas existem, que é existindo,
Sabe que existir existe e não se explica,
Sabe que não há razão nenhuma para nada existir,
Sabe que ser é estar em um ponto
Só não sabe que o pensamento não é um ponto qualquer.

1-10-1917

DE LONGE vejo passar no rio um navio...
Vai Tejo abaixo indiferentemente.
Mas não é indiferentemente por não se importar comigo
E eu não exprimo desolação com isto.
É indiferentemente por não ter sentido nenhum
Externo ao facto [.....] amente navio
De ir rio abaixo sem [rumo (?)] de metafísica
Rio abaixo até à realidade do mar.

1-10-1917

CREIO que irei morrer.

Mas o sentido de morrer não me move,

Lembro-me que morrer não deve ter sentido.

Isto de viver e morrer são classificações como as das plantas.

Que folhas ou que flores têm uma classificação?

Que vida tem a vida ou que morte a morte?

Tudo são termos onde se define.

(?) [*Um verso ilegível e incompleto.*]

1-10-1917

A NOITE DESCE, o calor soçobra um pouco,

Estou lúcido como se nunca tivesse pensado

E tivesse raiz, ligação direta com a terra

Não esta espécie de ligação de sentido secundário observado à
noute.

À noite quando me separo das cousas,

E m'aproximo das estrelas ou constelações distantes —

Erro: porque o distante não é o próximo,

E aproximá-lo é enganar-me.

1-10-1917

ESTOU DOENTE. Meus pensamentos começam a estar confusos

Mas o meu corpo, tirado às cousas, entra nelas.

Sinto-me parte das cousas com

E uma grande libertação começa a fazer-se em mim.

Uma grande alegria solene como a de eu estar vem

(?) [*Um verso ilegível.*]

1-10-1917

QUANDO ESTÁ FRIO no tempo do frio, para mim é como se
estivesse agradável,

Porque para o meu ser adequado à existência das cousas

O natural é o agradável só por ser natural.

Aceito as dificuldades da vida porque são o destino,

Como aceito o frio excessivo no alto do Inverno —

Calmamente, sem me queixar, como quem meramente aceita,

E encontra uma alegria no fato de aceitar —

No fato sublimemente científico e difícil de aceitar o natural
inevitável.

Se é mais certo eu sentir
Do que existir a cousa que sinto —
Para que sinto
E para que surge essa cousa independentemente de mim
Sem precisar de mim para existir,
E eu sempre ligado a mim-próprio, sempre pessoal e intransmis-
sível?

Para que me movo com os outros
Em um mundo em que nos entendemos e onde coincidimos
Se por acaso esse mundo é o erro e eu é que estou certo?
Se o Mundo é um erro, é um erro de toda a gente.
E cada um de nós é o erro de cada um de nós apenas.
Cousa por cousa, o Mundo é mais certo.

Mas por que me interrogo, senão porque estou doente?

Nos dias certos, nos dias exteriores da minha vida,
Nos meus dias de perfeita lucidez natural,
Sinto sem sentir que sinto,
Vejo sem saber que vejo,
E nunca o Universo é tão real como então,
Nunca o Universo está (não é perto ou longe de mim.
Mas) tão sublimemente não-meu.

Quando digo “é evidente”, quero acaso dizer “só eu é que o vejo”?
Quando digo “é verdade”, quero acaso dizer “é minha opinião”?
Quando digo “ali está”, quero acaso dizer “não está ali”?
E se isto é assim na vida, por que será diferente na filosofia?
Vivemos antes de filosofar, existimos antes de o sabermos,
E o primeiro fato merece ao menos a precedência e o culto.
Sim, antes de sermos interior somos exterior.
Por isso somos exterior essencialmente.

Dizes, filósofo doente, filósofo enfim, que isto é materialismo.
Mas isto como pôde ser materialismo, se materialismo é uma
filosofia,
Se uma filosofia seria, pelo menos sendo minha, uma filosofia
minha,
E isto nem sequer é meu, nem sequer sou eu?

24-10-1917

ODES DE RICARDO REIS

NOTA PRELIMINAR*

O NOSSO Ricardo Reis teve uma inspiração feliz se é que ele usa inspiração, pelo menos por fora das explicações, quando reduziu a seis linhas a sua arte poética:

*Não a arte poética, mas a sua.
Que ele ponha na mente ativa o
esforço só da "altura" (seja isso o
que for), concedo, se bem que me
pareça estreita uma poesia limita-
da ao pouco espaço que é próprio*

*dos pinaros. Mas a relação entre a
altura e os versos de um certo nú-
mero de sílabas é-me mais velada.
E, é curioso, o poema, salvo a his-
tória da altura, que é pessoal, e por
isso fica com o Reis, que aliás a
guarda para si, é cheio de verdade:*

*Que quando é alto e régio o pen-
samento.*

*Súbita a frase o busca
E o escravo ritmo o serve.*

* Apontamento solto de Álvaro de Campos (?); s.d.; não assinado; publicado, pela primeira vez, na primeira edição da *Obra Poética* de Fernando Pessoa, RJ, Aguilar, 1960.

Ressalvando que pensamento deve ser emoção, e, outra vez, a tal altura, é certo que, concebida fortemente a emoção, a frase que a define espontaneíza-se, e o ritmo que a traduz surge pela frase fora. Não concebo, porém, que as emoções, nem mesmo as do Reis, sejam universalmente obrigadas a odes sáficas ou alcaicas, e que o Reis, quer diga a um rapaz que lhe não fuja, quer diga que tem pena de ter que morrer, o tenha forçosamente que fazer em frases súbditas que por duas vezes são mais compridas e por duas vezes mais curtas, e em ritmos escravos que não podem acompanhar as frases súbditas se-

não em dez sílabas para as duas primeiras, em seis sílabas as duas segundas, num graduar de passo desconcertante para a emoção.

Não censuro o Reis mais que a outro qualquer poeta. Aprecio-o, realmente, e para falar verdade, acima de muitos, de muitíssimos. A sua inspiração é estreita e densa, o seu pensamento compactamente sóbrio, a sua emoção real se vem que demasiadamente virada para o ponto cardeal chamado Ricardo Reis. Mas é um grande poeta — aqui o admito —, se é que há grandes poetas neste mundo fora do silêncio de seus próprios corações.

[COROAI-ME DE ROSAS]

COROAI-ME de rosas,
Coroai-me em verdade
De rosas —
Rosas que se apagam
Em frente a apagar-se
Tão cedo!
Coroai-me de rosas
E de folhas breves.
E basta

12-6-1914

[LÍDIA]

VEM SENTAR-TE comigo, Lídia, à beira do rio.
Sossegadamente fitemos o seu curso e aprendamos
Que a vida passa, e não estamos de mãos enlaçadas.
(Enlacemos as mãos.)

Depois pensemos, crianças adultas, que a vida
Passa e não fica, nada deixa e nunca regressa,
Vai para um mar muito longe, para ao pé do Fado,
Mais longe que os deuses.

Desenlacemos as mãos, porque não vale a pena cansarmo-nos.
Quer gozemos, quer não gozemos, passamos como o rio.
Mais vale saber passar silenciosamente
E sem desassossegos grandes.

Sem amores, nem ódios, nem paixões que levantam a voz,
Nem invejas que dão movimento demais aos olhos,
Nem cuidados, porque se os tivesse o rio sempre correria,
E sempre iria ter ao mar.

Amemo-nos tranqüilamente, pensando que podíamos,
Se quiséssemos, trocar beijos e abraços e carícias,
Mas que mais vale estarmos sentados ao pé um do outro
Ouvindo correr o rio e vendo-o.

Colhamos flores, pega tu nelas e deixa-as
No colo, e que o seu perfume suavize o momento —
Êste momento em que sossegadamente não cremos em nada,
Pagãos inocentes da decadência.

Ao menos, se for sombra antes, lembrar-te-ás de mim depois
Sem que a minha lembrança te arda ou te fira ou te mova,
Porque nunca enlaçamos as mãos, nem nos beijamos
Nem fomos mais do que crianças.

E se antes do que eu lewares o óbolo ao barqueiro sombrio,
Eu nada terei que sofrer ao lembrar-me de ti.
Ser-me-ás suave à memória lembrando-te assim — à beira-rio,
Pagã triste e com flores no regaço.

12-6-1914

[SÁBIO É O QUE SE CONTENTA...]

SÁBIO é o que se contenta com o espetáculo do mundo,
E ao beber nem recorda
Que já bebeu na vida,
Para quem tudo é novo
E imarcescível sempre.

Coroem-no pâmpanos, ou heras, ou rosas volúteis,
Ele sabe que a vida
Passa por ele e tanto
Corta à flor como a ele
De Átropos a tesoura.

Mas ele sabe fazer que a cor do vinho esconda isto,
Que o seu sabor orgíaco
Apague o gosto às horas,
Como a uma voz chorando
O passar das bacantes.

E ele espera, contente quase e bebedor tranqüilo,
E apenas desejando
Num desejo mal tido
Que a abominável onda
O não molhe tão cedo.

19-6-1914

[O MAR JAZ]

O MAR JAZ; gemem em segredo os ventos
Em Eolo cativos;
Só com as pontas do tridente as vastas
Águas franze Netuno;
E a praia é alva e cheia de pequenos
Brilhos sob o sol claro.
Inútilmente parecemos grandes.
Nada, no alheio mundo,
Nossa vista grandeza reconhece
Ou com razão nos serve.
Se aqui de um manso mar meu fundo indício
Três ondas o apagam,
Que me fará o mar que na atra praia
Ecoa de Saturno?

6-10-1914

[NÃO A TI, CRISTO]

NÃO A TI, Cristo, odeio ou te não quero.
Em ti como nos outros creio deuses mais velhos.
Só te tenho por não mais nem menos
Do que eles, mas mais novo apenas.
Odeio-os sim, e a esses com calma aborreço,
Que te querem acima dos outros teus iguais deuses.
Quero-te onde tu 'stás, nem mais alto
Nem mais baixo que eles, tu apenas.

Deus triste, preciso talvez porque nenhum havia
Como tu, um a mais no Panteão e no culto,
Nada mais, nem mais alto nem mais puro
Porque para tudo havia deuses, menos tu.

Cura tu, idólatra exclusivo de Cristo, que a vida
É múltipla e todos os dias são diferentes dos outros,
E só sendo múltiplos como eles
'Staremos com a verdade e sós.

9-10-1916

[NÃO A TI, CRISTO, ODEIO . . .]

NÃO A TI, Cristo, odeio ou menosprezo
Que aos outros deuses que te precederam
Na memória dos homens.
Nem mais nem menos és, mas outro deus.

No Panteão faltavas. Pois que vieste
No Panteão o teu lugar ocupa,
Mas cuida não procures
Usurpar o que aos outros é devido.

Teu vulto triste e comovido sobre
A 'steril dor da humanidade antiga
Sim, nova pulcritude
Trouxe ao antigo Panteão incerto.

Mas que os teus crentes te não ergam sobre
Outros, antigos deuses que dataram
Por filhos de Saturno
De mais perto da origem igual das coisas.

E melhores memórias recolheram
Do primitivo caos e da Noite
Onde os deuses não são
Mais que as estrelas súbditas do Fado.

Tu não és mais que um deus a mais no eterno
Não a ti, mas aos teus, odeio, Cristo.
Panteão que preside
À nossa vida incerta.

Nem maior nem menor que os novos deuses,
Tua sombria forma dolorida
 Trouxe algo que faltava
 Ao número dos divos.

Por isso reina a par de outros no Olimpo,
Ou pela triste terra se quiseres
 Vai enxugar o pranto
 Dos humanos que sofrem.

Não venham, porém, 'stultos teus cultores
Em teu nome vedar o eterno culto
 Das presenças maiores
 Ou parceiras da tua.

A esses, sim, do âmago eu odeio
Do crente peito, e a esses eu não sigo,
 Supersticiosos leigos
 Na ciência dos deuses.

Ah, aumentai, não combatendo nunca.
Enriquecei o Olimpo, aos deuses dando
 Cada vez maior força
 P'lo número maior.

Basta os males que o Fado as Parcas fez
Por seu intuito natural fazerem.
 Nós homens nos façamos
 Unidos pelos deuses.

9-10-1916

[PARA SER GRANDE]

PARA SER GRANDE, sê inteiro: nada
 Teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
 No mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda
 Brilha, porque alta vive.

14-2-1933

[QUERO DOS DEUSES. . .]

QUERO DOS DEUSES só que me não lembrem.
Serei livre — sem dita nem desdita,
Como o vento que é a vida
Do ar que não é nada.
O ódio e o amor iguais nos buscam; ambos,
Cada um com seu modo, nos oprimem.
A quem deuses concedem
Nada, tem liberdade.

POESIAS DE ÁLVARO DE CAMPOS

NOTA PRELIMINAR*

UM POEMA é a projeção de uma idéia em palavras através da emoção. A emoção não é a base da poesia: é tão-sómente o meio de que a idéia se serve para se reduzir a palavras.

Não vejo, entre a poesia e a prosa, a diferença fundamental, peculiar da própria disposição da mente, que Campos estabelece. Desde que se usa de palavras, usa-se de um instrumento ao mesmo tem-

po emotivo e intelectual. A palavra contém uma idéia e uma emoção. Por isso não há prosa, nem a mais rigidamente científica, que não ressuma qualquer suco emotivo. Por isso não há exclamação, nem a mais abstratamente emotiva, que não implique, ao menos, o esboço de uma idéia.

Poderá alegar-se, por exemplo, que a exclamação pura — “Ah”, digamos — não contém elemento al-

* Apontamento solto de Ricardo Reis; s.d.; publicado, pela primeira vez, na primeira edição da *Obra Poética* de Fernando Pessoa, RJ, Aguilar, 1960.

gum intelectual. Mas não existe um "ah", assim escrito isoladamente, sem relação com qualquer coisa de anterior. Ou consideramos o "ah" como falado e no tom da voz vai o sentimento que o anima, e portanto a idéia ligada à definição desse sentimento; ou o "ah" responde a qualquer frase, ou por ela se forma, e manifesta uma idéia que essa frase provocou.

Em tudo que se diz — poesia ou prosa — há idéia e emoção. A poesia difere da prosa apenas em que escolhe um novo meio exterior, além da palavra, para projetar a idéia em palavras através da emoção. Esse meio é o ritmo, a rima, a estrofe; ou todas, ou duas, ou uma só. Porém menos que uma só não creio que possa ser.

A idéia, ao servir-se da emoção para se exprimir em palavras, contorna e define essa emoção, e o ritmo, ou a rima, ou a estrofe são a projeção desse contorno, a afirmação da idéia através de uma emoção, que, se a idéia a não contornasse, se extravasaria e perderia a própria capacidade de expressão.

É o que, em meu entender, sucede nos poemas de Campos. São um extravasar de emoção. A idéia serve a emoção, não a domina. E o homem — poeta ou não poeta — em quem a emoção domina a inteligência recua a feição do seu ser a estádios anteriores da evolução, em que as faculdades de inibição dormiam ainda no embrião da mente. Não pode ser que a arte, que é um produto da cultura, ou seja do desenvolvimento supremo da consciência que o homem tem de si mesmo, seja tanto mais superior, quanto maior for a sua semelhança com as manifestações mentais que distinguem os estados inferiores da evolução cerebral.

A poesia é superior à prosa porque exprime, não um grau superior de emoção, mas, por contra, um grau superior do domínio dela, a subordinação do tumulto em que

a emoção naturalmente se exprimiria (como verdadeiramente diz Campos) ao ritmo, à rima, à estrofe.

Como o estado mental, em que se a poesia forma, é, deveras, mais emotivo que aqueles em que naturalmente se forma a prosa, há mister que ao estado poético se aplique uma disciplina mais dura que aquela que se emprega no estado prosaico da mente. E esses artifícios — o ritmo, a rima, a estrofe — são instrumentos de tal disciplina.

No sentido em que Campos diz que são artifícios o ritmo, a rima e a estrofe, se pode dizer que são artifícios a vontade que corrige defeitos, a ordem que policia sociedades, a civilização que reduz os egoísmos à forma sociável.

Na prosa mais propriamente prosa — a prosa científica ou filosófica —, a que exprime diretamente idéias e só idéias, não há mister de grande disciplina, pois na própria circunstância de ser só de idéias vai disciplina bastante. Na prosa mais largamente emotiva, como o que a distingue a oratória, ou tem feição descritiva, há que atender mais ao ritmo, à disposição, à organização das idéias, pois essas são ali em menor número, nem formam o fundamento da matéria. Na prosa amplamente emotiva — aquela cujos sentimentos poderiam com igual facilidade ser expostos em poesia — há que atender mais que nunca à disposição da matéria, e ao ritmo que acompanhe a exposição. Esse ritmo não é definido, como o é no verso, porque a prosa não é verso. O que verdadeiramente Campos faz, quando escreve em verso, é escrever prosa ritmada com pausas maiores marcadas em certos pontos, para fins rítmicos, e esses pontos de pausa maior determina-os ele pelos fins dos versos. Campos é um grande prosador, um prosador com uma grande ciência do ritmo;

mas o ritmo de que tem ciência é o ritmo da prosa, e a prosa de que se serve é aquela em que se introduziu, além dos vulgares sinais de pontuação, uma pausa maior e especial, que Campos, como os seus pares anteriores e semelhantes, determinou representar graficamente pela linha quebrada no fim, pela linha disposta como o que se chama um verso. Se Campos, em vez de fazer tal, inventasse um sinal novo de pontuação — digamos o traço vertical (|) — para determinar esta ordem de pausa, ficando nós sabendo que ali se pausava com o mesmo gênero de pausa com que se pausa no fim de um verso, não faria obra diferente, nem estabeleceria a confusão que estabeleceu.

A disciplina é natural ou artificial, espontânea ou refletida. O que distingue a arte clássica, propriamente dita, a dos gregos e até dos romanos, da arte pseudoclássica, como a dos franceses em seus séculos de fixação, é que a disciplina de uma está nas mesmas emoções, com uma harmonia natural da alma, que naturalmente repele o excessivo, ainda ao senti-lo; e a disciplina da outra está em uma deliberação da mente de não se deixar sentir para cima de certo nível. A arte pseudoclássica é fria porque é uma regra; a clássica tem emoção porque é uma harmonia.

Quase se conclui do que diz Campos, de que o poeta vulgar sente espontaneamente com a largueza que naturalmente projetaria em versos como os que ele escreve; e depois, refletindo, sujeita essa emoção a cortes e retoques e outras mutilações ou alterações, em obediência a uma regra exterior. Nenhum homem foi alguma vez poeta assim. A disciplina do ritmo é aprendida até ficar sendo uma parte da alma: o verso que a emoção produz nasce já subordinado à essa disciplina. Uma emoção naturalmente harmônica é uma emoção naturalmente ordenada; uma emoção naturalmente ordenada é uma emoção naturalmente traduzida num ritmo ordenado, pois a emoção dá o ritmo e a ordem que há nela, a ordem que no ritmo ha.

Na palavra, a inteligência dá a frase, a emoção o ritmo. Quando o pensamento do poeta é alto, isto é, formado de uma idéia que produz uma emoção, esse pensamento, já de si harmônico pela junção equilibrada de idéia e emoção, e pela nobreza de ambas, transmite esse equilíbrio de emoção e de sentimento à frase e ao ritmo, e assim, como disse, a frase, súbdita do pensamento que a define, busca-a, e o ritmo, escravo da emoção que esse pensamento agregou a si, o serve.

OPIÁRIO

Ao senhor Mário de Sá-Carneiro

É ANTES DO ÓPIO que a minh'alma é doente.
Sentir a vida convalesce e estiola
E eu vou buscar ao ópio que consola
Um Oriente ao oriente do Oriente.

Esta vida de bordo há de matar-me.
São dias só de febre na cabeça
E, por mais que procure até que adoeça,
Já não encontro a mola pra adaptar-me.

Em paradoxo e incompetência astral
Eu vivo a vincos de ouro a minha vida,
Onda onde o pundonor é uma descida
E os próprios gozos gânglios do meu mal.

É por um mecanismo de desastres,
Uma engrenagem com volantes falsos,
Que passo entre visões de cadafalsos
Num jardim onde há flores no ar, sem hastes.

Vou cambaleando através do lavor
Duma vida-interior de renda e laca.
Tenho a impressão de ter em casa a faca
Com que foi degolado o Precursor.

Ando expiando um crime numa mala,
Que um avô meu cometeu por requinte.
Tenho os nervos na força, vinte a vinte,
E caí no ópio como numa vala.

Ao toque adormecido da morfina
Perco-me em transparências latejantes
E numa noite cheia de brilhantes
Ergue-se a lua como a minha Sina.

Eu, que fui sempre um mau estudante, agora
Não faço mais que ver o navio ir
Pelo canal de Suez a conduzir
A minha vida, cânfora na aurora.

Perdi os dias que já aproveitara.
Trabalhei para ter só o cansaço
Que é hoje em mim uma espécie de braço
Que ao meu pescoço me sufoca e ampara.

E fui criança como toda a gente.
Nasci numa província portuguesa
E tenho conhecido gente inglesa
Que diz que eu sei inglês perfeitamente.

Gostava de ter poemas e novelas
Publicadas por Plon e no *Mercure*,
Mas é impossível que esta vida dure,
Se nesta viagem nem houve procelas!

A vida a bordo é uma coisa triste,
Embora a gente se divirta às vezes
Falo com alemães, suecos e ingleses
E a minha mágoa de viver persiste.

Eu acho que não vale a pena ter
Ido ao Oriente e visto a Índia e a China.
A terra é semelhante e pequenina
E há só uma maneira de viver.

Por isso eu tomo ópio. É um remédio.
Sou um convalescente do Momento.
Moro no rés-do-chão do pensamento
E ver passar a Vida faz-me tédio.

Fumo. Canso. Ah uma terra aonde, enfim,
Muito a leste não fôsse o oeste já!
Pra que fui visitar a Índia que há
Se não há Índia senão a alma em mim?

Sou desgraçado por meu morgadio.
Os ciganos roubaram minha Sorte.
Talvez nem mesmo encontre ao pé da morte
Um lugar que ma abrigue do meu frio.

Eu fingi que estudei engenharia.
Vivi na Escócia. Visitei a Irlanda.
Meu coração é uma avozinha que anda
Pedindo esmola às portas da Alegria.

Não chegues a Port-Said, navio de ferro!
Volta à direita, nem eu sei para onde.
Passo os dias no *smoking-room* com o conde —
Um *escroc* francês, conde de fim de entêrro.

Volto à Europa descontente, e em sortes
De vir a ser um poeta sonambólico.
Eu sou monárquico mas não católico
E gostava de ser as coisas fortes.

Gostava de ter crenças e dinheiro,
Ser vária gente insípida que vi.
Hoje, afinal, não sou senão, aqui,
Num navio qualquer um passageiro.

Não tenho personalidade alguma.
É mais notado que eu esse criado
De bordo que tem um belo modo alçado
De *laird* escocês há dias em jejum.

Não posso estar em parte alguma. A minha
Pátria é onde não estou. Sou doente e fraco.
O comissário de bordo é velhaco.
Viu-me co'a sueca... e o resto ele adivinha.

Um dia faço escândalo cá a bordo,
Só para dar que falar de mim aos mais.
Não posso com a vida, e acho fatais
As iras com que às vezes me debordo.

Levo o dia a fumar, a beber coisas,
Drogas americanas que entontecem,
E eu já tão bêbado sem nada! Dessem
Melhor cérebro aos meus nervos como rosas.

Escrevo estas linhas. Parece impossível
Que mesmo ao ter talento eu mal o sinta!
O fato é que esta vida é uma quinta
Onde se aborrece uma alma sensível.

Os ingleses são feitos pra existir.
Não há gente como esta pra estar feita
Com a Tranqüilidade. A gente deita
Um vintém e sai um deles a sorrir.

Pertenço a um gênero de portugueses
Que depois de estar a Índia descoberta
Ficaram sem trabalho. A morte é certa.
Tenho pensado nisto muitas vezes.

Leve o diabo a vida e a gente tê-la!
Nem leio o livro à minha cabeceira.
Enoja-me o Oriente. É uma esteira
Que a gente enrola e deixa de ser bela.

Caio no ópio por força. Lá querer
Que eu leve a limpo uma vida destas
Não se pode exigir. Almas honestas
Com horas pra dormir e pra comer,

Que um raio as parta! E isto afinal é inveja.
Porque estes nervos são a minha morte.
Não haver um navio que me transporte
Para onde eu nada queira que o não veja!

Ora! Eu cansava-me do mesmo modo.
Qu'ria outro ópio mais forte pra ir de ali
Para sonhos que dessem cabo de mim
E pregassem comigo nalgum lódo.

Febre! Se isto que tenho não é febre,
Não sei como é que se tem febre e sente.
O fato essencial é que estou doente.
Está corrida, amigos, esta lebre.

Veio a noite. Tocou já a primeira
Corneta, pra vestir para o jantar.
Vida social por cima! Isso! E marchar
Até que a gente saia p'la coleira!

Porque isto acaba mal e há de haver
(Olá!) sangue e um revólver lá pro fim
Deste desassossêgo que há em mim
E não há forma de se resolver.

E quem me olhar, há de me achar banal,
A mim e à minha vida... Ora! um rapaz...
O meu próprio monóculo me faz
Pertencer a um tipo universal.

Ah quanta alma viverá, que ande metida
Assim como eu na Linha, e como eu mística!
Quantos sob a casaca característica
Não terão como eu o horror à vida?

Se ao menos eu por fora fosse tão
Interessante como sou por dentro!
Vou no Maelstrom, cada vez mais pro centro.
Não fazer nada é a minha perdição.

Um inútil. Mas é tão justo sê-lo!
Pudesse a gente desprezar os outros
E, ainda que co'os cotovelos rotos,
Ser herói, doido, amaldiçoado ou belo!

Tenho vontade de levar as mãos
À boca e morder nelas fundo e a mal.
Era uma ocupação original
E distraía os outros, os tais sãos.

O absurdo, como uma flor da tal Índia
Que não vim encontrar na Índia, nasce
No meu cérebro farto de cansar-se.
A minha vida mude-a Deus ou finde-a...

Deixe-me estar aqui, nesta cadeira,
Até virem meter-me no caixão.
Nasci pra mandarim de condição,
Mas falta-me o sossego, o chá e a esteira.

Ah que bom que era ir daqui de caída
Pra cova por um alçapão de estouro!
A vida sabe-me a tabaco louro.
Nunca fiz mais do que fumar a vida.

E afinal o que quero é fé, é calma,
E não ter estas sensações confusas.
Deus que acabe com isto! Abra as eclusas
E basta de comédias na minh'alma!

No Canal de Suez, a bordo, 3-1914

ODE TRIUNFAL

À DOLOROSA LUZ das grandes lâmpadas elétricas da fábrica
Tenho febre e escrevo.
Escrevo rangendo os dentes, fera para a beleza disto,
Para a beleza disto totalmente desconhecida dos antigos.

Ó rodas, ó engrenagens, *r-r-r-r-r-r* eterno!
Forte espasmo retido dos maquinismos em fúria!
Em fúria fora e dentro de mim,
Por todos os meus nervos dissecados fora,
Por tôdas as papilas fora de tudo com que eu sinto!
Tenho os lábios secos, ó grandes ruídos modernos,
De vos ouvir demasiadamente de perto,
E arde-me a cabeça de vos querer cantar com um excesso
De expressão de tôdas as minhas sensações,
Com um excesso contemporâneo de vós, ó máquinas!

Em febre e olhando os motores como a uma Natureza tropical —
Grandes trópicos humanos de ferro e fogo e força —
Canto, e canto o presente, e também o passado e o futuro,
Porque o presente é todo o passado todo o futuro
E há Platão e Virgílio dentro das máquinas e das luzes elétricas
Só porque houve outrora e foram humanos Virgílio e Platão,
E pedaços do Alexandre Magno do século talvez cinquenta,
Átomos que hão de ir ter febre para o cérebro do Ésquilo do
século cem,
Andam por estas correias de transmissão e por estes êmbolos e
por estes volantes,
Rugindo, rangendo, ciciando, estrugindo, ferreando,
Fazendo-me um excesso de carícias ao corpo numa só carícia à
alma.

Ah, poder exprimir-me todo como um motor se exprime!
Ser completo como uma máquina!
Poder ir na vida triunfante como um automóvel último-modelo!
Poder ao menos penetrar-me fisicamente de tudo isto,
Rasgar-me todo, abrir-me completamente, tornar-me passento
A todos os perfumes de óleos e calores e carvões
Desta flora estupenda, negra, artificial e insaciável!

Fraternidade com todas as dinâmicas!
Promíscua fúria de ser parte-agente
Do rodar férreo e cosmopolita
Dos comboios estrênuos,
Da faina transportadora-de-cargas dos navios,
Do giro lúbrico e lento dos guindastes,
Do tumulto disciplinado das fábricas,
E do quase-silêncio ciciante e monótono das correias de trans-
missão!

Horas européias, produtoras, entaladas
Entre maquinismos e afazeres úteis!
Grandes cidades paradas nos cafés,
Nos cafés — oásis de inutilidades ruidosas
Onde se cristalizam e se precipitam
Os rumores e os gestos do Útil
E as rodas, e as rodas-dentadas e as chumaceiras do Progressivo!
Nova Minerva sem-alma dos cais e das gares!
Novos entusiasmos da estatura do Momento!
Quilhas de chapas de ferro sorrindo encostadas às docas,
Ou a seco, erguidas, nos planos-inclinados dos portos!
Atividade internacional, transatlântica, *Canadian-Pacific!*
Luzes e febris perdas de tempo nos bares, nos hotéis,
Nos Longchamps e nos Derbies e nos Ascots,
E Piccadillies e Avenues de l'Opera que entram
Pela minh'alma dentro!

Hé-lá as ruas, hé-lá as praças, hé-la-hó *la foule!*
Tudo o que passa, tudo o que pára às montras!
Comerciantes; vadios; *escrocs* exageradamente bem-vestidos;
Membros evidentes de clubes aristocráticos;
Esquálidas figuras dúbias; chefes de família vagamente felizes
E paternais até na corrente de oiro que atravessa o colete
De algibeira a algibeira!
Tudo o que passa, tudo o que passa e nunca passa!
Presença demasiadamente acentuada das cocotes;
Banalidade interessante (e quem sabe o quê por dentro?)
Das burguesinhas, mãe e filha geralmente,
Que andam na rua com um fim qualquer,
A graça feminil e falsa dos pederastas que passam, lentos;
E toda a gente simplesmente elegante que passeia e se mostra
E afinal tem alma lá dentro!

(Ah, como eu desejaria ser o *souteneur* disto tudo!)

A maravilhosa beleza das corrupções políticas,
Deliciosos escândalos financeiros e diplomáticos,
Agressões políticas nas ruas,
E de vez em quando o cometa dum regicídio
Que ilumina de Prodígio e Fanfarra os céus
Usuais e lúcidos da Civilização quotidiana!

Notícias desmentidas dos jornais,
Artigos políticos insinceramente sinceros,
Notícias *passez à-la-caisse*, grandes crimes —
Duas colunas deles passando para a segunda página!
O cheiro fresco a tinta de tipografia!
Os cartazes postos há pouco, molhados!
Vients-de-paraitre amarelos com uma cinta branca!
Como eu vos amo a todos, a todos, a todos,
Como eu vos amo de todas as maneiras,
Com os olhos e com os ouvidos e com o olfato
E com o tato (o que palpar-vos representa para mim!)
E com a inteligência como uma antena que fazeis vibrar!
Ah, como todos os meus sentidos têm cio de vós!

Adubos, debulhadoras a vapor, progressos da agricultura!
Química agrícola, e o comércio quase uma ciência!
Ó mostruários dos caixeiros-viajantes,
Dos caixeiros-viajantes, cavaleiros-andantes da Indústria,
Prolongamentos humanos das fábricas e dos calmos escritórios!

Ó fazendas nas montras! ó manequins! ó últimos figurinos!
Ó artigos inúteis que toda a gente quer comprar!
Olá grandes armazéns com várias secções!
Olá anúncios elétricos que vêm e estão e desaparecem!
Olá tudo com que hoje se constrói, com que hoje se é diferente
de ontem!

Eh, cimento armado, beton de cimento, novos processos!
Progressos dos armamentos gloriosamente mortíferos!
Couraças, canhões, metralhadoras, submarinos, aeroplanos!

Amo-vos a todos, a tudo, como uma fera.
Amo-vos carnivoramente,
Pervertidamente e enroscando a minha vista
Em vós, ó coisas grandes, banais, úteis, inúteis,
Ó coisas todas modernas,
Ó minhas contemporâneas, forma atual e próxima
Do sistema imediato do Universo!
Nova Revelação metálica e dinâmica de Deus!

Ó fábricas, ó laboratórios, ó *music-halls*, ó Luna-Parks,
Ó couraçados, ó pontes, ó docas flutuantes —
Na minha mente turbulenta e incandescida
Possuo-vos como a uma mulher bela,
Completamente vos possuo como a uma mulher bela que não
se ama,
Que se encontra casualmente e se acha interessantíssima.

Eh-lá-hô fachadas das grandes lojas!
Eh-lá-hô elevadores dos grandes edifícios!
Eh-lá-hô recomposições ministeriais!
Parlamento, políticas, relatores de orçamentos,
Orçamentos falsificados!
(Um orçamento é tão natural como uma árvore
E um parlamento tão belo como uma borboleta.)

Eh-lá o interesse por tudo na vida,
Porque tudo é a vida, desde os brilhantes nas montras
Até à noite ponte misteriosa entre os astros
E o amor antigo e solene, lavando as costas
E sendo misericordiosamente o mesmo
Que era quando Platão era realmente Platão
Na sua presença real e na sua carne com a alma dentro,
E falava com Aristóteles, que havia de não ser discípulo d'ele.

Eu podia morrer triturado por um motor
Com o sentimento de deliciosa entrega duma mulher possuída.
Atirem-me para dentro das fornalhas!
Metam-me debaixo dos comboios!
Espanquem-me a bordo de navios!
Masoquismo através de maquinismos!
Sadismo de não sei quê moderno e eu e barulho!

Up-lá hó jóquei que ganhaste o Derby,
Morder entre dentes o teu *cap* de duas côres!

(Ser tão alto que não pudesse entrar por nenhuma porta!
Ah, olhar é em mim uma perversão sexual!)

Eh-lá, eh-lá, eh-lá, catedrais!
Deixai-me partir a cabeça de encontro às vossas esquinas,
E ser levantado da rua cheio de sangue
Sem ninguém saber quem eu sou!

Ó *tramways*, funiculares, metropolitanos,

Roçai-vos por mim até ao espasmo!

Hilla! hilla! hilla-hô!

Dai-me gargalhadas em plena cara,

Ó automóveis apinhados de pândegos e de putas,

Ó multidões quotidianas nem alegres nem tristes das ruas,

Rio multicolor anônimo e onde eu me posso banhar como
quereria!

Ah, que vidas complexas, que coisas lá pelas casas de tudo isto!

Ah, saber-lhes as vidas a todos, as dificuldades de dinheiro,

As dissensões domésticas, os deboches que não se suspeitam,

Os pensamentos que cada um tem a sós consigo no seu quarto

E os gestos que faz quando ninguém pode ver!

Não saber tudo isto é ignorar tudo, ó raiva,

Ó raiva que como uma febre e um cio e uma fome

Me põe a magro o rosto e me agita às vezes as mãos

Em crispações absurdas em pleno meio das turbas

Nas ruas cheias de encontrões!

Ah, e a gente ordinária e suja, que parece sempre a mesma,

Que emprega palavrões como palavras usuais,

Cujos filhos roubam às portas das mercearias

E cujas filhas aos oito anos — e eu acho isto belo e amo-o! —

Masturbam homens de aspecto decente nos vãos de escada.

A gentalha que anda pelos andaimes e que vai para casa

Por vielas quase irreais de estreiteza e podridão.

Maravilhosa gente humana que vive como os cães,

Que está abaixo de todos os sistemas morais,

Para quem nenhuma religião foi feita,

Nenhuma arte criada,

Nenhuma política destinada para eles!

Como eu vos amo a todos, porque sois assim,

Nem imorais de tão baixos que sois, nem bons nem maus,

Inatingíveis por todos os progressos,

Fauna maravilhosa do fundo do mar da vida!

(Na nora do quintal da minha casa

O burro anda à roda, anda à roda,

E o mistério do mundo é do tamanho disto.

Limpa o suor com o braço, trabalhador descontente.

A luz do sol abafa o silêncio das esferas

E havemos todos de morrer,

Ó pinheirais sombrios ao crepúsculo.

Pinheirais onde a minha infância era outra coisa

Do que eu sou hoje...)

Mas, ah outra vez a raiva mecânica constante!
Outra vez a obsessão movimentada dos ônibus.
E outra vez a fúria de estar indo ao mesmo tempo dentro de todos
os comboios.

De todas as partes do mundo,
De estar dizendo adeus de bordo de todos os navios,
Que a estas horas estão levantando ferro ou afastando-se das
docas.

Ó ferro, ó aço, ó alumínio, ó chapas de ferro ondulado!
Ó cais, ó portos, ó comboios, ó guindastes, ó rebocadores!

Eh-lá grandes desastres de comboios!
Eh-lá desabamentos de galerias de minas!
Eh-lá naufrágios deliciosos dos grandes transatlânticos!
Eh-lá-hô revoluções aqui, ali, acolá,
Alterações de constituições, guerras, tratados, invasões,
Ruído, injustiças, violências, e talvez para breve o fim,
A grande invasão dos bárbaros amarelos pela Europa,
E outro Sol no novo Horizonte!

Que importa tudo isto, mas que importa tudo isto
Ao fúlgido e rubro ruído contemporâneo,
Ao ruído cruel e delicioso da civilização de hoje?
Tudo isso apaga tudo, salvo o Momento,
O Momento de tronco nu e quente como um fogueiro,
O Momento estridentemente ruidoso e mecânico,
O Momento dinâmico passagem de todas as bacantes
Do ferro e do bronze e da bebedeira dos metais.

Eia comboios, eia pontes, eia hotéis à hora do jantar,
Eia aparelhos de todas as espécies, férreos, brutos, mínimos,
Instrumentos de precisão, aparelhos de triturar, de cavar.
Engenhos, brocas, máquinas rotativas!

Eia! eia! eia!
Eia eletricidade, nervos doentes da Matéria!
Eia telegrafia-sem-fios, simpatia metálica do Inconsciente!
Eia túneis, eia canais, Panamá, Kiel, Suez!
Eia todo o passado dentro do presente!
Eia todo o futuro já dentro de nós! eia!
Eia! eia! eia!
Frutos de ferro e útil da árvore-fábrica cosmopolita!
Eia! eia! eia, eia-hô-ô-ô!

Nem sei que existo para dentro. Giro, rodeio, engenho-me.
Engatam-me em todos os comboios.
Içam-me em todos os cais.
Giro dentro das hélices de todos os navios.
Eia! eia-hô eia!
Eia! sou o calor mecânico e a eletricidade!

Eia! e os *rails* e as casas de máquinas e a Europa!
Eia e hurrah por mim-tudo e tudo, máquinas a trabalhar, eia!

Galgar com tudo por cima de tudo! Hup-lá!

Hup-lá, hup-lá, hup-lá-hô, hup-lá!
Hé-lá! He-hô Ho-o-o-o-o!
Z-z-z-z-z-z-z-z-z-z-z!

Ah não ser eu toda a gente e toda a parte!

Londres, 6-1914

ODE MARÍTIMA

SOZINHO, no cais deserto, a esta manhã de Verão,
Olho pro lado da barra, olho pro Indefinido,
Olho e contenta-me ver,
Pequeno, negro e claro, um paquete entrando.
Vem muito longe, nítido, clássico à sua maneira.
Deixa no ar distante atrás de si a orla vã do seu fumo.
Vem entrando, e a manhã entra com êle, e no rio,
Aqui, acolá, acorda a vida marítima,
Erguem-se velas, avançam rebocadores,
Surgem barcos pequenos de trás dos navios que estão no porto.
Há uma vaga brisa.
Mas a minh'alma está com o que vejo menos,
Com o paquete que entra,
Porque ele está com a Distância, com a Manhã,
Com o sentido marítimo desta Hora,
Com a doçura dolorosa que sobe em mim como uma náusea,
Como um começar a enjoar, mas no espírito.

Olho de longe o paquete, com uma grande independência de alma,
E dentro de mim um volante começa a girar, lentamente.

Os paquetes que entram de manhã na barra
Trazem aos meus olhos consigo
O mistério alegre e triste de quem chega e parte.
Trazem memórias de cais afastados e doutros momentos
Doutro modo da mesma humanidade noutros pontos.
Todo o atracar, todo o largar de navio,
É — sinto-o em mim como o meu sangue —
Inconscientemente simbólico, terrivelmente
Ameaçador de significações metafísicas
Que perturbam em mim quem eu fui...

Ah, todo o cais é uma saudade de pedra!
E quando o navio larga do cais
E se repara de repente que se abriu um espaço
Entre o cais e o navio,
Vem-me, não sei por quê, uma angústia recente,
Uma névoa de sentimentos de tristeza
Que brilha ao sol das minhas angústias relvadas
Como a primeira janela onde a madrugada bate,
E me envolve como uma recordação duma outra pessoa
Que fosse misteriosamente minha.

Ah, quem sabe, quem sabe,
Se não parti outrora, antes de mim,
Dum cais, se não deixei, navio ao sol
Oblíquo da madrugada,
Uma outra espécie de porto?
Quem sabe se não deixei, antes de a hora
Do mundo exterior como eu o vejo
Raiar-se para mim,
Um grande cais cheio de pouca gente,
Duma grande cidade meio-desperta,
Duma enorme cidade comercial, crescida, apoplética,
Tanto quanto isso pode ser fora do Espaço e do Tempo?

Sim, dum cais, dum cais dalgum modo material,
Real, visível como cais, cais realmente,
O Cais Absoluto por cujo modelo inconscientemente imitado,
Insensivelmente evocado,
Nós os homens construimos
Os nossos cais de pedra atual sôbre água verdadeira,
Que depois de construídos se anunciam de repente
Coisas-Reais, Espíritos-Coisas, Entidades em Pedra-Almas,

A certos momentos nossos de sentimento-raiz
Quando no mundo-externo como que se abre uma porta
E, sem que nada se altere,
Tudo se revela diverso.

Ah o Grande Cais donde partimos em Navios-Nações!
O Grande Cais Anterior, eterno e divino!
De que porto? Em que águas? E por que penso eu isto?
Grande Cais como os outros cais, mas o Único.
Cheio como eles de silêncios rumorosos nas antemanhãs,
E desabrochando com as manhãs num ruído de guindastes
E chegadas de comboios de mercadorias,
E sob a nuvem negra e ocasional e leve
Do fumo das chaminés das fábricas próximas
Que lhe sombreia o chão preto de carvão pequenino que brilha,
Como se fosse a sombra duma nuvem que passasse sobre água
sombria.

Ah, que essencialidade de mistério e sentido parados
Em divino êxtase revelador
Às horas cor de silêncios e angústias
Não é ponte entre qualquer cais e O Cais!

Cais negramente refletido nas águas paradas,
Bulício a bordo dos navios,
Ó alma errante e instável da gente que anda embarcada,
Da gente simbólica que passa e com quem nada dura,
Que quando o navio volta ao porto
Há sempre qualquer alteração a bordo!

Ó fugas contínuas, idas, ebriedade do Diverso!
Alma eterna dos navegadores e das navegações!
Cascos refletidos devagar nas águas,
Quando o navio larga do porto!
Flutuar como alma da vida, partir como voz,
Viver o momento tremulamente sobre águas eternas.
Acordar para dias mais diretos que os dias da Europa,
Ver portos misteriosos sobre a solidão do mar,
Virar cabos longínquos para súbitas vastas paisagens
Por inumeráveis encostas atônitas. . .

Ah, as praias longínquas, os cais vistos de longe,
E depois as praias próximas, os cais vistos de perto.

O mistério de cada ida e de cada chegada,
A dolorosa instabilidade e incompreensibilidade
Deste impossível universo
A cada hora marítima mais na própria pele sentido!
O soluço absurdo que as nossas almas derramam
Sobre as extensões de mares diferentes com ilhas ao longe,
Sobre as ilhas longínquas das costas deixadas passar,
Sobre o crescer nítido dos portos, com as suas casas e a sua
gente,
Para o navio que se aproxima.

Ah, a frescura das manhãs em que se chega,
E a palidez das manhãs em que se parte,
Quando as nossas entranhas se arrepanham
E uma vaga sensação parecia com um medo
— O medo ancestral de se afastar e partir,
O misterioso receio ancestral à Chegada e ao Novo —
Encolhe-nos a pele e agonia-nos,
E todo o nosso corpo angustiado sente,
Como se fosse a nossa alma,
Uma inexplicável vontade de poder sentir isto doutra maneira:
Uma saudade a qualquer coisa,
Uma perturbação de afeições a que vaga pátria?
A que costa? a que navio? a que cais?
Que se adoce em nós o pensamento,
E só fica um grande vácuo dentro de nós,
Uma óca saciedade de minutos marítimos,
E uma ansiedade vaga que seria tédio ou dor
Se soubessem como sê-lo...

A manhã de Verão está, ainda assim, um pouco fresca.
Um leve torpor de noite anda ainda no ar sacudido.
Acelera-se ligeiramente o volante dentro de mim.
E o paquete vem entrando, porque deve ir entrando sem dúvida,
E não porque eu o veja mover-se na sua distância excessiva.

Na minha imaginação ele está já perto e é visível
Em toda a extensão das linhas das suas vigias,
E treme em mim tudo, toda a carne e toda a pele,
Por causa daquela criatura que nunca chega em nenhum barco
E eu vim esperar hoje ao cais, por um mandado oblíquo.

Os navios que entram a barra,
Os navios que saem dos portos,
Os navios que passam ao longe
(Suponho-me vendo-os duma praia deserta) —
Todos estes navios abstratos quase na sua ida,
Todos estes navios assim comovem-me como se fôsem outra
coisa
E não apenas navios, indo e vindo.

E os navios vistos de perto, mesmo que se não vá embarcar
neles,
Vistos de baixo, dos botes, muralhas altas de chapas,
Vistos dentro, através das câmaras, das salas, das despensas,
Olhando de perto os mastros, afileando-se lá pró alto,
Roçando pelas cordas, descendo as escadas incômodas,
Cheirando a untada mistura metálica e marítima de tudo
aquilo —
Os navios vistos de perto são outra coisa e a mesma coisa,
Dão a mesma saudade e a mesma ânsia doutra maneira.

Toda a vida marítima! tudo na vida marítima!
Insinua-se no meu sangue toda essa sedução fina
E eu cismo indeterminadamente as viagens.
Ah, as linhas das costas distantes, achatadas pelo horizonte!
Ah, os cabos, as ilhas, as praias areentas!
As solidões marítimas, como certos momentos no Pacífico
Em que não sei por que sugestão aprendida na escola
Se sente pesar sobre os nervos o fato de que aquêle é o maior
dos oceanos
E o mundo e o sabor das coisas tornam-se um deserto dentro de
nós!
A extensão mais humana, mais salpicada, do Atlântico!
O Índico, o mais misterioso dos oceanos todos!
O Mediterrâneo, doce, sem mistério nenhum, clássico, um mar
pra bater
De encontro a esplanadas olhadas de jardins próximos por
estátuas brancas!
Todos os mares, todos os estreitos, todas as baías, todos os
golfos,
Queria apertá-los ao peito, senti-los bem e morrer!

E vós, ó coisas navais, meus velhos brinquedos de sonho!
Componde fora de mim a minha vida interior!

Quilhas, mastros e velas, rodas do leme, cordagens,
Chaminés de vapores, hélices, gáveas, flâmulas,
Galdropes, escotilhas, caldeiras, coletores, válvulas,
Caí por mim dentro em montão, em monte,
Como o conteúdo confuso de uma gaveta despejada no chão!
Sede vós o tesouro da minha avareza febril,
Sede vós os frutos da árvore da minha imaginação.
Tema de cantos meus, sangue nas veias da minha inteligência,
Vosso seja o laço que me une ao exterior pela estética,
Fornecei-me metáforas, imagens, literatura,
Porque em real verdade, a sério, literalmente,
Minhas sensações são um barco de quilha pró ar,
Minha imaginação uma âncora meio submersa,
Minha ânsia um remo partido,
E a tessitura dos meus nervos uma rede a secar na praia!

Soa no acaso do rio um apito, só um.
Treme já todo o chão do meu psiquismo.
Acelera-se cada vez mais o volante dentro de mim.
Ah, os paquetes, as viagens, o não-se-saber-o-paradeiro
De Fulano-de-tal, marítimo, nosso conhecido!
Ah, a glória de se saber que um homem que andava conosco
Morreu afogado ao pé duma ilha do Pacífico!
Nós que andamos com ele vamos falar nisso a todos.
Com um orgulho legítimo, com uma confiança invisível
Em que tudo isto tenha um sentido mais belo e mais vasto
Que apenas o ter-se perdido o barco onde ele ia
E ele ter ido ao fundo por lhe ter entrado água prós pulmões!

Ah, os paquetes, os navios-carvoeiros, os navios de vela!
Vão rareando — ai de mim! — os navios de vela nos mares!

E eu, que amo a civilização moderna, eu que beijo com a alma
as máquinas,
Eu o engenheiro, eu o civilizado, eu o educado no estrangeiro,
Gostaria de ter outra vez ao pé da minha vista só veleiros e
barcos de madeira,
De não saber doutra vida marítima que a antiga vida dos mares!
Porque os mares antigos são a Distância Absoluta,
O Puro Longe, liberto do peso do Atual. . .
E ah, como aqui tudo me lembra essa vida melhor,
Esses mares, maiores, porque se navega mais devagar.
Esses mares, misteriosos, porque se sabia menos deles.

Quilhas, mastros e velas, rodas do leme, cordagens,
Chaminés de vapores, hélices, gáveas, flâmulas,
Galdropes, escotilhas, caldeiras, coletores, válvulas,
Caí por mim dentro em montão, em monte,
Como o conteúdo confuso de uma gaveta despejada no chão!
Sede vós o tesouro da minha avareza febril,
Sede vós os frutos da árvore da minha imaginação.
Tema de cantos meus, sangue nas veias da minha inteligência,
Vosso seja o laço que me une ao exterior pela estética,
Fornecei-me metáforas, imagens, literatura,
Porque em real verdade, a sério, literalmente,
Minhas sensações são um barco de quilha pró ar,
Minha imaginação uma âncora meio submersa,
Minha ânsia um remo partido,
E a tessitura dos meus nervos uma rede a secar na praia!

Soa no acaso do rio um apito, só um.
Treme já todo o chão do meu psiquismo.
Acelera-se cada vez mais o volante dentro de mim.
Ah, os paquetes, as viagens, o não-se-saber-o-paradeiro
De Fulano-de-tal, marítimo, nosso conhecido!
Ah, a glória de se saber que um homem que andava conosco
Morreu afogado ao pé duma ilha do Pacífico!
Nós que andamos com ele vamos falar nisso a todos.
Com um orgulho legítimo, com uma confiança invisível
Em que tudo isto tenha um sentido mais belo e mais vasto
Que apenas o ter-se perdido o barco onde ele ia
E ele ter ido ao fundo por lhe ter entrado água prós pulmões!

Ah, os paquetes, os navios-carvoeiros, os navios de vela!
Vão rareando — ai de mim! — os navios de vela nos mares!

E eu, que amo a civilização moderna, eu que beijo com a alma
as máquinas,
Eu o engenheiro, eu o civilizado, eu o educado no estrangeiro,
Gostaria de ter outra vez ao pé da minha vista só veleiros e
barcos de madeira,
De não saber doutra vida marítima que a antiga vida dos mares!
Porque os mares antigos são a Distância Absoluta,
O Puro Longe, liberto do peso do Atual...
E ah, como aqui tudo me lembra essa vida melhor,
Esses mares, maiores, porque se navega mais devagar.
Esses mares, misteriosos, porque se sabia menos deles.

Todo o vapor ao longe é um barco de vela perto.
Todo o navio distante visto agora é um navio no passado visto
próximo.

Todos os marinheiros invisíveis a bordo dos navios no horizonte
São os marinheiros visíveis do tempo dos velhos navios,
Da época lenta e veleira das navegações perigosas,
Da época de madeira e lona das viagens que duravam meses.

Toma-me pouco a pouco o delírio das coisas marítimas,
Penetram-me fisicamente o cais e a sua atmosfera,
O marulho do Tejo galga-me por cima dos sentidos,
E começo a sonhar, começo a envolver-me do sonho das águas,
Começam a pegar bem as correias-de-transmissão na minh'alma
E a aceleração do volante sacode-me nitidamente.

Chamam por mim as águas,
Chamam por mim os mares.
Chamam por mim, levantando uma voz corpórea, os longes,
As épocas marítimas todas sentidas no passado, a chamar.

Tu, marinheiro inglês, Jim Barns meu amigo, foste tu
Que me ensinaste esse grito antiqüíssimo, inglês,
Que tão venenosamente resume
Para as almas complexas como a minha
O chamamento confuso das águas,
A voz inédita e implícita de todas as coisas do mar,
Dos naufrágios, das viagens longínquas, das travessias perigosas.
Esse teu grito inglês, tornado universal no meu sangue,
Sem feitio de grito, sem forma humana nem voz.
Esse grito tremendo que parece soar
De dentro duma caverna cuja abóbada é o céu
E parece narrar todas as sinistras coisas
Que podem acontecer no Longe, no Mar, pela Noite...
(Fingias sempre que era por uma escuna que chamavas,
E dizias assim, pondo uma mão de cada lado da boca,
Fazendo porta-voz das grandes mãos curtidas e escuras:

Ahò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò — yyyy...
Schooner ahò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò — yyyy..)

Escuto-te de aqui, agora, e desperto a qualquer coisa.
Estremece o vento. Sobe a manhã. O calor abre.
Sinto corarem-me as faces.

Meus olhos conscientes dilatam-se.
O êxtase em mim levanta-se, cresce, avança,
E com um ruído cego de arruaça acentua-se
O giro vivo do volante.

Ó clamoroso chamamento
A cujo calor, a cuja fúria fervem em mim
Numa unidade explosiva todas as minhas ânsias,
Meus próprios tédios tornados dinâmicos, todos! . . .
Apelo lançado ao meu sangue
Dum amor passado, não sei onde, que volve
E ainda tem força para me atrair e puxar,
Que ainda tem força para me fazer odiar esta vida
Que passo entre a impenetrabilidade física e psíquica
Da gente real com que vivo!

Ah, seja como for, seja por onde for, partir!
Largar por aí fora, pelas ondas, pelo perigo, pelo mar,
Ir para Longe, ir para Fora, para a Distância Abstrata,
Indefinidamente, pelas noites misteriosas e fundas,
Levado, como a poeira, p'los ventos, p'los vendavais!
Ir, ir, ir, ir de vez!

Todo o meu sangue raiva por asas!
Todo o meu corpo atira-se pra frente!
Galgo p'la minha imaginação fora em torrentes!
Atropelo-me, rujo, precipito-me! . . .
Estoiram em espuma as minhas ânsias
E a minha carne é uma onda dando de encontro a rochedos!

Pensando nisto — ó raiva! pensando nisto — ó fúria!
Subitamente, tremulamente, extraorbitadamente,
Pensando nesta estreiteza da minha vida cheia de ânsias,
Com uma oscilação viciosa, vasta, violenta,
Do volante vivo da minha imaginação,
Rompe, por mim, assobiando, silvando, vertiginando,
O cio sombrio e sádico da estrídula vida marítima.

Eh marinheiros, gajeiros, eh tripulantes, pilotos!
Navegadores, mareantes, marujos, aventureiros!
Eh capitães de navios! homens ao leme e em mastros!
Homens que dormem em beliches rudes!
Homens que dormem co'o Perigo a espreitar p'las vigias!

Homens que dormem co'a Morte por travesseiro!
Homens que têm tombadilhos, que têm pontes donde olhar
A imensidade imensa do mar imenso!
Eh manipuladores dos guindastes de carga!
Eh amainadores de velas, fogueiros, criados de bordo!

Homens que metem a carga nos porões!
Homens que enrolam cabos no convés!
Homens que limpam os metais das escotilhas!
Homens do leme! homens das máquinas! homens dos mastros!
Eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh!
Gente de boné de pala! Gente de camisola de malha!
Gente de âncoras e bandeiras cruzadas bordadas no peito!
Gente tatuada! gente de cachimbo! gente de amurada!
Gente escura de tanto sol, crestada de tanta chuva,
Limpa de olhos de tanta imensidade diante deles,
Audaz de rosto de tantos ventos que lhes bateram a valer!

Eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh!
Homens que vistes a Patagônia!
Homens que passastes pela Austrália!
Que enchestes o vosso olhar de costas que nunca verei!
Que fostes a terra em terras onde nunca descerei!
Que comprastes artigos toscos em colônias à proa de sertões!
E fizestes tudo isso como se não fosse nada,
Como se isso fosse natural,
Como se a vida fosse isso,
Como nem sequer cumprindo um destino!
Ehe-eh-eh-eh-eh-eh-eh!
Homens do mar atual! homens do mar passado!
Comissários de bordo! escravos das galés! combatentes de
Lepanto!

Piratas do tempo de Roma! Navegadores da Grécia!
Fenícios! Cartaginenses! Portugueses atirados de Sagres
Para a aventura indefinida, para o Mar Absoluto, para realizar o
Impossível!

Eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh!
Homens que erguestes padrões, que destes nomes a cabos!
Homens que negociastes pela primeira vez com pretos!
Que primeiro vendestes escravos de novas terras!
Que destes o primeiro espasmo europeu às negras atônitas!
Que trouxestes ouro, miçanga, madeiras cheirosas, setas,
De encostas explodindo em verde vegetação!

Homens que saqueastes tranqüilas povoações africanas,
Que fizestes fugir com o ruído de canhões essas raças,
Que matastes, roubastes, torturastes, ganhastes
Os prêmios de Novidade de quem, de cabeça baixa
Arremete contra o mistério de novos mares! Eh-eh-eh-eh-eh!
A vós todos num, a vós todos em vós todos como um,
A vós todos misturados, entrecruzados,
A vós todos, sangrentos, violentos, odiados, temidos, sagrados,
Eu vos saúdo, eu vos saúdo, eu vos saúdo!
Eh-ch-ch-eh eh! Eh eh-ch-eh eh! Eh-eh-eh eh-ch-eh eh!
Eh lahô-lahô laHO-lahá-á-á-à-à!

Quero ir convosco, quero ir convosco,
Ao mesmo tempo com vós todos
Pra toda a parte pr'onde fostes!
Quero encontrar vossos perigos frente a frente,
Sentir na minha cara os ventos que engelharam as vossas,
Cuspir dos lábios o sal dos mares que beijaram os vossos,
Ter braços na vossa faina, partilhar das vossas tormentas,
Chegar como vós, enfim, a extraordinários portos!
Fugir convosco à civilização!
Perder convosco a noção de moral!
Sentir mudar-se no longe a minha humanidade!
Beber convosco em mares do Sul
Novas selvajarias, novas balbúrdias da alma,
Novos fogos centrais no meu vulcânico espírito!
Ir convosco, despir de mim — ah! põe-te daqui pra fora! —
O meu traje de civilizado, a minha brandura de ações,
Meu medo inato das cadeias,
Minha pacífica vida,
A minha vida sentada, estática, regrada e revista!

No mar, no mar, no mar, no mar,
Eh! pôr no mar, ao vento, às vagas,
A minha vida!
Salgar de espuma arremessada pelos ventos
Meu paladar das grandes viagens.
Fustigar de água chicoteante as carnes da minha aventura,
Repassar de frios oceânicos os ossos da minha existência,
Flagelar, cortar, engelar de ventos, de espumas, de sóis,
Meu ser ciclônico e atlântico,
Meus nervos postos como enxárcias,
Lira nas mãos dos ventos!

Sim, sim, sim... Crucificai-me nas navegações
E as minhas espáduas gozarão a minha cruz!
Atai-me às viagens como a postes
E a sensação dos postes entrará pela minha espinha
E eu passarei a senti-los num vasto espasmo passivo!
Fazei o que quiserdes de mim, logo que seja nos mares,
Sobre conveses, ao som de vagas,
Que me rasgueis, mateis, firais!
O que quero é levar pra Morte
Uma alma a transbordar de Mar,
Ébria a cair das coisas marítimas,
Tanto dos marujos como das âncoras, dos cabos,
Tanto das costas longínquas como do ruído dos ventos,
Tanto do Longe como do Cais, tanto dos naufrágios
Como dos tranqüilos comércios,
Tanto dos mastros como das vagas,
Levar pra Morte com dor, voluptosamente,
Um copo cheio de sanguessugas, a sugar, a sugar,
De estranhas verdes absurdas sanguessugas marítimas!

Façam enxárcias das minhas veias!
Amarras dos meus músculos!
Arranquem-me a pele, preguem-a às quilhas.
E possa eu sentir a dor dos pregos e nunca deixar de sentir!
Façam do meu coração uma flâmula de almirante
Na hora de guerra dos velhos navios!

Calquem aos pés nos conveses meus olhos arrancados!
Quebrem-me os ossos de encontro às amuradas!
Fustiguem-me atado aos mastros, fustiguem-me!
A todos os ventos de tôdas as latitudes e longitudes
Derramem meu sangue sobre as águas arremessadas
Que atravessam o navio, o tombadilho, de lado a lado.
Nas vascas bravas das tormentas!

Ter a audácia ao vento dos panos das velas!
Ser, como as gáveas altas, o assobio dos ventos!
A velha guitarra do Fado dos mares cheios de perigos,
Canção para os navegadores ouvirem e não repetirem!

Os marinheiros que se sublevaram
Enforcaram o capitão numa verga.
Desembarcaram um outro numa ilha deserta.

De repente estala-me sobre os ouvidos
Como um clarim a meu lado,
O velho grito, mas agora irado, metálico,
Chamando a presa que se avista,
A escuna que vai ser tomada:

Ahó-ó-ó-ó-ó-ó-ó-ó-ó-ó-ó — yyy...
Schooner ahó-ó-ó-ó-ó-ó-ó-ó-ó-ó-ó-ó-ó-ó — yyyy...

O mundo inteiro não existe para mim! Ardo vermelho!
Rujo na fúria da abordagem!
Pirata-mor! César-Pirata!
Pilho, mato, esfacelo, rasgo!

Só sinto o mar, a presa, o saque!
Só sinto em mim bater, baterem-me
As veias das minhas fontes!
Escorre sangue quente a minha sensação dos meus olhos!
Eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh!

Ah piratas, piratas, piratas!
Piratas, amai-me e odiai-me!
Misturai-me convosco, piratas!

Vossa fúria, vossa crueldade como falam ao sangue
Dum corpo de mulher que foi meu outrora e cujo cio sobrevive!

Eu queria ser um bicho representativo de todos os vossos gestos,
Um bicho que cravasse dentes na amuradas, nas quilhas,
Que comesse mastros, bebesse sangue e alcatrão nos conveses,
Trincasse velas, remos, cordame e poleame,
Serpente do mar feminina e monstruosa cevando-se nos crimes!

E há uma sinfonia de sensações incompatíveis e análogas,
Há uma orquestração no meu sangue de balbúrdias de crimes,
De estrépitos espasmados de orgias de sangue nos mares,
Furibundamente, como um vendaval de calor pelo espírito,
Nuvem de poeira quente anuviando a minha lucidez
E fazendo-me ver e sonhar isto tudo só com a pele e as veias!

Os piratas, a pirataria, os barcos, a hora,
Aquela hora marítima em que as presas são assaltadas,
E o terror dos apresados foge pra loucura — essa hora,

A minha feminilidade que vos acompanha é ser as vossas almas!
Estar por dentro de toda a vossa ferocidade, quando a
praticáveis!

Sugar por dentro a vossa consciência das vossas sensações
Quando tingíeis de sangue os mares altos,
Quando de vez em quando atiráveis aos tubarões
Os corpos vivos ainda dos feridos, a carne rosada das crianças
E leváveis as mães às amuradas para verem o que lhes acontecia!

Estar convosco na carnagem, na pilhagem!
Estar orquestrado convosco na sinfonia dos saques!
Ah, não sei que, não sei quanto queria eu ser de vós!
Não era só ser-vos a fêmea, ser-vos as fêmeas, ser-vos as vítimas,
Ser-vos as vítimas — homens, mulheres, crianças, navios —,
Não era só ser a hora e os barcos e as ondas,
Não era só ser vossas almas, vossos corpos, vossa fúria, vossa
posse,
Não era só ser concretamente vosso ato abstrato de orgia,
Não era só isto que eu queria ser — era mais que isto, o
Deus-isto!

Era preciso ser Deus, o Deus dum culto ao contrário,
Um Deus monstruoso e satânico, um Deus dum panteísmo de
sangue.

Para poder encher toda a medida da minha fúria imaginativa,
Para poder nunca esgotar os meus desejos de identidade
Com o cada, e o tudo, e o mais-que-tudo das vossas vitórias!

Ah! torturái-me para me curardes!
Minha carne — fazei dela o ar que os vossos cutelos atravessam
Antes de caírem sobre as cabeças e os ombros!
Minhas veias sejam os fatos que as facas trespassam!
Minha imaginação o corpo das mulheres que violais!
Minha inteligência o convés onde estais de pé matando!
Minha vida toda, no seu conjunto nervoso, histérico, absurdo,
O grande organismo de que cada ato de pirataria que se cometeu
Fosse uma célula consciente — e todo eu turbilhonasse
Como uma imensa podridão ondeando, é fosse aquilo tudo!

Com tal velocidade desmedida, pavorosa,
A máquina de febre das minhas visões transbordantes
Gira agora que a minha consciência, volante,
É apenas um nevoento círculo assobiando no ar.

*Fifteen men on the Dead Man's Chest.
Yo-ho-ho and a bottle of rum!*

Eh-lahô-lahô-laHO — lahá-á-ááá — ààà. . .

Ah! a selvajaria desta selvajaria! Merda
Pra toda a vida como a nossa, que não é nada disto!
Eu pr'aqui engenheiro, prático à força, sensível a tudo,
Pr'aqui parado, em relação a vós, mesmo quando ando;
Mesmo quando ajo, inerte; mesmo quando me imponho, débil;
Estático, quebrado, dissidente, cobarde da vossa Glória,
Da vossa grande dinâmica estridente, quente e sangrenta!

Arre! por não poder agir de acordo com o meu delírio!
Arre! por andar sempre agarrado às saias da civilização!
Por andar com a *douceur des moeurs* às costas, como um fardo
de rendas!
Moços de esquina — todos nós o somos — do humanitarismo
moderno!

Estupores de tísicos, de neurastênicos, de linfáticos,
Sem coragem para ser gente com violência e audácia,
Com a alma como uma galinha presa por uma perna!

Ah, os piratas! os piratas!
A ânsia do ilegal unido ao feroz,
A ânsia das coisas absolutamente cruéis e abomináveis,
Que rói como um cio abstrato os nossos corpos franzinos,
Os nossos nervos femininos e delicados,
E põe grandes febres loucas nos nossos olhares vazios!

Obrigai-me a ajoelhar diante de vós!
Humilhai-me e batei-me!
Fazei de mim o vosso escravo e a vossa coisa!
E que o vosso desprezo por mim nunca me abandone.
Ó meus senhores! ó meus senhores!

Tomar sempre gloriosamente a parte submissa
Nos acontecimentos de sangue e nas sensualidades estiradas!
Desabai sobre mim, como grandes muros pesados,
Ó bárbaros do antigo mar!
Rasgai-me e feri-me!
De leste a oeste do meu corpo
Riscai de sangue a minha carne!

Beijai com cutelos de bordo e açoite e raiva
O meu alegre terror carnal de vos pertencer,
A minha ânsia masoquista em me dar à vossa fúria,
Em ser objeto inerte e sentiente da vossa omnívora crueldade,
Dominadores, senhores, imperadores, corcéis!
Ah, torturái-me,
Rasgai-me e abri-me!
Desfeito em pedaços conscientes
Entornai-me sobre os conveses,
Espalhai-me nos mares, deixai-me
Nas praias ávidas das ilhas!

Cevai sobre mim todo o meu misticismo de vós!
Cinzelai a sangue a minh'alma
Cortai, riscai!
Ó tatuadores da minha imaginação corpórea!
Esfoladores amados da minha carnal submissão!
Submetei-me como quem mata um cão a pontapés!
Fazei de mim o poço para o vosso desprezo de domínio!

Fazei de mim as vossas vítimas todas!
Como Cristo sofreu por todos os homens, quero sofrer
Por todas as vossas vítimas às vossas mãos,
Às vossas mãos calosas, sangrentas e de dedos decepados
Nos assaltos bruscos de amuradas!

Fazei de mim qualquer coisa como se eu fosse
Arrastado — ó prazer, ó beijada dor! —
Arrastado à cauda de cavalos chicoteados por vós...
Mas isto no mar, isto no ma-a-ar, isto no MA-A-A-AR!
Eh-eh-eh-eh-eh! Eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh! EH-EH-EH-EH-EH-
EH-EH! No MA-A-A-A-AR!

Yeh eh-eh-eh-eh-eh! Yeh-eh-eh-eh-eh-eh! Yeh-eh-eh-eh-eh-eh-
eh-eh!

Grita tudo! tudo a gritar! ventos, vagas, barcos,
Mares, gáveas, piratas, a minha alma, o sangue, e o ar, e o ar!
Eh-eh-eh-eh! Yeh-eh-eh-eh-eh! Yeh-eh-eh-eh-eh! Tudo canta a
gritar!

FIFTEEN MEN ON THE DEAD MAN'S CHEST.
YO-HO-HO AND A BOTTLE OF RUM!

Eh-ch eh-eh eh-eh-eh! Eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh! Eh eh-eh eh-eh-eh-eh!

Eh-laô-lahô-laHO-O-O-ôô-lahá-á-á — ààà!

AH-Ó-Ó Ó Ó Ó-Ó Ó Ó Ó Ó — yyy!...

SCHOONER AHÓ-Ó-Ó-Ó-Ó-Ó-Ó-Ó-Ó-Ó — yyy!...

Darby M'Graw-aw-aw-aw-aw-aw!

DARBY M'GRAW-AW AW-AW-AW-AW-AW!

FETCH A-A-AFT THE RU-U-U-U-U-UM, DARBY!

Eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh eh-eh eh!

EH-EH EH-EH-EH EH-EH EH-EH EH-EH-EH!

EH-EH-EH-EH-EH-EH-EH-EH-EH EH EH-EH!

EH-EH-EH-EH-EH-EH-EH-EH-EH-EH-EH-EH!

EH-EH-EH-EH-EH-EH-EH-EH-EH-EH!

Parte-se em mim qualquer coisa. O vermelho anoiteceu.

Senti demais para poder continuar a sentir.

Esgotou-se a alma, ficou só um eco dentro de mim.

Decresce sensivelmente a velocidade do volante.

Tiram-me um pouco as mãos dos olhos os meus sonhos.

Dentro de mim há um só vácuo, um deserto, um mar noturno.

E logo que sinto que há um mar noturno dentro de mim,

Sobe dos longes dele, nasce do seu silêncio,

Outra vez, outra vez o vasto grito antiqüíssimo.

De repente, como um relâmpago de som, que não faz barulho
mas ternura,

Subitamente abrangendo todo o horizonte marítimo

Úmido e sombrio marulho humano noturno,

Voz de sereia longínqua chorando, chamando,

Vem do fundo do Longe, do fundo do Mar, da alma dos
Abismos,

E à tona dele, como algas, bóiam meus sonhos desfeitos...

Ahò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò — yy...

Schooner ahò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò — yy... ..

Ah, o orvalho sobre a minha excitação!

O frescor noturno no meu oceano interior!

Eis tudo em mim de repente ante uma noite no mar
Cheia de enorme mistério humaníssimo das ondas noturnas.
A lua sobe no horizonte
E a minha infância feliz acorda, como uma lágrima, em mim.
O meu passado ressurgue, como se esse grito marítimo
Fosse um aroma, uma voz, o eco duma canção
Que fosse chamar ao meu passado
Por aquela felicidade que nunca mais tornarei a ter.

Era na velha casa sossegada ao pé do rio. . .
(As janelas do meu quarto, e as da casa-de-jantar também,
Davam, por sobre umas casas baixas, para o rio próximo,
Para o Tejo, este mesmo Tejo, mas noutro ponto, mais abaixo. . .
Se eu agora chegasse às mesmas janelas não chegava às mesmas
janelas
Aquele tempo passou como o fumo dum vapor no mar alto. . .)

Uma inexplicável ternura,
Um remorso comovido e lacrimoso,
Por todas aquelas vítimas — principalmente as crianças —
Que sonhei fazendo ao sonhar-me pirata antigo,
Emoção comovida, porque elas foram minhas vítimas;
Terna e suave, porque não o foram realmente;
Uma ternura confusa, como um vidro embaciado, azulada,
Canta velhas canções na minha pobre alma dolorida.

Ah, como pude eu pensar, sonhar aquelas coisas?
Que longe estou do que fui há uns momentos!
Histeria das sensações — ora estas, ora as opostas!
Na loura manhã que se ergue, como o meu ouvido só escolhe
As cousas de acôrdo com esta emoção — o marulho das águas,
O marulho leve das águas do rio de encontro ao cais. . . ,
A vela passando perto do outro lado do rio,
Os montes longínquos, dum azul japonês,
As casas de Almada,
E o que há de suavidade e de infância na hora matutina! . . .

Uma gaivota que passa,
E a minha ternura é maior.

Mas todo este tempo não estive a reparar para nada.
Tudo isto foi uma impressão só da pele, como uma carícia.

Todo este tempo não tirei os olhos do meu sonho longínquo,
Da minha casa ao pé do rio,
Da minha infância ao pé do rio,
Das janelas do meu quarto dando para o rio de noite,
E a paz do luar esparsa nas águas...

Minha velha tia, que me amava por causa do filho que perdeu...,
Minha velha tia costumava adormecer-me cantando-me
(Se bem que eu fosse já crescido demais para isso)...
Lembro-me e as lágrimas caem sobre o meu coração e lavam-o
da vida,
E ergue-se uma leve brisa marítima dentro de mim.
Às vezes ela cantava a “Nau Catrineta”:

*Lá vai a Nau Catrineta
Por sobre as águas do mar...*

E outras vezes, numa melodia muito saudosa e tão medieval,
Era a “Bela Infanta”... Relembro, e a pobre velha voz ergue-se
dentro de mim
E lembra-me que pouco me lembrei dela depois, e ela amava-me
tanto!
Como fui ingrato para ela — e afinal que fiz eu da vida?
Era a “Bela Infanta”... Eu fechava os olhos, e ela cantava:

*Estando a Bela Infanta
No seu jardim assentada...*

Eu abria um pouco os olhos e via a janela cheia de luar
E depois fechava os olhos outra vez, e em tudo isto era feliz

*Estando a Bela Infanta
No seu jardim assentada,
Seu pente de ouro na mão,
Seus cabelos penteava...*

Ó meu passado de infância, boneco que me partiram!

Não poder viajar pra o passado, para aquela casa e aquela
afeição,
E ficar lá sempre, sempre criança e sempre contente!

Mas tudo isto foi o Passado, lanterna a uma esquina de rua
velha.
Pensar nisto faz frio, faz fome duma coisa que se não pode
obter.

Dá-me não sei que remorso absurdo pensar nisto.
Oh turbilhão lento de sensações desencontradas!
Vertigem tênue de confusas coisas na alma!
Fúrias partidas, ternuras como carrinhos de linha com que as
crianças brincam,
Grandes desabamentos de imaginação sobre os olhos dos sentidos,
Lágrimas, lágrimas inúteis,
Leves brisas de contradição roçando pela face a alma...

Evoco, por um esforço voluntário, para sair desta emoção,
Evoco, com um esforço desesperado, seco, nulo,
A canção do Grande Pirata, quando estava a morrer:

*Fifteen men on the Dead Man's Chest.
Yo-ho-ho and a bottle of rum!*

Mas a canção é uma linha reta mal traçada dentro de mim...
Esforço-me e consigo chamar outra vez ante os meus olhos na
alma,
Outra vez, mas através duma imaginação quase literária,
A fúria da pirataria, da chacina, o apetite, quase do paladar, do
saque,
Da chacina inútil de mulheres e de crianças,
Da tortura fútil, e só para nos distrairmos, dos passageiros pobres
E a sensualidade de escangalhar e partir as coisas mais queridas
dos outros,
Mas sonho isto tudo com um medo de qualquer coisa a respirar-
me sobre a nuca.

Lembro-me de que seria interessante
Enforçar os filhos à vista das mães
(Mas sinto-me sem querer as mães deles),
Enterrar vivas nas ilhas desertas as crianças de quatro anos
Levando os pais em barcos até lá para verem
(Mas estremeço, lembrando-me dum filho que não tenho e está
dormindo tranqüilo em casa).

Aguilhão uma ânsia fria dos crimes marítimos,
Duma inquisição sem a desculpa da Fé,
Crimes nem sequer com razão de ser de maldade e de fúria,
Feitos a frio, nem quer para ferir, nem sequer para fazer mal,

Nem sequer para nos divertirmos, mas apenas para passar o
 tempo,
 Como quem faz paciências a uma mesa de jantar de província
 com a toalha atirada pra o outro lado da mesa
 depois de jantar,
 Só pelo suave gosto de cometer crimes abomináveis e não os
 achar grande coisa,
 De ver sofrer até ao ponto da loucura e da morte-pela-dor mas
 nunca deixar chegar lá...
 Mas a minha imaginação recusa-se a acompanhar-me.
 Um calafrio arrepiá-me.
 E de repente, mais de repente do que da outra vez, de mais
 longe, de mais fundo,
 De repente — oh pavor por tódas as minhas veias! —,
 Oh frio repentino da porta para o Mistério que se abriu dentro
 de mim e deixou entrar uma corrente de ar!
 Lembro-me de Deus, do Transcendental da vida, e de repente
 A velha voz do marinheiro inglês Jim Barns com quem eu falava,
 Tornada voz das ternuras misteriosas dentro de mim, das pe-
 quenas coisas de regaço de mãe e de fita de
 cabelo de irmã,
 Mas estupendamente vinda de além da aparência das coisas,
 A Voz surda e remota tornada A Voz Absoluta, a Voz Sem Bôca,
 Vinda de sobre e de dentro da solidão noturna dos mares,
 Chama por mim, chama por mim, chama por mim...
 Vem surdamente, como se fôsse suprimida e se ouvisse,
 Longinquamente, como se estivesse soando noutro lugar e aqui
 não se pudesse ouvir,
 Como um soluço abafado, uma luz que se apaga, um hálito
 silencioso,
 De nenhum lado do espaço, de nenhum local no tempo,
 O grito eterno e noturno, o sopro fundo e confuso:
 Ahô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô — yyy.....
 Ahô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô — yyy.....
 Schooner ahô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô — yy.....
 Tremo com frio da alma repassando-me o corpo
 E abro de repente os olhos, que não tinha fechado.
 Ah, que alegria a de sair dos sonhos de vez!
 Eis outra vez o mundo real, tão bondoso para os nervos!
 Ei-lo a esta hora matutina em que entram os paquetes que
 chegam cedo.

Já não me importa o pacote que entrava. Ainda está longe.
Só o que está perto agora me lava a alma.
A minha imaginação higiênica, forte, prática,
Preocupa-se agora apenas com as coisas modernas e úteis,
Com os navios de carga, com os pacotes e os passageiros,
Com as fortes coisas imediatas, modernas, comerciais, verdadeiras.

Abranda o seu giro dentro de mim o volante.

Maravilhosa vida marítima moderna,
Toda limpeza, máquinas e saúde!
Tudo tão bem arranjado, tão espontaneamente ajustado,
Todas as peças das máquinas, todos os navios pelos mares,
Todos os elementos da atividade comercial de exportação e importação

Tão maravilhosamente combinando-se
Que corre tudo como se fosse por leis naturais,
Nenhuma coisa esbarrando com outra!

Nada perdeu a poesia. E agora há a mais as máquinas
Com sua poesia também, e todo o novo gênero de vida
Comercial, mundana, intelectual, sentimental,
Que a era das máquinas veio trazer para as almas.
As viagens agora são tão belas como eram dantes
E um navio será sempre belo, só porque é um navio.
Viajar ainda é viajar e o longe está sempre onde esteve —
Em parte nenhuma, graças a Deus!

Os portos cheios de vapores de muitas espécies!
Pequenos, grandes, de várias cores, com várias disposições de vigias,
De tão deliciosamente tantas companhias de navegação!
Vapores nos portos, tão individuais na separação destacada dos ancoramentos!
Tão prazenteiro o seu garbo quieto de cousas comerciais que andam no mar,
No velho mar sempre o homérico, ó Ulisses!

O olhar humanitário dos faróis na distância da noite,
Ou o súbito farol próximo na noite muito escura
("Que perto da terra que estávamos passando!" E o som da água canta-nos ao ouvido)!...

Tudo isto hoje é como sempre foi, mas há o comércio;
E o destino comercial dos grandes vapores

Envaidece-me da minha época!

A mistura de gente a bordo dos navios de passageiros
Dá-me o orgulho moderno de viver numa época onde é tão fácil
Misturarem-se as raças, transporem-se os espaços, ver com
facilidade todas as coisas,
E gozar a vida realizando um grande número de sonhos.

Limpos, regulares, modernos como um escritório com *guichets*
em redes de arame amarelo,
Meus sentimentos agora, naturais e comedidos como *gentlemen*,
São práticos, longe de desvairamentos, encham de ar marítimo
os pulmões,
Como gente perfeitamente consciente de como é higiênico respirar
o ar do mar.

O dia é perfeitamente já de horas de trabalho.
Começa tudo a movimentar-se, a regularizar-se.
Com um grande prazer natural e direto percorro a alma
Todas as operações comerciais necessárias a um embarque de
mercadorias.

A minha época é o carinho que levam todas as faturas,
E sinto que todas as cartas de todos os escritórios
Deviam ser endereçadas a mim.

Um conhecimento de bordo tem tanta individualidade,
E uma assinatura de comandante de navio é tão bela e moderna!
Rigor comercial do princípio e do fim das cartas:
Dear Sirs — Messieurs — Amigos e Srs.,
Yours faithfully — . . . nos salutations empressées . . .
Tudo isto não é só humano e limpo, mas também belo,
E tem ao fim um destino marítimo, um vapor onde embarquem
As mercadorias de que as cartas e as faturas tratam.

Complexidade da vida! As faturas são feitas por gente
Que tem amores, ódios, paixões políticas, às vezes crimes —
E são tão bem escritas, tão alinhadas, tão independentes de tudo
isso!

Há quem olhe para uma fatura e não sinta isto.
Com certeza que tu, Cesário Verde, o sentias.
Eu é até às lágrimas que o sinto humanissimamente.
Venham dizer-me que não há poesia no comércio, nos escritórios!
Ora, ela entra por todos os poros . . . Neste ar marítimo respiro-a,
Porque tudo isto vem a propósito dos vapores, da navegação
moderna,

Porque as faturas e as cartas comerciais são o princípio da
história
E os navios que levam as mercadorias pelo mar eterno são o
fim.

Ah, e as viagens, as viagens de recreio, e as outras,
As viagens por mar, onde todos somos companheiros dos outros
Duma maneira especial, como se um mistério marítimo
Nos aproximasse as almas e nos tornasse um momento
Patriotas transitórios duma mesma pátria incerta,
Eternamente deslocando-se sobre a imensidade das águas!
Grandes hotéis do Infinito, oh transatlânticos meus!
Com o cosmopolitismo perfeito e total de nunca pararem num
ponto
E conterem todas as espécies de trajés, de caras, de raças!

As viagens, os viajantes — tantas espécies deles!
Tanta nacionalidade sobre o mundo! tanta profissão! tanta gente!
Tanto destino diverso que se pode dar à vida,
À vida, afinal, no fundo sempre, sempre a mesma!
Tantas caras curiosas! Todas as caras são curiosas
E nada traz tanta religiosidade como olhar muito para gente.
A fraternidade afinal não é uma idéia revolucionária.
É uma coisa que a gente aprende pela vida fora, onde tem que
tolerar tudo,
E passa a achar graça ao que tem que tolerar,
E acaba quase a chorar de ternura sobre o que tolerou!

Ah, tudo isto é belo, tudo isto é humano e anda ligado
Aos sentimentos humanos, tão conviventes e burgueses,
Tão complicadamente simples, tão metafisicamente tristes!
A vida flutuante, diversa, acaba por nos educar no humano.
Pobre gente! pobre gente toda a gente!

Despeço-me desta hora no corpo deste outro navio
Que vai agora saindo. É um *tramp-steamer* inglês,
Muito sujo, como se fôsse um navio francês,
Com um ar simpático de proletário dos mares,
E sem dúvida anunciado ontem na última página das gazetas.

Enternece-me o pobre vapor, tão humilde vai ele e tão natural.
Parece ter um certo escrúpulo não sei em quê, ser pessoa honesta,
Cumpridora duma qualquer espécie de deveres.

Lá vai ele deixando o lugar defronte do cais onde estou.
Lá vai ele tranquilamente, passando por onde as naus estiveram
Outrora, outrora...

Para Cardiff? Para Liverpool? Para Londres? Não tem
importância.

Ele faz o seu dever. Assim façamos nós o nosso. Bela vida!
Boa viagem! Boa viagem!

Boa viagem, meu pobre amigo casual, que me fizeste o favor
De levar contigo a febre e a tristeza dos meus sonhos,
E restituir-me à vida para olhar para ti e te ver passar.
Boa viagem! Boa viagem! A vida é isto...

Que aprumo tão natural, tão inevitavelmente matutino
Na tua saída do porto de Lisboa, hoje!
Tenho-te uma afeição curiosa e grata por isso...

Por isso quê? Sei lá o que é!... Vai!... Passa!...
Com um ligeiro estremecimento,
(T-t-t---t----t-----t...)
O volante dentro de mim pára.

Passa, lento vapor, passa e não fiques...
Passa de mim, passa da minha vista,
Vai-te de dentro do meu coração,
Perde-te no Longe, no Longe, bruma de Deus,
Perde-te, segue o teu destino e deixa-me...
Eu quem sou para que chore e interrogue?
Eu quem sou para que te fale e te ame?
Eu quem sou para que me perturbe ver-te?
Larga do cais, cresce o sol, ergue-se ouro,
Luzem os telhados dos edifícios do cais,
Todo o lado de cá da cidade brilha...
Parte, deixa-me, torna-te
Primeiro o navio a meio do rio, destacado e nítido,
Depois o navio a caminho da barra, pequeno e preto,
Depois ponto vago no horizonte (ó minha angústia!),
Ponto cada vez mais vago no horizonte...
Nada depois, e só eu e a minha tristeza,
E a grande cidade agora cheia de sol
E a hora real e nua como um cais já sem navios,
E o giro lento do guindaste que, como um compasso que gira,
Traça um semicírculo de não sei que emoção
No silêncio comovido da minh'alma...

[1915?]

SAUDAÇÃO A WALT WHITMAN

PORTUGAL-INFINITO, onze de junho de mil novecentos e
quinze...

Hé-lá-á-á-á-á-á!

De aqui de Portugal, tôdas as épocas no meu cérebro,
Saúdo-te, Walt, saúdo-te, meu irmão em Universo,
Eu, de monóculo e casaco exageradamente cintado,
Não sou indigno de ti, bem o sabes, Walt,
Não sou indigno de ti, basta saudar-te para o não ser...
Eu tão contíguo à inércia, tão facilmente cheio de tédio,
Sou dos teus, tu bem sabes, e compreendo-te e amo-te,
E embora te não conhecesse, nascido pelo ano em que morrias,
Sei que me amaste também, que me conheceste, e estou contente,
Sei que me conheceste, que me contemplaste e me explicaste,
Sei que é isso que eu sou, quer em Brooklyn Ferry dez anos
antes de eu nascer,
Quer pela Rua do Ouro acima pensando em tudo que não é a
Rua do Ouro,
E conforme tu sentiste tudo, sinto tudo, e cá estamos de mãos
dadas,
De mãos dadas, Walt, de mãos dadas, dançando o universo na
alma.

Ó sempre moderno e eterno, cantor dos concretos absolutos,
Concubina foga do universo disperso,
Grande pederasta roçando-te contra a diversidade das coisas,
Sexualizado pelas pedras, pelas árvores, pelas pessoas, pelas
profissões,
Cio das passagens, dos encontros casuais, das meras observações,
Meu entusiasta pelo conteúdo de tudo,
Meu grande herói entrando pela Morte dentro aos pinotes,
E aos urros, e aos guinchos, e aos berros saudando Deus!

Cantor da fraternidade feroz e terna com tudo,
Grande democrata epidérmico, contíguo a tudo em corpo e alma,
Carnaval de tôdas as ações, bacanal de todos os propósitos,
Irmão gêmeo de todos os arrancos,
Jean-Jacques Rousseau do mundo que havia de produzir
máquinas,

Homero do *insaisissable* do flutuante carnal,
Shakespeare da sensação que começa a andar a vapor,
Milton-Shelley do horizonte da Eletricidade futura!
Íncubo de todos os gestos,
Espasmo pra dentro de todos os objetos-força,
Souteneur de todo o Universo,
Rameira de todos os sistemas solares . . .

Quantas vezes eu beijo o teu retrato!
Lá onde estás agora (não sei onde é mas é Deus)
Sentes isto, sei que o sentes, e os meus beijos são mais quentes
(em gente)

E tu assim é que os queres, meu velho, e agradeces de lá —,
Sei-o bem, qualquer coisa mo diz, um agrado no meu espírito

Uma ereção abstrata e indireta no fundo da minha alma.

Nada do *engageant* em ti, mas ciclópico e musculoso,
Mas perante o Universo a tua atitude era de mulher,
E cada erva, cada pedra, cada homem era para ti o Universo.

Meu velho Walt, meu grande Camarada, evohé!
Pertença à tua orgia báquica de sensações-em-liberdade,
Sou dos teus, desde a sensação dos meus pés até à náusea em
meus sonhos,
Sou dos teus, olha pra mim, de aí desde Deus vês-me ao contrário:
De dentro para fora . . . Meu corpo é o que adivinhas, vês a
minha alma —

Essa vês tu propriamente e através dos olhos dela o meu corpo —
Olha pra mim: tu sabes que eu, Álvaro de Campos, engenheiro,
Poeta sensacionista.

Não sou teu discípulo, não sou teu amigo, não sou teu cantor,
Tu sabes que eu sou Tu e estás contente com isso!

Nunca posso ler os teus versos a fio . . . Há ali sentir demais . . .
Atravesso os teus versos como a uma multidão aos encontros
a mim,

E cheira-me a suor, a óleos, a atividade humana e mecânica.
Nos teus versos, a certa altura não sei se leio ou se vivo,
Não sei se o meu lugar real é no mundo ou nos teus versos,
Não sei se estou aqui, de pé sobre a terra natural,

Ou de cabeça pra baixo, pendurado numa espécie de estabele-
cimento,

No tecto natural da tua inspiração de tropel,
No centro do tecto da tua intensidade inacessível.

Abram-me todas as portas!
Por força que hei de passar!
Minha senha? Walt Whitman!
Mas não dou senha nenhuma...
Passo sem explicações...
Se for preciso meto dentro as portas...
Sim — eu, franzino e civilizado, meto dentro as portas,
Porque neste momento não sou franzino nem civilizado,
Sou EU, um universo pensante de carne e osso, querendo passar,
E que há de passar por força, porque quando quero passar sou
Deus!

Tirem esse lixo da minha frente!
Metam-me em gavetas essas emoções!
Daqui pra fora, políticos, literatos,
Comerciantes pacatos, polícia, meretrizes, *souteneurs*,
Tudo isso é a letra que mata, não o espírito que dá a vida.
O espírito que dá a vida neste momento sou EU!

Que nenhum filho da... se me atravessasse no caminho!
O meu caminho é pelo infinito fora até chegar ao fim!
Se sou capaz de chegar ao fim ou não, não é contigo,
É comigo, com Deus, com o sentido — eu da palavra Infinito...
Pra frente!
Meto esporas!
Sinto as esporas, sou o próprio cavalo em que monto,
Porque eu, por minha vontade de me consubstanciar com Deus,
Posso ser tudo, ou posso ser nada, ou qualquer coisa,
Conforme me der na gana... Ninguém tem nada com isso...
Loucura furiosa! Vontade de ganir, de saltar,
De urrar, zurrar, dar pulos, pinotes, gritos com o corpo,
De me *cramponner* às rodas dos veículos e meter por baixo,
De me meter adiante do giro do chicote que vai bater,
De ser a cadela de todos os cães e eles não bastam,
De ser o volante de todas as máquinas e a velocidade tem limite,
De ser o esmagado, o deixado, o deslocado, o acabado,
Dança comigo, Walt, lá do outro mundo, esta fúria,
Salta comigo neste batuque que esbarra com os astros,
Cai comigo sem forças no chão,
Esbarra comigo tonto nas paredes.

Parte-te e esfrangalha-te comigo
Em tudo, por tudo, à roda de tudo, sem tudo,
Raiva abstrata do corpo fazendo *maelstroms* na alma...

Arre! Vamos lá pra frente!
Se o próprio Deus impede, vamos lá pra frente... Não faz
diferença...

Vamos lá pra frente sem ser para parte nenhuma...
Infinito! Universo! Meta sem meta! Que importa?

(Deixa-me tirar a gravata e desabotoar o colarinho.
Não se pode ter muita energia com a civilização à roda do
pescoço...)

Agora, sim, partamos, vá lá pra frente.

Numa grande *marche aux flambeaux*-todas-as-cidades-da-Europa,
Numa grande marcha guerreira a indústria, o comércio e ócio,
Numa grande corrida, numa grande subida, numa grande descida
Estrondeando, pulando, e tudo pulando comigo,
Salto a saudar-te,
Berro a saudar-te,
Desencadeio-me a saudar-te, aos pinotes, aos pinos, aos guinos!

Por isso é a ti que endereço
Meus versos saltos, meus versos pulos, meus versos espasmos
Os meus versos-ataques-histéricos,
Os meus versos que arrastam o carro dos meus nervos.

Aos trambolhões me inspiro,
Mal podendo respirar, ter-me de pé me exalto,
E os meus versos são eu não poder estostrar de viver.

Abram-me tôdas as janelas!
Arranquem-me todas as portas!
Puxem a casa toda para cima de mim!
Quero viver em liberdade no ar,
Quero ter gestos fora do meu corpo,
Quero correr como a chuva pelas paredes abaixo,
Quero ser pisado nas estradas largas como as pedras,
Quero ir, como as coisas pesadas, para o fundo dos mares,
Com uma voluptuosidade que já está longe de mim!

Não quero fechos nas portas!
Não quero fechaduras nos cofres!

Quero intercalar-me, imiscuir-me, ser levado,
Quero que me façam pertença dóida de qualquer outro,
Que me despejem dos caixotes,
Que me atirem aos mares,
Que me vão buscar a casa com fins obscenos,
Só para não estar sempre aqui sentado e quieto,
Só para não estar simplesmente escrevendo estes versos!

Não quero intervalos no mundo!
Quero a contigüidade penetrada e material dos objetos!
Quero que os corpos físicos sejam uns dos outros como as almas,
Não só dinamicamente, mas estáticamente também!

Quero voar e cair de muito alto!
Ser arremessado como uma granada!
Ir parar a . . . Ser levado até . . .
Abstrato auge no fim de mim e de tudo!

Clímax a ferro e motores!
Escadaria pela velocidade acima, sem degraus!
Bomba hidráulica desancorando-me as entranhas sentidas!

Ponham-me grilhetas só para eu as partir!
Só para eu as partir com os dentes, e que os dentes sangrem
Gozo masoquista, espasmódico a sangue, da vida!

Os marinheiros levaram-me prêso,
As mãos apertaram-me no escuro,
Morri temporariamente de senti-lo,
Seguiu-se a minh'alma a lamber o chão do cárcere privado,
E a cega-rega das impossibilidades contornando o meu acinte.

Pula, salta, toma o freio nos dentes,
Pégaso-ferro-em-brasa das minhas ânsias inquietas,
Paradeiro indeciso do meu destino a motores!

He calle Walt:

Porta pra tudo!
Ponte pra tudo!
Estrada pra tudo!
Tua alma omnívora,
Tua alma ave, peixe, fera, homem, mulher,
Tua alma os dois onde estão dois,

Tua alma o um que são dois quando dois são um,
Tua alma seta, raio, espaço,
Amplexo, nexos, sexo, Texas, Carolina, New York,
Brooklyn Ferry à tarde,
Brooklyn Ferry das idas e dos regressos,
Libertad! Democrácy! Século vinte ao longe!
Pum! pum! pum! pum! pum!
PUM!

Tu, o que eras, tu o que vias, tu o que ouvias,
O sujeito e o objeto, o ativo e o passivo,
Aqui e ali, em toda a parte tu,
Círculo fechando todas as possibilidades de sentir,
Marco miliário de todas as coisas que podem ser,
Deus Termo de todos os objetos que se imaginam e és tu!
Tu Hora,
Tu Minuto,
Tu Segundo!
Tu intercalado, liberto, desfraldado, ido,
Intercalamento, libertação, ida, desfraldamento,
Tu intercalador, libertador, desfraldador, remetente,
Carimbo em todas as cartas,
Nome em todos os endereços,
Mercadoria entregue, devolvida, seguindo...
Comboio de sensações a alma-quilômetros à hora,
À hora, ao minuto, ao segundo, PUM!

Agora que estou quase na morte e vejo tudo já claro,
Grande Libertador, volto submisso a ti.

Sem dúvida teve um fim a minha personalidade.
Sem dúvida porque se exprimiu, quis dizer qualquer coisa
Mas hoje, olhando para trás, só uma ânsia me fica —
Não ter tido a tua calma superior a ti-próprio,
A tua libertação constelada de Noite Infinita.

Não tive talvez missão alguma na terra.

Heia que eu vou chamar
Ao privilégio ruidoso e ensurdecido de saudar-te
Todo o formilhamento humano do Universo,
Todos os modos de todas as emoções
Todos os feitios de todos os pensamentos,
Todas as rodas, todos os volantes, todos os êmbolos da alma.

Heia que eu grito
E num cortejo de Mim até ti estardalhaçam
Com uma algaravia metafísica e real,
Com um chinfrim de coisas passado por dentro sem nexo.

Ave, salve, viva, ó grande bastardo de Apolo,
Amante impotente e fioso das nove musas e das graças,
Funicular do Olimpo até nós e de nós ao Olimpo.

11-6-1915

PASSAGEM DAS HORAS

Trago dentro do meu coração,
Como num cofre que se não pode fechar de cheio,
Todos os lugares onde estive,
Todos os portos a que cheguei,
Todas as paisagens que vi através de janelas ou vigias,
Ou de tombadilhos, sonhando,
E tudo isso, que é tanto, é pouco para o que eu quero.

A entrada de Singapura, manhã subindo, cor verde,
O coral das Maldivas em passagem cálida,
Macau a uma hora da noite... Acordo de repente...
Yat-lô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô... Ghi-...
E aquilo soa-me do fundo de uma outra realidade...
A estatura norte-africana quase de Zanzibar ao sol...
Dar-es-Salaam (a saída é difícil)...
Manjunga, Nossi-Bé, verduras de Madagascar...
Tempestades em torno ao Guardafui...
E o Cabo da Boa Esperança nítido ao sol da madrugada...
E a Cidade do Cabo com a Montanha da Mesa ao fundo...

Viajei por mais terras do que aquelas em que toquei...
Vi mais paisagens do que aquelas em que pus os olhos...
Experimentei mais sensações do que todas as sensações que senti,
Porque, por mais que sentisse, sempre me faltou que sentir
E a vida sempre me doeu, sempre foi pouco, e eu infeliz.

A certos momentos do dia recordo tudo isto e apavoro-me,
Penso em que é que me ficará desta vida aos bocados, deste auge,
Desta estrada às curvas, deste automóvel à beira da estrada, deste
aviso,

Desta turbulência tranqüila de sensações desencontradas,
Desta transfusão, desta insubsistência, desta convergência iriada,
Deste desassossêgo no fundo de todos os cálices,
Desta angústia no fundo de todos os prazeres,
Desta saciedade antecipada na asa de todas as chávenas,
Deste jôgo de cartas fastiento entre o Cabo da Boa Esperança e
as Canárias.

Não sei se a vida é pouco ou demais para mim.
Não sei se sinto de mais ou de menos, não sei
Se me falta escrúpulo espiritual, ponto-de-apoio na inteligência,
Consangüinidade com o mistério das coisas, choque
Aos contatos, sangue sob golpes, estremeção aos ruídos,
Ou se há outra significação para isto mais cômoda e feliz.

Seja o que fôr, era melhor não ter nascido,
Porque, de tão interessante que é a todos os momentos,
A vida chega a doer, a enjoar, a cortar, a roçar, a ranger,
A dar vontade de dar gritos, de dar pulos, de ficar no chão, de
sair
Para fora de tôdas as casas, de tôdas as lógicas e de todas as
sacadas,
E ir ser selvagem para a morte entre árvores e esquecimentos,
Entre tombos, e perigos e ausência de amanhã.
E tudo isto devia ser qualquer outra coisa mais parecida com o
que eu penso,
Com o que eu penso ou sinto, que eu nem sei qual é, ó vida.

Cruzo os braços sôbre a mesa, ponho a cabeça sôbre os braços,
É preciso querer chorar, mas não sei ir buscar as lágrimas...
Por mais que me esforce por ter uma grande pena de mim, não
choro,
Tenho a alma rachada sob o indicador curvo que lhe toca...
Que há de ser de mim? Que há de ser de mim?

Correram o bobo a chicote do palácio, sem razão,
Fizeram o mendigo levantar-se do degrau onde caíra.
Bateram na criança abandonada e tiraram-lhe o pão das mãos.
Oh mágoa imensa do mundo, o que falta é agir...
Tão decadente, tão decadente, tão decadente...
Só estou bem quando ouço música, e nem então.
Jardins do século dezoito antes de 89,
Onde estais vós, que eu quero chorar de qualquer maneira?

Como um bálsamo que não consola senão pela idéia de que é
um bálsamo,
A tarde de hoje e de todos os dias pouco a pouco, monótona, cai.

Acenderam as luzes, cai a noite, a vida substitui-se,
Seja de que maneira for, é preciso continuar a viver.
Arde-me a alma como se fosse uma mão, fisicamente.
Estou no caminho de todos e esbarram comigo.
Minha quinta na província,
Haver menos que um comboio, uma diligência e a decisão de
partir entre mim e ti.

Assim fico, fico... Eu sou o que sempre quer partir,
E fica sempre, fica sempre, fica sempre,
Até à morte fica, mesmo que parta, fica, fica, fica...

Torna-me humano, ó noite, torna-me fraterno e solícito.
Só humanitariamente é que se pode viver.
Só amando os homens, as ações, a banalidade dos trabalhos,
Só assim — ai de mim! —, só assim se pode viver.
Só assim, ó noite, e eu nunca poderei ser assim!

Vi todas as coisas, e maravilhei-me de tudo,
Mas tudo ou sobrou ou foi pouco — não sei qual — e eu sofri.
Vivi todas as emoções, todos os pensamentos, todos os gestos,
E fiquei tão triste como se tivesse querido vivê-los e não conse-
guisse,

Amei e odiei como toda a gente,
Mas para toda a gente isso foi normal e instintivo,
E para mim foi sempre a exceção, o choque, a válvula, o espasmo.

Vem, ó noite, e apaga-me, vem e afoga-me em ti.
Ó carinhosa do Além, senhora do luto infinito,
Mágoa externa da Terra, choro silencioso do Mundo.
Mãe suave e antiga das emoções sem gesto,
Irmã mais velha, virgem e triste, das idéias sem nexos,
Noiva esperando sempre os nossos propósitos incompletos,
A direção constantemente abandonada do nosso destino,
A nossa incerteza pagã sem alegria,
A nossa fraqueza cristã sem fé,
O nosso budismo inerte, sem amor pelas coisas nem êxtases,
A nossa febre, a nossa palidez, a nossa impaciência de fracos,
A nossa vida, ó mãe, a nossa perdida vida...

Não sei sentir, não sei ser humano, conviver
De dentro da alma triste com os homens meus irmãos na terra.
Não sei ser útil mesmo sentindo, ser prático, ser quotidiano,
nítido,

Ter um lugar na vida, ter um destino entre os homens,
Ter uma obra, uma força, uma vontade, uma horta,
Uma razão para descansar, uma necessidade de me distrair,
Uma coisa vinda diretamente da natureza para mim.
Por isso sê para mim materna, ó noite tranqüila...
Tu, que tiras o mundo ao mundo, tu que és a paz,
Tu que não existes, que és só a ausência da luz,
Tu que não és uma coisa, um lugar, uma essência, uma vida,
Penélope da teia, amanhã desfeita, da tua escuridão,
Circe irreal dos febris, dos angustiados sem causa,
Vem para mim, ó noite, estende para mim as mãos,
E sê frescor e alívio, ó noite, sobre a minha frente...

Tu, cuja vinda é tão suave que parece um afastamento,
Cujo fluxo e refluxo de treva, quando a lua bafeja,
Tem ondas de carinho morto, frio de mares de sonho,
Brisas de paisagens supostas para a nossa angústia excessiva...
Tu, palidamente, tu, flébil, tu, liquidamente,
Aroma de morte entre flores, hálito de febre sobre margens,
Tu, rainha, tu, castelã, tu, dona pálida, vem...

Sentir tudo de todas as maneiras,
Viver tudo de todos os lados,
Ser a mesma coisa de todos os modos possíveis ao mesmo tempo,
Realizar em si toda a humanidade de todos os momentos
Num só momento difuso, profuso, completo e longínquo.

Eu quero ser sempre aquilo com quem simpatizo,
Eu torno-me sempre, mais tarde ou mais cedo,
Aquilo com quem simpatizo, seja uma pedra ou uma ânsia,
Seja uma flor ou uma idéia abstrata,
Seja uma multidão ou um modo de compreender Deus.
E eu simpatizo com tudo, vivo de tudo em tudo.
São-me simpáticos os homens superiores porque são superiores,
E são-me simpáticos os homens inferiores porque são superiores
também,

Porque ser inferior é diferente de ser superior,
E por isso é uma superioridade a certos momentos de visão.
Simpatizo com alguns homens pelas suas qualidades de caráter,

E simpatizo com outros pela sua falta dessas qualidades,
E com outros ainda simpatizo por simpatizar com eles,
E há momentos absolutamente orgânicos em que esses são todos
os homens.

Sim, como sou rei absoluto na minha simpatia,
Basta que ela exista para que tenha razão de ser.
Estreito ao meu peito arfante, num abraço comovido,
(No mesmo abraço comovido)
O homem que dá a camisa ao pobre que desconhece,
O soldado que morre pela pátria sem saber o que é pátria,
E o matricida, o fratricida, o incestuoso, o violador de crianças,
O ladrão de estradas, o salteador dos mares,
O gatuno de carteiras, a sombra que espera nas vielas —
Todos são a minha amante predileta pelo menos um momento
na vida.

Beijo na boca tôdas as prostitutas,
Beijo sobre os olhos todos os *souteneurs*,
A minha passividade jaz aos pés de todos os assassinos,
E a minha capa à espanhola esconde a retirada a todos os ladrões.
Tudo é a razão de ser da minha vida.

Cometi todos os crimes,
Vivi dentro de todos os crimes
(Eu próprio fui, não um nem o outro no vício,
Mas o próprio vício-pessoa praticado entre eles,
E dessas são as horas mais arco-de-triunfo da minha vida).

Multipliquei-me, para me sentir
Para me sentir, precisei sentir tudo,
Transbordei, não fiz senão extravasar-me,
Despi-me, entreguei-me,
E há em cada canto da minha alma um altar a um deus diferente.

Os braços de todos os atletas apertaram-me subitamente feminino,
E eu só de pensar nisso desmaiei entre músculos supostos.

Foram dados na minha boca os beijos de todos os encontros,
Acenaram no meu coração os lenços de todas as despedidas,
Todos os chamamentos obscenos de gesto e olhares
Batem-me em cheio em todo o corpo com sede nos centros
sexuais.

Fui todos os ascetas, todos os postos-de-parte, todos os como
que esquecidos,

E todos os pederastas — absolutamente todos (não faltou
nenhum).

Rendez-vous a vermelho e negro no fundo-inferno da minha alma!

(Freddie, eu chamava-te Baby, porque tu eras louro, branco e eu
amava-te,

Quantas imperatrizes por reinar e princesas destronadas tu foste
para mim!)

Mary, com quem eu lia Burns em dias tristes como sentir-se viver,

Mary, mal tu sabes quantos casais honestos, quantas famílias
felizes,

Viveram em ti os meus olhos e o meu braço cingindo e a minha
consciência incerta,

A sua vida pacata, as suas casas suburbanas com jardim, os seus
half-holidays inesperados...

Mary, eu sou infeliz...

Freddie, eu sou infeliz...

Oh, vós todos, todos vós, casuais, demorados,

Quantas vezes tereis pensado em pensar em mim, sem que o
fizésseis,

Ah, quão pouco eu fui no que sois, quão pouco, quão pouco —

Sim, e o que tenho eu sido, ó meu subjetivo universo,

Ó meu sol, meu luar, minhas estrelas, meu momento,

Ó parte externa de mim perdida em labirintos de Deus!

Passa tudo, todas as coisas num desfile por mim dentro,

E todas as cidades do mundo, rumorejam-se dentro de mim...

Meu coração tribunal, meu coração mercado, meu coração sala
da Bôlsa, meu coração balcão de Banco,

Meu coração *rendez-vous* de toda a humanidade,

Meu coração banco de jardim público, hospedaria, estalagem,
calabouço número qualquer cousa

(*Aqui esteve el Manolo en vísperas de ir al patíbulo*)

Meu coração clube, sala, platéia, capacho, *guichet*, portaló,

Ponte, cancela, excursão, marcha, viagem, leilão, feira, arraial,

Meu coração postigo,

Meu coração encomenda.

Meu coração carta, bagagem, satisfação, entrega,

Meu coração a margem, o limite, a súmula, o índice,

Eh-lá, eh-lá, eh-lá, bazar o meu coração.

Todos os amantes beijaram-se na minh'alma,

Todos os vadios dormiram um momento em cima de mim,

Todos os desprezados encostaram-se um momento ao meu ombro,

Atravessaram a rua, ao meu braço, todos os velhos e os doentes,
E houve um segredo que me disseram todos os assassinos.

(Aquele cujo sorriso sugere a paz que eu não tenho,
Em cujo baixar-de-olhos há uma paisagem da Holanda,
Com as cabeças femininas *coifées de lin*
E todo o esforço quotidiano de um povo pacífico e limpo...
Aquele que é o anel deixado em cima da cômoda,
E a fita entalada com o fechar da gaveta,
Fita cor-de-rosa, não gosto da cor, mas da fita entalada,
Assim como não gosto da vida, mas gosto de senti-la...)

Dormir como um cão corrido no caminho, ao sol
Definitivamente para todo o resto do Universo,
E que os carros me passem por cima.)

Fui para a cama com todos os sentimentos,
Fui *souteneur* de todas as emoções,
Pagaram-me bebidas todos os acasos das sensações,
Troquei olhares com todos os motivos de agir,
Estive mão em mão com todos os impulsos para partir,
Febre imensa das horas!
Angústia da forja das emoções!

Raiva, espuma, a imensidão que não cabe no meu lenço,
A cadela a uivar de noite,
O tanque da quinta a passear à roda da minha insônia,
O bosque como foi à tarde, quando lá passeamos, a rosa,
A madeixa indiferente, o musgo, os pinheiros,
Toda a raiva de não conter isto tudo, de não deter isto tudo,
Ó fome abstrata das coisas, cio impotente dos momentos,
Orgia intelectual de sentir a vida!

Obter tudo por suficiência divina —
As vésperas, os consentimentos, os avisos,
As cousas belas da vida —
O talento, a virtude, a impunidade,
A tendência para acompanhar os outros a casa.
A situação de passageiro,
A conveniência em embarcar já para ter lugar,
E falta sempre uma coisa, um copo, uma brisa, uma frase,
E a vida dói quanto mais se goza e quanto mais se inventa.

Poder rir, rir, rir despejadamente,
Rir como um copo entornado,
Absolutamente doido só por sentir,
Absolutamente róto por me roçar contra as coisas,
Ferido na boca por morder coisas,
Com as unhas em sangue por me agarrar a coisas,
E depois dêem-me a cela que quiserem que eu me lembrarei da
vida.

Sentir tudo de todas as maneiras,
Ter todas as opiniões,
Ser sincero contradizendo-se a cada minuto,
Desagradar a si próprio pela plena liberalidade de espírito,
E amar as coisas como Deus.
Eu, que sou mais irmão de uma árvore que de um operário,
Eu, que sinto mais a dor suposta do mar ao bater na praia
Que a dor real das crianças em quem batem
(Ah, como isto deve ser falso, pobres crianças em quem batem —
E por que é que as minhas sensações se revezam tão depressa?)
Eu, enfim, que sou um diálogo contínuo,
Um falar-alto incompreensível, alta-noite na torre,
Quando os sinos oscilam vagamente sem que mão lhes toque
E faz pena saber que há vida que viver amanhã.
Eu, enfim, literalmente eu,
E eu metafóricamente também,
Eu, o poeta sensacionista, enviado do Acaso
Às leis irrepreensíveis da Vida,
Eu, o fumador de cigarros por profissão adequada,
O indivíduo que fuma ópio, que toma absinto, mas que, enfim,
Prefere pensar em fumar ópio a fumá-lo
E acha mais seu olhar para o absinto a beber que bebê-lo...
Eu, este degenerado superior sem arquivos na alma,
Sem personalidade com valor declarado,
Eu, o investigador solene das coisas fúteis,
Que era capaz de ir viver na Sibéria só por emburrar com isso,
E que acho que não faz mal não ligar importância à pátria
Porque não tenho raiz, como uma árvore, e portanto não tenho
raiz...
Eu, que tantas vezes me sinto tão real como uma metáfora,
Como uma frase escrita por um doente no livro da rapariga que
encontrou no terraço,
Ou uma partida de xadrez no convés dum transatlântico,
Eu, a ama que empurra os *perambulators* em todos os jardins
públicos,

Eu, o polícia que a olha, parado para trás na álea,
Eu, a criança no carro, que acena à sua inconsciência lúcida com
um coral com guizos.

Eu, a paisagem por detrás disto tudo, a paz citadina
Coada através das árvores do jardim público,
Eu, o que os espera a todos em casa,
Eu, o que eles encontram na rua,
Eu, o que eles não sabem de si próprios,
Eu, aquela coisa em que estás pensando e te marca esse sorriso,
Eu, o contraditório, o fictício, o aranzel, a espuma,
O cartaz posto agora, as ancas da francesa, o olhar do padre,
O largo onde se encontram as suas ruas e os *chauffeurs* dormem
contra os carros,

A cicatriz do sargento mal encarado,
O sebo na gola do explicador doente que volta para casa,
A chávêna que era por onde o pequenito que morreu bebia
sempre,
E tem uma falha na asa (e tudo isto cabe num coração de mãe
e enche-o) . . .

Eu, o ditado de francês da pequenita que mexe nas ligas,
Eu, os pés que se tocam por baixo do *bridge* sob o lustre,
Eu, a carta escondida, o calor do lenço, a sacada com a janela
entreaberta,

O portão de serviço onde a criada fala com os desejos do primo,
O sacana do José que prometeu vir e não veio
E a gente tinha uma partida para lhe fazer . . .
Eu, tudo isto, e além disto o resto do mundo . . .
Tanta coisa, as portas que se abrem e a razão por que elas se
abrem,

E as coisas que já fizeram as mãos que abrem as portas . . .
Eu, a infelicidade — nata de todas as expressões,
A impossibilidade de exprimir todos os sentimentos,
Sem que haja uma lápida no cemitério para o irmão de tudo isto,
E o que parece não querer dizer nada sempre quer dizer qualquer
coisa . . .

Sim, eu, o engenheiro naval que sou supersticioso como uma
camponesa madrinha,
E uso monóculo para não parecer igual à idéia real que faço de
mim,
Que levo às vezes três horas a vestir-me e nem por isso acho isso
natural,

Mas acho-o metafísico e se me batem à porta zango-me,
Não tanto por me interromperem a gravata como por ficar
sabendo que há a vida . . .

Sim, enfim, eu o destinatário das cartas lacradas,
O baú das iniciais gastas,
A entonação das vozes que nunca ouviremos mais —
Deus guarda isso tudo no Mistério, e às vezes sentimo-lo
E a vida pesa de repente e faz muito frio mais perto que o corpo.
A Brígida prima da minha tia,
O general em que elas falavam — general quando elas eram
pequenas,

E a vida era guerra civil a todas as esquinas...
Vive le mélodrame où Margot a pleuré!
Caem as folhas secas no chão irregularmente,
Mas o fato é que sempre é outono no outono,
E o inverno vem depois fatalmente,
E há só um caminho para a vida, que é a vida...

Esse velho insignificante, mas que ainda conheceu os românticos,
Esse opúsculo político do tempo das revoluções constitucionais,
E a dor que tudo isso deixa, sem que se saiba a razão
Nem haja para chorar tudo mais razão que senti-lo.

Viro todos os dias as esquinas de todas as ruas,
E sempre que estou pensando numa coisa, estou pensando noutra.
Não me subordino senão por atavismo,
E há sempre razões para emigrar para quem não está de cama.

Das *terrasses* de todos os cafés de todas as cidades
Acessíveis à imaginação
Reparo para a vida que passa, sigo-a sem me mexer,
Pertencço-lhe sem tirar um gesto da algibeira,
Nem tomar nota do que vi para depois fingir que o vi.

No automóvel amarelo a mulher definitiva de alguém passa,
Vou ao lado dela sem ela saber.
No *trottoir* imediato eles encontram-se por um acaso combinado,
Mas antes de o encontro deles lá estar já eu estava com eles lá.
Não há maneira de se esquivarem a encontrar-me, não há modo
de eu não estar em toda a parte.

O meu privilégio é tudo
(*Brevetée, Sans Garantie de Dieu, a minh'Alma*).

Assisto a tudo e definitivamente.
Não há jóia para mulher que não seja comprada por mim e para
mim,

Não há intenção de estar esperando que não seja minha de
qualquer maneira,
Não há resultado de conversa que não seja meu por acaso,
Não há toque de sino em Lisboa há trinta anos, noite de S.
Carlos há cinquenta
Que não seja para mim por uma galantaria deposta.

Fui educado pela Imaginação,
Viajei pela mão dela sempre,
Amei, odiei, falei, pensei sempre por isso,
E todos os dias têm essa janela por diante,
E todas as horas parecem minhas dessa maneira.

Cavalgada explosiva, explodida, como uma bomba que rebenta,
Cavalgada rebentando para todos os lados ao mesmo tempo,
Cavalgada por cima do espaço, salto por cima do tempo,
Galga, cavalo elétron-íon, sistema solar resumido
Por dentro da ação dos êmbolos, por fora do giro dos volantes.
Dentro dos êmbolos, tornado velocidade abstrata e louca,
Ajo a ferro e velocidade, vaivém, loucura, raiva contida,
Atado ao rasto de todos os volantes giro assombrosas horas,
E todo o universo range, estraleja e estropia-se em mim.

Ho-ho-ho-ho-ho! . . .

Cada vez mais depressa, cada vez mais com o espírito adiante do
corpo

Adiante da própria idéia veloz do corpo projetado,
Com o espírito atrás adiante do corpo, sombra, chispa,
He-la-ho-ho . . . Helahoho . . .

Toda a energia é a mesma e toda a natureza é o mesmo . . .
A seiva da seiva das árvores é a mesma energia que mexe
As rodas da locomotiva, as rodas do eléctrico, os volantes dos
Diesel,
E um carro puxado a mulas ou a gasolina é puxado pela mesma
coisa.

Raiva panteísta de sentir em mim formidantemente,
Com todos os meus sentidos em ebulição, com todos os meus
poros em fumo,
Que tudo é uma só velocidade, uma só energia, uma só divina
linha
De si para si, parada a ciclar violências de velocidade louca . . .
Ho----

Ave, salve, viva a unidade veloz de tudo!
Ave, salve, viva a igualdade de tudo em seta!
Ave, salve, viva a grande máquina universo!
Ave, que sois o mesmo, árvores, máquinas, leis!
Ave, que sois o mesmo, vermes, êmbolos, idéias abstratas,
A mesma seiva vos enche, a mesma seiva vos torna,
A mesma coisa sois, e o resto é por fora e falso,
O resto, o estático resto que fica nos olhos que param,
Mas não nos meus nervos motor de explosão a óleos pesados
ou leves,
Não nos meus nervos tôdas as máquinas, todos os sistemas de
engrenagem,
Nos meus nervos locomotiva, carro elétrico, automóvel,
debulhadora a vapor,
Nos meus nervos máquina marítima, Diesel, semi-Diesel,
Campbell,
Nos meus nervos instalação absoluta a vapor, a gás, a óleo e a
eletricidade,
Máquina universal movida por correias de todos os momentos!

Tôdas as madrugadas são a madrugada e a vida.

Tôdas as auroras raiam no mesmo lugar:

Infinito...

Todas as alegrias de ave vêm da mesma garganta,

Todos os estremecimentos de folhas são da mesma árvore,

E todos os que se levantam cedo para ir trabalhar

Vão da mesma casa para a mesma fábrica por o mesmo
caminho...

Rola, bola grande, formigueiro de consciências, terra,

Rola, aureada, entardecida, a prumo sob sóis, noturna,

Rola no espaço abstrato, na noite mal iluminada realmente

Rola...

Sinto na minha cabeça a velocidade de giro da terra,

E todos os países e todas as pessoas giram dentro de mim,

Centrífuga ânsia, raiva de ir por os ares até aos astros

Bate pancadas de encontro ao interior do meu crânio,

Põe-me alfinetes vendados por toda a consciência do meu corpo,

Faz-me levantar-me mil vezes e dirigir-me para Abstrato,

Para inencontrável, ali sem restrições nenhuma,

A Meta invisível — todos os pontos onde eu não estou — e ao
mesmo tempo...

Ah, não estar parado nem a andar,
Não estar deitado nem de pé,
Nem acordado nem a dormir,
Nem aqui nem noutro ponto qualquer,
Resolver a equação desta inquietação prolixa,
Saber onde estar para poder estar em toda a parte,
Saber onde deitar-me para estar passeando por todas as ruas...

Ho-ho-ho-ho-ho-ho

Cavalgada alada de mim por cima de todas as coisas,
Cavalgada estalada de mim por baixo de todas as coisas,
Cavalgada alada e estalada de mim por causa de todas as coisas...

Hup-la por cima das árvores, hup-la por baixo dos tanques,
Hup-la contra as paredes, hup-la raspando nos troncos,
Hup-la no ar, hup-la no vento, hup-la, hup-la nas praias,
Numa velocidade crescente, insistente, violenta,
Hup-la hup-la hup-la hup-la...

Cavalgada panteísta de mim por dentro de todas as coisas,
Cavalgada energética por dentro de todas as energias,
Cavalgada de mim por dentro do carvão que se queima, da
lâmpada que arde,

Clarim claro da manhã ao fundo
Do semicírculo frio do horizonte,
Tênuo clarim longínquo como bandeiras incertas
Desfraldadas para além de onde as cores são visíveis...

Clarim trêmulo, poeira parada, onde a noite cessa,
Poeira de ouro parada no fundo da visibilidade...

Carro que chia limpidamente, vapor que apita,
Guindaste que começa a girar no meu ouvido,
Tosse seca, nova do que sai de casa,
Leve arrepio matutino na alegria de viver,
Gargalhada súbita velada pela bruma exterior não sei como,
Costureira fadada para pior que a manhã que sente,
Operário tísico desfeito para feliz nesta hora
Inevitavelmente vital,
Em que o relevo das coisas é suave, certo e simpático,
Em que os muros são frescos ao contacto da mão, e as casas
Abrem aqui e ali os olhos cortinados a branco...

Toda a madrugada é uma colina que oscila,

.....

...e caminha tudo

Para a hora cheia de luz em que as lojas baixam as pálpebras
E rumor tráfego carroça comboio eu sinto sol estruge

Vertigem do meio-dia emoldurada a vertigens —
Sol dos vértices e nos... da minha visão estriada,
Do rodopio parado da minha retentiva seca.
Do abrumado clarão fixo da minha consciência de viver.

Rumor tráfego carroça comboio carros eu sinto sol rua,
Aros caixotes *trolley* loja rua *vitruvius* saia olhos
Rapidamente calhas carroças caixotes rua atravessar rua
Passeio lojistas “perdão” rua
Rua a passear por mim a passear pela rua por mim
Tudo espelhos as lojas de cá dentro das lojas de lá
A velocidade dos carros ao contrário nos espelhos oblíquos das
montras,
O chão no ar o sol por baixo dos pés rua regas flores no cesto rua
O meu passado rua estremece *camión* rua não me recordo rua

Eu de cabeça pra baixo no centro da minha consciência de mim
Rua sem poder encontrar uma sensação só de cada vez rua
Rua pra trás e pra diante debaixo dos meus pés
Rua em X em Y em Z por dentro dos meus braços
Rua pelo meu monóculo em círculos de cinematógrafo pequeno,
Caleidoscópio em curvas iriadas nítidas rua.
Bebedeira da rua e de sentir ver tudo ao mesmo tempo.
Bater das fontes de estar vindo para cá ao mesmo tempo que
vou para lá.

Comboio parte-te de encontro ao resguardo da linha de desvio!
Vapor navega direito ao cais e racha-te contra ele!
Automóvel guiado pela loucura de todo o universo precipita-te
Por todos os precipícios abaixo
E choca-te, trz!, esfrangalha-te no fundo do meu coração!

À *moi*, todos os objetos projéteis!
À *moi*, todos os objetos direções!
À *moi*, todos os objetos invisíveis de velozes!
Batam-me, trespassem-me, ultrapassem-me!

Sou eu que me bato, que me trespasso, que me ultrapasso!
A raiva de todos os ímpetos fecha em círculo-mim!

Hela-hoho comboio, automóvel, aeroplano minhas ânsias,
Velocidade entra por todas as idéias dentro,
Choca de encontro a todos os sonhos e parte-os,
Chamusca todos os ideais humanitários e úteis,
Atropela todos os sentimentos normais, decentes, concordantes,
Colhe no giro do teu volante vertiginoso e pesado
Os corpos de tôdas as filosofias, os tropos de todos os poemas,
Esfrangalha-os e fica só tu, volante abstrato nos ares,
Senhor supremo da hora européia, metálico cio,
Vamos, que a cavalgada não tenha fim nem em Deus!

.....
.....
.....
.....

Dói-me a imaginação não sei como, mas é ela que dói,
Declina dentro de mim o sol no alto do céu.
Começa a tender a entardecer no azul e nos meus nervos.
Vamos ó cavalgada, quem mais me consegues tornar?
Eu que, veloz, voraz, comilão da energia abstrata,
Queria comer, beber, esfolar e arranhar o mundo,
Eu, que só me contentaria com calcar o universo aos pés,
Calcar, calcar, calcar até não sentir...
Eu, sinto que ficou fora do que imaginei tudo o que quis,
Que embora eu quisesse tudo, tudo me faltou.

Cavalgada desmantelada por cima de todos os cimos,
Cavalgada desarticulada por baixo de todos os poços,
Cavalgada vôo, cavalgada seta, cavalgada pensamento-relâmpago,
Cavalgada eu, cavalgada eu, cavalgada o universo-eu.
Helahoho-o-o-o-o-o-o-o...

Meu ser elástico, mola, agulha, trepidação...

22-5-1916

SONETO JÁ ANTIGO

OLHA, DAISY: quando eu morrer tu hás de
dizer aos meus amigos aí de Londres,
embora não o sintas, que tu escondes
a grande dor da minha morte. Irás de

Londres p'ra Iorque, onde nasceste (dizes...
que eu nada que tu digas acredito),
contar àquele pobre rapazito
que me deu tantas horas tão felizes,

Embora não o saibas, que morri...
mesmo ele, a quem eu tanto julguei amar,
nada se importará... Depois vai dar

a notícia a essa estranha Cecily
que acreditava que eu seria grande...
Raios partam a vida e quem lá ande!

12-1922

LISBON REVISITED

(1923)

NÃO: NÃO quero nada,
Já disse que não quero nada.

Não me venham com conclusões!
A única conclusão é morrer.

Não me tragam estéticas!
Não me falem em moral!
Tirem-me daqui a metafísica!
Não me apregoem sistemas completos, não me enfileirem
conquistas

Das ciências (das ciências, Deus meu, das ciências!)
Das ciências, das artes, da civilização moderna!

Que mal fiz eu aos deuses todos?

Se têm a verdade, guardem-a!

Sou um técnico, mas tenho técnica só dentro da técnica.
Fora disso sou doido, com todo o direito de sê-lo.
Com todo o direito a sê-lo, ouviram?

Não me macem, por amor de Deus!

Queriam-me casado, fútil, quotidiano e tributável?
Queriam-me o contrário disto, o contrário de qualquer coisa?
Se eu fosse outra pessoa, fazia-lhes, a todos, a vontade.
Assim, como sou, tenham paciência!
Vão para o diabo sem mim,
Ou deixem-me ir sozinho para o diabo!
Para que haveremos de ir juntos?

Não me peguem no braço!
Não gosto que me peguem no braço. Quero ser sozinho.
Já disse que sou sozinho!
Ah, que maçada quererem que eu seja da companhia!

Ó céu azul — o mesmo da minha infância —
Eterna verdade vazia e perfeita!
Ó macio Tejo ancestral e mudo,
Pequena verdade onde o céu se reflete!
Ó mágoa revisitada, Lisboa de outrora de hoje!
Nada me dais, nada me tirais, nada sois que eu me sinta.

Deixem-me em paz! Não tardo, que eu nunca tardo...
E enquanto tarda o Abismo e o Silêncio quero estar sozinho!

1923

LISBON REVISITED

(1926)

NADA ME PRENDE a nada.
Quero cinquenta coisas ao mesmo tempo.
Anseio com uma angústia de fome de carne
O que não sei que seja —
Definidamente pelo indefinido...
Durmo irrequieto, e vivo num sonhar irrequieto
De quem dorme irrequieto, metade a sonhar.

Fecharam-me todas as portas abstratas e necessárias.
Correram cortinas de todas as hipóteses que eu poderia ver na rua.
Não há na travessa achada o número da porta que me deram,

Acordei para a mesma vida para que tinha adormecido.
Até os meus exércitos sonhados sofreram derrota.
Até os meus sonhos se sentiram falsos ao serem sonhados.
Até a vida só desejada me farta — até essa vida...

Compreendo a intervalos desconexos;
Escrevo por lapsos de cansaço;
E um tédio que é até do tédio arroja-me à praia.

Não sei que destino ou futuro compete à minha angústia sem leme;
Não sei que ilhas do Sul impossível aguardam-me naufrago;
Ou que palmares de literatura me darão ao menos um verso.

Não, não sei isto, nem outra coisa, nem coisa nenhuma...
E, no fundo do meu espírito, onde sonho o que sonhei,
Nos campos últimos da alma, onde memoro sem causa
(E o passado é uma névoa natural de lágrimas falsas),
Nas estradas e atalhos das florestas longínquas
Onde supus o meu ser,
Fogem dismantelados, últimos restos
Da ilusão final,
Os meus exércitos sonhados, derrotados sem ter sido,
As minhas coortes por existir, esfaceladas em Deus.

Outra vez te revejo,
Cidade da minha infância pavorosamente perdida...
Cidade triste e alegre, outra vez sonho aqui...
Eu? Mas sou eu o mesmo que aqui vivi, e aqui voltei,
E aqui tornei a voltar, e a voltar.
E aqui de novo tornei a voltar?
Ou somos todos os Eu que estive aqui ou estiveram,
Uma série de contas-entes ligadas por um fio-memória,
Uma série de sonhos de mim de alguém de fora de mim?

Outra vez te revejo,
Com o coração mais longínquo, a alma menos minha.

Outra vez te revejo — Lisboa e Tejo e tudo —,
Transeunte inútil de ti e de mim,

Estrangeiro aqui como em toda a parte,
Casual na vida como na alma,
Fantasma a errar em salas de recordações,
Ao ruído dos ratos e das tábuas que rangem
No castelo maldito de ter que viver...

Outra vez te revejo,
Sombra que passa através de sombras, e brilha
Um momento a uma luz fúnebre desconhecida,
E entra na noite como um rastro de barco se perde
Na água que deixa de se ouvir...

Outra vez te revejo,
Mas, ai, a mim não me revejo!
Partiu-se o espelho mágico em que me revia idêntico,
E em cada fragmento fatídico vejo só um bocado de mim —
Um bocado de ti e de mim!...

26-4-1926

TABACARIA

NÃO SOU nada.
Nunca serei nada.
Não posso querer ser nada.
À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.

Janelas do meu quarto,
Do meu quarto de um dos milhões do mundo que ninguém sabe
quem é

(E se soubessem quem é, o que saberiam?),
Dais para o mistério de uma rua cruzada constantemente por
gente,

Para uma rua inacessível a todos os pensamentos,
Real, impossivelmente real, certa, desconhecidamente certa,
Com o mistério das coisas por baixo das pedras e dos seres,
Com a morte a pôr umidade nas paredes e cabelos brancos nos
homens,
Com o Destino a conduzir a carroça de tudo pela estrada de nada.

Estou hoje vencido, como se soubesse a verdade.
Estou hoje lúcido, como se estivesse para morrer,
E não tivesse mais irmandade com as coisas
Senão uma despedida, tornando-se esta casa e este lado da rua

A fileira de carruagens de um comboio, e uma partida apitada
De dentro da minha cabeça,
E uma sacudidela dos meus nervos e um ranger de ossos na ida.

Estou hoje perplexo, como quem pensou e achou e esqueceu.
Estou hoje dividido entre a lealdade que devo
À Tabacaria do outro lado da rua, como coisa real por fora,
E à sensação de que tudo é sonho, como coisa real por dentro.

Falhei em tudo.

Como não fiz propósito nenhum, talvez tudo fosse nada.
A aprendizagem que me deram,
Desci dela pela janela das traseiras da casa.
Fui até ao campo com grandes propósitos.
Mas lá encontrei só ervas e árvores,
E quando havia gente era igual à outra.
Saio da janela, sento-me numa cadeira. Em que hei de pensar?

Que sei eu do que serei, eu que não sei o que sou?
Ser o que penso? Mas penso ser tanta coisa!
E há tantos que pensam ser a mesma coisa que não pode haver
tantos!

Gênio? Neste momento

Cem mil cérebros se concebem em sonho gênios como eu,
E a história não marcará, quem sabe?, nem um,
Nem haverá senão estrume de tantas conquistas futuras.
Não, não creio em mim.
Em todos os manicômios há doidos malucos com tantas certezas!
Eu, que não tenho nenhuma certeza, sou mais certo ou menos
certo?

Não, nem em mim...

Em quantas mansardas e não-mansardas do mundo
Não estão nesta hora gênios-para-si-mesmos sonhando?
Quantas aspirações altas e nobres e lúcidas —
Sim, verdadeiramente altas e nobres e lúcidas —,
E quem sabe se realizáveis,
Nunca verão a luz do sol real nem acharão ouvidos de gente?
O mundo é para quem nasce para o conquistar
E não para quem sonha que pode conquistá-lo, ainda que tenha
razão.

Tenho sonhado mais que o que Napoleão fez.

Tenho apertado ao peito hipotético mais humanidades do que
Cristo,

XXXIV

ACHO TÃO NATURAL que não se pense
Que me ponho a rir às vezes, sózinho,
Não sei bem de quê, mas é de qualquer coisa
Que tem que ver com haver gente que pensa...

Que pensará o meu muro da minha sombra?
Pergunto-me às vezes isto até dar por mim
A perguntar-me cousas...
E então desagrado-me, e incomodo-me
Como se desse por mim com um pé dormente...

Que pensará isto de aquilo?
Nada pensa nada.
Terá a terra consciência das pedras e plantas que tem?
Se ela a tiver, que a tenha...
Que me importa isso a mim?
Se eu pensasse nessas cousas,
Deixaria de ver as árvores e as plantas
E deixava de ver a Terra,
Para ver só os meus pensamentos...
Entristecia e ficava às escuras.
E assim, sem pensar tenho a Terra e o Céu.

XXXV

O LUAR através dos altos ramos,
Dizem os poetas todos que ele é mais
Que o luar através dos altos ramos.

Mas para mim, que não sei o que penso,
O que o luar através dos altos ramos
É, além de ser
O luar através dos altos ramos,
É não ser mais
Que o luar através dos altos ramos.

XXXVI

E HÁ POETAS que são artistas
E trabalham nos seus versos
Como um carpinteiro nas tábuas!...

Ou marquesa do século dezoito, decotada e longínqua,
Ou cocote célebre do tempo dos nossos pais,
Ou não sei quê moderno — não concebo bem o quê —,
Tudo isso, seja o que for, que sejas, se pode inspirar que inspire!
Meu coração é um balde despejado.
Como os que invocam espíritos invocam espíritos invoco
A mim mesmo e não encontro nada.
Chego à janela e vejo a rua com uma nitidez absoluta.
Vejo as lojas, vejo os passeios, vejo os carros que passam,
Vejo os entes vivos vestidos que se cruzam,
Vejo os cães que também existem,
E tudo isto me pesa como uma condenação ao degredo,
E tudo isto é estrangeiro, como tudo.)

Vivi, estudei, amei, e até cri,
E hoje não há mendigo que eu não inveje só por não ser eu.
Olho a cada um os andrajos e as chagas e a mentira,
E penso: talvez nunca vivesses nem estudasses nem amasses nem
cresses
(Porque é possível fazer a realidade de tudo isso sem fazer nada
disso);
Talvez tenhas existido apenas, como um lagarto a quem cortam
o rabo
E que é rabo para aquém do lagarto remexidamente.

Fiz de mim o que não soube,
E o que podia fazer de mim não o fiz.
O dominó que vesti era errado.
Conheceram-me logo por quem não era e não desmenti, e perdi-
me.
Quando quis tirar a máscara,
Estava pegada à cara.
Quando a tirei e me vi ao espelho.
Já tinha envelhecido.
Estava bêbado, já não sabia vestir o dominó que não tinha tirado.
Deitei fora a máscara e dormi no vestiário
Como um cão tolerado pela gerência
Por ser inofensivo
E vou escrever esta história para provar que sou sublime.

Essência musical dos meus versos inúteis,
Quem me dera encontrar-te como coisa que eu fizesse,
E não ficasse sempre defronte da Tabacaria de defronte,

Calcando aos pés a consciência de estar existindo,
Como um tapete em que um bebado tropeça
Ou um capacho que os ciganos roubaram e não valia nada.

Mas o Dono da Tabacaria chegou à porta e ficou à porta.
Olho-o com o desconforto da cabeça mal voltada
E com o desconforto da alma mal-entendendo.
Ele morrerá e eu morrerei.
Ele deixará a tabuleta, eu deixarei versos.
A certa altura morrerá a tabuleta também, e os versos também.
Depois de certa altura morrerá a rua onde esteve a tabuleta,
E a língua em que foram escritos os versos.
Morrerá depois o planeta girante em que tudo isto se deu.
Em outros satélites de outros sistemas qualquer coisa como gente
Continuará fazendo coisas como versos e vivendo por baixo de
coisas como tabuletas,

Sempre uma coisa defronte da outra,
Sempre uma coisa tão inútil como a outra,
Sempre o impossível tão estúpido como o real,
Sempre o mistério do fundo tão certo como o sono de mistério
da superfície,
Sempre isto ou sempre outra coisa ou nem uma coisa nem outra.

Mas um homem entrou na Tabacaria (para comprar tabaco?)
E a realidade plausível cai de repente em cima de mim.
Semiergo-me enérgico, convencido, humano,
E vou tencionar escrever estes versos em que digo o contrário.

Acendo um cigarro ao pensar em escrevê-los
E saboreio no cigarro a libertação de todos os pensamentos.
Sigo o fumo como uma rota própria,
E gozo, num momento sensitivo e competente,
A libertação de todas as especulações
E a consciência de que a metafísica é uma consequência de estar
mal disposto.

Depois deito-me para trás na cadeira
E continuo fumando.
Enquanto o Destino mo conceder, continuarei fumando.

(Se eu casasse com a filha da minha lavadeira
Talvez fosse feliz.)
Visto isto, levanto-me da cadeira. Vou à janela.

O homem saiu da Tabacaria (metendo troco na algibeira das calças?).

Ah, conheço-o; é o Esteves sem metafísica.

(O Dono da Tabacaria chegou à porta.)

Como por um instinto divino o Esteves voltou-se e viu-me.

Acenou-me adeus, gritei-lhe *Adeus ó Esteves!*, e o universo

Reconstruiu-se-me sem ideal nem esperança, e o Dono da Tabacaria sorriu.

15-1-1928

ADIAMENTO

DEPOIS DE AMANHÃ, sim, só depois de amanhã...

Levarei amanhã a pensar em depois de amanhã,

E assim será possível; mas hoje não...

Não, hoje nada; hoje não posso.

A persistência confusa da minha subjetividade objetiva,

O sono da minha vida real, intercalado,

O cansaço antecipado e infinito,

Um cansaço de mundos para apanhar um elétrico...

Esta espécie de alma...

Só depois de amanhã...

Hoje quero preparar-me,

Quero preparar-me para pensar amanhã no dia seguinte...

Ele é que é decisivo.

Tenho já o plano traçado; mas não, hoje não traço planos...

Amanhã é o dia dos planos.

Amanhã sentar-me-ei à secretária para conquistar o mundo;

Mas só conquistarei o mundo depois de amanhã...

Tenho vontade de chorar,

Tenho vontade de chorar muito de repente, de dentro...

Não, não queiram saber mais nada, é segredo, não digo.

Só depois de amanhã...

Quando era criança o circo de domingo divertia-se toda a semana.

Hoje só me diverte o circo de domingo de toda a semana da
minha infância...

Depois de amanhã serei outro,

A minha vida triunfar-se-á,

Todas as minhas qualidades reais de inteligente, lido e prático

Serão convocadas por um edital...
Mas por um edital de amanhã...
Hoje quero dormir, redigirei amanhã...
Por hoje, qual é o espetáculo que me repetiria a infância?
Mesmo para eu comprar os bilhetes amanhã,
Que depois de amanhã é que está bem o espetáculo...
Antes, não...
Depois de amanhã terei a pose pública que amanhã estudarei.
Depois de amanhã serei finalmente o que hoje não posso nunca
ser.

Só depois de amanhã...
Tenho sono como o frio de um cão vadio.
Tenho muito sono.
Amanhã te direi as palavras, ou depois de amanhã...
Sim, talvez só depois de amanhã...

O porvir...
Sim, o porvir...

14-4-1928

APONTAMENTO

A MINHA ALMA partiu-se como um vaso vazio.
Caiu pela escada excessivamente abaixo.
Caiu das mãos da criada descuidada.
Caiu, fez-se em mais pedaços do que havia loiça no vaso.

Asneira? Impossível? Sei lá!
Tenho mais sensações do que tinha quando me sentia eu.
Sou um espalhamento de cacos sobre um capacho por sacudir.

Fiz barulho na queda como um vaso que se partia.
Os deuses que há debruçam-se do parapeito da escada.
E fitam os cacos que a criada deles fez de mim.

Não se zanguem com ela.
São tolerantes com ela.
O que era eu um vaso vazio?

Olham os cacos absurdamente conscientes,
Mas conscientes de si mesmos, não conscientes deles.

Olham e sorriem.
Sorriem tolerantes à criada involuntária.

Alastra a grande escadaria atapetada de estrelas.
Um caco brilha, virado do exterior lustroso, entre os astros.
A minha obra? A minha alma principal? A minha vida?
Um caco.
E os deuses olham-o especialmente, pois não sabem por que
ficou ali.

[1929]

ANIVERSÁRIO

No TEMPO em que festejavam o dia dos meus anos,
Eu era feliz e ninguém estava morto.
Na casa antiga, até eu fazer anos era uma tradição de há séculos,
E a alegria de todos, e a minha, estava certa com uma religião
qualquer.

No tempo em que festejavam o dia dos meus anos,
Eu tinha a grande saúde de não perceber coisa nenhuma,
De ser inteligente para entre a família,
E de não ter as esperanças que os outros tinham por mim.
Quando vim a ter esperanças, já não sabia ter esperanças.
Quando vim a olhar para a vida, perdera o sentido da vida.

Sim, o que fui de suposto a mim-mesmo,
O que fui de coração e parentesco.
O que fui de serões de meia-província,
O que fui de amarem-me e eu ser menino,
O que fui — ai, meu Deus!, o que só hoje sei que fui...
A que distância!...
(Nem o acho...)
O tempo em que festejavam o dia dos meus anos!

O que eu sou hoje é como a umidade no corredor do fim da casa,
Pondo gelado nas paredes...
O que eu sou hoje (e a casa dos que me amaram treme através
das minhas lágrimas),
O que eu sou hoje é terem vendido a casa,
É terem morrido todos,
É estar eu sobrevivente a mim-mesmo como um fósforo frio...

No tempo em que festejavam o dia dos meus anos...
Que meu amor, como uma pessoa, esse tempo!
Desejo físico da alma de se encontrar ali outra vez,
Por uma viagem metafísica e carnal,
Com uma dualidade de eu para mim...
Comer o passado como pão de fome, sem tempo de manteiga
nos dentes!

Vejo tudo outra vez com uma nitidez que me cega para o que
há aqui:..
A mesa posta com mais lugares, com melhores desenhos na
loição, com mais copos,
O aparador com muitas coisas — doces, frutas, o resto na sombra
debaixo do alçado —,
As tias velhas, os primos diferentes, e tudo era por minha causa,
No tempo em que festejavam o dia dos meus anos...

Pára, meu coração!
Não penses! Deixa o pensar na cabeça!
Ó meu Deus, meu Deus, meu Deus!
Hoje já não faço anos.
Duro.
Somam-se-me dias.
Serei velho quando o for.
Mais nada.
Raiva de não ter trazido o passado roubado na algibeira!...

O tempo em que festejavam o dia dos meus anos!...

15-10-1929

BICARBONATO DE SODA

SÚBITA, uma angústia...
Ah, que angústia, que náusea do estômago à alma!
Que amigos que tenho tido!
Que vazias de tudo as cidades que tenho percorrido!
Que esterco metafísico os meus propósitos todos!

Uma angústia,
Uma desconolação da epiderme da alma,
Um deixar cair os braços ao sol-pôr do esforço...
Renego.
Renego tudo.
Renego mais do que tudo.
Renego a gládio e fim todos os Deuses e a negação deles.
Mas o que é que me falta, que o sinto faltar-me no estômago e
na circulação do sangue?
Que atordoamento vazio me esfalfa no cérebro?

Devo tomar qualquer coisa ou suicidar-me?
Não: vou existir. Arre! Vou existir.
E-xis-tir...
E--xis--tir...

Meu Deus! Que budismo me esfria no sangue!
Renunciar de portas tôdas abertas,
Perante a paisagem todas as paisagens,
Sem esperança, em liberdade,
Sem nexo,
Acidente da inconseqüência da superfície das coisas,
Monótono mas dorminhoco,
E que brisas quando as portas e as janelas estão todas abertas!
Que verão agradável dos outros!

Dêem-me de beber, que não tenho sede!

20-6-1930

TRAPO

O DIA DEU em chuvoso.
A manhã, contudo, esteve bastante azul.
O dia deu em chuvoso.
Desde manhã eu estava um pouco triste.

Antecipação! Tristeza? Coisa nenhuma?
Não sei: já ao acordar estava triste.
O dia deu em chuvoso.
Bem sei: a penumbra da chuva é elegante.

Bem sei: o sol oprime, por ser tão ordinário, um elegante
Bem sei: ser susceptível às mudanças de luz não é elegante.
Mas quem disse ao sol ou aos outros que eu quero ser elegante?
Dêem-me o céu azul e o sol visível,
Névoa, chuvas, escuros — isso tenho eu em mim.

Hoje quero só sossego.
Até amaria o lar, desde que o não tivesse.
Chego a ter sono de vontade de ter sossego.
Não exageremos!
Tenho efetivamente sono, sem explicação.
O dia deu em chuvoso.

Carinhos? Afetos? São memórias...
É preciso ser-se criança para os ter...
Minha madrugada perdida, meu céu azul verdadeiro!
O dia deu em chuvoso.

Boca bonita da filha do caseiro,
Polpa de fruta de um coração por comer...
Quando foi isso? Não sei...
No azul da manhã...

O dia deu em chuvoso.

10-9-1930

[GRANDES SÃO OS DESERTOS...]

GRANDES SÃO os desertos, e tudo é deserto.
Não são algumas toneladas de pedras ou tijolos ao alto
Que disfarçam o solo, o tal solo que é tudo.
Grandes são os desertos e as almas desertas e grandes —
Desertas porque não passa por elas senão elas mesmas,
Grandes porque de ali se vê tudo, e tudo morreu.

Grandes são os desertos, minha alma!
Grandes são os desertos.

Não tirei bilhete para a vida,
Errei a porta do sentimento,
Não houve vontade ou ocasião que eu não perdesse.

Hoje não me resta, em vésperas de viagem,
Com a mala aberta esperando a arrumação adiada,
Sentado na cadeira em companhia com as camisas que não cabem,
Hoje não me resta (à parte o incômodo de estar assim sentado)
Senão saber isto:
Grandes são os desertos, e tudo é deserto.
Grande é a vida, e não vale a pena haver vida.

Arrumo melhor a mala com os olhos de pensar em arrumar
Que com arrumação das mãos factícias (e creio que digo bem)
Acendo o cigarro para adiar a viagem,
Para adiar todas as viagens.
Para adiar o universo inteiro.

Volta amanhã, realidade!
Basta por hoje, gentes!
Adia-te, presente absoluto!
Mais vale não ser que ser assim.

Comprem chocolates à criança a quem sucedi por êrro,
E tirem a tabuleta porque amanhã é infinito.

Mas tenho que arrumar a mala,
Tenho por força que arrumar a mala,
A mala.
Não posso levar as camisas na hipótese e a mala na razão.
Sim, toda a vida tenho tido que arrumar a mala.
Mas também, toda a vida, tenho ficado sentado sobre o canto
das camisas empilhadas,
A ruminar, como um boi que não chegou a Ápis, destino.

Tenho que arrumar a mala de ser.
Tenho que existir a arrumar malas.
A cinza do cigarro cai sobre a camisa de cima do monte.
Olho para o lado, verifico que estou a dormir.
Sei só que tenho que arrumar a mala,
E que os desertos são grandes e tudo é deserto,
E qualquer parábola a respeito disto, mas dessa é que já me
esqueci.

Ergo-me de repente todos os Césares.
Vou definitivamente arrumar a mala.
Arre, hei de arrumá-la e fechá-la;
Hei de vê-la levar de aqui,
Hei de existir independentemente dela.

Grandes são os desertos e tudo é deserto,
Salvo erro, naturalmente.
Pobre da alma humana com oásis só no deserto ao lado!

Mais vale arrumar a mala.
Fim.

4-10-1930

POEMA EM LINHA RETA

NUNCA CONHECI quem tivesse levado porrada.
Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo.

E eu, tantas vezes reles, tantas vezes porco, tantas vezes vil,
Eu tantas vezes irresponsavelmente parasita,
Indesculpavelmente sujo,
Eu, que tantas vezes não tenho tido paciência para tomar banho,
Eu, que tantas vezes tenho sido ridículo, absurdo,
Que tenho enrolado os pés publicamente nos tapetes das etiquetas,
Que tenho sido grotesco, mesquinho, submisso e arrogante,
Que tenho sofrido enxovalhos e calado,
Que quando não tenho calado, tenho sido mais ridículo ainda;
Eu, que tenho sido cômico às criadas de hotel,
Eu, que tenho sentido o piscar de olhos dos moços de fretes,
Eu, que tenho feito vergonhas financeiras, pedido emprestado
sem pagar,
Eu, que, quando a hora do soco surgiu, me tenho agachado
Para fora da possibilidade do soco;
Eu, que tenho sofrido a angústia das pequenas coisas ridículas,
Eu verifico que não tenho par nisto tudo neste mundo.

Toda a gente que eu conheço e que fala comigo
Nunca teve um ato ridículo, nunca sofreu enxovalho,
Nunca foi senão príncipe — todos eles príncipes — na vida...

Quem me dera ouvir de alguém a voz humana
Que confessasse não um pecado, mas uma infâmia;
Que contasse, não uma violência, mas uma cobardia!
Não, são todos o Ideal, se os oiço e me falam.
Quem há neste largo mundo que me confesse que uma vez foi vil?
Ó príncipes, meus irmãos,

Arre, estou farto de semideus!
Onde é que há gente no mundo?

Então sou só eu que é vil e errôneo nesta terra?

Poderão as mulheres não os terem amado,
Podem ter sido traídos — mas ridículos nunca!
E eu, que tenho sido ridículo sem ter sido traído,
Como posso eu falar com os meus superiores sem titubear?
Eu, que tenho sido vil, literalmente vil,
Vil no sentido mesquinho e infame da vileza.

APÊNDICE

NOTAS

ÍNDICE DE TÍTULOS DOS POEMAS E DE PRIMEIROS VERSOS

NOTAS

MARIA ALIETE GALHOZ

MENSAGEM

NOTAS GERAIS

1. Tinha o A. a idéia inicial de lhe dar o título de "Portugal", que posteriormente substituiu pelo de *Mensagem* "por não achar a sua obra à altura do nome da Pátria". *Mensagem* foi escolhido por "estar mais dentro da índole do trabalho e ainda por ter o mesmo número de letras."

2. Publicada nos fins de 1934, com ela concorre ao prêmio Antero de Quental, então recentemente instituído pelo Secretariado de Propaganda Nacional para galardoar o melhor livro de poesia, de sentido nacionalista. O prêmio foi atribuído ao livro *Romaria*, de Vasco Reis. Para a obra de Pessoa foi criado um prêmio de "segunda categoria". Por despreendimento real ou por justa reação ao equívoco de um tal julgamento. Pessoa não compareceu ao sarau em que lhe devia ser entregue oficialmente esse mesmo prêmio.

QUINTO IMPÉRIO

NOTA GERAL

Até que ponto a sua curiosidade pelas doutrinas gnósticas ocultistas foi um dos elementos fundamentais da sua informação e da sua mentalidade, provam-no uma persistência temática e vocabular que se mantém desde os poemas contemporâneos à aventura de Orpheu — Passos da Cruz — até a sua morte.

[CANCIONEIRO]

NOTAS GERAIS

1. A idéia de subordinar parte ou quase toda a sua obra ortônima portuguesa — exceção feita da de feição místico-nacionalista — ao título geral de *Cancioneiro* aparece como a mais persistente nos seus muitos e não realizados ou incompletos projetos de criação e publicação. Primitivamente, na sua fase de antes de *Orpheu* destinava-se a recolher as composições não púlicas — para estas imaginava eps., conformes ao momento e ao tom, como "Auréola", "Gládio", "Água Estagnada", "As Sete Salas do Palácio Abandonado", com cujo sabor, de vago simbolismo, Sá-Carneiro se extasiava nas suas cartas de Paris. Na sua fase adulta,

em que o cultivo de estufa dos “ismos” é substituído por uma madura e perfeita arte poética, *Cancioneiro*, desdobrado em vários lvs., viria a englobar toda a obra poética assinada por ele-mesmo ou desgarraria apenas as composições de um, também persistente, *Itinerário*.

2. Em carta a J. G. Simões, de 28 jul. 1932, em resposta naturalmente a qualquer pergunta sobre os seus projetos de publicação, o A. escreve:

Primitivamente era minha intenção começar as minhas publicações por três livros na ordem seguinte: (1) *Portugal*, que é um livro pequeno de poemas (tem 41 ao todo), de que o “Mar Portuguez” (*Contemporânea* 4) é a segunda parte; (2) *Livro do Desassossego* (Bernardo Soares, mas subsidiariamente, pois que B.S. não é um heterônimo, mas uma personalidade literária); (3) *Poemas Completos de Alberto Caeiro* (com o prefácio de Ricardo Reis, e, em posfácio, as “Notas para a Recordação” do Álvaro de Campos). Mais tarde, no outro ano, seguiria, só ou com qualquer livro, *Cancioneiro* (ou outro título igualmente inexpressivo), onde reuniria (em Livros I a III ou I a V) vários dos muitos poemas soltos que tenho, e que são por natureza inclassificáveis salvo de essa maneira inexpressiva.

NOTAS AOS POEMAS

Impressões do Crepúsculo

Publicado juntamente com a poesia “Ó sino da minha aldeia...”, sob a mesma época, pela 1.^a vez in *A Renascença*, Lisboa, 1914.

Estas duas composições são dadas como a estréia poética do A. em língua portuguesa, para o público. “Pauis” está na base do tom e do nome — paulismo — que modela a estética do primeiro inconformismo literário da geração e do grupo do A. no período de antes do *Orpheu*. Exemplarmente construída como modelo de uma teoria, ultrapassa a ideação vaga e complexa que era o alimento ministrado pela poética saudosista, que se derramava de Teixeira de Pascoais para inspirações menores, complicando-se de uma nitidez e de uma plasticidade um uno sentido poético na dispersão difusa das imagens insólitas e linearmente encadeadas.

Hora Absurda

Composição da fase militante do modernismo, está entre a opressiva reiteração imagística de “Pauis” e o interseccionismo perfeitamente consciente da “Chuva Oblíqua”.

Além-Deus

1. Em carta a J. Gaspar Simões, 26 out. 1930, diz o A.

Causou-lhe estranheza, talvez, o assunto. Isso, porém, procede de v. desconhecer outros poemas meus, inéditos, do mesmo gênero. Tenho um, incompleto, “Lúcifer”, que vai muito além deste na mesma direção; e esse é já antigo. A mesma nuvem paira sobre os cinco poemas a cujo conjunto chamei ALÉM-DEUS, e que escrevi ainda há mais tempo, são cinco pequenos poemas completos, e estiveram para ser publicados (chegaram a ser impressos) num *Orpheu* 3 que foi frustrado de cima.

2. Da primeira, "Abismo", diz Sá-Carneiro, em carta de 3 fev. 1913:

Toda ela é uma orquestração de bruma — o poeta manuseia o mistério, interroga o além. E que coisa maravilhosa a 2.^a estrofe!... Como é bem descrito o estado da alma que interroga: "O que é ser rio e correr? O que é está-lo eu a ver? E neste verso: "tudo de repente é óco", passou a assa de gênio...

Acerca das outras diz em carta de 26 fev. 1913:

Os seus versos, meu querido Fernando, são uma maravilha, acredite-me, "O Braço Sem Corpo" é uma das coisas maiores, mais perturbadoras, extra-humanas — infinitas, ampliadas que eu conheço. É bem o que nos meus versos eu quero que o artista seja. Os dois primeiros versos das duas primeras quadras são coisas estranhamente admiráveis, mas sobretudo a última estrofe fez-me tremer num calafrio alucinador de beleza e mistério. Eu creio que dificilmente se pode devassar em mais profundidade o desconhecido, dar melhor a ânsia, a perturbação. Coisas como essas não se apreciam, veneram-se. Devo-lhe dizer que a "Voz de Deus" me agrada muito menos e que, se cabe na classificação em que o englobei com o "Braço Sem Corpo" é, quanto a mim, por causa desse verso magistral: "Ó universo eu sou-te." As três últimas estrofes acho-as muito inferiores ao restante, mesmo levando em conta a beleza do "sermente em si eu so-me".

Chuva Oblíqua

Os seis poemas de "Chuva Oblíqua" ilustram a existência literária de um interseccionismo. Nascem, em princípio, de uma voluntariedade cerebral que pretende expressar pelo verbo uma multiplicidade de sensações — ainda que só imaginárias — trazendo simultaneamente ao campo da consciência espaços, tempos e realidades não simultâneas.

Passos da Cruz

Estes sonetos, de uma impecável construção formal, pertencem às experiências de uma estética, ou de estéticas paúlicas, interseccionistas-sensacionistas, onde aflora já a depuração imagística, límpida e sóbria, que será cada vez a mais predominante na poesia ortônima do A. Conceptuais, os sonetos VI, X, XI, XIII e XIV, tocam de muito perto a interrogação metafísica-ocultista de que se embebe a sua visão íntima do mundo.

Episódios / A Múmia

Experiência de "ultra-sensação"?

O Menino da Sua Mãe

Este poema contou o próprio A. que foi inspirado numa litografia que viu numa pensão onde fora jantar, com um amigo.

O Último Sortilégio

Sobre este poema diz o próprio A. em carta a J. Gaspar Simões de 16 out. 1930: "Este poema é uma interpretação dramática da "magia da transgressão". E, na carta de 26 out. 1930:

Nada há de especial a indicar na gênese do poema "O Último Sortilégio". Escrevi-o a 15 deste mês, à noite, em seguida a escrever três quadras muito simples. Tanto estas, como eie, foram produtos diretos e espontâneos.

.....
Deveras e realmente, não posso dar-lhe explicação nenhuma sobre a gênese particular deste poema. Sobre a gênese geral dessa ordem de poemas é que talvez haveria alguma coisa a dizer. Mas isso não tem interesse estético nem psicológico.

FICÇÕES DO INTERLÚDIO

NOTAS GERAIS

1. A intenção de subordinar a publicação das suas obras heterônimas ao título geral de *Ficções do Interlúdio* manteve-se sempre nos planos do A. Apenas variou a meditação da forma exterior de como o faria. Primitivamente imaginou que formassem unidades autônomas, ligadas pelo nome do comum apresentador que seria, naturalmente, Fernando Pessoa. Mas nos seus últimos projetos cada uma é um subtítulo indicativo e referido à responsabilidade expressa do seu verdadeiro autor — Fernando Pessoa.

2. A distribuição por pessoas fictícias da autoria diferenciada de uma obra qualquer de arte não surge como inéd. em Fernando Pessoa. O que lhe dá o relevo de ex. único é a variedade, persistência crente e fundamentação lúcida como o A. dialogou com esse artifício. Há uma frase de uma personagem novelesca do poeta — e o seu mais próximo e maior amigo em arte — Mário de Sá-Carneiro, que o A. retoma interrogativamente referindo-se ao seu acaso: "ter-me-ei volvido uma nação?" O problema ultrapassa o campo da só criação estético-literária e foi da sua própria vida. Além dos heterônimos poéticos tornados justamente célebres, e de mais alguns responsáveis pela sua prosa e também já conhecidos, outros existiram que muito pouco tiveram a ver com a coisa literária. Tais Mister Cross, que respondia aos concursos charadísticos dos jornais ingleses, e Alexander Search que possivelmente assinava traduções de artigos e poesias, igualmente para a Inglaterra, e de certeza recebia correspondência em seu nome e possuía cartões pessoais impressos.

3. Acêrca do problema o próprio A. esclareceu o que lhe pareceu suficiente quando o poeta e crítico A. Casais Monteiro lhe propôs tal pergunta em carta de 13 jan. 1935.

...Mais uns apontamentos nesta matéria... Eu vejo diante de mim, no espaço incolor mas real do sonho, as caras, os gestos de Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos. Construí-lhes as idades e as vidas. Ricardo Reis nasceu em 1887 (não me lembro do dia e mês, mas tenho-os algures), no Porto, é médico e está presentemente no Brasil. Alberto Caeiro nasceu em 1889 e morreu em 1915; nasceu em Lisboa mas viveu quase toda a sua vida no campo. Não teve profissão nem educação quase alguma. Álvaro de Campos nasceu em Tavira, no dia 15 de outubro de 1890 (à 1,30 da tarde, diz-me

o Ferreira Gomes; e é verdade, pois, feito o horóscopo para essa hora, está certo). Este, como sabe, é engenheiro naval (por Glasgow), mas agora está aqui em Lisboa em inatividade. Caeiro era de estatura média, e, embora realmente frágil (morreu tuberculoso), não parecia tão frágil como era. Ricardo Reis é um pouco, mas muito pouco, mais baixo, mais forte, mais seco. Álvaro de Campos é alto (1,75 de altura, mais dois centímetros do que eu), magro e um pouco tendente a curvar-se. Cara raspada todos — o Caeiro, louro, sem cor, olhos azuis; Reis, de um vago moreno mate; Campos, entre branco e moreno, tipo vagamente de judeu português, cabelo, porém, liso e normalmente apartado ao lado, monóculo. Caeiro, como disse, não teve mais educação que quase nenhuma — so instrução primária; morreram-lhe cedo o pai e a mãe, e deixou-se ficar em casa, vivendo de uns pequenos rendimentos. Vivia com uma tia velha, tia-avó. Ricardo Reis, educado num collegio de jesuitas, é, como disse, médico, vive no Brasil desde 1919, pois se expatriou espontaneamente por ser monárquico, é um latinista por educação alheia e um semi-helenista por educação própria. Álvaro de Campos teve uma educação vulgar de liceu; depois foi mandado para a Escócia estudar engenharia, primeiro mecânica e depois naval. Numas férias fêz a viagem ao Oriente de onde resultou o "Opiário". Ensinou-lhe latim um tio beirão que era padre.

Como escrevo em nome desses três?... Caeiro por pura e inesperada inspiração, sem saber ou sequer calcular que iria escrever. Ricardo Reis depois de uma deliberação abstrata, que súbitamente se concretiza numa ode. Campos quando sinto um súbito impulso para escrever e não sei o quê. (O meu semi-heterônimo Bernardo Soares, que aliás em muitas coisas se parece com Álvaro de Campos, aparece sempre que estou cansado ou sonolento, de sorte que tenha um pouco suspensas as qualidades de raciocínio e de inibição; aquela prosa é um constante devaneio. É um semi-heterônimo porque, não sendo a personalidade a minha, é, não diferente da minha, mas uma simples mutilação dela. Sou eu, menos o raciocínio e a afetividade. A prosa, salvo o que o raciocínio dá de *ténue* à minha, é igual a esta, e o português perfeitamente igual; ao passo que Caeiro escrevia mal o português, Campos razoavelmente, mas com lapsos como dizer "eu próprio" em vez de "eu mesmo", etc. Reis melhor do que eu, mas com um purismo que considero exagerado. O difícil para mim é escrever a prosa de Reis — ainda inédita — ou a de Campos. A simulação é mais fácil, até porque é mais espontânea, em verso.)

4. Em carta a J. G. Simões, de 11 dez. 1931, afirmara:

O ponto central da minha personalidade como artista é que sou um poeta dramático; tenho, continuamente, em tudo quanto escrevo, a exaltação íntima do poeta e a despersonalização do dramaturgo. Vão outro — eis tudo. Do ponto de vista humano — em que ao crítico não compete tocar, pois de nada lhe serve que toque — sou um hístico-neurastênico com a predominância do elemento hístico na emoção e do elemento neurastênico na inteligência e na vontade (minuciosidade de uma, tibieza de outra). Desde que o crítico fixe, porém, que sou essencialmente poeta dramático, tem a chave da minha personalidade, no que pode interessá-lo a ele, ou a qualquer pessoa que não seja um psiquiatra, que, por hipótese, o crítico não tem que ser. Munido desta chave, ele pode abrir lentamente todas as fechaduras da minha expressão. Sabe que, como poeta dramático, sinto despegando-me de mim; que como dramático (sem poeta), transmudo automaticamente o que sinto para uma expressão alheia ao que senti, construindo na emoção uma pessoa inexistente que a sentisse verdadeiramente, e por isso, sentisse, em derivação, outras emoções que eu, puramente eu, me esqueci de sentir.

5. Entre os fatores que pesam na fundamentação deste impulso para a criação sob heterônimos considere-se também, positivamente, a atenção preocupada com que se debruçou para as "causas do gênio" em suas relações com a loucura — entre os papéis do A. encontram-se numerosos apontamentos para um tal estudo —, e a inclinação com que se aproximou das doutrinas esotéricas que o levaram a tocar muito de perto a iniciação ocultista, quer por leituras e elaboração poética, quer pelo aparecimento aceite, em si, de fenômenos, — embora simples — de mediunidade.

POEMAS DE ALBERTO CAEIRO

NOTAS GERAIS

1. A origem remota de Alberto Caeiro esteve, nos tempos agitados de literatura e blague, de *Orpheu*, numa "partida" que Fernando Pessoa imaginou "pregar" a Sá-Carneiro. No entanto em breve este era iniciado no verdadeiro nome do autor que se ocultava sob tal disfarce, passando a brincadeira a dirigir-se apenas aos membros menos íntimos do grupo órfico.

2. Da paternidade de Ricardo Reis, em um apontamento fragmentário, emendado e incompleto de redação, entre outras, encontram-se as seguintes notas:

Alberto Caeiro da Silva nasceu em Lisboa a de abril de 1889, e nessa cidade faleceu, tuberculoso, em de de 1915. A sua vida, porém, decorreu quase toda numa quinta do Ribatejo (?); Ali foram escritos os seus primeiros poemas, os do livro intitulado *O Guardador de Rebanhos*, os do livro, ou o que quer que fosse, incompleto, chamado *O Pastor Amoroso* e alguns, os primeiros, do que eu mesmo, herdando-os para publicar, com todos os outros, reuni sob a designação que Álvaro de Campos me lembrou bem, de *Poemas Inconjuntos*. (Este período tem uma série de emendas completamente ilegíveis.) Os últimos poemas, a partir de aquele numerado... são porém produto do último período da vida do autor, de novo passada em Lisboa. Julgo de meu dever estabelecer esta breve distinção, pois alguns desses poemas revelam, pela perturbação da doença, uma novidade um pouco estranha ao caráter geral da obra, assim em natureza como em direção...

A vida de Caeiro não pode narrar-se, pois que não há nela de que narrar. Seus poemas são o que houve nele da vida. Em tudo mais não houve incidentes nem há história. O mesmo breve episódio, improfícuo e absurdo, que deu origem aos..... poemas de *O Pastor Amoroso* não foi um incidente, senão, por assim dizer, um esquecimento.

ODES DE RICARDO REIS

NOTAS GERAIS

1. Vagamente latente desde 1912, a existência criadora de Ricardo Reis define-se a partir de 1914 e persistirá da sua mais fecunda e constante inspiração heteronímica. Em um apontamento solto, inéd., escreveu o A.:

O Ricardo Reis nasceu dentro da minha alma no dia 28 (29) de janeiro de 1914 pelas 11 da noite. Só em jun., contudo, depois de "arrancado do seu falso paganismo", pelo nascimento do "Mestre", Ricardo Reis adquire autonomia poética. São de 12 jun. 1914 as prims. seis odes reveladas e, em carta de 23, logo a seguir, diz Sá-Carneiro: "As minhas sinceras felicitações pelo nascimento do Ex. Sr. Ricardo Reis por quem fico ansioso por conhecer as obras que segundo me conta na carta repousam sobre idéias tão novas, tão interessantes e originais".

2. Discípulo de Alberto Caeiro, de quem diz aproveitar a lição de paganismo espontâneo e admira a sábia e natural inocência, Ricardo Reis realiza, em Fernando Pessoa, a súpula mais lapidar do seu pensamento. Se em Alberto Caeiro se exprime o que seria o encontro desprevenido com uma natureza sem outro dogma que a realidade visível

que o homem capta, dócil e integrante ele também, e donde deriva os enunciados, lineares e repetitivos, das primárias verdades com que se tranqüiliza, em Ricardo Reis há a renúncia de quem atingiu os píncaros de humana lucidez e abstrai seus conceitos de impermanência e símbolos da contemplação voluntária de uma natureza que o homem iguala à essencialidade ideal que lhe basta.

POESIAS DE ÁLVARO DE CAMPOS

NOTAS GERAIS

1. Álvaro de Campos representa, dentro da ficção aceite dos heterônimos, a parte mais audaciosa de responsabilidade literária e extra-literária, que Fernando Pessoa se permitiu. Tendo-lhe sido distribuída a faceta predominante da emoção impulsivamente traduzida e rápida, nele delega o seu criador a expressão mais diretamente enunciada dos seus sentimentos pessoais, em tanto que pessoais de circunstância, e da sua agitação ou inércia em tanto que polarizada a uma sociabilidade com os outros. Assim é Álvaro de Campos que subscreve as experiências mais barulhentas do futurismo português, e as deixas mais provocadoras de um suposto diálogo público e verberante em sua ironia dialética, e o mais confessado sentimentalismo que se envergonha de se mostrar e se esconde, mal, na pirueta final de um escamoteamento, sofismado, de significação autêntica.

2. Desde o princípio que, dentro dos que o podiam entender, Álvaro de Campos, foi preferido pela próxima comunicabilidade, quente e im-perfeita, dos seus humaníssimos versos. E desde o princípio, também, que os amigos para além da literatura se preocuparam com os arrojados, intímoratos de conseqüências, das suas investidas no campo da ação político-social. Logo em 1915, portanto pouco tempo após a "data certa do seu nascimento" para a literatura, Sá-Carneiro se inquieta com experiência.

Fico interessadíssimo com o novo filme de Alvaro de Campos, engenheiro E inquieto: não sei se se trata com efeito de mero filme literário (obras) ou de filme de ação. E as ações do Engenheiro Sensacionista por belas e intensas — fazem-me tremer pelo meu caro Fernando Pessoa...

3. O próprio Fernando Pessoa condescende com esta preferência, afetuosamente complacente, quando dele diz "meu filho" ou o apelida de "velho e infeliz amigo".

POEMAS DRAMÁTICOS

NOTAS GERAIS

1. Os múltiplos projetos e tentativas do A. em uma criação poético-dramática ficaram fragmentários e dispersos entre o que, da sua obra, não chegou a selecionar e arrumar com suficiente clareza pelas suas próprias mãos. Porque represente um delicado problema para o qual

não somos possuidores de todos os dados, e porque não é possível com os textos publicados, e com os documentos conhecidos ordenar uma visão que possa ser objetivamente válida, transcrevemos o que consta da 1.^a edição ordenada por Eduardo Freitas da Costa, para a editorial Ática, bem como diversos comentários e anotações do próprio E. F. da Costa, que foram compostos em itálico. De nossa responsabilidade apenas juntamos uma ou outra nota episódica e lateral.

2. Conservamos entre colchetes *as palavras cuja leitura se afigurou duvidosa ou obscura*, bem como aquelas outras *que houve necessidade de intercalar no texto original por a sua falta corresponder a evidente esquecimento ou precipitação do autor*. Os pontos de reticência e as linhas de pontos inseridos por E. F. da C. significam supressões.

ESTA OBRA FOI IMPRESSA NA OESP
GRÁFICA S.A., PARA A EDITORA
NOVA FRONTEIRA S.A. EM JANEIRO
DE MIL NOVECENTOS E OITENTA
E SETE.

*Não encontrando este livro nas livrarias, pedir pelo Reembolso Postal à
EDITORA NOVA FRONTEIRA S.A. — Rua Bambina, 25 — Botafogo
— CEP 22251 — Rio de Janeiro.*

O EU PROFUNDO E OS OUTROS EUS

Autor: FERNANDO PESSOA

EDITORA DIGITAL

"ÁGUA PRECIOSA"

Telefone: 923 407 949

Projecto gráfico

MUKERENG MPÔIO CALUNGA CARDOSO



Todos os direitos desta obra reservados a

FERNANDO PESSOA

Este E-book está protegido por

Leis de direitos autorais na "CPLP" "SADC" e "PALOP"

=====

"CPLP" COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

"SADC" COMUNIDADE DOS PAÍSES DA ÁFRICA AUSTRAL

**"PALOP" PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA OFICIAL
PORTUGUESA"**

Esta obra está sob uma *Licença Commons*.

Você pode copiar, distribuir, exibir, desde que

Seja dado crédito aos autores originais –

Não é permitido modificar esta obra.

Não pode fazer uso comercial desta obra.

Não pode criar obras derivadas.

A responsabilidade

Pelos textos, músicas e imagens

É exclusivamente do Autor.

Reúnem-se nesta seleção da obra poética de Fernando Pessoa os textos mais representativos do grande poeta português. Além dos poemas, inclui uma introdução crítico-biográfica, um estudo dos heterônimos, uma cronologia e a bibliografia.

A poesia é apresentada em dois grandes grupos:

“Fernando Pessoa Ele Mesmo”, e “Fernando Pessoa, o Outro”. Na primeira seção insere-se a obra que o autor assinou com o próprio nome. A segunda abrange a poesia dos heterônimos: Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Álvaro de Campos.

Na primeira aparecem o grande poema *Mensagem*, moderna epopéia portuguesa, *Quinto Império*, *Cancioneiro* e *Poemas Dramáticos*.

No segundo grupo estão as *Ficções do Interlúdio*, com os *Poemas* de Alberto Caeiro, as *Odes* de Ricardo Reis, e as *Poesias* e as *Odes* de Álvaro de Campos.

Esta edição reduzida e selecionada da poesia de Fernando Pessoa visa a torná-la mais acessível ao grande público, usando o mesmo texto da edição completa, estabelecido por Maria Aliette Galhoz.



EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

SEMPRE
UM BOM
LIVRO